ACADEMIA
DOS
HUMILDES, E IGNORANTES.

DIALOGO

Entre hum Theologo, hum Filoſofo, hum Ermitaõ, e hum Soldado,

No ſitio de Noſſa Senhora da Conſolaçaõ.

OBRA UTILISSIMA

Para todas as peſſoas Eccleſiaſticas, e Seculares, que naõ tem Livrarias ſuas, nem tempo para ſe aproveitarem das publicas.

SUMMA EXCELLENTE

De toda a Theologia Moral, Filoſofia antiga, e moderna, Mathematica, Direito Civil, e Canonico, de todas as Sciencias, Artes Liberaes, e Mecanicas.

COMPENDIO BREVISSIMO

De todas as noticias do mundo, das ſuas partes, Imperios, Reynos, Cidades, Villas, Caſtellos, Fabricas notaveis, Coſtumes, Ritos, e Leys. Da vida de Chriſto Senhor noſſo, de ſua Mãy Santiſſima, de todos os Santos, Santas, e Veneraveis mais conhecidos. De todos os Summos Pontifices, Imperadores, Reys, Principes, deſde o principio do Mundo, até ao preſente tempo. De toda a Hiſtoria Sagrada, Eccleſiaſtica, e Secular. De todos os ſucceſſos admiraveis, e exquiſitos; e de todos os artefactos, e mecaniſmos antigos, e modernos.

POR

D. F. J. C. D. S. R. B. H.

TOMO I.

LISBOA: MDCCLXII.

Na Officina de IGNACIO NOGUEIRA XISTO.

Com todas as licenças neceſſarias.

Vende-ſe na meſma Officina a Santo Antonio da Mouraria á entrada da rua dos Cavalleiros, aonde ſe achará o Index géral dos ſeis Tomos da meſma Obra.

ACADEMIA DOS HUMILDES, E IGNORANTES.

CONFERENCIA I.

NO ſitio de Noſſa Senhora da Conſolaçaõ, recreyo delicioſo entre a Lourinhaã, e Peniche, ſe juntáraõ no dia 20 de Settembro, entre muitas peſſoas, hum Theologo, hum Filoſofo, hum Ermitaõ, e hum Soldado: e depois de practicarem nos graves damnos da murmuraçaõ, e a neceſſidade da Eutrapelia nos que viviaõ (como elles) ſolitarios naquelle ſitio deſde o terremoto, aſſentáraõ que, para evitar aquelle damno, e poderem mutuamente inſtruir-ſe no miſeravel eſtado, em que eſtavaõ, ſe juntaſſem com os romeiros, que alli foſſem, huma vez cada ſemana, e cada hum diſſeſſe o que ſabia na materia, que primeiro occorreſſe na Conferencia, e os mais nas que tiveſſem com ella ſimilhança; de ſorte, que os humildes, e ignorantes, que os ouviſſem, ficaſſem inſtruidos por eſte facil meyo; e com noticias para communicarem a ſeus filhos, aos

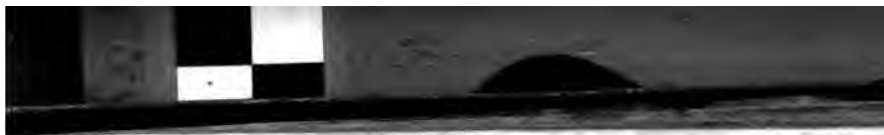
quaes, por humildes, e pobres, naõ podiaõ applicar aos estudos. Apenas assentaraõ nisto, succedeo dizer o Soldado: que era digno de compaixaõ o estrago, que tinhaõ feito na Persia os Abgones: Saõ (disse) huns povos barbaros, que vivem em covas nos matos, e accommettem nas estradas aos passageiros; no principio do Reynado de Thomaz Coulikan invadiraõ a Corte, na qual destruiraõ o melhor, e o Hospicio dos Padres Carmelitas Descalços, aonde mataraõ hum Religioso, e queimáraõ huma excellente Livraria; agora fizeraõ o mesmo em quasi todas as Cidades da Persia, sem perdoar a Catholico, nem a Mouro a vida. Ouvio isto com espanto hum romeiro, e disse: valha-me Deos, muito grande he este mundo, quantos annos gastou Deos em fazê-lo? Cale-se irmaõ, disse o Theologo, Deos podia crear innumeraveis mundos em hum instante, e os póde crear em cada instante por toda a eternidade; porém com singular mysteio, que naõ devemos esquadrinhar, creou este mundo em seis dias; no primeiro dia creou o Ceo, e a terra, e a luz, a quem chamou dia, e ás trevas noite; no segundo fez o Firmamento, e dividio as agoas, que estavaõ debaixo do Firmamento das que estavaõ sobre elle, e chamou Ceo ao Firmamento; no terceiro dia mandou q̃ se juntassem em hum só lugar as agoas que estavaõ debaixo do Ceo, e que apparecesse a terra secca, á qual pôs o nome de terra, e aos ajuntamentos das agoas chamou mares; mandou que a terra produzisse toda a casta de hervas, e

ar-

arvores com fementes para continuarem as fuas producçoens, e affim fe fez logo; no quarto dia creou o Sol, a Lua, e as Eftrellas, o Sol para prefidir ao dia, e a Lua á noite, e dividirem a luz das trévas, e para iffo pôs tudo no Firmamento; no quinto dia creou os peixes, e as aves, lançou a bençaõ a todos, e mandou-lhes que crefceffem, e fe multiplicaffem no mar os peixes, e na terra as aves; no fexto dia creou todos os animaes que andaõ fobre a terra, e da mefma terra creou Adaõ para Governador de todos os animaes, aves, e peixes: e para que tiveffe companhia, e quem o ajudaffe, infundio-lhe hum doce fomno, tirou-lhe do corpo huma coftéla, e formou a mulher della, a qual moftrou a Adaõ, o qual lhe pôs o nome, e o mefmo fez a todos os animaes, que Deos fez vir á fua prefença, para que Adaõ diffeffe o nome de cada hum; lançou a bençaõ a Adaõ, e Eva, e diffe-lhes que crefceffem, e fe multiplicaffem, e encheffem a terra, e governaffem todos os animaes que havia nella, no ar, e no mar: no fettimo dia defcançou, ifto he, ceffou de crear, abençoou ao dia fettimo, introduzio Adaõ no Paraizo terreftre, deo-lhe licença para comer de todas as fructas, excepto da arvore da Sciencia do bem, e do mal, fobpena de morte para elle, e para feus defcendentes. Muito me eftendi fóra da materia: efte mundo pois he coufa muito pequena a refpeito do Ceo, dos Aftros, e do voffo conceito; porque o Ceo Empyreo he taõ grande, que o mundo a refpeito delle he hum ponto; o Sol, e as Eftrellas faõ taõ

grandes que a mais pequena de todas he dezoito vezes mayor que a terra, o Sol he mayor que a terra trinta e cinco mil novecentas e trinta e sette vezes, e ha muitas Estrellas mayores que o Sol: em fim, a terra no circulo mayor, que he o do meyo, tem só seis mil e trezentas legoas de circuito, e de diametro tem duas mil e cinco legoas, de sorte que se a terra fosse plana, sem montes, nem valles, qualquer homem, que andasse sette legoas no dia, lhe daria huma volta inteira em dous annos, e cento e settenta dias, e huma Náo, que cada dia navegasse cincoenta legoas, em cento e vinte e seis dias lhe daria a mesma volta.

Basta, disse o Filosofo, observemos as leys desta Academia: v. m. só diga o que pertence á Theologia, que podem, e devem saber todos; eu a Filosofia, que pertence aos mesmos, o nosso Ermitaõ, que tem visto o mundo, o que vio nelle, e o Senhor Soldado as guerras de todas as Monarchias; e olhando para o Romeiro, disse: esta terra, irmaõ, que pizamos, sendo cousa taõ pouca, como disse o Senhor Theologo, como foy, he, e ha de ser theatro das obras da Omnipotencia Divina, sobeja para objecto da mayor admiraçaõ das creaturas; e fallando só della, como Filosofo, sabey que todo este mundo, e tudo o que ha nelle, he terra, e se converte em terra, a sua figura verdadeira ainda se naõ sabe; porque huns dizem que he redonda como bóla de jogar; outros que sim he redonda, porém mais comprida do que larga, como a figura do

ovo:

ovo: houve quem disse que o mundo andava sempre á roda, e que o Sol estava sempre fixo, e firme, este foy Copernico; Systema, que a Sé Apostolica condenou: em todos os corpos mixtos entra a terra por composiçaõ, assim como os outros elementos, ar, fogo, e agoa, he secca, e fria, porém naõ em summo gráo; porque mais secco he o fogo, e mais fria he a agoa; nunca está, nem se acha pura, porque álèm de ter sempre, e em toda a parte misturas dos outros elementos, tambem as tem de muitos, e diversos saes: donde procede, que conforme o sal, que cada terra tem misturado, assim he a sua fertilidade, e por isso humas terras produzem huns fructos, e outras outros, e outras os mesmos, e melhorados, como na Persia; aonde ha todos os fructos da Europa, e da Asia: he verdade, disse o Soldado, eu sou testimunha de vista, e todos os fructos da Persia saõ melhores: e sabey juntamente que he falso dizer-se, que os pessegos na Persia saõ veneno, triaga lhe chamarey eu, porque se comem sem fazer damno a toda a hora da noite, e do dia.

Tambem (continuou o Filosofo) he muito differente a terra nas cores, porque huma he preta, outra branca, outra verde, outra encarnada, outra como tabaco de todas as castas, Portuguez, e Hespanhol, cujas minas se taparaõ neste Reyno no anno de 1739: ha terra taõ branca, como farinha, e a gente pobre faz della paõ; na Ilha de Sanchaõ, na China, ha terra, que os moradores comem cozida; ha outra, que ser-

ve

ve decarvaõ, e no termo de Grandolao podeis ver, porque he o carvaõ azul: tem a terra dentro em si muito ar, e tanto, que huma pollegada de terra virgem depois de distillada lança de si quarenta e três pollegadas de ar na sua compressaõ, e estado natural: desta mistura que a terra padece, já de ar, já de sal, e já de fogo, agua, metaes, e mineraes, naõ só rezulta a diversa fertilidade, mas outros effeitos maravilhosos; porque na Ilha de S. Thomé ha terra, que reduz a cinza os cadaveres em cinco horas, e outros em menos, porque tem muito sal corrosivo; em Roma, pelo contrario, no campo santo, naõ se gastaõ os cadaveres; o mesmo succede no célebre cemiterio de Pisa; e em humas grutas do Reyno de Polonia se achaõ inteiros os corpos, que foraõ sepultados ha mais de quatrocentos annos; o mesmo succede em Napoles nas grutas de S. Januario: pela mesma razaõ ha terras, que naõ criaõ bichos venenosos, como saõ a Ilha de Irlanda, e a terra chamada Sem veneno nas costas de Bretanha; em huma das Ilhas Orcadas ha bichos venenosos, porém sahindo da Ilha morrem logo; e na Ilha Schetland naõ se cria bicho venenoso, e todo o que vay de fóra morre, tanto que entra na Ilha; na campanha de Ausburgo naõ se criaõ ratos, e outras terras naõ tem aranhas; em muitas (como he Troyes em França) nem huma só mosca se vê no açougue, havendo innumeraveis nos lugares vizinhos, em fim, ha terra, que serve de sabaõ para lavar a roupa, e outra (como toda a da Asia)

pro-

produz arvores ſylveſtres , cujos fructos ſeccos, e depois molhados , fazem eſcuma mais clara , e mais do que o ſabaõ de pedra , e ſó com iſto ſe lava bem o algodaõ.

Eſtou palmado, diſſe o Remeiro ; porém ſó reparo, que havendo tantos mil annos que eſte pequeno mundo dá terra para hervas, flores e fructos , e para tudo o mais que nelle vemos , naõ ſe tenha gaſto mais de ametade, quando ſó a grandeza das arvores, que a terra tem dado de ſi , baſtava para lhe gaſtar huma grande parte: diz bem meu ſenhor, diſſe o Ermitaõ ; porém ſaiba , que tudo o que a terra produz , mais dia , menos dia , ſe converte outra vez em terra ; e álèm diſſo as arvores, fructos , e tudo o mais , quaſi toda a ſua ſubſtancia ſe géra da agua ; porque eu conheci hum homem em França, que pòs em hum vazo duzentos arrateis de terra ſecca no forno , lançou-lhe agoa da chuva ſempre ; e plantou-lhe huma eſtaca de ſalgueiro , que pezava cinco arrateis , no fim de cinco annos pezou o ſalgueiro cento e ſeſſenta e neve arrateis e tres onças , e a terra outra vez ſecca no forno pezou o meſmo que antes , menos duas onças, donde ſe vê que dos cento e ſeſſenta e quatro arrateis e tres onças que creſceo o ſalgueiro no pezo, ſó duas onças deveo á terra , que cedo lhas havia reſtituir em folhas ſeccas , e tudo o mais deveo á agua da chuva : iſto meſmo vemos nas cebolas das flores , que mettidas ſó em agoa daõ flores , como ſe eſtiveſſem na melhor terra , e a meſma experiencia fiz eu já em trigo,

e ce-

e cevada em vazilha de muito pouco fundo em lugar quieto, e com agoa da chuva; porque essa trás em si as partes mais subtîs que exhala a terra nos vapores continuos. Em fim, se quereis ver noticias sagradas, e curiosas de todo o mundo, vinde ás outras Conferencias, que isto hoje foy nada em comparaçaõ do que falta para vos dizer.

FIM

DA PRIMEIRA PARTE.

LISBOA:

Com todas as licenças necessarias.

Anno de 1758.

ACADEMIA DOS HUMILDES, E IGNORANTES.

CONFERENCIA II.

NO dia vinte e sette de Settembro se juntáraõ os Academidos, e com elles o Romeiro, e o Filosofo continuou a instrucçaõ, que lhes déra na Conferencia passada, dizendo: Este mundo pois, irmaõ, naõ he maciço, e sólido, mas sim todo por dentro oco, e composto de cavernas, e abobadas, algumas tamanhas como Provincias, autras como Cidades; humas de muitas legoas de comprimento; outras menores, pelas quaes, como se fossem vêas de hum corpo, correm sempre rios de agoa, e de fogo, e outras estaõ cheyas de betumes, e mineraes, e outras finalmente vazias: mas cheyas de ar grosso, fedorento, e capaz de matar. Eu sou, disse o Ermitaõ, testimunha de que por baixo da rua de S. Jozé de Lisbôa, aonde morey, passa hum rio caudaloso, e os homens, que rebaixaraõ o meu poço, tiveraõ medo de cavar, porque ouviaõ a violencia, com que o rio corria debaixo dos seus pés: o rio Guadiana sóme-se, e vay sahir dahi

a muitas legoas com mais agoas, que recebe de outros rios, debaixo da terra: o mar Caspio he hum lago de duzentas legoas de comprido, e cento e quarenta de largo, no qual entraõ innumeraveis rios, e regatos; e por mais agoa, que nelle entre, nunca trasborda, final de que por baixo da terra vaõ as agoas para outra parte, e todos assentaõ que as suas agoas vaõ sahir ao golfo Persico, que dista mais de duzentas legoas de terra firme; e isto se prova, porque no mar Caspio ha muitos salgueiros, e no golfo Persico nunca tal houve; porèm nos mezes de Dezembro, e Janeiro apparecem no golfo Persico innumeraveis folhas de salgueiros todas as horas, as quaes neste mesmo tempo cahem dos folgueiros no mar Caspio, e com a corrente das agoas vaõ ter a huns fervedouros, que o dito mar tem junto a Keilaõ, e no golfo Persico ha hum fervedouro, por onde sahem as ditas folhas, e ferve agoa com tal violencia nesta sahida, que se ouve o estrondo oito legoas ao longe: o mar Negro dista do mar Caspio cem legoas, e sabe-se que as agoas do mar Negro vem a parar por baixo da terra ao mar Caspio: o mar Mediterraneo dista muitas legoas do mar Vermelho, e certamente se communica hum com o outro; o lago de Cuba he salgado, porque se communica com o mar por baixo de duas legoas de terra, e tudo o que nelle cahe vay sahir ao mar: o mesmo vi eu no lago de Livadia na Grecia, e me contàraõ dos rios Ghir, e Zir: o Nilo tambem corre por baixo da terra muitas legoas: no rio Negro em Africa seis vezes se

fôme; e feis vezes torna a nascer em grandes distancias; o mesmo faz o rio Agmeté junto a Marrocos, o Rodano em França, e outros innumeraveis, e até no nosso Reino do Algarve o rio, ou ribeira de Ator faz o mesmo: Em Modena acha-se agoa em qualquer sitio da Cidade na altura de sessenta e tres pés; e o mais he que, antes de chegarem a agoa, encontraõ arvores, pedras de edificios antigos, e muitas conchas, tanto porèm que chegaõ ao ultimo banco de pedra, succede-lhes o mesmo, que succedeo no meu poço na rua de S. Jozé; batem na pedra, e ella reúne, como fazem as abobadas, e sentem correr por baixo hum rio com violencia, de sorte que toda a Cidade está fundada sobre huma abobada de pedra, obra da maõ de Deos, e por baixo da abobada corre hum rio monstruoso: esta he a causa, porque muitas Cidades se tem subvertido com terremotos, e em lugar dellas ficáraõ lagos notaveis: assim succedeo á Cidade de Santa Euphemia no anno de 1638., e no anno de 1693 a muitas Cidades, Villas, e Aldêas de Sicilia, aonde ficou hum grande lago; no fundo do qual ainda hoje se vê muita parte dos edificios, que se fundiraõ; o mesmo succedeo em Romania, Napoles, e Escocia no fim do seculo passado; e em 1660 na Provincia de Cester se converteo em hum grande lago de agoa salgada hum campo de seis legoas de comprimento, e duas de largo: em 1556 se submergio huma Provincia inteira na China, e ficáraõ varios lagos, o mesmo principio teve o lago de Tenfing, e o de Junnam:

 quan-

quando se subverteraõ as Cidades, de que resultou este lago, morrêraõ innumeraveis pessoas: e só escapou hum menino, que estava em hum berço, o qual lhe servio de barco, e com o movimento da agoa chegou á terra enxuto deitado no berço: destes rios subterraneos nascem todas as fontes, e por isso falta em muitas, e nos poços a agoa no veraõ, porque faltaõ as chuvas, com as quaes crescem estes rios, e por isso ha lagos, e fontes nos montes mais altos; como se vê no Helicon, donde nasce a fonte Hypocrene; e junto ao monte ha hum sitio, aonde os animaes com as pégadas abrem fontes, tal he a abundancia de agoas: outras agoas das fontes certamente vem do mar, as que vem bem coadas por terra, cascalho, pissarra, ou arêa, saõ doces; as que vem por canos largos, saõ salgadas, como eu vi huma fonte na Ilha da Cuba de agoa taõ salgada, que entrando na sua corrente muitos regatos de agoa doce, ella sempre he salgada até entrar no mar outra vez; pelo contrario, no fundo do mar salgado ha fontes de agoa doce, como vi no mar Caspio, aonde no seu fundo nasce huma com tal violencia, que aparta a agoa salgada para os lados, e della fazem provimento os navios, e o mesmo succede junto á Ilha de Cuba: na Ilha de Ormuz naõ ha agoa doce, e para a beberem a vaõ buscar ao fundo do mar, para o que tem homens praticos, e grandes mergulhadores, os quaes levaõ odres vazios, e os trazem cheyos de agoa excellente; e D. Manoel Mendes Henriques, Regente do nosso

Rey

Rey em Bendercongo, que refere o caſo, foy hum dos que por curioſidade foy encher hum odre: perto de Scuttari na Grecia, ha hum rochedo no meyo do mar, que terá vinte e oito braças em circuito, e nelle huma fonte de agoa doce, e o meſmo ha em Eſcocia na boca do rio Frit: na Provincia de Londan eſtá a Ilha de Bas, que he toda hum grande rochedo, e no mais alto delle ha huma excellentiſſima fonte. Baſta, irmaõ, diſſe o Soldado, deſſes rios, e fontes ha innumeraveis, e eu tenho viſto muitos; naõ me admiro tanto diſſo, como do que fizeraõ os homens, porque aquillo he obra de hum Deos, que excede todo o paſmo, e admiraçaõ; porèm hum vil bichinho, como he o homem, fazer fontes, como eu vi em França, e Italia, que fazem huma harmonia, como orgaõ; outros, que formaõ obobadas de tal ſorte, que paſſea a gente por baixo da agoa ſem o Sol aquentar, nem a agoa lhe tocar, outras, que cantaõ como pintaſilgos, canarios, rouxinoes, e outras aves; outras atemorizaõ fazendo as vozes de animaes ſylveſtres, que apenas ſe ſoltaõ as agoas para os aqueductos dellas, fogem todos os que eſtaõ nos jardins, cuidando os vem comer leoens, urſos, e outros animaes; outras que parecem bandeiras, e paſſaros: em fim, a mais rara, e artificioſa, he a que vî na quinta dos Medicis, a qual, naõ obſtante o padecer ja ſua ruina, ou falta de agoa, diz com ſufficiente voz as palavras: Ave Maria; em outro tempo, quando a agoa ſahia com mais violencia, dizem era a voz taõ clara, e diſ-

distincta, que parecia de huma donzella boa cantora, agora ainda se percebe, ainda que menos aguda, e clara: em fim na Corte vi eu huma fabrica, de que poucos sey eu tem noticia, e he das cousas mayores, que vi pelo mundo: defronte da porta do Castello de Lisbóa, chamada de Alfofa estaõ humas casas, que foraõ do Desembargador Manoel Pinto de Myra, e de seu filho o Desembargador Joseph Pinto de Myra Falcaõ, que ja acabou santamente na Congregaçaõ do Oratorio, estas casas tem hum Quintal com parreiras, e muro para a parte do Seminario de S. Patricio, e nelle huma pequena estrebaria, na qual tem huma cisterna, que tal naõ he, nem foy, nem será facil saber-se o seu principio, e o que hoje he, tem bocal de poço de pedra, que lhe fizeraõ ha poucos annos, porèm mostra que foy achada por acaso, porque a abobada he mostruosa, e mostra que foy quebrada para se ver o que continha, he taõ grande, que dizendo-se huma palavra no bocal, a repete o ecco inteira, e clara quasi hum quarto de hora, tèm tanta agoa, que nunca com bombas se póde diminuir, e menos esgotar; he tal a sua grandeza, que se crê occupa por baixo a mayor parte da Cidade, e que vay parar ao mar, este juizo fez hum buzio, que andou nella hum dia inteiro buscando o cadaver de hum moço, que nella se affogou; e hum Sacerdote, que morou nestas casas, desceo pelo bocal atado com huma corda, e hum archote accezo; mas apenas vio a grandeza do seu ambito, e a monstruosidade

das

das columnas, assim no numero, como na grossura, perdeo o alento, e pedio que o subissem logo: com hum prumo se conhece que tem escadas grandes debaixo da agoa da parte da rua, aonde se presume foy a porta algum dia; nunca diligencia alguma humana pode descobrir donde lhe vem a agoa, e aliàs com o mais leve chuveiro, se ouve dentro tal Lustro, como a corrente de hum caudaloso rio; e he tal a abundancia de agoa, que recebe no inverno, que sendo a sua grandeza tàl, que certamente occupa por baixo todo Castello, e todo o mais da Cidade até o mar (como julgou o buzio) trasborda a agoa o bocal nesse tempo: muitos julgaõ que isto foy o mais celebre templo do Gentilismo na Lusitania, outros que a primeira, e mais decantada mesquita, e que a entrada era pela rua de S. Crispim; ignoro que damno lhe fez o terremoto, mas julgo ser a fabrica mais digna da averiguaçaõ dos curiosos deste Reino, e callo o mais que della contaõ os que moráraõ nestas casas! Grande fabrica (disse o Filosofo) porèm nós só tratamos agora das que saõ obras da natureza, e em outra Conferencia fallaremos nas da arte, e entaõ sabereis que esta he nada á vista das outras: a gruta das Serpentes junto a Roma chamada *Banhos Seccos*, tem mais de duas mil columnas, obra da natureza, que sustentaõ cavernas grandissimas, e medonhas cheas de viboras, e todas ellas respirando hum calor, como de enxofre; poucos se tem atrevido a ver as grandes, e interiores, nas pequenas entraõ os

en-

enfermos nús ; suaõ muito , e adormecem suando , vem as viboras lamber o suor , e acorda o enfermo saõ. Isso naõ póde ser ; (disse o Soldado) lede vós (disse o Filosofo) o Padre Kirker *de Magnete* , e lá o achareis ; e na Conferencia que vem vos obrigarey a crer , e a pasmar.

FIM

DA SEGUNDA PARTE.

LISBOA: Na Officina de Ignacio Nogueira Xisto.
Anno de 1758.
Com todas as licenças necessarias.

ACADEMIA DOS HUMILDES, E IGNORANTES.

CONFERENCIA III.

NO dia quatro de Outubro ſe ajuntaraõ os Academicos no ſitio da Conſolaçaõ, e com elles hum paſſageiro, que vinha de Peniche para as Caldas da Rainha: e começando a Conferencia, pela neceſſidade que tinha dos banhos, e deſejo de ſaber o que eraõ Caldas; e os ſeus effeitos, diſſe o Filoſofo: Eſtimo a voſſa pergunta, porque eſta he a materia, que pertencia á prezente Conferencia, viſto ſe tratar da creaçaõ do mundo, e do que elle he por dentro, e por fóra: Caldas ſaõ todas as agoas nativas, quentes, ou tepidas, como caldos, deſtas ſaõ as da Rainha junto a Obidos, as de S. Pedro do Sul, as do Gerez, as de Guimaraens no Minho, e as de Monchique no Algarve. Diſſo (reſpondeo o Ermitaõ) ſó eu vos poſſo informar: na Italia ha innumeraveis Caldas, ſó na Etruria ſe contaõ mais de quarenta; em Calabria, em Napoles, e Sicilia a cada paſſo; em Alemanha ſaõ cincoenta e

tres as mais celebres; em Hespanha as Caldas delRey junto á Toledo, e outras a que chamaõ *Hava fons*, cujas agoas consomem tudo o que se lhes lança dentro. Junto a Roma no caminho de Tivoli ha hum grande lago chamado *La Solphorata* albula, tem a superficie da agoa fria, é por baixo taõ quente, que mata, e queima qualquer animal, que lhe lançaõ dentro: junto a Viterbo ha hum lago chamado *Bullicano*, que ferve continuamente, mais que hum caldeiraõ sobre o fogo: em Napoles duas legoas além de Puzollo ha hum horrivel valle, que se sustenta sobre huma abobada formada pela natureza, por baixo da qual corre hum rio de agoa taõ quente, que se lhe lançaõ dentro hum caõ vivo, em pouco espaço tiraõ só os ossos: o mesmo succede nas furnas da Ilha Terceira, que saõ huns lameiros, que sempre estaõ fervendo em hum valle: em fim a mais célebre agoa de Caldas, que creyo tem o mundo, he em França, vulgarmente chamadas as agoas de *Aix-la Chapella*, porque tem tanto enxofre, e vitriolo, que se lhe mettem hum vazo de prata dentro, sahe dourado, e assim dura muitos dias; e na cerca dos Padres Barbadinhos de Plombiere ha huma fonte, aonde apparecem algumas vezes humas folhinhas de ouro, ou douradas; e abrindo-se hum tumor, que tinha no peito certo Reilgioso, que bebia desta agoa, o humor, e materia, que sahio da fizura, dourou os instrumentos do Cirurgiaõ, e julgáraõ ser a causa o muito enxofre, e caparroza, que tem a dita

agoa

agoa o certo he, que procede da mistura que nella ha, ou sejaõ metaes, ou mineraes; porque a experiencia nos mostra, que alho pizado e exprimido, misturado com açafraõ faz hum tal licor, com que podeis dourar toda a obra de estanho novo, ou bem limpo: o mesmo faz o verniz chamado douradura, de que uzaõ os pintores, dado sobre a prata verdadeira, ou falsa, e melhor se vê nos Guadamessins. Estou pasmado; (disse o enfermo) porém desejara que o Senhor Filozofo me dissesse qual era a causa de serem essas agoas taõ quentes. As causas certamente, ou saõ unicamente os fogos subterraneos, ou humas vezes estes, e outras vezes as minas de enxofre, e ferro, por onde passaõ as agoas; e a razaõ, que ha para suspeitar esta causa, he sabermos de certo que o enxofre misturado com limalha de ferro, e feita massa com agoa fria, ascende-se, e arde. Naõ duvido (disse o Ermitaõ) que algumas vezes seja essa a causa; porém o mais certo he, que esse calor o adquire a agoa passando por cal, que ha debaixo da terra, isto vi eu em Inglaterra: na Provincia de Sommerset, na Cidade de Bath, ha humas Caldas muito quentes, conhece-se que o calor lhes vem da dita cal, porque ha muita neste sitio, e em outros vizinhos, e se lançaõ hum bocado desta cal em agoa fria ferve a agoa com igual calor, e violencia, como succede com a cal artificial em pedra lançada em agoa fria: nem outra póde ser a causa, porque em Italia os barbaros de Cicers junto aos campos de

Luculla, ſendo dous olhos de agoa, hum junto ao outro, hum he exceſſivamente calido, outro frio em demazia; iſſo póde ſer (diſſe o Filoſofo) porque huma paſſara por ſalitre, enxofre, e ſal, porque hum pucarro enterrado neſtes tres mixtos pizados, e miſturados, e tudo bem unido dentro em huma tijéla funda, e poſta ao fogo, em breve tempo congelaõ a agoa do pucaro: e o modo de fazer agoa de neve na Perſia, he lançar baſtante ſalitre em huma gaméla de páo, e metter-lhe dentro huma garrafa de eſtanho, e move-la ao redor por muito tempo dentro do ſalitre; porém a cauſa verdadeira, e commũa ſaõ os fogos ſubterraneos, porque as Çaldas de Perguſe, e Memphite em Sicilia, creſce-lhes o calor, quando o monte Etna eſtá mais furioſo em lançar fogo, fumo, e cinza, e as agoas trazem cinzas fedorentas, como as do Etna: em fim eſte mundo eſtá por dentro todo cheio de rios de fogo, os quaes dezabafaõ por innumeraveis boccas; na Europa, pelo Etna em Sicilia, o Veſubio em Napoles, o Hecla na Islandia, o Pico nas noſſas Ilhas, outro nas de Cabo Verde chamada a Ilha de Fogo, na Africa o Chanigualdo no Reyno de Fez; outros quatro montes lançaõ fogo nos Reynos do Congo, e Angola; e em Guiné outros quatro; na Nova Heſpanha, e ſuas Ilhas do mar Pacifico ha quinze montes, que vomitaõ fogo, o meſmo ſe vê na Nova Granada, e na California, no Japaõ, nas Ilhas Malucas, nas Philipinas, na Sumatra;

na

na Persia, e nas Ilhas da Polvareira de innumeraveis boccas de fogo, humas em montes altissimos, outras em menos altos; destes fogos subterraneos procedem os terremotos; todas as vezes que se accende muita materia junta, e naõ cabe o rio de fogo pelas estradas, e cavernas da terra, treme até romper em algum sitio mais fraco, e lançar fóra o fogo, e pedras, metaes derretidos, enxofre, salitre, e betumes. Se isso assim fosse (disse o enfermo) ninguem habitaria nas terras, aonde ha esses montes, que vós dissestes, porque esses rios de fogo naturalmente haõ de dezabafar por todos elles nas occasioens, em que se accende mais materia, e está sahindo dos montes, ha de fazer grave damno aos que habitaõ os valles: assim he (respondeo o Ermitaõ) porque no anno de 471 lançou o Vesuvio fogo, fumo, cinzas, e pedras em braza, com tal furia, que chegaraõ as cinzas a Constantinopla, que fica dalli distante cento e noventa legoas; e o mesmo succedeo em 1631, 1638, e 1690, nos quaes arrazou, e reduzio a cinzas todas as povoaçoens vizinhas, e arvoredos; e ainda isto naõ he o mais, he sim o que eu vi, quando estive em Napoles, mandou o Rey, que hoje governa, fazer huma caza de campo em hum sitio de arvoredos excellentes, e lavoura, distante do Vesuvio, e cavando para os alicerses, acháraõ huma Cidade inteira populoza, donde se extrahiraõ excellentes obras Mosaicas, e acharaõ nas cazas os cadaveres seccos de todos os moradores,

e o

e o trigo ; vinho , e azeite , que cada hum tinha para o seu provimento : e consultadas as Historias mais antigas , e especialmente Plinio , assentou-se que era a Cidade de Heraclea , a qual , mil e tantos annos antes do Nascimento de Nosso Senhor JESU Christo, foy cuberta de cinzas ardentes , que vomitou o Vesuvio em taõ breve espaço de tempo , que os moradores (porque seria de noite) em caza ficaraõ todos prezos , e suffocados , porque nas ruas naõ se achou hum só cadaver , e as cazas cheyas delles ; e a razaõ de se conservarem os provimentos sem corrupçaõ dous mil settecentos e tantos annos , foy porquẽ o calor das cinzas consumio o ser humido , que he o que corrompe tudo , e como a cinza foy tanta, que fez montes altissimos sobre a Cidade ; nunca lá pode chegar ar novo , nem humidade , que os corrompesse : Lembra-me , disse o Theologo , huma invençaõ de outra Cidade no Reyno do Algarve no dia do terremoto do primeiro de Novembro de 1755 entre a Cidade de Lagos , e a Villa do Bispo , eu andey á caça muitas vezes por cima della , o mar a descobrio no dia do terremoto , assim como tambem descobrio a Villa antiga de Portimaõ : nunca se pode saber que Cidade he esta , nem como , ou quando a cobrio a terra , desorte , que por cima della eraõ matos ; acharaõ-se quasi todos os edificios em altura de tres varas , feito de pedra , e tijolo por fóra de extraordinaria grossura , e gran-

deza

deza, e da mesma as telhas, e columnas de marmore lavradas, aqueductos de pedra, e por dentro de chumbo: memoravel antigualha, que devia conservar-se; porém os rusticos, vizinhos, quasi a tem demolido. Com esta digressaõ nos ficaõ as noticias do Etna para a outra Conferencia, que com ellas será mais gostoza.

FIM

DA TERCEIRA PARTE.

LISBOA:

Na Officina de Ignacio Nogueira Xisto.

Anno de 1760.

Com todas as licenças necessarias.

ACADEMIA DOS HUMILDES, E IGNORANTES:

CONFERENCIA IV.

NO dia 20 de Abril se juntaraõ os Academicos, e depois de contarem a causa, que tiveraõ para se naõ verem em tanto tempo, disse o Ermitaõ que era necessario continuar as noticias do mundo, pelo que nelle havia, e se gozava, pois ja bastantemente sabiaõ o que elle escondia; e logo continuou dizendo: Todo este Globo está povoado, e ainda a terra desconhecida, a que muitos chamaõ quinta parte do mundo, e terra incognita Austral, ou do Sul, dizem que he muito povoada, e de gente deforme na grandeza; o que porém se goza habitado, e communicavel, dividem os Geografos em quatro partes, que saõ: Europa, Azia, Africa, e America. A Europa está quasi toda na Zona temperada Septentrional, isto he, da parte do Norte, e a sua mayor extensaõ de Norte a Sul seraõ oitocentas legoas Francezas, que constaõ de tres mil passos cada huma, e de Oriente a Poente terá novecentas legoas: as principaes Provincias da Europa saõ: Portugal, Hespanha, França, Italia, Alemanha inferior, que he Flandes, e Olanda em dezasette Provincias, e Alemanha Superior,

que comprehende a Bohemia, e parte de Dinamarca, a Polonia, a Purssia, Cassubia, Russia Meridional, Podolia, Volinia, Lituania, Livonia, Sumotigia, Massovia, a Ungria, a Transilvania, as duas Moravias, o Ilinio, que contêm a Croacia, Dalmacia, Bosnia, Rascias, e a Grecias: a Romania: a Servia, a Bulgaria, a Tartaria menor, e parte do Estado de Moscovia: a Escandinavia, que contêm os Reinos de Noruega, Suecia, e Dinamarca: de todos estes Reinos, e suas fundaçoens vos darey noticia a seu tempo, e o senhor Soldado contará as guerras, que em todos elles tem havido, e os Reys, que os tem governado. Estes Reinos, Republicas, e Provincias se governaõ por differentes modos, o mais nobre he o Monarchico, o segundo o Dispotico, o terceiro o Aristocratico, o quarto o Democratico: o primeiro se uza em Portugal, Hespanha, França, &c. o segundo na Turquia, e Moscovia, o terceiro em Veneza, o quarto em Olanda, e nos Esguizaros, e tambem ha governo misturado de Monarchico, e Aristocratico em Alemanha, Inglaterra, e Polonia. O governo Monarchico, he aquelle que maneja hum só Rey conforme as Leys estabelecidas por seus antecessores, e por elle: o Dispotico, he aquelle, em que o Monarcha dispôem livremente da vida, e morte de seus subditos, sem formalidade, nem via de justiça: o Aristocratico, he aquelle, em que só mandaõ algumas pessoas nobres, e mais distinctas do Reyno: o Democratico, he aquelle, em que se elegem alguns do povo, para que o governem. Nestes estados da Europa se professaõ varias Religioens, se assim se podem chamar as Seitas distinctas da unica, e verdadeira Religiaõ Catholica Romana: cinco saõ as prin-

ci-

cipaes: a mais antiga, e só verdadeira, he a Catholica Romana; esta seguem Portugal, Hespanha, França, Italia, Flandes, e grande parte de Alemanha, e Polonia: a segunda he a Mahometana, que inventou hum Arabio, almocreve vil; rude, e viciozo no anno de 625, chamado Mafoma, e esta professaõ os Turcos, Mouros, Persas, na Azia, e Africa a mayor parte dos seus habitadores: a Grega, que começou em Phocio, falso Patriarcha de Constantinopla, se observa na Russia, em parte da Turquia, e em algumas terras de Polonia: a Lutherana começou no anno de 1517 em Saxonia, e hoje a professaõ Alemanha baixa, Dinamarca, Suecia, Brandemburg; e finalmente em Inglaterra, Olanda, Alemanha, e Polonia se professaõ os erros de Calvino misturados com os de Luthero, e com os de infinitas Seitas. Os Soberanos, que hoje dominaõ a Europa saõ: O nosso Fidelissimo Rey Nosso Senhor, o Imperador, o Rey de Hespanha, o de França, o de Polonia, o de Inglaterra, o de Suecia, o Rey de Dinamarca, o Czar de Moscovia, o Graõ Turco, o Rey de Prussia, os sette Eleitores do Imperio, que saõ: os Arcebispos de Moguncia Treviris, e Colonia, o Duque de Baviera, o Conde Palatino do Rhin, o Duque de Saxonia, o Marquez de Brandemburg, e o Duque de Hannover, este Ducado he do Rey de Inglaterra, e o de Brandemburg do Rey de Prussia. As Republicas saõ: Veneza, Olanda, Genova, e Luca com os Cantoens dos Esguizaros. Reparo (disse o Soldado) que naõ fazeis mençaõ dos Estados do Papa, que he o primeiro, e hum dos maiores da Europa, nem do Rey de Napoles, e de

Serdenha. Naõ foy (disse o Ermitaõ) esquecimento; mas sim querer explicar com mais brevidade o principal, e dar mais copioza noticia desses Estados. Acabay, (disseraõ todos) que o tempo he pouco para tanto, dizey brevemente o que falta, e logo nos descrevey o nosso Reino, e fique sendo ley desde hoje, que no principio de cada Conferencia, dareis conta de huma parte do mundo, ou do que nella vos falta por dizer, para assim poderem os mais contar o que tem succedido em todo o mundo, e ficar sendo mais doce esta practica. Saõ pois (disse o Ermitaõ) os mais Estados, o Lansgrave de Hassia Cassel, o Duque de Nevoburg, o Duque de Saboya, o de Florença, o de Parma, o de Modena, Lucemburg, Zell, Brunswich, Volfembutel, e Holstein, e finalmente as Villas chamadas Hanseaticas, das quaes as melhores saõ: Hamburgo, Lubecque, Bermen, Rustock, e outras, das quaes todas faremos mençaõ nas Conferencias futuras. Para dar noticia do nosso Reino, primeiro a hey dar de toda a Hespanha, a qual (segundo Afferden) antigamente se chamou Iberia, por cauza do Rio Ebro, e Hesperia, de donde nasce chamar-se Cabo do fim da terra a ponte de Galliza: póde chamar-se Peninsula, que quer dizer, quasi Ilha, porque o mar a cerca por todas as partes, excepto pelos montes Perinéos, que a dividem de França; terá de comprido duzentas e sessenta legoas, e de largo cento e sessenta, a largura he desde o Estreito de Gibraltar até o Cabo das Penhas no Principado de Asturias, e o comprimento he desde o Cabo de S. Vicente até Colibre, junto a Perpinhaõ: divide-se Hespanha em quinze partes, que

que quaſi todas ſaõ Reinos, a ſaber: Caſtella Velha, Caſtella Nova, Eſtremadura, Leaõ, Andaluzia, Aragaõ, Navarra, Valença, Murcia, Granada, Portugal, Algarves, Galliza, Aſturias, Viſcaya, Catalunha: a Côrte he Madrid ſobre o rio Mançanares, Villa formoſa, e bem ſituada com boas ruas largas, e huma excellentiſſima Praça chamada a Mayor, goza' muy ſaudavel ar, e taõ excellente, que ſe naõ ſente fedor dos cadaveres de animaes, que ſe lançaõ nas ruas; porém naõ falta quem diga, que o clima de Lisboa he muito melhor: Portugal pois tem de comprimento cento e dez legoas, e de largura, aonde mais, cincoenta, divide-ſe em ſeis Provincias, que ſaõ Eſtremadura, Beira, Traz os Montes, Entre-Douro e Minho, e Algarves: foy dominada toda eſta formoſa Provincia do mundo, e toda a Heſpanha, pelos Romanos, e depois de muitas Naçoens barbaras, a ſaber: Vandalos, Alanos, Godos, Vice-godos mais de ſettecentos annos, depois a conquiſtáraõ os Mouros, e ſe detiveraõ nella deſde o anno de ſettecentos e onze até o de mil quatrocentos e noventa e dous, em que o Rey D. Fernando ganhou a Cidade de Granada; porém ainda ficaraõ alguns eſpalhados, e ſujeitos aos Catholicos, os quaes ultimamente ſahiraõ no anno de mil ſeiſcentos e dez: agora para inſtrucçaõ mais pia, continuay vós, ſenhor Theologo a materia da Conferencia primeira. Pouco (diſſe o Theologo) ſe gozou Adaõ do Paraizo, e alguns dizem que ſó fôraõ tres horas, porque o demonio perſuadio a Eva, que ſe comeſſem do pomo prohibido ſeriaõ Deozes; ella comeo, e o marido, porque ella o perſuadio, e logo ſe en-

ver-

vergonharaõ de ſe verem nús, e para ſe cobrirem fizeraõ veſtidos de folhas de figueira, Deos os caſtigou, ſentenciando-os á morte, e a todos os ſeus deſcendentes, e condenou os homens a trabalhar toda a vida na terra, e as mulheres á ſujeiçaõ dos homens, e dores de parto; fez a ambos tunicas de pelles, em ſignal da brutalidade, a que os reduzira a culpa, e deſordem em que ficavaõ as paixoens contra o entendimento, lançou-os fóra do Paraizo, e pôs Cherubins, e eſpada de fogo á porta delle, para guardá-lo, e para que o homem naõ comeſſe da arvore da Vida, e viveſſe eternamente: começou logo Adaõ a cultivar a terra; no ſegundo anno do mundo naſceo Caim, e dahi a cento e vinte e oito annos matou a ſeu irmaõ Abel, movido da inveja, que lhe cauzou vêr que Deos mandava fogo a conſumir o que lhe ſacrificava Abel, em ſignal de que lhe era acceito o ſeu ſacrificio; ſendo aſſim, que Abel ſanto, e ſincéro offerecia as melhores rezes do ſeu rebanho, e Caim ſó offerecia fructos: paſſados poucos annos edificou Caim a primeira Cidade do mundo, chamada Eunachia, em memoria de hum filho ſeu, e pouco depois naſceo á Adaõ o terceiro filho, a quem chamou Seth: no anno de ſeiſcentos e cincoenta e dous, foy Caim morto por ſeu terceiro neto Lamec, o qual ſendo ja velho, e cégo, ainda hia á caça guiado por hum moço, eſte lhe diſſe que no mato ſe movia huma féra, e elle diſparando logo, para a parte que o moço lhe diſſe, huma flecha, matou a ſeu terceiro Avô Caim. Neſte ſeculo floreceraõ Tubalcain, primeiro ferreiro, Noema, primeira tecedeira, e Jubal, primeiro muſico, e inventor da cithara, e orgaõ: no anno

de

de novecentos e trinta morreo Adam, e no anno seguinte Eva; no anno de novecentos e trinta e sette arrebatou Deos a Enoc, para onde se naõ sabe, sabendo-se que vive, e que ha de vir prégar contra o Anti-christo: neste tempo começaraõ os Gigantes, e se vio o mundo sepultado nos vicios mais enormes: no anno de mil e cincoenta e sette nasceo Noé, ao qual na idade de quinhentos annos mandou Deos fazer a Arca, a qual tinha trezentos covados de comprimento, cincoenta de largura, e trinta de altura, acabava o tecto na largura de hum covado, tinha huma janella, e huma porta em hum lado, cazas, e repartimentos para Noé, seus filhos, e noras, e para todos os animaes: cem annos gastou Noé em fazer a Arca, e tendo seiscentos annos de idade entrou nella com sua mulher, e tres filhos, e tres noras: entraraõ logo todos os animaes, advertindo, que dos animaes immundos, que saõ os que naõ remoem, e naõ tem unha aberta, entraraõ só dous de cada especie, macho, e femea, e dos mundos, que saõ os que tem unha aberta, e remoem, entraraõ sette machos, e sette femeas, fechou Deos por fóra a porta da Arca, e choveo quarenta dias, e quarenta noites; subio a agoa quinze covados sobre os mais altos montes, e morreraõ todos os homens, mulheres, brutos da terra, e aves: cento e cincoenta dias estiveraõ as agoas no mesmo estado: aos vinte e sette dias do mez settimo, com as diminuiçoens das agoas descançou a Arca sobre a serra de Ararat, nos montes de Armenia; no primeiro dia do mez decimo appareceraõ as cabeças dos montes, e passados quarenta dias abrio Noé a janella da Arca e lançou

fóra o corvo ; que naõ appareceo mais, lançou tambem a pomba, a qual de tarde veyo com hum ramo de oliveira verde no bico : em fim, no anno de mil seiscentos e cincoenta e sette sahio Noé da Arca, levantou Altar, offereceo Sacrificio, lançou-lhe Deos a bençaõ, e a seus filhos, deo-lhes licença para comerem carnes, e peixes, mostrou-lhes o arco Iris, e disse-lhes, que era signal de que naõ castigaria mais o mundo com diluvio de agoa : na Conferencia que vem darey conta do que succedeo desde o diluvio até a vinda de Christo Senhor Nosso, cuja Santissima vida desejo contar-vos, porque seguro na sua noticia o mayor bem para todos, e ouvireis as mais gostozas novidades.

FIM
DA QUARTA PARTE.

LISBOA:
Na Officina de Ignacio Nogueira Xisto.
Anno de 1760.
Com todas as licenças necessarias.

ACADEMIA DOS HUMILDES, E IGNORANTES.

CONFERENCIA V.

JUntaraõ-se no dia 28 de Abril com varios Romeiros, e o Soldado referio a noticia, que tivera do Algarve no ultimo correio, em que lhe diziaõ pessoas fidedignas, que no caminho de Villa-nova de Portimaõ para Tavira, descobriraõ os caens duas mulheres mortas, nuas, e superficialmente enterradas, huma ja velha, e outra de quinze annos, com hum manguito encarnado em hum braço, as quaes eraõ mãy, e filha de hum ferreiro Castelhano, morador ha muitos annos em Villa-nova, o qual as entregou a dous Castelhanos seus amigos, e cazados com parentas suas, para as conduzirem a vizitá-las, como ja outras vezes tinhaõ feito no lugar do Azinhal junto a Castromarim, aonde elle, e as parentas viviaõ, e por estarem criminozos em Castella: os cabedaes, que levavaõ, eraõ os vestidos assäs ruins, hum tostaõ, e huns botoens de ouro pequenos. Palmou o Ermitaõ, ouvindo isto, e exclamou dizendo: Valhame Deos, o mundo está perdido! Os homens, como nunca, estaõ prevaricados em tudo, e de to-

do! Socegue irmaõ, (disse o Theologo) e crêa o contrario, que o mundo agora á vista do que foy, parece santo, e os homens saõ melhores do que foraõ os antigos: quando Deos castigou o mundo com o diluvio, só havia oito pessoas justas, que eraõ: Noé, sua mulher, seus tres filhos, e tres noras; e hoje quantos mil justos haverá! Apenas se acabou o diluvio, e houve bastantes homens, e mulheres, (ainda em vida do mesmo Noé) fizeraõ huma torre para chegar ao Ceo: Nemrod tyrannizou a liberdade dos homens, fazendo-se Rey, e sujeitando-os, alguns dizem que elle em sua vida os obrigara a que o adorassem, outros que Nino seu filho os violentara a que adorassem a estatua de seu pay: o certo he, que entaõ começou a idolatria, que dura nos Gentios atégora, negando o culto ao verdadeiro Deos, e adorando os homens, e mulheres de mayores vicios, os demonios, os monstros, e os brutos: os Israelitas escolhidos por Deos para seu povo, extrahidos do cativeiro com tantos prodigios, e vendo no deserto a cada passo tantos, adoráraõ hum bezerro de ouro: estabelecidos que foraõ na terra de promissaõ, adoráraõ innumeraveis vezes os idolos dos seus vizinhos, e cresceraõ desorte em vicios, que foy necessario destruir huma Tribu inteira, em castigo da lascivia: ao mesmo tempo era tal a tyrannia dos Reys vizinhos, que Adonizebezec Rey de Jerusalem tinha debaixo da sua meza a sete Reys com mãos, e pés cortados: em fim, tantos foraõ os vicios, e idolatrias daquelle povo, que até Salomaõ idolatrou, e muitos dos seus descendentes; até que depois de serem muitas

tas vezes castigados com muitos, e differentes cativeiros, foi dessolada toda a terra de progissaõ pelos Caldêos, e pelos Assyrios: depois foraõ governados por Pontifices, e Capitaens; porém taes, que Aristobolo hum delles matou de fome a sua mãy; e foraõ taes as avarezas, e luxurias publicas, e escandalosissimas, que em castigo os sujeitáraõ os Romanos, os quaes fizeraõ Rey de Judéa a Herodes, que degolou todos os meninos do Reino, e seu proprio filho, e naõ obstante isso: os Judeos o adoraraõ por Messias, e Filho de Deos, chamando-se Herodianos os dessa maldita seita, em fim, vendo os innumeraveis prodigios de Christo Senhor Nosso, infamaraõ-no, e tiraraõ-lhe a vida, e ainda depois de saberem de certo que tinha resuscitado, o quizeraõ desmentir, e infamar á força de dinheiro. Agora olhay para as outras Monarchias do mundo nos mesmos tempos: a dos Assyrios, ja sabeis que começou em Nemrod tyranno, e primeiro idolatra; foy augmentada por Semiramis taõ vicioza, e tyranna, que dizem se deshonestava com seu filho, e com todos os que appetecia, e depois os matava: e que fariaõ os vassallos idolatras com este exemplo! A Monarchia dos Medos fabricou-se de levantamentos dos vassallos dos mesmos Assyrios, crimes os mais horrendos: seguiraõ-se os Persas pelo mesmo caminho, tirando os Reinos aos seus verdadeiros senhores, matando os filhos aos pays, e os irmãos huns aos outros para que estes os naõ matassem tambem; de sorte que com o exemplo destes succedia o mesmos nos vassallos, e só duravaõ os pays, em quanto os naõ podiaõ matar os filhos; só durava o

 mor-

morgado; se naõ tinha irmãos que o matassem; e os filhos segundos, em quanto os naõ matavaõ os morgados: acabou esta Monarchia com a morte de Dario, e de tantos milhares de homens; appareceo a dos Gregos, mas como? O seu primeiro Imperador foy Alexandre Magno, este furtor tudo a todos, conquistou quasi todo o mundo, tirou aos Reys os Reynos, e os thesouros, e os seus Soldados roubaraõ os vassallos de todos os Reinos; disse que era Deos, e filho de outro Deos; em fim, partos de lascivia, e vinho demasiado, vicios publicos nelle, e no seu exercito: morto Alexandre, e dividido o Imperio entre seus Capitaens, foraõ taes as guerras, os vicios, e os furtos, que huns faziaõ aos outros de Reinos, e Provincias, thezouros, e liberdade dos vassallos, que Asclepiodoro, homem sabio de Alexandria, foy por curiosidade ver estes miseraveis Reynos, e em todos elles diz que só achara tres homens, que viviaõ com alguma moderaçaõ de costumes: destruiraõ esta Monarchia os Romanos, só com a differença de excederem nos vicios aos Gregos, e na tyrannia a todos os passados; á força de homicidios se estabeleceraõ; quem queria ser Rey matava o que governava; até que veyo o governo á parar em Consules, e Magistrados: a idolatria cresceo neste Imperio á mayor estatura, e sendo homens doutos, foraõ os mais tontos em fingir divindades infames, e ridiculas: a lascivia foy a mais escandaloza em jogos publicos do Deos Bacho, e Venus: Seguiraõ-se os Imperadores; mas quando haviaõ emendar estes vicios, elles mesmos (exceptuando huns poucos) foraõ os que o fomentaraõ

com

com os ſeus máos exemplos, e taes, que alguns ſaõ julgados pelos mayores monſtros da tyrannia, e laſcivia, como Néro, que fez matar ſua mãy para ver aonde fora concebido, e naõ houve tyrannia que naõ uzaſſe no Imperio; e Heliogabalo, que rogou aos melhores Medicos, e Cirurgioens, que lhe cortaſſem o corpo como quizeſſem, com tanto que ficaſſe ſendo mulher o reſto da ſua vida: em fim, quando contarmos em particular as vidas dos Imperadores, e Reys, ſerá mayor a voſſa admiraçaõ, ouvindo por extenſo as hiſtorias horrendiſſimas daquelles ſeculos. Com a vinda de Chriſto Senhor Noſſo levantou o mundo a cabeça, porque houve muitos milhares de Martyres, Eremitas, Anachoretas, e peſſoas juſtas; porém eſtes eraõ hum pequeno rebanho a reſpeito de todo o mundo, e ainda eſſa felicidade durou taõ pouco tempo no pequeno rebanho dos Catholicos, que quatrocentos annos depois da morte de Chriſto diſſe S. Joaõ Chryſoſtomo em Antioquia, huma das mayores Cidades do mundo neſſe tempo; que apenas haveria nella cem peſſoas, que viveſſem bem; e todos dizem que a Cidade tinha ſeiſcentas mil almas; as palavras do Santo ſaõ horrorozas, e por iſſo dignas de ſe ſaberem; *Quantos cuidais* (dizia elle ao povo) *que ſe ſalvaráõ neſta Cidade? Em tantos milhares, com difficuldade ſe acharáõ cem, que ſe ſalvem; e ainda deſtes duvido: porque quanto he a malicia dos moços! O deſcuido dos velhos! Nenhum tem cuidado de ſeus filhos, nenhum põem attençaõ em imitar ao virtuoſo velho: o peyor he, que apenas ha a quem imitar, faltaõ exemplares nos velhos, e aſſim ſabem*

tam-

tambem mais os moços. Isto dizia S. Joaõ Chrisostomo no Oriente, e Santo Agostinho no Occidente no mesmo tempo, dizia : *Quantos sos que parece que guardaõ os preceitos Divinos? Apenas se acha hum, ou dous, ou pouquissimos.* Ora dizei-me agora, nosso irmaõ, que motivo tendes para dizer, que no tempo prezente está o mundo perdido, e que os homens estaõ perdidos de todo? Lembray-vos do que me tendes ouvido, e do que tendes visto nos Reinos estranhos, por onde tendes peregrinado. Vistes em alguma Monarchia Catholica, Heretica, Mahometana, ou Gentilica os vicios, e os escandalos, que se viraõ em todas, nos passados seculos? Naõ (respondeo o Ermitaõ) cousa, que com isso se pareça; só no Imperio do Graõ Mogor he que alguma tyrannia, porque naõ se castiga a quem paga o crime com dinheiro, e morre o pobre que naõ tem que dar: mas nas outras Monarchias (quando eu vos contar o que vi nellas, e tambem no Mogor) vereis que se evitaõ os peccados publicos com severos castigos, e que naõ ha tyrannias, quebrantamento de Leys, nem escandalos; porém estou velho, e tenho lido pouco, e só me lembra ter ouvido, que depois do diluvio chegaraõ os homens a tal estrago de vicios, especialmente a sodomia, que Deos em tres Cidades só achou quatro justos, que foraõ: Loth, sua mulher, e duas filhas; e que era tal a miseria dos homens da Cidade aonde Loth morava, que todos foraõ á sua porta pedir os Anjos que tinha em caza para peccarem com elles, porque julgavaõ que eraõ tres mancebos gentis-homens, e naõ sabiaõ que eraõ

An

Anjos, que vinhaõ castiga-los, como o fizeraõ na manhaã seguinte, e elles toda a noite cegos andaraõ buscando a porta da caza de Loth para saciarem nelles o seu appetite. Se hoje (disse o Theologo) se visse cousa, que por sombras se parecesse com isso, que diriaõ os que tem lido, ou ouvido pouco? Por isso (respondeo o Soldado) he esta Academia só para humildes, ignorantes, e pobres; porém della havemos sahir bem instruidos. Assim o espero; (disse o Theologo) porém adverti que Loth sahio de Sodoma correndo para os montes com mulher, e filhas, por ordem dos Anjos, a mulher olhou para trás contra a ordem delles, e logo se converteo em estatua de sal, a qual ainda hoje existe no mesmo lugar, e se lhe tiraõ alguma parte, torna a crescer-lhe, o que tudo contaõ gravissimos Authores, dos quaes muitos a viraõ: e naõ vos admireis, que mayores cousas vos hey de contar, e verdadeiras todas. Basta por agora.

FIM

DA QUINTA PARTE.

LISBOA:

Com todas as licenças necessarias.

Anno de 1758.

ACADEMIA DOS HUMILDES, E IGNORANTES.

CONFERENCIA VI.

NO dia tres de Mayo, ſe juntáraõ muitos curioſos na Conferencia, porque já começava a convidá-los a delicia do ſitio; e ouvindo os Academicos queixar-ſe hum Romeiro, de que hum parente ſeu, tiveſſe ido voluntario para a India, diſſe o Soldado: Vós Senhor, como naõ viſtes do mundo mais que eſta pequena parte, que he o noſſo Reino; julgais que tudo, o que naõ he elle, ſaõ matos, ſerras, e covas de dragoens; pois certamente eſtais enganado, porque naõ obſtante as delicias do noſſo Reino, e as de todas as Cidades da Europa, que naõ viſtes, e ſaõ para ver, e admirar, as da Aſia naõ lhes tem inveja: tem a Aſia deſde Dardanelos junto a Conſtantinopla, até o Eſtreito de Jeſſo, quaſi duas mil legoas de comprido, e de largo perto de mil e quatrocentas, occupa huma grande parte da Zona torrida; toda a temperada, e alguma parte da Africa, confina ao Norte com o mar Scitico, pelo Oriente com o dos Kaimachi-

tas, e o da China, pelo meyo dia com o da Arabia, pelo Poente com o mar Roxo, o Isthmo de Siees, o Archipelago, o mar de Memara, o Negro, o de Zambache, o Dom, o Estreito de Veigatz, e o mar Glacial: divide-se a Asia em seis partes principaes, que saõ: a Turquia Asiatica; a Persia, a India, a China, a grande Tartaria, as Ilhas notaveis, que saõ as Philippinas, o Japaõ, as Malucas, as da Samatra, as Maldivas, e a de Ceilaõ: todos estes Reinos, e Provincias saõ fertilissimas de toda a casta de animaes necessarios para o sustento dos homens, e de todos os generos necessarias para alimento, e commercio, aromas, adubos, sedas, algodaõ, ouro, prata, diamantes, perolas, em fim as melhores fructas, que ha, nem póde haver na Europa; porque as Lexias, que assentaõ todas as pessoas verdadeiras serem a melhor fructa, que ha no mundo no gosto, na innocencia, e na facil digestaõ, porque podem-se comer milhares, e apenas sobre ellas se engolio huma pedra de sal, se resolvem logo, e sem damno, só as ha na China. As mangas, que saõ a segunda fructa do mundo, ainda que em muitas partes se criaõ, só as da Ilha de Goa saõ as primorosas, e as das Provincias de Salsete, e Bardez: porèm álèm destas tem a India tantas, e taõ excellentes fructas, que só appettecem os Portuguezes lá as da Europa, porque foraõ criados com ellas; e se naõ fosse a sua muita incuria, teriaõ lá todas as da Europa com facilidade, assim como tem as ùvas, e figos; porèm cuidaõ nisso taõ pouco, que eu vi deixar perder latadas excellentes de par-

reiras

reiras, que foraõ de hum Arcebispo, por descuido dos seus herdeiros, que até lhe deixáraõ perder os jardins, e cahir os palacios: podemos verdadeiramente dizer, que só comem com gosto os que vivem na India, ja pela abundancia dos guizados, e doces, ja pelo modo, com que os tempe-raõ, com o qual se naõ pódem comparar os Francezes, e Italianos, como eu os ouvi confessar, ja finalmente pelo pouco, que custaõ: a delicia dos rios de Goa, e de Battávia excede á de Veneza sem comparaçaõ alguma: em fim delicia em comer, beber, vestir, e recreyo para a vista só o goza quem vive na Asia livre de trios inimigos da natureza, e com tudo o que he necessario para ser a vida gostoza: já quem vio a Persia, assenta que nelle foy, ou está o Paraizo terreal; porque tem dous Veraons no anno, e nelles todas as fructas da Europa, e Asia, melhoradas todas naquelle excellentissimo clima, aonde o ar he taõ saudavel, que nem o sereno, e orvalho faz damno a quem dorme nos terrados despido, nem cria ferrugem o ferro a todo o tempo exposto: sobeja para fazeres conceito da Asia, ver as preciosidades, que lá vaõ buscar todos os annos todas as Naçoens da Europa em tantas náos, e o pouco que levaõ para lá venderem; advertindo, que disto tudo, que levaõ, ha na Asia muito de sobejo melhorado, e só falta em algumas partes por falta de commercio, em outras por negligencia dos habitadores; porque papel, vinho, agoardente, prezuntos, payos, e queijos, vidros, canivetes &c., em todas as terras da Asia se podiaõ

fabricar; e terem o commercio, que podiaõ ter, e naõ tem; da China vem melhor papel do que o da Europa assim branco, como pardo, prezuntos melhores, que os do Minho, e Beira, vidros, e queijos da China, e da Persia melhores, da mesma Persia o melhor vinho, e agoaardente: que tem o mundo, os melhores ferros, fructos seccos, e de conserva, que nelle se viraõ, nos quaes o primeiro, e sem igual, he a tamara, e o segundo a marmelada: o tabaco naõ he taõ oleozo como o da America, mas por isso mesmo faz menos damno, e eu o vî preparar por curiosidade em Bengala, em Macáo, e na Persia, e só com pouca infuzaõ em açucar, de que tem mayor abundancia a Asia, do que a America, excedia no cheiro o nosso Portuguez, e o Castelhano: no que respeita ás drogas necessarias para as boticas, a Europa necessita de todas as da Asia, e esta todas as da Europa escuza, e só o negará quem naõ for Medico, ou Boticario, ou medianamente instruido; só cartas dos parentes necessitaõ lá os homens, para mitigar saudades, porque o amor da patria he taõ natural, e activo, que quem nasceo em Scythia, antes a quer gozar do que Roma; só direis, que faltaõ lá os livros, e a impressaõ para renová-los, e que ha bichos monstruosos, e peçonhentos: ao primeiro respondo, que a impressaõ da China he melhor do que a da Europa, e eterna; porque assentando o papel em huma taboa, corta o impressor tudo que naõ he letra, e feita a impressaõ, se guardaõ as taboas, e dahi a seculos se achaõ feitas para reimprimir as obras, e se bem

as

as suas letras cada huma he huma palavra, tambem cada huma tem tantas, e taõ subtiz configuraçoens, que muito menos trabalho, sem comparaçaõ, lhes custaria o cortar as nossas, sendo grandes, e bôas, (como saõ todas as dos Canarins de Goa, aprendendo aliàs a escrever em folhas de bananeira, ou figueira) do que as suas, e em nenhuma parte do mundo ha tantos amanuenses bons como na Asia, nem engenhos mais agudos para todas as Artes liberaes, e mecanicas, de que nasce fazerem-se lá as cousas mais preciosas com summa facilidade, e na Europa com incrivel trabalho; o Carpinteiro só uza de hum serrote, hum formaõ, huma goiva, hum martello, que he juntamente enxó, e hum buril; e só com estas ferramentas, sem banco de trabalho, mas sim no chaõ, sustentando a peça com os pés, fazem as obras mais primorosas, e que certamente excedem ás da Europa feitas em muitos dias, e com innumeraveis ferramentas: o mesmo, que succede neste officio, acontece nos outros supprindo o engenho, e agilidade, a falta de ferramentas, que uzaõ os Europeos para eternizar as obras: as mais primorosas sedas, télas, brocados, e pannos de algodaõ, fabricaõ-se nos campos em teáres de cannas, os quáes acabada a peça, se queimaõ, e fazem outros novos para outras; a louça, de que tantas mentiras vagaraõ pelo mundo, já descobriraõ os de Saxonia que era só hum barro depurado: os relogios na China tiveraõ o seu augmento; e seculos antes que a Europa descobrisse a polvo-

ra ; a imprensa ; e os instrumentos para navegar ; já tudo isso na Asia era velho : confesso, que tem animaes ferozes, e venenosos; porèm a industria dos naturaes já lhe acautelou os damnos ; os elefantes vivem nas povoaçoens domesticados servindo para tudo, e especialmente para a guerra, e para ostentar a grandeza dos Monarchas; os tigres reaes, que ainda se naõ viraõ na Europa, nem se veráõ facilmente, tamanhos, e mayores que grandes boys de carro ; já temem tanto os homens, que gritando-lhes fogem : os monstruosos lagartos, chamados jacarés, ainda que nenhum damno recebem das bálas de espingarda, fogem dellas ; as cobras todas fogem do alho, e de diversas raizes ; os tigres bibós, bem conhecidos neste Reyno ; fogem até das pedradas dos meninos ; só a cobra verde naõ tem contraveneno, porèm saõ taõ raras, que eu em muitos annos só vî huma morta, e como só mordem dependuradas nas arvores baixas, que saõ muito poucas, e as estradas muito largas, evitaõ-se, naõ passando por baixo dellas dè noite : e em fim passaõ-se seculos sem a menor noticia de desgraça, álèm de que a providencia Divina por varias Provincias da Asia extinguio os bichos ferozes ; em Goa só ha tigres, bibós, cobras de capello, e verdes, e hum só jacaré se vio lá neste seculo, a que os pretos matáraõ com bambûs tostados (saõ canas mocissas) virando-o de costas, e moendo-lhe o peito, e ventre ; no Canará, Bengala, Siaõ, tigres reaes, elefantes, boys de matto, na Persia

sia nada, na Arabia leoens, na China, e Japaõ se extinguiraõ os animaes ferozes, e peçonhentos; assim como os Persas os lobos, e os Francezes na Ilha Mascarenhas os ratos. Toda a barbaridade da Asia consiste na Religiaõ; porque muitos saõ Mahometanos, e todos os mais Gentios; porèm todos igualmente urbanos, e pacificos na cõmunicaçaõ com os Europeos, que os naõ escandalizaõ; que àliàs sentidos, ou exasperados fazem o mesmo, (e naõ mais certamente) que fazem os Europeos huns aos outros: ainda a mesma idolatria de Asia, naõ excede á ridicularia da antiga Romana, antes variando em diversas Monarchias, na China, Japaõ, e Tartaria, conservaõ muitas verdades misturadas com as superstiçoens Genticas, mas mais tem Mithologia assaz ridicula, como o Deos Rama, a quem degolou o Deos Vissé, e naõ lhe achando a cabeça lhe pôs huma de elefente, e assim vive; porèm a geraçaõ de Venus, em que crêraõ os Romanos, era mais barbara do que esta, e quasi todas: no que respeita ás letras as muitas, e excellentes Universidades da China excedem em tudo tanto as da Europa, quanto a todos os governos da Europa excede o seu notavel governo: he a unica Monarchia do mundo, aonde só saõ grandes, e estimados os Sabios: entre elles chegou a Medicina á mayor pericia, que nunca até aqui adquirio na Europa, e taõ natural em tudo, que o Medico he juntamente Boticario, se vive o enfermo, pagaõlhe os medicamentos, e o trabalho; se morre,

re, perde tudo o Medico: os Persas tem C
gios, aonde estudaõ Arithmetica, Geomet
Astronomia, Filosofia Natural, e Moral,
dicina, Jurisprudencia, Rhetorica, e Po
Está acabada a tarde, o melhor nos fica para
tro dia, que isto para alleviar a saudade do v
parente sobeja.

FIM

DA SEXTA PARTE.

LISBOA:

Com todas as licenças necessarias.

Anno de 1758.

ACADEMIA
DOS
HUMILDES,
E
IGNORANTES.

CONFERENCIA VII.

NO dia feis de Mayo foy grande o concurſo com a noticia de que neſtas Conferencias ſe evitavaõ murmuraçoens, e ſe adquiriaõ boas noticias. O primeiro, que rompeo o ſilencio, foy o Ermitaõ de Noſſa Senhora do Livramento de Peniche, Sanctuario notavel deſte Reino, de que a ſeu tempo ſe dará noticia; e eſte homem ſincero, e de exemplar vida; diſſe que andava afflicto com a noticia de humas profecias de certa Religioſa de Beja, de que alguns romeiros lhe deraõ noticias, e deſejava ſaber que conceito havia fazer neſta materia. Ao que reſpondeo o Theologo: O conceito, que deve fazer, noſſo irmaõ, de quaſi todas as profecias, que agora ouvir, he que ſaõ illuſoens, embuſtes, delirios, modos de querer adquirir eſtimaçoens, e quando menos, imaginaçoens melancolias, e hypocondriacas, agouros, e ſuperſticoens de mulheres, e de homens de igual capacidade. Ouviraõ dizer, que o dom da profecia era huma graça dada, e que Deos a tinha dado a Gentios,

como foy Balaõ, e a podia dar a todos, e todos q
rem ser Profetas; e como este he o melhor m
para serem estimados, porque nada mais app
cem os homens do que saber futuros, elles i
ginaõ, ou fingem huns delirios, e os ignorant
como nós, accrescentaõ outros. No anno de 17
appareceraõ em Lisboa as chamadas profecias
Bandarra, humas trovas escuras, e sem pés,
cabeça, mas em fim eraõ poucas, quando vie
de Trancozo, porèm dentro em poucos
succedeo-lhes o mesmo que ás andorinhas; por
se multiplicaraõ desorte, que eu vi tres folhas
papel dellas, escritas de letra miuda, e já dep
do terremoto lhe accrescentáraõ mais, tudo
buste conhecido, e ridiculo. No tempo dos I
manos eraõ innumeraveis os livros das profecia
porèm Octaviano Augusto, Pontifice deste G
tilismo (como refere Suetonio) os mandou qu
mar todos, excepto os das Sybillas: estas Gent
julgaõ Santo Agostinho, e S. Jeronymo, que ti
raõ dom de profecia, e que vaticinaraõ a vinda
Christo Senhor Nosso, e varios Mysterios da n
sa santa Fé; porèm Santo Ambrosio diz, que naõ
veraõ tal dom, e só espirito fanatico, mundan
e enganozo; veja-se a sua exposiçaõ á primeira
ta de S. Paulo para os Corinthios no Cap. 2.:
fim, Cicero, Plinio, Plutarco, e Diodoro Si
lo dizem que houve huma Sybilla, Mariano
pela diz que houve duas, Solino diz que tr
Eliano quatro, e Varraõ dez; a historia Rom
diz que a Sybilla Cumea queimara seis livros
profecias, porque Tarquino Soberbo lhe n
quiz dar cem escudos por cada livro, e que só fi

raõ tres; que elle lhe pagou; e para restaurar os queimados, ajuntaraõ mil versos de varias pessoas curiosas, que diziaõ ser das Sybillas, e Isaac Vossio assenta serem compostos por hum Judeo. Os Oraculos do Gentilismo, onde dizem que respondiaõ os demonios, he hum finissimo embuste, pois S. Clemente Alexandrino, Eusebio, e até Cicero, e Aristoteles julgaõ que as respostas dos Oraculos eraõ dadas pelos Sacerdotes, os quaes se escondiaõ detraz dos idolos, e fallando por trombetas artificiozamente obradas, pareciaõ as vozes cousa do outro mundo, e que fallavaõ os idolos: Tabernier vio hum destes no Reyno de Golconda na India. Espere v. m. (disse o Soldado) na India saõ innumeraveis os feiticeiros Gentios, e Catholicos; e quando querem que o diabo lhes diga o que ha de succeder, juntaõ-se em huma casa, e fazem huma dança, no meyo da qual anda hum homem, a quem pagaõ este grande trabalho, na mayor furia da dança entra o diabo no corpo do homem, que anda no meyo da dança, cahe no chaõ, e dá taes urros, e taes pancadas com braços, e pernas, que depois está mezes de cama: acabado este frenezî, pergunta-lhe cada hum o que deseja saber; se saõ cousas, que tem succedido já em partes remotas, ás vezes diz a verdade; porèm se saõ cousas futuras, responde-lhe huns desproprozitos taõ escuros, que depois quando chega o tempo de se verificar a profecia, julgaõ os mizeraveis homens que o diabo lhes disse a verdade; mas que elles a naõ entenderaõ, e que tudo o que succedeo máo, ou bom, isso era o que elle queria dizer nas arengas que lhe ouviraõ: chama-se esta funçaõ Bagáta, e

ordinariamente as fazem para saberem quando ha de vir a Náo de Portugal, e quantas Náos vem, quem he o Vice-Rey novo &c. Na Ilha de Sallete do Norte fizeraõ huma no anno de 1727; houve quem os denunciasse ao Commissario do Santo Officio, que era hum Religioso de Santo Agostinho, este cercou-lhes a casa com huma companhia de Soldados, e escutou o que dentro se dizia; ouvio que todos perguntavaõ ao padecente energumeno, se estavaõ seguros, e o diabo pela bocca delle respondia: *Estaõ segurissimos*; tres vezes lho perguntáraõ, e tres vezes respondeo que estavaõ segurissimos: os insensatos perguntavaõ se estavaõ livres de os colherem os Ministros do Santo Officio, e o diabo dizia que estavaõ segurissimos, porque nenhum delles podia escapar: assim succedeo; porque, batendo logo o Cómissario na porta, foraõ todos prezos, e conduzidos para os carceres do Santo Officio. Já ouvi (disse o Theologo) este caso, e o mais a pessoa, que os vio sahir no Acto publico da Fé em Goa. Porém continuando a materia das profecias, hum tal Alexandre Abonotichita criou huma serpente de Macedonia, onde ha casta dellas, que naõ mordem, e levando-a a a Paphlagonia, lhe fez hum templo, e Oraculó, dizendo que nelle assistia o deos Esculapio, e dava respostas por escrito a tudo o que por escrito se lhe perguntava: todo o Gentilismo do mundo concorria a consultar o Oraculo, davaõ em papeis as perguntas, e no dia seguinte dava Alexandre as respostas escritas em nome da serpente, com taes obscuridades, e duvidas, que sempre pareciaõ verdadeiras, como as da India nas Bagátas. Rutiliano,

ho-

homem principal de Roma, consultou este celebre Oraculo, perguntando que Mestres havia de dar a hum filho pequeno: respondeo que lhe désse por Mestres a Pythagoras, e Homero, ja mortos havia muitos annos: julgou o pay que isto queria dizer que se applicasse o menino á liçaõ dos livros de hum, e outro; porém o menino morreo antes de saber ler: recorreo logo o pay ao Oraculo, clamando que o tinha enganado; e respondeo Alexandre em nome da serpente, que o deos Esculapio fallara verdade, porque bem claro lhe dissera que havia morrer o menino, pois lhe aconselhara que lhe désse Mestres defuntos. Em fim, desta casta foraõ todos os Oraculos: e Cicero, sendo Gentio, diz que se calaraõ todos os Oraculos, depois que os homens deixáraõ de ser tontos. Entre os Romanos, Gregos, Persas, Egypcios, Hyperboreos, e Getas, numeraõ os Authores muitos Profetas; mas, vistos os vaticinios, todos foraõ embusteiros. Entre os hereges succede o mesmo; e ainda no seculo passado se publicáraõ tres, Christovaõ Koter na Silezia baixa, Nicoláo Dravicio na Moravia, e Christina Piniatovia, Freira apostata: em Inglaterra ha a seita dos Quakers, ou tremedores, que todos profetizaõ: em Holanda, e Alemanha ha muitos, que se inculcaõ Profetas. Assim he, (disse o Filosofo) e tudo isso trazem os Authores mais verdadeiros; porèm vós naõ podeis negar, que depois da vinda de Christo houve muitos Santos com espirito profetico. Creyo, e confesso (disse o Theologo) que tiveraõ esse espirito muitos Santos, de quem a Igreja faz mençaõ nas suas vidas; porém creyo, que a esses mesmos, que foraõ Profetas verdadeiros,

dadeiros ; lhes imputaõ muitas profecias falfa
dizendo , e publicando que faõ delles , os embuſt
ros , que as fabricaõ : taes faõ as profecias chan
das de S. Malachias , dos Papas , e Reys atê
fim do mundo : eſte Santo he certo que foy Pı
feta ; morreo no anno de 1148 , e as Profec
appareceraõ no anno 1595 , em que as imprin
Arnoldo Vvion : as dos Reys ainda apparecei
muito depois : S. Bernardo foy contemporaneo
S. Malachias, eſcreveo-lhe a vida largamente , e ı
falla em taes Profecias ; Arnoldo diz que lhas d
Frey Affonſo Chacaõ , eſte eſcreveo as vidas
Papas , e naõ falla em taes Profecias huma ſó pa
vra , ſendo eſta a Obra a quem ellas pertencia
o mais he , que tudo o que ha nellas atê o tem
em que appareceraõ , he claro , e dahi por dian
como o Author naõ ſabia o que havia ſucced
tudo he taõ eſcuro , que nada ſe póde accommo
aos Papas , que tem havido de entaõ atégora ; e
guns que forcejaõ por accommodar algumas , ou
das , dizem mil impropriedades ; e deſſe modo
accómodarey tudo , quanto vós quizeres profeti
por equivocos , a Deos , e á ventura : deſorte ,
ſe o tempo naõ ha de moſtrar clara a profecia ,
ha homem , nem mulher , que naõ poſſa ſer P
feta , dizendo diſparates eſcuros , e ſaya o que
hir , que alguem dirá : Iſto he o que o Profeta q
dizer. Lembra-me hum embuſte que uſou Pho
Patriarcha ſciſmatico de Conſtantinopla : vi
deſcahido da graça do Imperador Baſilio , e p
que elle o tornaſſe a admittir , eſcreveo hum qua
no com caracteres Alexandrinos , e nelle a gene
gia do Imperador , dizendo que deſcendia de

ridates Rey da Armenia, que tinha fallecido oitocentos annos antes de naſcer o Imperador Baſilio: pedio ao guarda-livros do Imperador, que metteſſe eſte quaderno na livraria, e que, paſſados dias, diſſeſſe que tinha achado hum livro profetico, que havia ſeculos fora compoſto, e por deſcuido eſtava detraz dos outros livros eſcondido. Aſſim o fez, e o Imperador deſejoſo de achar quem lhe interpretaſſe aquellas profecias, diſſe ao guarda-livros fizeſſe a diligencia; porèm elle reſpondeo-lhe, que ſó o Patriarcha Phocio era capaz diſſo, porque na verdade foy doutiſſimo; veyo em fim o Patriarcha, e como era o Author da arenga profetica, com ſumma facilidade explicou tudo, eſpecialmente a palavra *mais* eſcura que tinha o livro todo, a qual era o nome Beclas, que nunca houve em lingua alguma; eſte nome (diſſe o Patriarcha) quer dizer que eſtas fortunas, que expreſſaõ eſtas profecias, ſe haõ de ver em V. Mageſtade, na Imperatriz, e em ſeus filhos, porque o *B.* quer dizer Baſilio, o *E.* Eudoxia, o *C.* Conſtantino, o *L.* Leaõ, o *A.* Alexandre, o *S.* Stephano: Eudoxia era a Imperatriz, e os quatro eraõ os filhos que tinha vivos. Cahio o Imperador na corrióla de o crer, e logo com ſummo goſto o reſtituio ao valimento antigo. Eis-aqui, meu irmaõ, de que caſta ſaõ as profecias, que vos mettem medo, e a muitos, que naõ cuidaõ no preſente, e ſó deſejaõ ſaber o futuro. Mais galantes curioſidades cuidado tinha para vos contar neſta materia, porém a tarde eſtá acabada, eu as direy na outra Conferencia.

FIM
DA SETTIMA PARTE.

LISBOA: Com todas as licenças neceſſarias. 1758.

ACADEMIA DOS HUMILDES, E IGNORANTES.

CONFERENCIA VIII.

NO dia ſette de Mayo ſe repetio a Conferencia, e o Ermitaõ que tinha militado na Africa, deſejou perſuadir a ſua bondade ao Soldado, dizendo, que excedia a todas as tres aquella parte do mundo, e a todas merecia o mayor reſpeito pela ſituaçaõ, e independencia. He (diſſe elle) a mayor Peninſula do mundo, iſto he, quaſi Ilha, porque ſó deixa de ter mar no pequeno aſpaço, que medeya entre o mar Roxo, e o Mediterraneo, a qual porçaõ de terra quiz ja cortar o Graõ Turco, e niſſo fazia a todo o mundo o mayor beneficio, porque ſem perigos, nem trabalhos, em muito breve tempo iriaõ á India todos, caminhando o mar Mediterraneo, e ſahindo pelo mar Roxo ao Oceano Indico, e mar Arabico com inexplicavel conveniencia dos Principes, e negociantes de todas as quatro partes; porèm tomada a altura de hum mar; a reſpeito do outro, vio que era mayor o prejuizo, porque ſe lhe alagava o Egypto todo, e muitas outras Provincias utiliſſimas. Tem a Africa mil e ſeiſcentas

, ou
de largo
...r isso os seu
tem muita par
...os areaes, que fa
...do nelles os rayos do
...o calor: he abundante
...utros animaes ferozes; mas
...em que se descontaõ estes de-
...porque no Egypto que he dos Turcos des-
...anno de 1516., naõ chove, nem ha trovões,
...tempestades, o rio Nilo sahe das suas mar-
...gens em certo tempo, e alaga todas as terras, de
sorte, que sempre daõ fructos com a mayor abun-
dancia; e ainda que no rio se criaõ corcodrilos, e
outras savandijas, as suas agoas naõ só fecundaõ
todos os annos as terras, mas tambem as mulheres,
porque todas as que bebem della, ordinariamente
parem dous filhos de cada vez, todos os annos pa-
rem: tem a Barbarìa, que consta de seis Reinos;
tem o grande Reino de Tripole, o de Tunes mais
pequeno, porèm mais rico, e delicioso, e outros
deizoito Reinos, sim de gente preta, mas em
alguns bastantemente polída, e ja nada barbara,
com Leys, e rigorosa observancia dellas. Dizeis
bem, (respondeo o Soldado) porque eu estive
no Reino de Pate, quando fomos restaurar Bom-
baça, e o Rey negro andava pelas ruas descalço
com as alparcas na mão para naõ as molhar, por-
que chovia, e fazendo-lhe algumas pessoas quei-
xas pela rua, alli mesmo mandava por huns enfor-
car os outros, ou cortar-lhes a cabeça; o mayor
Imperio de negros he o do Changamira, e a ter-

ra

ta de mais ouro, e prata que tem o mundo; porèm o Imperador quando recebeo a primeira embaixada de Portugal, estava vendo cobrir de palha a sua casa, e os seus filhos com muito gosto a conduziaõ ás costas: a mayor parte desta canalha, tanto em huma Costa, como na outra, comem gente viva, e morta, desorte que as sepulturas dos mortos saõ os estomagos dos vivos; o dia de banquete, he quando algum morre: juntaõ-se os parentes, e conhecidos, e comem o defunto todo, seja de que qualidade for, tripas, e tudo, sem lhe lançar cousa alguma fóra, e naõ faltaõ testimunhas disto no nosso Reino, dos que acompanharaõ para Cabo Verde o Senhor D. Fr. Joaõ de Faro, que esteve prezo, e os mais, para serem comidos. Naõ falle em Africa, irmaõ, pelo amor de Deos, que tirados os primeiros Reinos, que nomeou, os quaes déraõ á Igreja Triunfante innumeraveis Santos de todas as Classes, o mais sem escrupulo se lhe póde chamar inferno no mundo. Diz muito bem, (replicou o Ermitaõ) pois a America, que v. m. tanto nos gava, naõ sey que seja melhor, senaõ em ser Catholica quasi toda, porque os primeiros, que por causa de hum naufragio a descobriraõ, foraõ comidos pelos naturaes Americanos, excepto hum, que por ser magro, o entregáraõ a hũa mulher, para o engordar, e elle depois achando na praya barrís de polvora, e arcabuzes, ajudado da mulher, ja concubina sua, se fez temido, e com ella fey para França no primeiro navio, que passados annos appareceo por aquella Costa. Os do Perù eraõ taõ barbaros, que julgavaõ que hum homem a caval-

legoas de comprimento, e [illegible] que eraõ
e quatrocentas, com [illegible] comiaõ ferro,
está quasi tod[illegible] [illegible]uros dos freyos,
habitado[illegible] [illegible]louras: ainda hoje
te sem [illegible] taõ barbaro, como o
instruct[illegible] domesticado, e polido,
Sol, [illegible] de Africa, se os Reys
de [illegible] povoraõ de Europeos a ma-
terr[illegible] tivessem feito o mesmo em
fe[illegible] disse o Soldado) v. m. em Maza-
[illegible] tinha visto tudo. America, que
[illegible] nosso Portugal, em mil e tantas le-
goas de comprimento, e em muitas partes naõ se
lhe sabe a largura, chama-se America de Ameri-
co de Vespuzio, Florentino, a quem o nosso Rey
D. Manoel mandou a este descobrimento: toda
esta grande parte do mundo tem mais de tres mil
legoas de comprimento, tudo povoado de gente
branca de todas as nações da Europa, por huma,
e outra Costa, e de naturaes domesticos, e paci-
ficos, naõ só os Catholicos, mas ainda os Gen-
tios; comprehende tres Zonas, e por isso tem dif-
ferentes climas, mas todos excellentes: porque as
terras da America, que estaõ na Zona torrida,
naõ experimentaõ os calores, que dentro da mes-
ma Zona, em Africa, faz inhabitaveis os paizes:
he a America a patria do ouro, prata, diamantes,
topazios, esmeraldas, e outras muitas pedras pre-
ciosas; gera o melhor açucar, e tabaco, que se
tem descoberto no mundo, e hoje está abundan-
tissima de todos os viveres, que haõ da Europa,
e só lhes falta vinho de uvas; naõ porque tenha
falta dellas, sim porque o mosto dellas feito, naõ
serve,

ferve, e ainda naõ fe defcobrio remedio para iffo. As terras, que nos pertencem nefte mundo novo, fabeis vós, as que pertencem ao Rey Catholico faõ muitas; as principaes Provincias, ou Reinos, faõ: Perù, Quito, aonde eftá a celebre ferra do Potofi, Tucuman, Chile, Patagoes, Mexico, Santa Fé, ou Mexico novo; eftes faõ os Reinos principaes, e taõ grandes, que Mexico tem de comprimento de Norte a Sul mais de feifcentas legoas. A Virginia he dos Inglezes, e a Carolina, e a nova Inglaterra, ha tambem nella a nova França, que he dos Francezes, a nova Holanda dos Holandezes, a nova Suecia dos Suecos; em fim, a Ilha, e terra nova do bacalhao, affim chamada, pela multidaõ inexplicavel defte peixe, que alli fe pefca fobre hum grande banco de arêa, que tem quatrocentas legoas de circuito, cem de comprimento, e cento e vinte de largura. Por iffo (diffe o Ermitaõ) he v. m. taõ devoto da America, porque de lá vem o bacalhão; e naõ confidera nos infinitos achaques, que ha, depois que na Europa fe ufa defte alimento, o mais indigefto, veja o que diz delle o Mirandela. Irmaõ, (diffe o Soldado) que feria da pobreza, fe o naõ houveffe! E grandes Medicos efcreveraõ, que o peixe fecco era o mais fadio; porèm o mais he, que, havendo-o na America; fó na Terra nova fe ufa frefco, e fecco, nas mais terras ha excellentiffimos peixes, ainda que em algumas he difficil a pefcaria, por fer brava a Cofta. As aves mais formofas que Deos creou no mundo, faõ as da America, cujas pennas faõ conduzidas a todas as partes para recreyo da vifta; confeffo que nos Ser-

tões

tões ha bichos venenosos; e horrendos; porèm tudo evita a industria dos homens, porque as onças fogem, e naõ investem, as cobras só offendidas fazem damno, e outras que ha nos caminhos, e apenas mordem, mataõ, evitaõ-se trazendo çapatos, e bem sabeis a abundancia de outros, que ha na America para fazê-los: as madeiras, ja sabeis que saõ as melhores do mundo, e a cada passo, cedros, angelins, vinhatòs, páos pretos, e évanos melhores do que os de Africa: as melhores laranjas, limas, limões, bananas, pecegos, e outras fructas da Europa, e Asia. Os naturaes a mayor parte naõ tem ley: mas naõ comem gente, nem envestem os Europeos, só os de Arouco, Tucapel, e Turen adoraõ o diabo, e he necessario no Reino de Chile ter guerra com elles. Outros saõ idolatras, e governados por Capitães seus, que elegem; em fim, os Inchas do Perù, e os Reys de Mexico, tinhaõ tal governo, quando lá foraõ os Hespanhoes, que pasmaraõ de ver leys taõ ajustadas, e com tal observancia nos Principes, e vassallos; porèm os naturaes, que vivem nos Sertões, que pertencem a Portugal todos saõ Gentios mansos. Nestes vastissimos matos achou o Veneravel P. Jozé de Anchieta, da Companhia de Jesus, hum velho, que havia seculos o estava esperando para o baptizar, porque sempre viveo na ley natural, e apenas o baptizou, morreo; advertindo, que o Padre inspirado por Deos o foy buscar, e elle, sem nunca o ter visto, o saudou pelo seu nome, e lhe disse quantos annos havia que esperava por elle. Eu com doze companheiros, e quinze pretos, fomos descobrir minas, levando

por

por guias dous naturaes efcravos meus, depois de incriveis trabalhos em cortar matos, fubir, e defcer altiffimas ferras, e paffar rios; pelo fumos bufcámos hũa povoaçaõ, que teria duzentas peffoas crefcidas, e muitas mais pequenas, mandámos-lhes dizer que nos mandaffem cincoenta cabeças, fob pena de morrerem todos; mas nem entenderaõ a lingua, nem fe puzeraõ em defeza, fubiraõ homens, e mulheres pelas arvores altiffimas, que tinhaõ dentro da eftacada em que viviaõ (que teria meya legoa de circuito) com tanta velocidade como os macacos; e o mais he, que com elles fubiraõ innumeraveis macacos muito grandes, naõ deixáraõ criança alguma, e o que achámos na povoaçaõ foy mel, e fructas do mato, muitas aves feccas ao fumo com pennas, nenhum final de cofinha, mais que aonde eftava a carne, e fó ifto tinha feitio de cafa, o mais eraõ montes de pennas aos pés das arvores, onde creyo dormiaõ; todos nùs fe foraõ paffando de arvores para arvores, dando pulos, e gritando como macacos, e com elles: muitos affentáraõ no Brazil que feriaõ monftros gerados de Caboclas, e macacos, porque effe pouco que vimos delles, era feyo cabelludo, e o mais foy a ligeireza no fubir. Bafta, diffe o Theologo, juntemo-nos á manhaã para fe ouvir Hiftoria Sagrada que ja bafta por hora defta.

F I M
DA OITAVA PARTE

Anno de 1759.
Com todas as licenças neceffarias.

ACADEMIA
DOS
HUMILDES,
E
IGNORANTES.

CONFERENCIA IX.

NO dia oito de Mayo continuáraõ a Conferencia, a que deo principio o Ermitaõ dizendo, que nas Conferencias passadas se tinhaõ dito algumas cousas, que elle, e os outros humildes, e ignorantes para cuja instrucçaõ era esta Academia, naõ as entenderaõ bem. A isto respondeo o Filosofo: Tendes razaõ, e eu explicarey tudo, por modo taõ claro, e humilde, que o perceba todo o ignorante, que he a nossa gente. Este grande Globo do Ceo, que por todas as partes cerca o Globo do mundo, bem assim como huma bóla maciça mettida dentro de outra bóla oca muito mayor, chama-se Globo celeste, e nelle pôs Deos o Sol, a Lua, e as Estrellas; consta de muitos Ceos, e naõ vos digo quantos saõ, porque está isto em dúvida, huns dizem que saõ sete, outros que saõ tres, em fim a verdade he que só Deos, e os Bemaventurados sabem quantos saõ: sobre o mais alto está o Ceo Empyreo, Palacio de Deos, e dos Anjos, e de todos os que se salvaõ; este Ceo naõ

he bóla oca, como os outros, mas sim direito; e tudo o que vos disserem da sua grandeza, e preciozidade, assentai que he mentira, porque certamente he couza mayor, e diz o Apostolo S. Paulo, que nem os olhos viraõ, nem os ouvidos ouviraõ, o que Deos nesse Ceo nos tem preparado: nestes Ceos pois, aonde estaõ o Sol, Lua, e Estrellas, suppoem os homens varios circulos, e os mesmos suppoem no Globo do mundo; e ainda que na realidade naõ ha tres riscos, nem linhas, nem circulos, ha certamente tudo aquillo para o que os suppoem; no meyo do Globo imaginaõ hum circulo á roda de todos estes Globos terraqueo, e celeste, e a este circulo chamaõ linha equinocial, porque quando o Sol anda por este circulo, saõ as noites iguaes aos dias, e isto succede duas vezes no anno, a primeira a vinte de Março, e chama-se equinocio do Veraõ, porque dahi por diante começa este aprazivel tempo; a segunda a vinte e tres de Setembro, e chama-se equinocio do Outono, porque nelle começa: desde este circulo até os Pólos do mundo, que saõ as cabeças desta grande bóla, contaõ noventa gráos, cada gráo de dezoito legoas; eu me explico melhor: as bólas de jogar tem no meyo hum risco, e em cada cabeça, hum buraquinho, e assim vem todas do torno; pois esse risco, que tem á roda no meyo, he a linha equinocial, e os dous buraquinhos saõ os dous Pólos, hum do Norte, outro do Sul, ora supponde agora que toda esta bóla estava cheya de riscos, ou linhas pintadas desde o buraquinho, que pertence, e reprezenta o Sul, ate o outro buraquinho, que repre-

enta o Pólo do Norte por todas as bandas, cada risca destas, desde o meyo da bóla até o quinho, tem noventa gráos, isto he, distancia imaginadas, cada distancia de dezoito le- s, e contando huma linha, ou risco destes á de toda a bóla, saõ trezentos e sessenta gráos ezoito legoas cada huma, que he toda a re- leza do mundo: agora desde este circulo ide do meyo da bóla, que tem os mesmos entos e sessenta gráos todo em roda, contay e tres gráos, ou distancias certas para a par- cabeça da bóla, que he o Norte, e outros e tres gráos e meyo desde o mesmo circulo ide para a parte, e cabeça da bóla, que he l, e supponde que aonde acabaõ estes vinte s gráos e meyo, de cada parte, tem a bóla ogar outro risco fundo, que a cerca toda, co- o do meyo; a estes dous circulos chamaõ picos, ao da parte do Norte chamaõ Tropico ancro, e Tropico Artico, e ao da parte do chamaõ Tropico de Capricornio, e Tropi- ntartico. Ora notay: o Sol anda sempre á do mundo, porèm faz o seu giro por mo- as roscas do fuzo de lagar, desorte que, naõ nte o andar sempre á roda, ao mesmo tempo re caminha cada dia tantos gráos mais para banda, ou para a outra; desde vinte de o, caminha para a parte do Norte, aonde stamos, até vinte e hum de Junho, e entaõ a ao tal circulo chamado Tropico de Can- e Tropico Artico, e dahi naõ passa para e; por isso dizem-nesse dia he o Solsticio do ó, que quer dizer parada do Sol; logo tor-

na á càminhar, e desanda o caminho até o circ
mayor, chamado linha equinocial, ou Equac
por ser o circulo, que parte a bóla em duas pa
iguaes, e chega alli a vinte e tres de Setemb
caminha logo para a parte do Sul, e a vin
hum de Dezembro chega ao outro circulo
bóla dessa parte, chamado Tropico de Capri
nio, e Tropico Antartico, dahi para diante
passa, e he o Solsticio do Inverno, que que
zer paráda do Sol no Inverno; logo torna a
andar pelo mesmo caminho, e chega á linha e
nocial em Março, e assim anda sempre: todo
grande espaço da bóla, que vedes entre estes c
circulos Artico, e Antartico, chama-se Zona
rida, que quer dizer cinta, ou facha, que
de, e se queima; porque como o Sol passa
vezes no anno por cima desta terra, que p
mos chamar cinta, que cerca, e cinge o l
da bóla, he o seu calor taõ activo, porque
os rayos do Sol direito á terra, que Santo A
stinho, como Filosofo, julgou que ninguem
dia aqui viver, porque o calor do Sol o havia
tar; e assim havia de ser, se Deos naõ désse n
terras tantas chuvas, e ventos frescos, quan
Sol lhes passa por cima, prodigio, de que o S
naõ teve noticia. Ja sabeis o que he Zona tor
e que he só huma, que consta de quarenta e
gráos de dezoito legoas cada gráo, porque saõ
te e tres e meyo para cada banda; agora para s
res o que he Zona temperada, e Zona frigida o
para a mesma bóla de jogar, e desde o circulo
lhe fizeste, e que chamamos Tropico Artico,
tay mais quarenta e tres distancias e meya
gr

gráos de dezoito legoas cada huma para a cabeça da bóla; este campo he a Zona temperada do Norte: fazey o mesmo da parte do Antartico, e esse campo he a Zona temperado do Sul, que começa em vinte e tres gráos e meyo, que he o Tropico, e acaba em sessenta e seis gráos e meyo; neste ponto supponde vós que ha na bóla outro circulo, que a cinge toda, e cerca, este chamaõ circulo Polar, e aqui começa a Zona frigida do Norte, a qual chega até o buraquinho da cabeça da bóla, que he o Pólo do mundo: agora fazey a mesma imaginaçaõ na outra ametade da bóla, e achareis, ha huma Zona torrida, duas temperadas, e duas frias; a torrida consta de quarenta e sete gráos, cada Zona temperada tem quarenta e tres gráos, e cada frigida tem vinte e tres e meyo; eu me explico ainda mais claro com hum exemplo bem rustico: tomay huma melancia redonda, cortay-lhe as duas cabeceiras como se costuma, ex-ahi tiraste á bola do mundo as duas Zonas frias; cortay mais adiante de cada parte huma talhada grossa redonda, ex-ahi tiraste á bola do mundo as duas Zonas, temperadas; fica-vos na maõ o meyo da melancia, essa he a Zona torrida, fazei-lhe no meyo hum circulo, he a linha equinocial; déste o primeiro corte nos circulos polares, o segundo nos Tropicos: agora para saberes que cousa he clima, adverti, que os que vivem debaixo do Equador, tem sempre os dias, e as noites iguaes, doze horas de dia, e doze de noite; porém todas as terras, desde o Equador até o Pólo, tem os dias, e noites desiguaes, excepto nos equinocios, que ja vos expliquei, e tambem tem

hum

hum dia mayor que todos; e outro mais peq
no que todos, de forte, que aonde o dia ma
tiver doze horas e meya, he o primeiro cli
aonde tiver doze horas, he o fegundo clima
quantas mais meyas horas tiver o dia mayor,
bre as doze horas, que tem de dia fempre tod
anno, os que vivem debaixo do Equador, tan
climas haveis contar; ponho exemplo: o n ffo
mayor em Portugal he a 21 de Junho no Solfti
do Veraõ, e tem nefte dia quatorze horas, ag
tiray nefta quatorze horas, as doze horas,
tem de dia, os que vivem no meyo do mundo
baixo do Equador, ficaõ duas horas, eftas d
horas tem quatro meyas horas; pois eftá o no
Reyno no quarto clima, porque tem quatro me
horas demais no feu dia mayor, e fe tiveffe d
horas e meya, eftaria no quinto clima, por
tinha cinco meyas horas demais no dia mayor;
fta forte ha vinte e quatro climas em cada am
de defta grande bóla do muudo, e por todos
zem quarenta e oito climas; porém adverti, qu
fer bom o clima, ou fer máo, naõ depende
difto, mas fim dos vapores das terras, e dos
taes, e mineraes, que tem nas fuas entranhas
haver muitas, ou poucas agoas, e de outras c
fas, que fó Deos fabe, e por iffo vemos as te
do mefmo clima ferem humas de bons fruct
agoas, e ares, e dahi a tres, ou feis legoas, d
tro do mefmo clima, ferem ardentes, calmofas
infructiferas; logo outras frias, e logo outras
ftemperadas, humas doentias, e outras, aonde fe
za boa faude, coufa que fó Deos fabe como p
fer, eftando ellas todas no mefmo clima, e

P

o humas das outras, e ainda estando longe era
esmo encanto; porque os climas tambem saõ
as, e fachas imaginadas, que cingem, e cercaõ
bóla notavel do mundo: adverti de passo,
as legoas de Hespanha saõ de tres mil e qua-
entos passos cada huma, as de Alemanha saõ
uatro mil, as Francezas de dous mil e quinhen-
a grande legoa Franceza de tres mil, a Sueca,
guizara de cinco mil, a de Ungria de seis mil,
Polonia de tres mil e trezentos, a de Inglater-
e mil duzentos e cincoenta, a de Escocia de
e quinhentos, a milha Italiana tem mil passos,
legoa Italiana tem tres mil. A' manhãa vos ex-
arei o mais de que tendes necessidade, para
eberes as curiozidades, e grandezas do Mun-
e podermos passar á Historia mais divertida
e.

FIM

DA NONA PARTE.

LISBOA:

Anno de 1758.

Com todas as licenças necess.

ACADEMIA DOS HUMILDES, E IGNORANTES.

CONFERENCIA X.

A Multidaõ de Romeiros neste delicioso sitio faz com que todos os dias haja Conferencia, e no dia nove de Mayo, juntos todos, continuou o Filosofo a instrucçaõ, dizendo: Já sabeis o que saõ Zonas, Tropicos, Climas, e legoas, agora sabey, que Continente quer dizer terra firme, como he o nosso Reino, Castella, França, e toda a Europa: Ilha, he toda aquella terra, que por todas as partes está cercada de mar, ou de agoa doce; Peninsula, he aquella terra, que está cercada de mar, ou rio de agoa doce; porèm naõ está toda cercada, e tem huma pequena parte, que pega com a terra firme: ha innumeraveis destas, e assim como assentaõ, que a America he a mayor Ilha, a Africa he a mayor Peninsula; porque a America está toda rodeada de mar, e a Africa tambem; mas tem huma pequena parte entre o mar Mediterraneo, e o mar Roxo, que dizem terá cincoenta legoas de largura, e por este grande pedaço de terra pega com a terra firme de Asia,

K e por

e por isso he Peninsula, e a mayor Penin
que quer dizer quasi Ilha: ou cousa que por
co naõ he Ilha; Istmo, he aquelle pedaço d
ra, pelo qual as Peninsulas se unem á terra
como he este, que agora dissemos, que p
Africa com a Asia: Cachopo, he huma c
de pedra fóra da agoa, como he o Farelh
as Berlengas defronte de Peniche, que for
beças de montes de varias Cidades, que alli
ve, e se submergiraõ com terremotos,
habitavaõ os Judeos-feiticeiros, e fingidos
tentes, chamados Druidas, como refere o I
rendissimo Padre Purificaçaõ na sua Chro
outros cachopos ha debaixo da agoa, com
os da barra de Lisbôa, e a estes no mar largo
maõ os navegantes baixos: Bancos, saõ
areaes cobertos de mar, e tambem os ha nos
Promontorio, he huma grande parte de t
que entra pelo mar dentro, mais do que a o
e tambem lhe chamaõ Cabo, tal he o de S
cente no Algarve, que entra pelo mar dentr
ma legoa: Mar, he aquelle, que lançand
hum prumo de chumbo, naõ se lhe acha fu
Oceano, saõ muitos mares de diversas te
que as cercaõ, e banhaõ todas: Pelago, h
parte de mar sem Ilhas, nem bancos: Arc
lago, he huma porçaõ grande de mar com
tas Ilhas: Ponto, he o mesmo que mar Me
raneo, e quer dizer hum mar, porque naõ
fundo, e cercado de terras por todas as pa
só com huma pequena entrada, ou sem entr
nem sahida: Golfo, he hum braço de Oce
que entra muito pela terra dentro, e tam

chamaõ a isto Bahia: Porto, he golfo, pequeno, como o de Lisbóa, aonde estaõ surtas, e anchoradas as náos: Barra, ja sabeis que he a boca por onde se entra em qualquer porto: Euripos, chamaõ a huns fervedouros, que ha em diversos mares, nos quaes as agoas fazem hum terrivel movimento para cima, e lançaõ para fóra tudo, o que lá chega: Remoinhos, saõ huns fervedouros, que ha em alguns mares, os quaes sorvem, e tragaõ tudo o que lá vay, ainda que sejaõ as mayores embarcações, nunca mais tornaõ a apparecer: Lagôa, he hum tanque grande de agoa salgada, ou doce: Lago, he o mesmo; porèm mais pequeno, e naõ se ha de seccar nunca, porque entaõ he charco, e naõ lago, nem lagôa.

Tudo isto, e o mais da Conferencia passada (disse o Ermitaõ) li eu no Afferden Atlas abbreviado, e saõ cousas certas. Mas ja que fallamos em feiticeiros, diga o Senhor Theologo, que gente he esta. He certo (disse o Theologo) que houve, e ha feiticeiros, e saõ homens, e mulheres, que daõ a sua alma ao diabo, e disso lhe fazem hum escrito com o seu sangue, arrenegaõ de Deos, e de MARIA Santissima, e de todos os Mysterios da nossa Santa Fé, e Ley, e adoraõ, e reconhecem ao diabo por seu Deos, e senhor, e este se obriga a fazê-los ricos, ditosos, e venerados: porèm nada do que lhes promette faz, nem póde fazer, e só os afflige, e mortifica sempre, obrigando-os a desenterrar defuntos, e comer-lhes os miolos, e as entranhas, e da gordura fazer unguento, com o qual se untaõ, e se ajuntaõ todos, homens, e mulheres, em sitio determi-

nado,

nado , aonde o diabo apparece em figura hc
rendiſſima , ordinariamente de bode negro , c e
ceſſivamente grande , e todos lhe vaõ beijar a pa
te mais immunda do corpo : depois fazem-lhe ſ
crificios com veſtimentas negras , e luzes de e
xofre , balhaõ ao ſom de inſtrumentos horrivei
comem todos diverſos guizados feitos de cadav
res , e bichos , e depois tem actos deshoneſti
com os demonios ; para o que he neceſſario adve
tir , que cada feiticeiro tem hum diabo , que lh
ſerve de mulher , e cada feiticeira hum diado , qu
lhe ſerve de marido ; e como o diabo he eſpirit
e naõ tem corpo , vale-ſe para iſto dos cadaver
de Gentios , e Mouros , e de páos , e pedras ,
do meſmo ar , deſorte que os taes corpos , e to
dos os ſeus membros ſaõ frios , e as vozes par
cem de trombetas , e por altiſſima providencia d
Deos naõ conſente o diabo que feiticeiro toqu
em feiticeira : he o diabo taõ aſtuto , que neſte
ajuntamentos lhes moſtra figuras das peſſoas ma
yores em dignidades Eccleſiaſticas , e Seculares
que cada hum conhece , para que os miſeravei
entendaõ que todo o mundo adora , e conhec
por ſeu ſenhor , e que pouco lhes deve a elles en
lhe fazerem eſſe obſequio ; e aſſim ficaõ innume
raveis peſſoas tidas , e havidas por feiticeiras n
opiniaõ deſtes miſeraveis , ſendo tudo falſo , tu
do illuſaõ , e fingimento do diabo , o qual diz á
feiticeiras , que bebendo o ſangue de meninos
haõ de tornar-ſe em moças , e muito formoſas
e com effeito ellas os mataõ , e lhes bebem o ſan
gue , e cada vez lhe parece que he mais formoſa
e moça ; e ellas cada vez , e mais elles , ſaõ mai

negros

negros ; tisnados ; e fedorentos ; como vemos nos que sahem nos Actos publicos da Fé. Eu sou (disse o Soldado) testimunha disso, porque na India acabaraõ-se os Judeos, e tudo o que sahe nos Actos da Fé, que ás vezes se fazem duas vezes cada anno, saõ feiticeiros, e feiticeiras verdadeiros, e mais parecem demonios, do que homens, e mulheres; ordinariamente cahem nesta miseria para se vingarem de quem lhes fez mal, ou para que alguem lhes queira bem; e he rara a vez, que algum feiticeiro, ou feiticeira consegue isto, que pertende; porque Deos, como Pay de misericordia; impede as forças do demonio, que a naõ ser este prodigio contínuo, força tem qualquer demonio para matar a todos, e despedaçar o mundo; e elles saõ taõ cegos, que vendo, e ouvindo dizer aos demonios que naõ pódem fazer mal áquelle homem, ou mulher, porque traz Reliquias de Santos, ou porque traz a melhor Reliquia, que he andar em graça de Deos, ou porque Deos lhe impede: ainda assim, naõ se desenganaõ; nem se arrependem, nem confessaõ que he o remedio para sahir desta vilissima escravidaõ do demonio. Tendes fallado (disse o Theologo) como se tivesses estudado pelo Delrio, e Brognolo, aonde eu vi o que disse, e vós acabais de dizer: porèm adverti, que naõ obstante haver tantos feiticeiros, muitos mais sem comparaçaõ saõ os embusteiros, que se inculcaõ por feiticeiros para fazerem curas com benções, vingar de aggravos, e attrahir corações, para que pedem dinheiros, roupas, prata, e tudo o que necessitaõ, e depois dizem que naõ

po-

podéraõ obrar ; porque tinha o ſujeito hũ
no ceo da boca, ou nospeitos , feita de
los : deſtes eſtaõ as hiſtorias cheyas. Hum
ro, chamado Abdalá, foy tido pelo mayo
ceiro do mundo , e que por feitiçaria podi
cer todos os Exercitos : com effeito levan
contra o Rey de Marrocos, o qual mando
tra elle hum General, e Soldados ; os q
prenderaõ, e mataraõ logo, naõ obſtant
fortificado em hum monte alto, e ter lança
caminho varios feitiços feitos de carneiros
tos, com os pés cortados, e mettidos pelos
para alli cahirem mortos os Soldados, p
nenhum morreo, e elle foy morto. Hum
Aaraõ, Grego foy tido por inſigne feiticei
que ninguem o podia matar ; porèm o Impe
Manoel Comeno lhe tirou os olhos, e An
co lhe cortou a lingua. O Imperador Ner
muito applicado á feitiçaria, porèm depoi
xou-ſe diſſo, porque conheceo que para nada
lhe ſervia. Outro Imperador buſcou feiti
por todo o Imperio para o curarem de hum
fermidade, e achou que todos eraõ embuſt
porque nenhum o curou : os mais nomeado
os da Noruega, que vendem os ventos aos
gantes, e já ſe ſoube o embuſte ; ſabem os v
certos, que ha em varios ſitios daquellas c
das quaes tem grande experiencia, e aſſim
dem o vento de tantos dias, em tal mez :
ſe conta de hum feiticeiro, que comeo a o
e o lançou pelo lugar mais immundo do co
outro, que andava a cavallo em hum oſſo e
tado ; e outro em huma ſetta de ouro ; e ou

que levava pelos ares huma donzella furtada; tudo saõ mentiras, e a nada do que disso leres, ou ouvires, deis credito. Hum camarada meu (disse o Soldado) massou o corpo ao mayor feiticeiro que diziaõ havia na India; todos julgavaõ que o feiticeiro o matasse; porèm elle nunca teve melhor saude, e o feiticeiro tremia delle, e era feiticeiro na verdade, porque assim o confessou no Santo Officio. Juntemo-nos á manhaã (disse o Theologo) para continuarmos a Historia Sagrada da quarta Conferencia.

FIM
DA DECIMA PARTE.

LISBOA:
Anno de 1759.
Com todas as licenças necessarias.

ACADEMIA
DOS
HUMILDES,
E
IGNORANTES:
CONFERENCIA XI.

NO dia quarto de Agoſto ſe juntáraõ os Academicos, e como agora he mais que nunca o concurſo dos Romeiros, diſſe hum dos mais curioſos, que tinha lido huma Relaçaõ primoroſa, da doença, morte, e enterro do Santiſſimo Padre Benedicto XIV., e que agora lhe conſtava fora eleito em ſeu lugar o Santiſſimo Padre Clemente XIII noſſo Senhor, que deſejava ſaber como ſe fazia eſta eleiçaõ; ao que reſpondeo o Ermitaõ: Direy o que vi em Roma, quando foy eleito o Santiſſimo Padre Benedicto XIII. Antes de entrarem no Conclave os Eminentiſſimos Cardeaes, ſeguraõ o ſeu fato com guardas, ou nos Conventos; porque o povo Romano neſtas occaſioens he muito livre, e coſtumava ſaquear a caſa do Cardeal, que ſahe eleito Papa. Recolhidos ao Conclave, e fechadas todas as janellas, e portas, por onde póde haver communicaçaõ; fica ſó a porta principal, de que he Porteiro hum Principe, e hum poſtigo para o

Sacro Collegio ouvir alguma embaixada, con
foy a do Rey Catholico na eleiçaõ de S. Pio V.
costume antigo era naõ entrar cousa alguma pa
dentro, sem que o Principe Porteiro mór a v
se, e esquadrinhasse; e o vinho, e agoa, hia e
vasos de vidro, para se ver que naõ levava dent
escrito, nem carta, para o que até o paõ se abri
e se dentro em quinze dias naõ elegiaõ Pap
só entrava no Conclave paõ, e agoa; hoje ain
o Porteiro vê tudo o que entra, e sahe: tod
os dias cantaõ Missa do Espirito Santo na Cap
la do Conclave, e acabada ella cantaõ o Hymn
e logo o Cardeal Celebrante com os dous mai
Diacono, e Subdiacono com mitras, se sen
junto a huma banca, e sobre ella se poem o C
liz, com que se celebrou a Missa com a Paten
em cima, e procedem a eleiçaõ: cada hum e
creve em hum papel o nome do Cardeal que ele
para Summo Pontifice, e posta obrêa, e Sell
o vem lançar no Caliz, o qual descobre o Diac
no; feito isto chama o Celebrante dous Cardea
para esquadrinhadores, sentaõ-se junto á Mez
descobre o Diacono o Caliz, e apara a Paten
na qual o Celebrante lança os papeis, e os
abrindo, e mostrando aos quatro, e logo os e
quadrinhadores vaõ escrevendo os nomes; e co
tando os votos, senaõ chegaõ á conta, queimaõ
se os papeis, e diz o Celebrante que naõ ha ele
çaõ: de tarde se faz outro escrutinio com as me
mas ceremonias, até que numerando-se os votos
se acha que, repartidos os Cardeaes em tres pa
tes, duas partes votaõ em hum sujeito: sendo a
sim, diz o Celebrante: *Temos Pontifice, o Emi*

nentissim

ventissimo Senhor Fulano està Canonicamente eleito; e os quatro confirmaõ o dito, dizendo: *Assim he*; levantaõ-se tres Cardeaes, cabeças das tres Ordens de Presbyteros, Diaconos, e Subdiaconos, e vaõ buscar (á sua Cadeira, ou ao cubiculo, se sahio depois de votar, como S. Pio V.) ao eleito, e lhe pedem, que acceite o Summo Pontificado, e elle responde: *Acceito*: entretanto os Mestres de Ceremonias queimaõ os papeis, e preparaõ os vestidos Papaes; escolhe o Papa o nome, e logo no meyo de dous Cardeaes, Diaconos o levaõ ao canto do Altar da parte da Epistola, e alli lhe despem os vestidos de Cardeal, e lhe vestem os de Papa, isto he, loba de seda branca, roquete, murça branca, camauro branco na cabeça, estola branca bordada, cinto encarnado, meyas, e çapatos brancos, e no do pé direito huma Cruz de ouro: se a eleiçaõ he feita no oitavario do Espirito Santo, lhe vestem murça, camauro, e çapatos encarnados, e o mesmo fazem se he dia de Apostolo; porque o habito do Papa he sempre branco em tudo: e só nestes dias, e outros, que expõem o Ceremonial, he que usa de encarnado nas cousas sobreditas, mas nunca na loba, porque he figura do Esposo, de quem diz a Esposa, que he branco, e vermelho. Vestido assim, o sentaõ no Altar da parte do Evangelho, e logo o Cardeal Camerlengo lhe mette no dedo o annel do Pescador, e todos os Cardeaes o adoraõ beijando-lhe o pé, e a maõ, e elle os beija nas faces: acabada a adoraçaõ, vay hum Cardeal, e diante delle hum Mestre de Ceremonias com a Cruz ao balcaõ da bençaõ da porta de S. Pedro, aonde

 està

està todo o povo, e rompendo hum pajem
rede, que se faz nesta janella para encerram
do Conclave, mostra a Cruz ao povo o que
va: e o Cardeal diz em voz alta: *Annuncio-vos*
grande gosto, o Eminentissimo Reverendissimo Senh
lano foy eleito em Summo Pontifice, e escolheo tal
Recolhe-se Sua Santidade com os Cardeaes,
quanto se abre o Conclave: o que feito,
capa de asperges, e mitra preciosa, e vem
pella receber a segunda adoraçaõ sentado sol
Altar com a Cruz diante; dalli o conduzem
ella á Igreja de S. Pedro em hum andor, em
vay sentado em huma cadeira: no caminh
Igreja pára tres vezes o acompanhamento, e
Mestre de Ceremonias com huma véla acce
chega a outro Mestre, que leva huma cana
estopa em cima, e lhe dá fogo, e o tal, que
cana na maõ, virado para o Papa, lhe diz em
alta: *Beatissimo Padre, assim passa a gloria deste m*
a que o Papa naõ responde cousa alguma, e
dinario he chorarem cada vez que se lhe faz
ceremonia, como eu vi ao Santissimo Padre B
dicto XIII chorar innumeraveis lagrimas, só
V respondeo: *A minha gloria naõ ha de passar; p*
a minha tençaõ he administrar justiça; e cumprio
lavra. Chegando á Capella mór, o descem do
dor, e sentado no Altar o adoraõ terceira vez
acabada a adoraçaõ desce do Altar, e lança a
çaõ a todos. Se o novo Papa he Bispo, e que
zer no mesmo dia todas as funcoens, sendo
to de manhãa naõ lança a bençaõ; mas acaba
Te Deum Laudamus, que se canta em quanto d
adoraçaõ, e ditas a Oraçoens pelo Cardeal D

no, conduzem os Cardeaes o Papa á Capella subterranea, onde estaõ as cabeças de S. Pedro, e S. Paulo, e alli entoaõ humas especiaes Ladainhas, e Oraçoens, e depois de orar, e beijar as reliquias dos Santos Apostolos, lhe pöem na cabeça a Tiara, por outro nome: *Reino*: sóbe á Capella mór desta fórte, tiraõ-lhe a Tiara, toma a Mitra, e dá a bençaõ, e está coroado: outros daõ a bençaõ no Altar da Confissaõ, aonde o Papa celebra sobre o Confessorio, ou Sepulchro de S. Pedro, e S. Paulo: em fim estas ceremonias no essencial sempre saõ as mesmas, porém nos accidentes varêaõ conforme ás horas, a que se faz a eleiçaõ, e pressa, que o novo Papa tem em se coroar: dada a bençaõ, se despe o Papa no Solio, e em cadeira de mãos fechada se recolhe ao Vaticano: recolhem-se os Cardeaes, e fazendo-se tudo no mesmo dia, se avizaõ os Conegos de S. Joaõ de Latraõ, Sé do Papa, e se daõ as Ordens para a Cavalgata. A's horas competentes vem todos os Cardeaes, Prelados, Senado Romano, Principes, Justiças, Militares, e povo ao Vaticano, desce o Papa com capa de asperges, e Tiara em cadeira, ou apé como Benedicto XIII, e outros, monta a cavallo, subindo por huma escada de taboas douradas, entra debaixo do pallio, toma a redêa do cavallo o mayor Principe, que se acha em Roma, montaõ todos os Cardeaes, Bispos, Prelados, Principes, Senadores, e Familias de todos estes, Soldados &c., e caminhaõ para S. Joaõ de Latraõ, Sé dos Papas, pelo caminho, que atravessa o Castello de Santo Angelo: tanto que entraõ a porta do Castello pára todo o acompanhamento, e o Papa, e lo-

go

go se chegaõ a elle todos os Judeos do Gueto de Roma, e o seu Sacerdote lhe dá o parabem em nome de todos; e lhe pede seja servido approvar o uso da Ley de Moysés, para o que lhe apresenta os livros do Testamento Velho. Ouve o Papa a supplica, e responde, que elle venera a santissima Ley de Deos; porém que totalmente reprova a falsa interpretaçaõ dos Judeos: ditas estas palavras continuaõ o caminho. Algum dia faziaõ os Judeos esta ceremonia fóra do Castello; porém, como acabada ella, os rapazes os apedrejávaõ irremediavelmente, alcançaraõ privilegio para a fazerem dentro do Castello, aonde os defendem os Soldados, ainda que pagaõ, e padecem pouco para o seu merecimento.

Chegados ás portas de S. Joaõ de Latraõ, se apeaõ todos, e o Papa, o qual se senta em huma cadeira de pedra, que está junto á porta, chamada Cadeira Estercoraria por causa da Antiphona, que entaõ lhe cantaõ, que diz: *Levanta Deos o pobre do esterco* &c., e nella fica quasi deitado: nos braços o levantaõ os Cardeaes, e logo abrem o porta os Conegos Lateranenses, perguntando o Deaõ quem está alli, e respondendo-lhe o Papa, que he o Bispo Lateranense, e dizendo todos: *Conhecemos-te*, se canta o *Te Deum* &c., e ditas as Oraçoens, despe o Pontifical, e se recolhe em carroça, e todos em carroças o acompanhaõ. Advirtaõ porém Vossas mercês que o Papa nunca dá bençaõ com Tiara, nem usa della em Officios Divinos, mas sim com Mitra, a qual se lhe põem, tanto que chega ao Altar mór. Recolhido ao Vaticano, ficaõ os Cardeaes para a Cea da Coroaçaõ, que dá o Papa nessa noite em hu-

hum grande sala, em que elle come com Tiara; capa de asperges, estola, debaixo de docel em throno de tres degráos, sobre outro mayor por modo de Presbyterio, e os Cardeaes todos no plano; se em Roma está algum Rey, a elle pertence o ser Guarda mór do Conclave; na segunda adoraçaõ depois de patente a porta, ser o segundo que adora o Papa depois do primeiro Cardeal Bispo, e levar o Papa de redea na Cavalgata, e cear no primeiro lugar depois do primeiro Cardeal Bispo: e se está Imperador lhe pertencem as mesmas honras; porém na cea tem no tal Presbyterio meza separada sobre hum estrado, precedendo a todos os Cardeaes por ser Diacono Defensor da Igreja, e Conego de S. Pedro. Acabada a cea, se recolhem todos, e ordinariamente o Papa acompanhado até o quarto, em que se despe, em habito commum, nessa noite vay para o Quirinal sem mais acompanhamento, que os seus familiares, e lacayos com tochas accesas. Se o novo Papa naõ he Bispo, dá mais trabalho; porque entaõ dada a bençaõ depois da terceira adoraçaõ em S. Pedro, se recolhe, e no dia seguinte na sua Capella lhe dá o Bispo de Ostia todas as Ordens, que lhe faltaõ, e o Sagra Bispo; advertindo, que tudo isto se faz por differente modo: porque o novo Papa, ainda que só tenha Prima tonsura, está sentado em hum throno debaixo de docel com capa de asperges com as abas lançadas sobre os hombros, e Mitra na cabeça, e quando he tempo de lhe dar o poder de qualquer Ordem, vem o Bispo de Ostia com a materia da Ordem nas mãos buscá-lo ao throno, e em pé diz a fórma; e elle sentado toca a materia, e recebe o poder, e só tira a Mi-

a Mitra para a Sagraçaõ da cabeça na Ordem I
cospal, e desde a Consagraçaõ da Missa do I
de Ostia, até a Communhaõ, e dá todas as
çoens, depois se faz o mais que já dissemos. T
bem se elege o Papa por acclamaçaõ, dizend
dos: que querem tal Cardeal para Papa; ou
compromisso, dizendo: que querem aquelle
elegerem os Cardeaes Fulano, e Fulano; ass
approvou no anno de mil e seiscentos e vinte e
co Urbano VIII: algum dia elegiaõ os Papas t
os Clerigos de Roma, porém Nicoláo II. det
nou, para evitar disturbios, que fossem Elei
só os Cardeaes, que entaõ se chamaõ Princip
no anno de mil e cincoenta e nove, e eraõ I
chos das principaes Igrejas de Roma, cujos ti
ainda hoje conservaõ.

F I M

DA UNDECIMA PARTE.

Anno de 1758.

Com todas as licenças necessarias.

ACADEMIA DOS HUMILDES, E IGNORANTES.

CONFERENCIA XII.

CAda vez he mayor o concurſo neſte ſitio delicioſo a ouvir o que ſe trata neſta humilde Academia: e o Theologo, a quem pertence a Hiſtoria Sagrada, e Eccleſiaſtica de todo o mundo, requereo, que viſto ter ja fallado em outras Conferencias na ſahida de Noé da Arca, ainda que lhe naõ pertencia a Hiſtoria do Reyno, (na auzençia do Soldado) queria principiala viſto ſer Tubal, quinto filho de Japhet, o ſeu primeiro habitador depois do diluvio, e antes delle naõ haver memoria, nem tradiçaõ alguma. Caſtigado (diſſe elle) o mundo com a inundaçaõ univerſal das agoas, ſerenado o Ceo, reſtituidos á ſua harmonia os elementos, deſcançada ſobre a ponta da ſerra de Ararat a Arca, célebre montanha da Armenia; ſahio Noé, offereceo Sacrificio, recebeo promeſſa, e fiança no Iris de naõ haver outro diluvio, e outros beneficios: aſſegurado delles, deſceo ao campo chamado Meriadaõ, porque eſtava cheyo de cadaveres, e eſpectaculo horrivel da vaidade humana: alli fundou a Cidade Saga Ibina, A illuſtre deſenho das

que teve depois todo o mundo, que dividio em tres partes, quando se achou com gentes para as povoar todas: a Azia ficou a seu filho Sem, a Africa a Chan, a Europa a Japhet, em Saga Albina ficou sua filha Araxa, e passou á Provincia de Italia: foy esta despedida depois que Nembrot pôs por obra a torre de Babylonia, e Deos confundio as linguas, e os obrigou a dividirem-se para outras terras os que só se entendiaõ huns aos outros. A Hespanha pois trouxe a lingua Hebrea, com que se entenderaõ largos seculos, Tubal quinto filho de Japhet, o qual navegando o mar Mediterraneo, veyo ao Estreito de Gibraltar, dahi ao Promontorio Sacro, até que surgindo na barra de Setuval, convidado do aprazivel do sitio, fertilidade do Paiz, e amenidade do rio, fez aqui assento, e foy a primeira povoação da Europa depois do diluvio, chamando-lhe Cetubala, que significa ajuntamento de Tubal. Succedeo isto no anno de dous mil cento e settenta da creação do mundo, cento e cincoenta depois do diluvio, dous mil cento e settenta antes do Nascimento de Christo. Havia mais de cem annos que Tubal governava as nossas gentes, quando lhes deo Leys escritas, e ordenou ceremonias divinas, para que entre si vivessem rectos, politicos, e diante de Deos religiosos, e reverentes. Veyo neste tempo a Hespanha Noé vêr seus netos, e chegando a Setuval admirou a notavel harmonia, com que seu neto Tubal governava esta notavel povoação, e o culto que se dava ao verdadeiro Deos: e separando-se della pelo caminho de Biscainha, nella fez imitar o que em Setuval tinha admirado: deo volta á Italia, porque seu filho Chan, sabendo estava auzente, fazia insolencias notaveis,

sa-

sahindo de Africa, e entrando nas terras frontei-ras. Entretanto Tubal vizitava todas as povoações, que tinha fundado, administrando justiça, e fazendo observar as suas Leys, fazendo que os seus gados pastassem nas margens do Téjo, e Guadiana, e no melhor do Algarve, quando huma doença lhe tirou a vida aos cento e cincoenta e cinco annos do seu Reinado, em que vio, e teve sessenta e cinco mil pessoas descendentes de seus tres filhos: foy sepultado na ultima parte da terra com grande dor, e pranto dos moradores de toda Hespanha, de que rezultou venerarem muito o seu sepulchro, e a terra, em que elle estava, chamando-lhe Promontorio sagrado, ou sacro, que he o mesmo; até que o primeiro Rey de Portugal, Senhor D. Affonso Henriques, descobrindo neste Promontorio o corpo de S. Vicente, em memoria sua ordenou se chamasse Cabo de S. Vicente, na verdade duas vezes sagrado pelo corpo de Tubal, homem justo na Ley natural, e memoravel, author das povoaçoens urbanas de Hespanha; e santo, e sagrado, por ter sido deposito tantos annos do corpo de S. Vicente. Em quanto nas mais Provincias, tudo eraõ guerras, e discordias, no nosso Reyno tudo era paz, e socego, occupando-se todos em apescentar gados, e cultivar serras, contentes com os fructos, e vestidos que dava o Paiz. A Tubal succedeo no governo de toda a Hespanha (cuja cabeça, e povoaçaõ principal era Setuval, o mais, lugares entre brenhas) seu filho Ibero, que deo o nome ao rio Ebro, e a Hespanha toda Iberia: deo o nome ao rio, porque foy o inventor da pescaria, e o primeiro que naquelle rio a executou, e ensinou a fazer: taõ menino ficou o mundo depois do diluvio, que foraõ necessarios

feculos para aprender, o que antes delle fabiaõ todos, ainda que o naõ uzavaõ, porque fó comiaõ fructos. Reinou trinta e fette annos, e delles poucos entre os Portuguezes: fuccedeo-lhe no governo de Hefpanha toda, em que Portugal fe comprehende, e comprehendia, feu filho Jubalda, ou Idubeda: no quinto anno do feu governo dezejofo de ver toda a fua gente, entrou pelas terras, que temos entre o Tejo, e Guadiana, que he Alemtejo, Algarve, principalmente; porém os habitadores do Paiz o receberaõ triftes, porque defde que perderaõ ao feu venerado Tubal, que com efpecial amor coftumava viver entre os Portuguezes, aborreceraõ o filho Ibero, e o neto Jubalda: pouco fentio elle iffo, porque logo fe retirou para os montes, a quem deo nome, a occupar-fe na obfervaçaõ das Eftrellas, influencia dos Planetas, e mutaçoens dos tempos, por fer Aftrologo, ou Magico: nos montes o alcançou a morte, e o enterraraõ com feffenta e quatro annos de Imperio, ou de eftudo, porque fó nefte cuidou, e naõ em o governo. Era ja o anno de mil novecentos e feis, quando lhe fuccedeo na Coroa de toda Hefpanha feu filho Brigo, differente do pay, e avô, em tudo, porque apenas entrou no governo caminhou para efte Reyno, e nelle fez affento com tanto amor aos feus moradores, que ainda hoje o moftraõ os nomes das fundaçoens defte Principe, ou das que tomaraõ o feu nome, como faõ: Lacobriga, que hoje fe chama Lagos, ou foy Villa junto a Lagos; Conimbriga, em cujo lugar fuccedeo Coimbra junto ao Mondego; Medrobriga, que foy junto a Portalegre; Brigancia, hoje Bragança, e outros: fortificou as povoaçoens, q̃ eftavaõ fundadas, e edificou Caftellos em todas, e

ou-

outros desde os fundamentos; e tal era o deseјo, que tinha de fundar em Portugal muitos, que o dezabafava em trazer hum pintado nas suas bandeiras: morreo aos trinta e dous annos de seu Reynado, deixando estabelecidas as Leys, contentes, e pacificos os povos, motivo porque lamentaraõ os Hespanhóes a sua falta muitos seculos, e os Portuguezes mais que todos: succedeo-lhe no Reyno de Hespanha seu filho Beto, que quer dizer Felvi, ditozo, bem affortunado, e daqui rezultou chamar-se Hespanha Betica, nome que ainda hoje conserva a Provincia de Andaluzia: multiplicava-se a gente, e gado de sorte, nesse tempo em Portugal, que naõ os podendo ja sustentar a terra, foraõ necessitados a romper os matos, e povoarem os sertoens da Hespanha, aonde o nosso Rey Beto fundou varias povoaçoens novas, a cujos moradores chamou Betulos, ou Bastulos. Ainda neste tempo, que era o anno de mil oitocentos e dezaseis, viviaõ os Portuguezes na Ley natural santamente observada, como lhes tinha ensinado o seu justo fundador Tubal, sem idolatria alguma, que ja dominava quasi todo o mais ambito da terra, sem agouros, nem superstiçoens, conhecendo, e adorando com sacrificios de animaes, e fructos a hum só Deos Creador de tudo, e Remunerador a todos, e naõ fazendo cada hum ao seu proximo, o que naõ queria para si: era a cabeça de toda Hespanha Setuval, a quem veneravaõ, como especial Republica, todas as povoaçoens desta grande Provincia, e reconheciaõ os seus moradores pelos mais antigos, e sabios, e origem de todos: este socego, e superioridade gozavaõ, quando de Africa passou a Hespanha hum homem facinorozo, e delinquente, a quem chamaraõ Geriaõ, que na lingua

Cal,

Galdaica quer dizer peregrino : entrou na Hespanha acompanhado de outros,como elle,e se bem naõ se atreveo a vir a Portugal, fez assento nos seus confins,q̃ eraõ a Ilha Eritrea, Ernia, ou Junonia,no mar do Poente, e Costa Portugal, que se julga a cobrio o mar,quando pelos annos de Christo trezentos e oitenta, reinando o Imperador Valente, sahio de si, e allagou muitas Provincias, e Ilhas notaveis: desta Ilha sahia o tyranno Geriaõ com seus companheiros, e entrando em Portugal armados, furtavaõ innumeraveis gados, unica riqueza daquelles seculos sincéros. Os Portuguezes, que estavaõ costumados á paz, e socego, e viaõ sobre si armas,que nunca tinhaõ possuido, nem manejado, toda a sua defeza consistia em mudarem os sitios da sua vivenda; e Geriaõ, aproveitando-se da sua retirada, fortificou a terra necessaria para os muitos gados, que ja tinha, e naõ cabiaõ na Ilha, e continuava os furtos cada hora. Entrou este tyranno em Hespanha no anno de mil settecentos e noventa e oito, e morrendo pouco depois o feliz Rey Beto, entrou Geriaõ em Portugal, naõ só com armas pouco necessarias para vencer gentes, que viviaõ sem ellas, mas com singular industria; foy repartindo pelos Portuguezes com maõ larga os mesmos gados, que lhes tinha furtado, e achando nos coraçoens Portuguezes aquella natural inclinaçaõ para o culto Divino, começou a fazer sacrificios novos com extraordinarias, e superstíciozas ceremonias, e ritos Africanos, de sorte que os Portuguezes ja cativos da sua liberalidade, virtude sempre amavel nos Principes, ainda quando he desta sorte, e ja absortos com a novidade de Religiaõ, que sempre o novo foy bem admittido, e amado, renderaõ os coraçoens ao tyranno, e sinceramente

te consentiraõ se chamasse Rey, e certamente o fosse: os povos confinantes, vendo que os Portuguezes, reconhecidos pelos mais sabios, tinhaõ admittido a Geriaõ por seu Monarcha, promptamente lhe deraõ obediencia: deste tyranno se escreve teve principio a Cidade de Girona, aonde se fez poderozo, forte, e rico; porém descobrindo logo o seu damnado coraçaõ, findigo até se vêr poderozo, começou a tyrannizar a liberbade dos vassallos, a uzar dos roubos com o nome de tributos devîdos, e em fim começaraõ a gemer os Hespanhóes todos, quando ja o remedio era impossivel; porq̃ os Portuguezes, que desde a sua fundaçaõ foraõ sempre o exemplar da fidelidade, e muro inexpugnavel da vida dos seus *Principes*, naõ obstante experimentarem o mesmo damno, estavaõ promptos para defendê-lo; e elle conhecendo os tinha certos, e firmes, nem temia os outros, nem receava máo successo em desordem alguma, com que estudava affligî-los. Os de Andaluzia, vendo o prezente damno, e receando infinitos no futuro, buscaraõ remedio, e constando-lhe que Osiris passeava pelo mundo, poderozo, e vencedor, tendo por officio desaggravar, e favorecer aos que podiaõ pouco, lhe déraõ conta da sua mizeria, e da que temiaõ: e Osiris, que mais trabalho lhe custava naquelle tempo buscar a quem vencer, do que ser vencedor, facilmente acceitou a empreza, e passou a Hespanha contra Geriaõ, o qual mandou tres filhos seus, com a mais gente que pode, a prezentar-lhe batalha, e elle os seguio com outra, e muita: nas margens de Guadiana se avistaraõ, e investiraõ os dous exercitos; e Osiris, naõ obstante estar costumado a vencer sempre, e ter Soldados destros, e fortes, esteve nos termos de perder a bata-

lha

lha, porque os Portuguezes, ainda que naõ tinhaõ uzo de armas, estavaõ nas forças corporaes taõ superiores, que sustentaraõ o combate muitas horas fortissimamente: porém em fim, morto Geriaõ, perderaõ os brios, como sempre succede morto o Rey na campanha, fugiraõ, e declarou-se por Osiris a victoria, o qual uzou della com tal moderaçaõ, e clemencia, que facilmente se naõ encontrará outra nas historias. Estava Osiris banhado em sangue das feridas que tinha recebido, e naõ consentio que se fizesse o menor damno, ou roubo ás povoaçoens, nem a pessoa alguma do exercito vencido: chamou os tres filhos de Geriaõ, chamados Lominios, entregou a todos tres o Reyno de seu pay, recõmendando-lhes o bom trato dos vassallos: pasmaraõ desta clemencia todos, e em agradecimento, todos pelas mãos de Osiris entregaraõ as almas ao demonio, admittindo a idolatria das cousas creadas, que Osiris lhes propôs, e ensinou, e o contar os annos de quatro mezes, como os Egypcios, erro que durou até a conquista dos Romanos. Perdidas as almas dos Hespanhóes com a idolatria, passou Osiris a Egypto, deixando a todos a maior saudade: ficaraõ, alguns Arabios seus Soldados, chamados Cinnitas, que habitaraõ na boca do Guadiana, e delles se chamou Cinitico o Promontorio sacro. O nosso companheiro Soldado quando vier vos contará as vidas dos nossos Reys, começando do Conde D. Henrique, para satisfazer o vosso grande desejo de as ouvir; e quando elle acabar continuarey eu esta, que envolve as vidas de todos os Principes, que governaraõ Hespanha.

FIM

Da duodecima Parte. Anno de 1758.

Com todas as licenças necessarias.

ACADEMIA
DOS
HUMILDES,
E
IGNORANTES.

CONFERENCIA XIII.

EM dia de S. Bartholomeu foy neste sitio deliciozo o concurso, porque juntos todos no adro da Igreja, começou o Theologo a contar a vida de N. Senhora com especial brevidade, e energia: Contarvos-hey (disse elle) a vida de Nossa Mãy Maria Santissima, Patrona deste nosso congresso, e de Nosso Senhor Jesu Christo, conforme a mesma Senhora a revelou a sua serva, a Veneravel Madre Soror Maria de Jesus de Agreda, e ella o escreveo nos excellentes livros chamados: *Mystica Ciudad de Dios*; nada accrescentarey de outro Author, e só abbreviarey a historia para vos ser mais facil o percebê-la. Quando o mundo estava mais perdido em vicios, e escandalos, e Deos, mais escandalizado dos homens, entaõ se compadeceo mais delles, e foy servido que nascessem S. Joaquim, e Santa Anna: S. Joaquim tinha a sua caza em Nazareth, póvo de Galiléa, foy sempre Varaõ justo, e muito douto nos Mysterios das Escrituras sagradas, muito humilde, puro, sincéro, composto, e honesto: S. Anna tinha a sua casa em Be-

N lem

lem, era Donzella castissima, humilde, formoza, tinha noticia infuza das Escrituras, e intelligencia de seus mysterios: ambos se exercitavaõ em contemplaçaõ altissima delles, ambos recebiaõ luzes especiaes do Altissimo, e ambos pediaõ a vinda do Messias ao mundo, e que Deos lhes désse especial luz para acertarem na escolha de consorte: Ouvio Deos as orações de ambos, e mandou ao Archanjo S. Gabriel para que os consolasse: appareceo o Archanjo a Santa Anna em figura corporal, e querendo ella adorá-lo, o naõ consentio, porque ja o Altissimo lhe tinha revelado a elle só, que de Santa Anna havia nascer a Mãy de Deos: disse-lhe que Deos a tinha ouvido; e que era do seu agrado cazasse com S. Joaquim, que o mesmo Deos disporia o despozorio, e que perseverasse com elle nos santos costumes, que tinhaõ, e em pedir a vinda do Messias: a S. Joaquim appareceo o mesmo Archanjo em sonhos, e lhe disse que perseverasse nos costumes, e dezejos santos; que Deos queria cazasse com Santa Anna, que a estimasse como prenda do Altissimo, e lhe désse graças por lha ter dado: pedio logo S. Joaquim a S. Anna para Espoza, e feito o despozorio, ficaraõ vivendo em Nazareth: nenhum revelou ao outro o avizo que teve para o seu cazamento, perseveraraõ nos mesmos costumes santos, e accrescentaraõ outros, porque álem da obediencia de Santa Anna a seu Espozo, amor especial de S. Joaquim a Santa Anna, paz, caridade, e conformidade com a vontade de Deos, vendo-se sem filhos em vinte annos depois de cazados, era tal a sua virtude, que todos os seus bens dividiaõ em tres partes, huma offereciaõ a Deos no Templo,

ou-

outra davaõ aos pobres, e com a terceira se sustentavaõ: por especial luz do Espirito Santo, fizeraõ ambos voto a Deos, que se lhe dava frûcto de bençaõ o haviaõ dedicar no Templo ao seu serviço: e passado hum anno nestes rogos, foy S. Joaquim ao Templo por inspiraçaõ Divina offerecer sacrificios, e oraçoens pela vinda do Messias, e chegando com os outros á prezença do Summo Sacerdote para fazer as offertas, este as recebeo; porém outro Sacerdote inferior chamado Issachar, o reprehendeo asperamente que fosse offerecer, sendo infecundo, e inutil, e lhe ordenou que sahisse logo do Templo, naõ se escandalizasse Deos de o vêr alli, e das suas offertas: Sahio S. Joaquim do *Templo* envergonhado, e afflicto, e com humilde, e amorozo affecto pedindo a Deos remedio do seu opprobrio, e para melhor dezabafar solitario, se retirou para huma caza de campo que tinha, e alli alguns dias se deteve implorando o favor Divino: Ouvio Deos as suas oraçoens, e neste meyo tempo revelou S. Gabriel a Santa Anna, era gosto de Deos pedisse o mesmo, o que ella fez, e ratificou o voto: chegaraõ os rogos de ambos ao Throno do Altissimo o qual revelou aos Anjos todos, que tinha escolhido S. Joaquim, e Santa Anna para Pays da Mãy de Christo Senhor Nosso, e mandou a S. Gabriel lhes viesse dar a embaixada, o qual depois de saudar a S. Joaquim, que estava em oraçaõ, disse que tinha sido despachada a sua petiçaõ, que sua Espoza Santa Anna conceberia hũa filha bendita entre todas as mulheres, da qual havia nascer o Filho de Deos, que ja tinha determinado se chamasse Maria, que desde menina seria consagrada a Deos

no Templo, feria cheya do Efpirito Santo, que a fua Conceiçaõ feria milagroza, que foffe dar graças a Deos no Templo, e em teftimunho defta verdade, encontraria Santa Anna na Porta Aurea, a qual pelo mefmo motivo iria ao Templo, e em fim advertiffe que efta embaixada era celeftial, e fua filha havia de fer a alegria do Ceo, e da terra: tudo ouvio S. Joaquim como em fonhos, ou perfeitamente nelles pela fadiga da oraçaõ, e tornando em fi, deo graças a Deos: no mefmo tempo eftava em oraçaõ fervoroza S. Anna, e efpecialmente affiftida do feu Anjo da guarda, quando entrou S. Gabriel a dar-lhe a embaixada, o mefmo que a S. Joaquim na fubftancia; fahio logo Santa Anna para o Templo, e encontrou S. Joaquim na Porta Aurea, como diffe o Archanjo: entraraõ ambos no Templo a dar graças, vieraõ para caza, e entaõ communicaraõ hum ao outro a ordem, que tiveraõ de Deos para tomarem eftado, e o que lhes revelara a refpeito da filha que haviaõ de ter. Bafta (diffe o Ermitaõ) veja fenhor Theologo que a Veneravel Madre diz, que o Archanjo fó a Santa Anna revelara que a filha havia fer Mãy de Deos e lhe recommendara o encobriffe a S. Joaquim, o que ella fez, e a efte fó differa que havia fer bendita entre as mulheres, e o mais ja dito. Repara muito bem noffo irmaõ, (diffe o Theologo) porém nada difto he de fé, porque naõ confta da fagrada Efcritura, faõ revelaçoens, que a cada paffo encontramos oppoftas; porque a peffoa a quem faõ feitas as entende, conforme o habito que ja tinha, ou conforme difcorreo na materia, e por outros principios, que efcuzaõ faber os humildes, e por
iffo

iſſo neſtas revelaçoens ſe achaõ couzas oppoſtas ás de Santa Birgida, e couzas que parecem oppoſtas ás que eſtaõ ja ditas, como ſuccede no paragrafo 179 deſte primeiro livro, onde diz a Veneravel Madre que o Archanjo appareceo a S. Joaquim, que eſtava em oraçaõ, e logo no paragrafo 180, que he o ſeguinte, diz que tudo iſto ſuccedeo a S. Joaquim em ſonhos, e tudo o que diz Santa Birgida, e eſta Veneravel Madre he verdade, porque ambas recebendo a revelaçaõ do cazo: como Deos deixa ao diſcurſo tudo, o que elle pode, cada hum diſcorreo o melhor que ſabia, e eu, em obſequio do Senhor S. Joaquim, naõ poſſo impugnar os que dizem, que elle teve igual revelaçaõ. Gerado o corpo de Maria SS. e antes de ſer animado, recebeo Santa Anna (diz a Veneravel Madra) hum eſpecialiſſimo favor de Deos, no qual lhe diſſe queria ja cõmunicar-ſe aos homens, e dar-lhes a gloria, porque ſuſpiravaõ os Santos Padres, e elle lhes dezejava dar, mandando ao mundo ſeu Unigenito Filho, naſcendo Homem de Mulher Immaculada, Pura, Santa, e Bendita ſobre todas as creaturas, da qual a fazia Máy; e eſte favor eſpiritualizou deſorte a Senhora Santa Anna, que ja mais attendeo a couza do mundo, que lhe impediſſe o affecto, e attençaõ em Deos, a quem entaõ, e ſempre agradeceo eſte ſingular favor: aſſim como Deos gaſtou ſeis dias na fabrica do mundo, e deſcançou no dia ſettimo, aſſim no ſettimo dia depois de creado o Corpo de Maria SS. lhe creou, e infundio a Alma, declarando-ſe no Conſelho Divino, que era tempo de ſer concebida, e animada a Máy de Deos izenta, e livre da culpa original, perfeitiſſima em tudo, ſimilhante

ao

ao Filhos nos trabalhos:logo revelou Deos aos Anjos eſte Decreto, e a conveniencia de lhe ſignalar muitos Anjos da guarda; porque o demonio, depois que vira o ſignal della no Ceo, andava rodeando todas as mulheres, para ver qual dellas era a Mãy de Deos,e vendo eſta perfeitiſſima entre todas a perſeguiria com todas as forças: todos os Anjos ſe offereceraõ para eſte Soberano Officio, porque todos deſde que foraõ glorificados, pediraõ a Deos a Incarnaçaõ do Verbo: determinou Deos cem Anjos de cada Coro para guardas de Maria Santiſſima, outros doze mais para que lhe aſſiſtiſſem em fórma vizivel, e outros dezoito para Embaixadores de Deos a Maria, e de Maria a Deos; álem diſto nomeou ſettenta Serafins dos mais ſupremos para que communicaſſem com a Senhora do meſmo modo, que elles ſe communicaõ huns com os outros: e para melhor diſpôr eſte Eſquadraõ, elegêo a S. Miguel para Cabeça de todos eſtes Anjos, e Embaixador eſpecial de Chriſto a ſua Mãy, e a S. Gabriel para Embaixador do Eterno Pay:mandou-lhes que lhe naõ revelaſſem que havia ſer Mãy de Deos, até que chegaſſe o tempo, que a ſua providencia tinha determinado, e que todos lhe appareceſſem com differentes diviſas dos Myſterios da Incarnaçaõ, Vida, Paixaõ, e Morte de Chriſto, e communicaſſem com a Senhora eſtes Myſterios para a mover a pedir a vinda do Meſſias com mais fervor.

Tinha S. Joaquim quando cazou quarenta e ſeis annos de idade, e Santa Anna vinte e quatro, deſorte, que quando foy concebida a Senhora, tinha S. Joaquim ſeſſenta e ſeis annos, e Santa Anna

na quarenta e quatro: Supprio Deos milagrozamente o que faltava á natureza de Santa Anna, por ser naturalmente esteril, e o que tinha perdido a natureza de S. Joaquim, com a temperança, e penitencia, e deste modo, que só se vio na Conceiçaõ de Maria Santissima, sem concupiscencia, nem deleite, foy concebida a Senhora: por este admiravel modo foy o Corpo de Maria Santissima composto, e organizado, desorte, que os humores naõ excederaõ nunca huns aos outros, servindo-lhe todos para conservar aquella summamente bem ordenada fabrica, sem corrupçaõ, nem alteraçaõ, convertendo-se todo o alimento em substancia, sem lhe sobejar cousa alguma superflua com o calor necessario para as funçoens naturaes de cozimento, e movimento do sangue, e frialdade para refrigerar as entranhas; sentia porém o calor, e frialdade dos tempos, e influencias dos Astros, antes por isso mesmo que era mais mimozo, padecia mais, ainda que sem lezaõ na saude, as mutaçoens do tempo, desorte (diz a Veneravel Madre) que se empenhou Deos mais na formaçaõ deste Corpo Santissimo, do que nos de Adaõ, e Eva, e na formaçaõ de todos os Orbes Celestes: foy a sua formaçaõ hum Domingo, que corresponde á creaçaõ dos Anjos, e no Sabbado seguinte foy a creaçaõ, e uniaõ da sua Santissima Alma. Quando Deos a creou disse: Façamos a Maria á nossa Imagem, e similhança a nossa verdadeira Filha, e Espoza para Máy do Unigenito da substancia do Pay: com a força da Divina palavra, foy aquella ditoza Alma cheia de dons, e graças sobre todos os Serafins, foy-lhe concedido no mesmo instante perfeito uzo

de

de razaõ, com o qual exercitou logo os actos de Fé, Esperança, e Caridade, e das mais virtudes, com que mereceo mais naquelle instante, do que todos os Santos na sua maior perfeiçaõ, e teve hum taõ alto conhecimento da Divindade, que nem se explica, nem percebe: exercitou logo actos de virtudes em agradecimento destes beneficios, conheceo todos os Anjos da guarda, e os convidou para agradecerem com ella a Deos, o que lhe tinha feito, conheceo toda a sua genealogia, e o resto do povo de Deos, derramou lagrimas pela quéda de Adaõ, pedio ao Altissimo o remedio dos homens, e começou a ser medianeira da Redempçaõ; pedio por seus Pays, e compôs logo canticos a Deos, em que protestava o agradecimento de tantos, e inexplicaveis beneficios, e graças, e os Anjos no Ceo, e na terra déraõ a Deos graças pelos dons, e favores, que recebia a sua Rainha. Vamos para dentro louvá-la (disse o Ermitaõ), e o mais fique para as outras Conferencias interpoladas com as differentes historias começadas, e outras novas.

FIM

DA DECIMATERCEIRA PARTE.

LISBOA:

Com todas as licenças necessarias.

Anno de 1758.

ACADEMIA DOS HUMILDES, E IGNORANTES.

CONFERENCIA XIV.

NO dia 27 de Agosto concorreraõ os Romeiros para se despedirem, e hum mais curioso disse que sentia naõ poder assistir a todas as Conferencias; porêm ja que nessa unica, que gozara, tinha ouvido fallar nas maravilhas do mundo, desejava naõ se despedir sem ir instruido nisto, que ja ouvira gabar em outro tempo. Fallámos (disse o Ermitaõ) nessa materia, na vida de Semiramis, porque os muros de Babylonia, que ella edificou, foraõ huma dessas chamadas maravilhas, isto he, fabricas, em que se esmerou tanto o engenho, e arte, que qualquer dellas parecia mais prodigio, que obra de engenho humano: tinhaõ estes muros tres mil cento e vinte e cinco pés de circuito, duzentos pés de alto, e cincoenta pés de largura, de sorte, que podiaõ bem rodar por elles seis carros emparelhados: eraõ feitos em quadro sobre abobadas, tinhaõ jardins, e hortas de recreyo, em que se diz havia arvore taõ grossa, que dez homens a naõ podiaõ abarcar, tinhaõ dentro hum Templo de Jupiter Bello, pay de

O Nino

Nino, o qual tinha mil passos em quadro, de notavel artificio, e custo; tinhaõ cem portas de bronze, e pela parte de fóra hum extraordinario fosso cheio de agoa: em fim obra, na qual trabalhariaõ muitos annos trezentos mil homens: esta dizem foy a quinta maravilha do mundo, porque a primeira foy o Templo de Diana: foy edificado em Espheso Cidade das mais famozas da Azia na Provincia de Jonia, toda aquella grande parte do mundo se empenhou na sua fabrica, edificaraõ-no sobre agoa para ficar livre dos tremores da terra, sustentava-se em cento e vinte e sette columnas de marmore, cada huma das quaes tinha sessenta pés de altura, e em trinta e seis dellas estavaõ esculpidas admiraveis figuras: cada hum dos Reys, que hia succedendo na Azia, lhe mandava fazer huma columna com tal artificio, e custo, que fosse testimunho da sua devoçaõ, e empenho; duzentos e vinte annos trabalharaõ nesta obra muitos mil homens, tempo, em que reinaraõ na Azia cento e vinte e sette Reys, que empregaraõ no adorno do mesmo Templo todo o ouro, e pedras preciozas, que tinhaõ: a esta maravilha do mundo pôs fogo hum Grego de baixa qualidade, começou o incendio de noite, e pela manhãa seguinte estava reduzido a cinzas, confessou o fizera para eternizar o seu nome, o que sabendo o Senado Romano, ordenou que ninguem o nomeasse, porém sabe-se que se chamava Erostrato. A segunda maravilha foy o Mauzoleo, sepulchro de Mausolo Rey de Caria, mandou-lho fazer sua mulher a Rainha Artemisa, tinha de comprido settenta e tres pés, e de alto vinte e cinco covados, tinha em circuito trinta e seis columnas lavradas pelos artifices

mais

mais celebrados naquelles feculos; porém o corpo de Maufolo naõ fe enterrou nefte magnifico fepulchro, porque fua mulher o fez reduzir a cinza, e a bebeo antes de fe acabar a obra. O Colloffo de Rodes foy a terceira maravilha do mundo, chamada affim, porque a fez Colloffes; celebre eftatuario, era huma imagem do Sol em fórma de homem feita de metal, e taõ grande, que fentado hum homem no menor dedo do pé, naõ lhe cobria a unha, nem homem algum lhe podia abraçar hum dedo pollegar da maõ, todo o mais corpo era proporcionado a eftes membros, tinha cento e vinte pés de alto, e foy tal o feu pezo, que naõ pode fuftentar-fe em pé mais do que cincoenta e quatro annos, tremeo horrorozamente toda a Ilha quando cahio, e Ozman Rey de Arabia, quando conquiftou Rodes, carregou de metal defta arruinada eftatua novecentos camelos, que a trinta arrobas cada hum fazem vinte e fette mil arrobas: defta grande eftatua Colloffo, e do maravilhozo fepulchro de Maufolo fe vieraõ a chamar, por encarecimento, aos grandes fepulchros, Mauzoleos, e ás grandes eftatuas, Colloffos. A quarta maravilha do mundo, foi a Eftatua de Jupiter Olympico, feita pelo notavèl artifice Fidas, razaõ porque lhe chamaraõ Jupiter Fidiaco, era toda de ouro, e marfim, tinha na maõ direita a figura da Victoria, e na efquerda hum cetro embutido, e lavrado em varios metaes, e fobre elle huma Aguia Real, a capa era de ouro, em que fe viaõ efculpidas varias flores, animaes, e hiftorias: eftava fentada em hum grande, e mageftozo Templo, em hum throno guarnecido de ouro, e pedras preciozas; toda a tribuna, em que eftava, era de excellen-

te obra Mosaica; e se ignoraes o que he esta obra, vede a Capella de S. João em S. Roque de Lisboa, feita pelo Fidelissimo Rey D. João V., e nella achareis tres paineis, que parecendo excellente pintura, saõ feitos de bocados de pedra, e isto he o que se chama obra Mosaica, porque se chamava Moysés o seu primeiro inventor. O Templo, em que estava esta notavel estatua, tinha de largo noventa e cinco pés, e o mais á proporçaõ da largura, tudo nelle era ouro, pedras preciosas, e lavores exquizitos, porém a architectura excedia a tudo; só tinha o defeito, que, sendo taõ grande, naõ era proporcionado para a estatua de Jupiter, porque se estivesse em pé, naõ caberia no Templo; este defeito notaraõ ao architecto, o qual respondeo, que por isso fizera a estatua de materia taõ pezada, para que nunca se levantasse. As piramides do Egypto foraõ a sexta maravilha, mandavaõ-nas fazer os Reys daquella antiga Monarquia, para mostrarem a sua riqueza, e para remediarem os seus vassallos, occupando-os com lucro: houve piramide destas, que cada angulo dos quatro que tinha occupava trezentos e sessenta e tres pés de comprimento; outra, que gastaraõ em fazêla vinte annos trezentos e sessenta homens: outras foraõ fabricadas em settenta e oito annos e quatro mezes; huma notavel occupava em circuito dous mil novecentos e quarenta e oito pés, outra maior; tres mil quinhentos e trinta e dous pés; todas eraõ lavradas de excellentes pedras da Ethiopia, cada huma com exquizita architectura, em que se viaõ esculpidas as acçoens memoraveis dos Reys, que as mandáraõ fazer. A setima, e ultima maravilha do

mundo

mundo era o Palacio do Rey Cyro, dizem que para socegar o inquieto genio dos Medos seus vassallos, os occupara nesta admiravel fabrica, que occupava cinco legoas de distancia: além da notavel architectura das cazas, e ornato dellas, de todas se sahia para jardins de recreio com fontes, em que andavaõ as mais exquizitas aves, e se viaõ as melhores, e agradaveis flores, com orgãos hydraulicos, isto he, orgãos, em que a agoa fazia o mesmo effeito, e officio, que nos outros orgãos faz o vento, ao som dos quaes orgãos cantavaõ as aves: de outras sallas se sahia para bosques de arvores cheirozas postas por tal harmonia, que tendo alguns delles mais de legoa, viaõ-se os animaes, que em cada hum havia: junto a outras havia lagos de excellente pedraria cheios de agoa doce, pura, e crystallina, em que se viaõ innumeraveis peixes, nadavaõ escaleres primorozos, e no meio dos lagos piramides, e obeliscos, que lançavaõ agoa a huma altura extraordinaria, a qual passando por cima das embarcaçoens, lhes formava, huma fresca, e crystallina abobada, que os defendia do Sol, e os recreava: em outros, em fim, sahia agoa por figuras de tal sorte fabricadas, que se ouviaõ cantar passaros suavissimamente, e homens, e mulheres, da mesma sorte: em fim as riquezas do Cyro foraõ inexplicaveis, e todas consumio neste Palacio, que primeiro destruiraõ os inimigos com fogo, e depois acabou o tempo: naõ havia recreio, que se pudesse excogitar, que se naõ visse nesta habitaçaõ: tinha dentro labyrinthos para divertimento, e premio dos que se rezolviaõ a entrar nelles, e sahir sem guia: tinha Amphitheatros para ver brigar as féras, e o mais he ser

feito

feito tudo com taõ especial feitio, que todos podiaõ ir ver tudo, sem subir, nem descer hum degráo, sem verem o Rey, e a sua numerozissima familia, nem serem vistos delle, nem della. Ja que fallaste em labyrinthos, e Amphitheatros (disse o Romeiro) explicai-me o que eraõ essas duas fabricas com brevidade. Labyrintho (disse o Ermitaõ) era hum edificio composto de muitas, e varias ruas, com tantas voltas; e taõ confuzas, que quem entrava dentro, naõ acertava com a sahida, e por mais que a buscava, mais enredado se via: Houve hum em Creta feito por Dedalo, que tinha cem ruas, outro em Leno, outro em Italia, outro no Egypto, havia dentro delle Templos de todos os Deozes do Egypto, notaveis cazas, excellentes columnas de porfido, e jaspe, em que se viaõ esculpidos os Reys todos daquella Monarchia, e as suas façanhas: havia tambem cazas fabricadas em o alto, por tal modo, que ao tempo em que dellas sahiaõ os curiozos, ouviaõ horriveis trovoens dentro: o de Leno era similhante ao de Egypto, e de mais tinha quinhentas columnas de maravilhoza grandeza, feitas, e postas com tal arte, que qualquer menino as movia. Dos Labyrinthos de Italia, e Creta naõ ha signal, sabe-se que o de Italia o mandou fazer o Rey Porsena para seu sepulchro, tinha de comprido por cada lado trezentos pés, e quinhentos de altura, tinha cinco piramides sobre o portico de sessenta e cinco pés de largura, e cento e cincoenta de altura, em cima de cada huma hum cavallo Pegaso, isto he, com azas, com campainhas prezas em cadêas, que soavaõ com o vento, e sobre a columna do meyo, outra columna de cem pés de altura, e hum plano em

cima,

cima, no qual estavaõ cinco piramides iguaes ás de baixo. Os theatros eraõ aonde se ajuntava o povo a ver as festas publicas: houve tres especiaes em Roma, o de Pompeo, o de Marcello, e o de Cornelio Baldo, o primeiro no campo de Flora, aonde hoje he o palacio dos Ursinos, era de pedra, e accommodava oitenta mil pessôas, Nero o cobrio de ouro para receber nelle a Tiridates Rey de Armenia, que lhe offereceo os dous cavallos de pedra, que estaõ no Quirinal: no lugar do segundo está o palacio dos Sabellis, e do terceiro ha vestigios no cerco Flamineo. Os Amphitheatros eraõ huns edificios redondos com huma grande praça no meyo, aonde se faziaõ todos os jogos de que uzavaõ os Romanos, e se lançavaõ os criminozos ás féras para os despedaçarem; aqui se viraõ milagres portentozos, quando lançavaõ ás féras os Santos, como contarei a seu tempo, e aqui succedeo o notavel cazo de Andronico escravo, que lançado a hum leaõ pelo crime de fugitivo, o leaõ o abraçou, e lambeo, festejou, e servio toda a vida, porque Andronico, quando fugio no Egypto a seu senhor, se accommodou na cova deste leaõ, o qual entrou nella ao Sol posto coxeando por cauza de hum espinho, que tinha atravessado em huma maõ, a qual pôs sobre as mãos de Andronico gemendo, e elle lhe tirou o espinho, e curou muitos dias, até que fugio por naõ ter agoa, depois o conheceo o leaõ no Amphitheatro, e lhe fez, o que disse, em agradecimento: houve dous Amphiteatros, o de Vespasiano, e o de Estatilio, o primeiro se chamou Collisseo de Collosso, ou Estatua de Nero de bronze dourado, que nelle estava, Vespasiano o fez de

pe-

pedra tiburtina, e taõ alto, que igualava com o monte Celio; durou esta obra doze annos, trabalhando nella trinta mil pessoas, e accommodava em si com largueza oitenta e cinco mil, para verem as festas; resta delle ametade, dedicou-o a Tito, e no dia da dedicaçaõ morreraõ cinco mil féras de diversas especies. Ja que sois taõ curiozo sabei o que eraõ Bazilicas dos Romanos, eraõ humas cazas grandes, aonde se juntavaõ os negociantes, e mercadores a tratar dos seus pleitos, e negocios: seis foraõ as mais notaveis, a de Paulo: adornada de formozas columnas, a Porcia que fez Cataõ sendo Censor, á custa do povo, e nella assistiaõ os Tribunos da plebe: a Opimia junto ao Templo da Concordia: a de Macedio junto ao certo Flamineo: a de Constantino junto ao Templo da Paz; e a Argentaria na praça mayor: daqui vem chamarem os Catholicos Bazilicas em Roma, e fóra della, ás Igreja muito grandes. Basta, disse o Soldado, e á manhãa venhaõ cedo, porque me cabe contar as vidas dos nossos Reys de Portugal, e ha de ser em todas as Conferencias até se acabarem, para vos naõ esquecerem.

FIM

DA DECIMAQUARTA PARTE.

LISBOA:

Com todas as licenças necessarias.

Anno de 1758.

ACADEMIA DOS HUMILDES, E IGNORANTES.

CONFERENCIA XV.

JUntos no dia 28 de Agosto, disse o Soldado: Naõ conto as vidas dos Principes Gentios, Herejes, e Catholicos, que teve este Reyno, ja separado, ja unido ao corpo de toda a Hespanha; porque isso *pertence* ao nosso companheiro, que nos refere a historia de todo o mundo, e nos ha de contar tudo isso a seu tempo; pertencem-me os Soberanos de que trataõ os nossos Escritores, e aonde começa a genealogia dos nossos Serenissimos Reys: o primeiro pois he o Conde D. Henrique, natural de França, neto do primeiro Duque de Borgonha Roberto, filho quarto de seu primogenito Henrique, segundo, e terceiro neto dos antigos Reys de França Roberto, e Hugo Capeto, e do sangue do Imperador Carlos Magno, pela parte do pay descendente do Grande Faramundo, Rey dos Francos, e pela parte da máy de Henrique, Duque primeiro de Saxonia, e de Santo Arnulfo, Duque de Mossellana: de trinta annos veyo para Hespanha adquirir fama nas guerras contra os Mouros, e aprender do famozo Cid Campeador: morreo nesse tempo o Rey de Castella D. Fernando, deixou os Reinos repartidos pelos filhos, seguiraõ-se guerras entre todos, e hum chamado D. Sancho tirou ao irmaõ D. Garcia o Reyno de Portugal, e ao irmaõ D. Affonso o Reyno de Leaõ, obrigando-o, a q̃ se valesse do favor dos Barbaros para pas-

far a vida: neftes trabalhos o acompanhou o noffo Conde D. Henrique ; morreo D. Sancho , e o defterrado D. Affonfo naõ fó recuperou o Reyno de Leaõ , mas herdou os Reinos de Caftella , e Portugal , e em premio de o acompanhar nos trabalhos , cafou o Conde D. Henrique com fua filha natural Dona Thereza , que elle fummamente eftimava , a qual era filha de Dona Ximena Nunes de Gufmaõ, familia illuftriffima : deo-lhe em dote a Cidade do Porto , e fua Comarca , que entaõ era o melhor de Portugal:morreo Dona Ignez primeira mulher do Rey D. Affonfo , e cazou efte com Dona Conftança, tia do noffo Conde D. Henrique : foy efte a França bufcar a tia , foy com elle D. Romaõ de Tolofa , Francez, que havia pouco viera bufcar a guerra para luftrar , e veyo com ambos outro D. Romaõ de Borgonha,Conde. Quando o Cid dezafiou os Condes de Carriaõ, prometteo o Rey D. Affonfo fegurar o campo com a fua prezença ; porém depois mandou em feu lugar o noffo Conde com tres mil lanças, e vencidos os Condes,o noffo D. Henrique foy o Juiz dos caftigos, que lhes deraõ. Junto a Cordova deo batalha D. Affonfo a hum Rey Mouro , que lhe tinha morto feu filho o Infante D. Sancho,e intentava dominar toda a Hefpanha : foy o noffo Conde na vanguarda do exercito , e procurou o Rey Mouro , de forte o envestio , que o fez cahir , e o prendeo, e entregou-o a Diogo Ordonhes, que o levou ao Rey D. Affonfo , o qual o mandou fazer em pedaços : profeguio o noffo Conde a victoria , rompeo o exercito inimigo , matou muitos mil, e affugentou os outros : em premio lhe deo o Rey D. Affonfo varios lugares em Portugal, e licença para os vir gozar com fua mulher D. Thereza , da qual havia muitos annos vivia feparado por ter ella muito pouca idade : pouco fe gozou do defcanço, porque fazendo-fe a expediçaõ para a Conquifta da terra Santa, o Papa Urbano II. o nomeou por hum dos doze Capitaens daquella empreza , e o Rey D. Affon-

fonfo o fez Capitaõ General de todo o foccorro, que mandou para ella, aonde o noffo Conde obrou fingulares proezas, remuneradas pelo Rey novo de Jerufalem Godofredo, ja com extraordinarias honras, e mercês na defpedida, ja com varias Reliquias notaveis, como foraõ: o ferro da lança, que abrio o Lado de Chrifto Senhor N., parte da Coroa de efpinhos, hum pedaço do Santo Lenho, hum çapato de N. Senhora e huma touca de Santa Maria Magdalena: veyo da Paleftina acompanhado de S. Giraldo, que depois foy Arcebifpo de Braga, feu natural; vifitou em Conftantinopla ao Imperador Aleixo, que entre varias Reliquias lhe deo hum braço do Evangelifta S. Lucas: chegou a Toledo, entaõ Corte de Caftella, e D. Affonfo confiderando os feus merecimentos, e fadigas, lhe deo em premio tudo o que eftava conquiftado aos Mouros em Portugal, que eraõ as Cidades de Coimbra, e de Vizeu, as Provincias de Entre Douro, e Minho, Beira Traz os Montes, e em Galliza até o Caftello de Lobeira, e licença para conquiftar o que pudeffe até o Algarve. Recebidas eftas mercês, entrou em Portugal o noffo Conde com fua mulher, e fez affento, e Corte na Villa infigne de Guimaraens com o titulo de Conde de Portugal; e querem os noffos Efcritores, ainda que naõ todos, que efta foy a primeira vez, que o noffo Conde entrou em Portugal, e naõ antes de vir da terra Santa. Com a fua prefença começou o Reyno a ter felicidades, e elle, meditando os feus augmentos, convidou feu fogro o Rey D. Affonfo para o ajudar na Conquifta de Lisboa, a qual juntos efcaláraõ, e venceraõ com fummo terror dos Mouros, aos quaes venceo depois em dezafette batalhas dignas de eterna memoria, affolando-lhes as Mefquitas, e no lugar dellas levantando Templos magnificos, pondo-lhes Prelados virtuozos, e dando-lhes rendas com liberal maõ. Fundaçaõ delle faõ as Igrejas de Braga, Porto, Lamego, Coimbra, Vifeu, e outras muitas.

P ii Pe-

Pedio-lhe foccorro fua cunhada Dona Urraca contra feu marido D. Affonfo o Imperador, Rey de Navarra, e Aragaõ, que pertendia fer tutor de hum filho, que do primeiro Matrimonio teve a mefma Dona Urraca; e o mefmo foy dar-lhe o noffo Conde foccorro, que vencê-lo, e decidir o pleito. Duas vezes depois foy cercado pelos Mouros na Cidade de Coimbra, aos quaes rezistio, e obrigou a retirarem-fe: fez os muros do Porto quazi todos, e os de Braga quazi dos ali erfes; porque os barbaros, que a poffuiraõ mais de duzentos annos, os deixaraõ totalmente deftruidos. Eftava fitiando a Cidade de Aftorga, que era fua com o titulo de Conde, antes de cazar com a filha do Rey D. Affonfo, quando lhe deo huma doença tal, que em breves dias morreo, com universal fentimento, naõ fó dos Vaffallos, e Reys vizinhos, mas ainda dos mais diftantes, que veneravaõ o feu nome, e fingulares virtudes, e neceffitavaõ do feu valor para todas as occafioens de empenho, e defeza: Falleceo com feffenta e fette annos de idade, mais de vinte de governo de Portugal com o titulo de Conde: dezoito annos de idade tinha feu filho D. Affonfo, que fe achava com elle no fitio de Aftorga, o qual acompanhou o cadaver do pay com o melhor do exercito, guardando o mais delle a retaguarda, e na Sé Primacial de Braga o fepultou, aonde annos depois foy fepultada fua mulher a Condeffa Dona Thereza. Era de eftatura proporcionada, de formoza, e veneravel prefença, rofto branco, olhos azues, e cabellos ruivos; no feu retrato antigo eftá armado com a efpada levantada. Teve tres filhos legitimos, e hum fóra do Matrimonio, e de máy nobre: os legitimos foraõ D. Affonfo Henriques, que lhe fuccedeo no titulo de Conde Infante, depois Principe, e ultimamente Rey, como logo ouvireis; Dona Thereza, que cazou com D. Fernando Nunes, Senhor Grande em Galliza; Dona Urraca, que cazou com D.

Ber-

Bermudo Paes, Conde de Traſſamara: o illegitimo foy D. Affonſo, primeiro Meſtre da Ordem de Aviz, depois paſſou a França, aonde teve a dignidade de Par; porém com a communicaçaõ de S. Bernardo, ſeu parente, deixou o mundo, veyo para eſte Reyno, tomou o habito em Alcobaça, e nelle eſtá ſepultado. Nunca uzou o noſſo Conde das Armas, e brazoens dos ſeus illuſtriſſimos aſcendentes, ſempre trouxe o eſcudo em branco, como os Romanos, até adquirir com façanhas o que nelle ſe havia eſculpir: e com effeito, depois da conquiſta da terra Santa, mandou nelle pintar huma Cruz azul, cor de que uzou ſempre a Caza de Borgonha, donde ja diſſe deſcendia. No ſeu tempo governaraõ a Igreja de Deos Urbano II., e Paſchoal II.; achou-ſe o corpo do Evangeliſta S. Marcos, floreceraõ os Santos, Bruno Fundador dos Cartuxos, Anſelmo Cantuarienſe, e Hugo de Cluni; teve principio a Ordem de Malta, celebrou-ſe o Concilio Claramontano com o mayor concurſo de Catholicos ja mais viſto; inſtituio-ſe nelle o Officio de Noſſa Senhora, foy Sicilia ſujeita a Heſpanha, foy conquiſtada Nicea de Bytinia, e Antioquia de Syria; morreo o Cid, foy Godofre primeiro Rey de Jeruſalem, D. Affonſo VI. de Caſtella, houve muitos Concilios por cauſa dos Ciſmas, herezias, erros, e abuzos daquelle ſeculo. No anno de mil e noventa e quatro na Villa de Guimaraens naſceo o Veneravel Senhor Rey D. Affonſo Henriques, levaraõ-no a bautizar, porém vendo S. Giraldo Arcebiſpo de Braga, que havia adminiſtrar o Sacramento, que o vinha acompanhando o notavel Cavalheiro Egas Moniz ſeu ayo, o qual eſtava excommungado, ordenou ſe retiraſſe do Templo; ſoffreo iſto mal o dito Egas, e quiz dar no Santo Arcebiſpo, e logo lhe entrou no corpo o demonio, e o lançaraõ fóra: acabado o bautiſmo rogaraõ os Fidalgos ao Santo Arcebiſpo, que pediſſe a Deos o remedio para Egas Moniz,

o que

o que elle fez, e logo sahio o demonio do seu corpo pela bocca, envolto em fumo de fedor taõ horrivel, que obrigou a fuga, e pasmo os circunstantes, que para sempre veneraraõ o Santo Arcebispo. Nasceo o nosso D. Affonso em tudo bello, e perfeito, e so com a desgraça de ter as pernas pegadas huma á outra desde os jelhos, até os tornozelos. Egas Moniz seu ayo sentia isto muito, e pedia a Deos o remedio; appareceo-lhe Nossa Senhora, e disse-lhe que no lugar de Carquere, junto a Lamego, estava quazi coberto de terra hum edificio, que fora levantado em seu louvor, e nelle huma imagem sua, que limpasse o Templo, e puzesse sobre o altar delle o menino Affonso na prezença da sua imagem, e que ficaria saõ, e seria instrumento memoravel do castigo dos Barbaros. Ouvio Egas Moniz, e com viva fé levou cinco annos o menino Affonso á dita romaria, e o pôs sobre o altar, até que por milagre se lhe separaraõ as pernas: de doze annos começou a militar com seu pay, morreo este, quando elle tinha dezoito; e sua mãy cazou segunda vez, de que lhe rezultaraõ ao nosso Affonso trabalhos grandes, e discordias entre ella, e elle, até que, a rogos da mãy, o Rey D. Affonso VII. de Castella, e Leaõ, desceo contra o nosso Conde acompanhado dos melhores Soldados das suas terras em grande numero: preparou-se o nosso Affonso, e ainda que com pouca gente, taõ valoroza, que passou á espada quazi todo o exercito de Castella no campo de Valdevez: fugio o Rey ferido, e os mais se salvaraõ com inexplicavel medo do nosso Soberano: no anno de 1117 o cercou na Cidade de Coimbra o Rey Mouro Eujuni, com trezentos Soldados; porém Affonso naõ só rezistio com valor summo, mas pelejou Deos por elle, porque dando peste no exercito do Mouro, levantou o cerco, no mesmo anno escalou, e venceo a Praça fortissima da Cidade de Leiria, e por ser a primeira Conquista o offereceo a Deos

Deos nas mãos de S. Theotonio Prior do Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra: expugnou depois a Villa de Torres-novas, e recolheo-se a Coimbra a meditar a Conquista do Alem-Tejo, que dominava Ismar, ou Ismael, Rey Mouro poderozo. Em Coimbra vivia o nosso D. Affonso, como Principe, cuidando no exercito, e como Religiozo assistindo a todas as horas do Officio Divino, de noite, e de dia no Coro de Santa Cruz de Coimbra, com sobrepelliz entre os Religiozos: juntou o mais que pode, e mais luzido, sahio de Coimbra, passou o Tejo, fez algumas entradas nas terras dos Mouros, e retirava-se triunfante, quando Ismar escandalizado convocou os seus distribuidores por vinte Regulos, cinco delles Reys superiores aos quinze, e elle a todos, cada hum com oitenta mil Soldados vieraõ buscar o nosso pequeno exercito, que só constava de treze mil homens, se bem era o mayor, que tinha posto em campo a pequenhez do nosso Reyno: neste tempo desmayaraõ os nossos vendo a multidaõ do exercito inimigo; porém Affonso os animou, e prometteo no segunte dia a victoria confiado na misericordia Divina. Recolheo-se Affonso á sua Tenda, e depois de pedir a Deos auxilio muitas horas, quando havia descançar no leito, começou a ler na Sagrada Biblia a historia, e batalha do grande Capitaõ Josué: neste tempo entrou na Tenda hum Ermitaõ, que alli perto havia mais de sessenta annos fazia vida penitente, e disse-lhe, que quando ouvisse a campainha da sua Ermida, sahisse da Tenda ao campo, e receberia hum grande favor de Deos. Rompia a alva quando ouvio o signal, sahio da barraca armado, e levantando os olhos para a parte do Oriente, vio huma luz notavel, multiplicaraõ-se nuvens de resplandores, e abertos, lhe appareceo Christo Senhor nosso crucificado, em hum Throno de Anjos, o qual, depois de o animar, e prometter victorias, lhe disse que nelle, e na sua descen-

dem-

dancia queria eftabelecer para fi hum Imperio ; que efcolhera os Portuguezes para levarem a fua Ley a terras remotas, que compuzeffe o Efcudo das fuas Armas, das fuas cinco Chagas, e dos trinta dinheiros, porque fora vendido, e acceitaffe o titulo de Rey, que pela manhãa o exercito lhe havia dar : poftrado em terra, e abatido, proteftou Affonfo, que a fua fé efcuzava vizoens, de que naõ era digno, e agradeceo ao Redemptor efte favor fingular: vinha nafcendo o Sol, quando fe recolheo, e o exercito movido por Deos, o cercou todo, batendo nos Efcudos, e chamando-lhe Rey, acclamaçaõ, que acceitou por fer ordem de Chrifto, pedindo-lhe todos, com furor preternatural, fe prezentaffe logo a batalha, e começou a difpo-la. Bafta (diffe o Theologo) acaba-fe o dia, vamos á Ladainha, e na Conferencia de á manhãa acabarey de contar efta notavel vida.

FIM

DA DECIMA QUINTA PARTE.

LISBOA:

Na Offic. de FRANCISCO BORGES DE SOUSA.

Anno de 1758.

Com todas as licenças neceffarias.

ACADEMIA
DOS
HUMILDES,
E
IGNORANTES.

CONFERENCIA XVI.

JUntos no dia 30 de Agosto, continuou o Soldado a vida do Sereníssimo Veneravel Rey D. Affonso Henriquez: Dizendo disposto em batalha o pequeno exercito na confusa, e irregular fórma naquelles tempos usada, o nosso Rey se presentou em quatro esquadrões, e Ismar em doze, accômetteraõ-se os dous exercitos, durou seis horas o conflicto, corria em rios o sangue pelo campo, naõ se pizavaõ mais que corpos mortos; e em fim declarou-se pelos Catholicos a victoria, huma das mayores de que ha noticia: foy alcançada no campo de Ourique em dia de S. Tiago no anno de 1139. Ismar, vendo-se perdido, foy vingar se na Cidade de Leiria, que tomou, e passou á espada os defensores della, cativou o Alcaide, e Capitaõ D. Pelayo Gutterrez; acudio logo o nosso Rey, e ainda que achou muita resistencia, com tudo restaurou a Cidade, e começou a meditar a conquista de Santarem, Praça inexpugnavel; mas para o ser votou edificar o Mosteiro de Alcobaça, e dotá-lo com todas as terras que via do monte aonde estava; no mesmo instante revelou Deos este voto a S. Bernardo em França, o qual chamou logo dous Monges, e os mandou para este Reino a começar a fundaçaõ, e desde esse tempo commu-

nicou o Rey com ſeu parente S.Bernardo po
todas as ſuas conquiſtas, e S.Bernardo com as
çoens lhas conſeguio todas : a primeira foy eſt
verdade milagroſa;porque vindo o noſſo Rey d
bra em cinco dias, em menos de huma hora co
Santarem a ſette de Mayo de 1147 , arrimar
eſcadas aos muros, poucos tinhaõ ſubido, qu
raõ ſentidos, entre a reſiſtencia, e confuſaõ ,
raõ os noſſos as portas, entrou o Rey , e poſt
lhos deo a Deos graças , creſceo a multidaõ d
ros; encheraõ-ſe as ruas de armas , e cadavere
moſtrou aos inimigos a ſua diſgraça , e ficaraõ
ſos ſenhores da Villa ; neſſa noite , mandando
Rey fazer alto junto á Villa , appareceo no
ma Eſtrella, a qual lançando hum rayo luminoſ
yo ſepultar no mar, que todos julgaraõ bom
quando o noſſo Soberano lhes mandou dizer qu
goas eſtavaõ acabadas, tiveraõ os Mouros hu
vel agouro, porque viraõ da parte do Sul hum b
azas de fogo voando pelo ar , ja neſte tempo ti
Mouros tomado Lisbôa , e o Rey de Caſtella
queixado ao Papa de que o noſſo D.Affonſo ll
va a vaſſallagem, e ſe chamava Rey; veyo hum
a conhecer do caſo , e o noſſo Soberano ſatisfe
pa com o juramento da appariçaõ de Chriſto
noſſo , que ja diſſe, e fez o Reino tributario á
Apoſtolica em dous marcos de ouro cada ann
cançou Bulla do Papa, que era Alexandre III.,
confirmou a inveſtidura de Rey , cuja Bulla ſe
va no Archivo Real aſſinada por mais de vi
deaes : conquiſtou logo as Villas de Mafra , e
eſta reputada por inconquiſtavel : nella ſe acha
ſo Monarcha vendo o mar da eminencia daquel
e meditando como havia tomar Lisbôa , qua
muito longe daquelle monte veyo lançar ancho

florente Armada de Inglezes, Francezes, e Alemaens, que em cento e oitenta navios hiaõ para a Paleſtina contra os Turcos, e movidos por tempeſtades buſcaraõ porto para refazer-ſe. Convidou-os o noſſo Monarcha para a conquiſta de Lisbôa promettendo ametade da Cidade aos principaes Capitáes, que eraõ: o General Guilherme de Longa eſpada, Childe Rolim, D. Liberche, D. Ligel, Guilherme Corni, illuſtre origem de familias neſte Reino: acceitaraõ o partido, e deſembarcados, fizeraõ aſſento no lugar aonde era o Convento de S. Franciſco, hoje deſtruido pelo terremoto, e o noſſo Rey no ſitio de S. Vicente de Fóra: cinco mezes durou o cerco, no decurſo dos quaes foy rara a valentia dos noſſos, e dos eſtrangeiros nos aſſaltos, e igual a ſoberba, e preſumpçaõ dos Mouros em reſiſtir-lhes, até que no dia dos Santos Martyres Patronos de Lisbôa, Criſpim, e Criſpiniano, com morte de duzentos mil barbaros foy entrada a Cidade: quiz logo o noſſo Rey dar a metade aos Eſtrangeiros, porem elles ſatisfeitos com a pontualidade da palavra, premiados com outras couſas, foraõ para ſuas terras; ficaraõ porem alguns Eccleſiaſticos, a quem o Rey nomeou Biſpos, e outros Seculares, a quem o Rey deo terras para viverem, a Childe Rolim deo Azambuja, e delle deſcende a familia dos Mouras, que ha quaſi ſettecentos annos conſerva o ſenhorio, e ſobrenome, couſas talvez unicas na Heſpanha. Conquiſtou logo o noſſo Soberano as Villas de Trancoſo, Obidos, Alemquer, Serpa, Alcacere do Sal, Elvas, Coruche, Cezimbra, e outros lugares na Eſtremadura; porque o terror, que delles tinhaõ concebido os barbaros, fazia com que naõ reſiſtiſſem os mais poderoſos. Com ſeſſenta lanças, e algumas béſtas, (inſtrumento de guerra, que hoje ſó ſerve para matar paſſaros com bálas de barro, e neſte tempo ſervia para deſpedir ſettas com violencia notavel,

e menos descommodo) foy o nosso Monarcha resis
sitio, e forças da Praça de Palméla, quando vio c
Rey Mouro de Badajós, ignorante de que Cezimb
estava tomada pelo nosso Soberano, marchava com
tro mil cavallos, e sessenta mil infantes a dar-lhe
corro: escondido entre humas penhas em silencic
servou o nosso Rey a desordem, com que marcha
Mouro, e aproveitando-se della, com taõ poucos
panheiros investio o exercito, e fazendo do prin
encontro hum horrivel destroço, suspeitáraõ os o
que seguia ao Rey outro exercito, e dando costas
cos esçaparaõ as vidas. Soube-se logo em Palméla
so, e sem resistencia entregáraõ a Praça para salv
as vidas, os que antes nem sonhavaõ ser possivel e
gnar aquella notavel eminencia: a esta victoria na
perada se seguiraõ muitas, porque ja o medo do
Rey dominava naõ só os coraçoens dos Mouros,
dos Reys Catholicos visinhos. Com seu genro o R
Leaõ D. Fernando II. teve duvidas, e tendo ja se
ta e cinco annos de idade, tomou as armas, entro
Galliza, tomou Lima, e Turon, aonde deixou gu
çaõ Portugueza; caminhou a Badajós, conquist
Leaõ, e destruidos os campos, pôs cerco, e apert
Cidade com assaltos, até que rendida veyo o Re
Fernando a recuperá-la, sahiraõ os Portuguezes
pedir-lhe o passo muito menos em numero do q
Leonezes, quiz o nosso Rey soccorrê-los pessoal
te, porèm com a desgraça de que se embaraçou n
rolho da porta, e cahindo com o cavallo, lhe fico
baixo huma perna, que logo quebrou, e se ferio,
acudindo os Leonezes logo, o prenderaõ, e se ben
tratado pelo Rey de Leaõ com o mayor respeito,
pre o obrigou a que cedesse das Praças, que em C
za tinha conquistado, e lhe promettesse vir a Co
sendo chamado a ellas: entregou as Praças, e pro

teo o que pertendia o Rey de Leaõ, com o partido de que naõ feria obrigado a vir, senaõ quando pudesse andar a cavallo, o que nunca mais fez, caminhando sempre em hum carro, e desta sórte cumprio a palavra, e se isentou da condiçaõ: este desastre do nosso Monarcha deo ouzadia a Albojaque, Rey de Sevilha, para juntar hum extraordinario exercito de todas as gentes de Andaluzia, e depois de destruir os campos do Alemtejo, pôs cerco a Santarem, a que logo acudio o nosso Soberano, na idade de oitenta e seis annos, no seu carro, e o mesmo foy chegar, que vencer, com morte de muitos, cativeiro de outros, e despojo de todos. Albojaque, sentido desta perda, convocou o Rey de Marrocos, que igualmente a sentia, e ambos com outros nove Reys, e hum innumeravel exercito, passaraõ o Tejo, destruiraõ a Villa de Torres-novas, e cercaraõ a Villa de Santarem, aonde se achava o Principe D.Sancho, filho primogenito do nosso Rey; fortificou-se o Principe, e resistio cinco dias, em quanto de Coimbra vinha o Pay a soccorrê lo; chegou a bom tempo, porque o filho estava ferido, destruido o seu quartel, e mortos varios dos nossos, o que tudo fazia os Mouros ufanos; mas apenas viraõ o Veneravel velho no seu carro, bastou a sua presença para os atemorisar, desorte, que deixados os quarteis, armas, bastimentos, e todo o trem do exercito, sem ordem alguma fugiraõ todos, seguiraõ-nos o Rey, e o Principe com as suas gentes, sem dar cutilada, que naõ tirasse vida, que muitos perderaõ affogados no sangue dos outros na passagem do rio Tejo, morreo affogado o Rey de Marrocos Aben Jacob Miramolim, sendo antes ferido pelo Principe. Trinta Reys venceo o nosso Veneravel Monarcha, a muitos delles tirou a vida, a cada Rey cabem em bôa arithmética cincoenta mil Soldados, deixando em silencio por desprezo os Capitães, e Regulos, que venceo, e matou: cumprio o vo-

to da fundaçaõ de Alcobaça com maõ taõ larga, como hoje se admira; havia no dito Mosteiro mil Religiosos: com igual liberalidade fundou o Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, de cujas avultadas rendas sahiraõ as da Universidade de Coimbra em grande parte, todas as do Bispado de Leiria, e as melhores do Bispado de Portalegre; fundou o Mosteiro de S. Vicente de Fóra em acçaõ de graças pela conquista de Lisbôa, e o dotou com maõ larga, como fez a todos os mais, que foraõ cento e cincoenta, todos magnificos, e bem dotados. Fundou duas Ordens Militares, huma de S. Bento (assim chamada no seu principio, e hoje de Aviz em memoria de hũas Aves, que appareceraõ no monte, aonde os Cavalleiros desta Ordem intentavaõ fundar o Convento que hoje existe) outra de Aza, ou Ala, (em Hespanhol palavra entaõ usada) de S. Miguel, em memoria de hum braço com hũa aza, e espada, que vio junto a si na batalha com Albojaque, e julgou ser de S. Miguel, a quem venerou sempre por Patrono, e Custodio deste Reino, extinguio-se esta Ordem com as vidas dos primeiros, que a professáraõ. Aos Cavalleiros Templarios, e aos Maltezes, chamados entaõ Hospitalarios, deo rendas cõsideraveis, e perpetuas. Vencida a batalha do campo de Ourique, soube dos Catholicos Valencianos cativos dos Mouros, e agora por elle resgatados, que o corpo de S. Vicente estava no Algarve, pessoalmente querem os nossos Escritores que o foy buscar, e naõ achou; porèm fazendo depois novas diligencias o descobrio pelo modo, que diremos na vida deste Santo Patrono de Lisbôa, e mandou se chamásse sagrado ao Promontorio, aonde se achou o corpo. Domesticos, e estranhos lhe deraõ o titulo de Conquistador: tinha onze palmos de altura, grandeza de corpo notavel, mas em tudo proporcionado, cabello ruivo, comprido, bocca grande, rosto comprido, olhos grandes, e vivos, em fim tu-

refpirava foberania, e magestade: no feu retrato
;o tem coroa fobre o elmo, e outra na efpada levan;
manto carmefim fobre as armas, e hum Templo
naõ efquerda, infignia que mereceo pela efpada, co-
Santo Agoftinho pela penna. Tinha cincoenta e tres
s de idade, e fette de Rey, quando cafou com a
lha D. Mafalda, a mais bella creatura daquelles
os, filha do Segundo Amadeo, Conde V. de Mau-
, e I. de Saboya, e da Condeffa Guigonia, filha
Conde Albaõ, pelo pay defcendia a Rainha dos Im-
dores de Alemanha, e Duques da Saxonia: foy Prin-
em tudo rara, piiffima; e competidora de feu ma-
em edificar Templos; fundaçaõ della faõ os Mo-
os de Leça, o da Cofta dos Padres Jeronymos, o de
as Santas, o de Santa Maria de Goyos, e o de S.
o de Rates, todos fabricas notaveis, e bem dota-
Venerado por Santo, cheyo de dias, e de triun-
lormio em o Senhor o noffo Veneravel Rey D. Af-
o Henriques aos noventa e hum annos de fua ida-
ezafette de governo, como Conde de Portugal, e
enta e feis de Reinado: foy fepultado na Igreja de
a Cruz de Coimbra com pompa limitada, e affim
e até o tempo do Rey D. Manoel, o qual o tirou
epulchro de madeira, que em certos dias fe abria
o povo lhe beijar a maõ, e o collocou em hum
foleo mais digno da fua memoria, aonde tem ref-
decido em milagres, e fe trata em Roma da fua Bea-
çaõ: a efpada, e o efcudo, com que pelejava, e a
epeliz com que hia ao Choro, fe guardaõ com fū-
eneraçaõ no dito Mofteiro: na noite feguinte ao
em que o Rey D. Joaõ I. ganhou aos Mouros a Ci-
de Ceuta, appareceo armado no Choro aos Reli-
os do dito Mofteiro de Santa Cruz de Coimbra,
le eftava fepultado havia duzentos e trinta annos, e
diffe, que por difpofiçaõ divina elle, e feo filho D.
San-

Sancho tinhaõ soccorrido aos seus Vassallos naqu conflicto; os naturaes, e os estranhos o acclamaraõ s pre com o appellido de Rey Santo, e as suas con stas contînuas lhe adquiriraõ em todo o Orbe o so nome de Conquistador: teve quatro filhos legitim que foraõ D. Henrique, que morreo de poucos an D.Sancho, que lhe succedeo na Coroa, D.Urraca, casou com D.Fernando II. Rey de Leaõ, do qual separada por ordem do Papa, por ser parenta do m do, do qual ja tinha hum filho chamado Affonso, succedeo ao pay no Reino de Leaõ, e foy pay do I Santo D.Fernando III. canonizado, para esta separa houve hum Concilio em Salamanca; D. Thereza, lher segunda do primeiro Filippe, Conde de Fland aonde lhe chamaraõ Matildis, foy notavel Princeza na ausencia de seu marido foy, e será memoravel o governo. Teve o nosso Rey tres filhos illegitimos, Pedro, que foy Mestre da Ordem de S. Joaõ em Roc está sepultado em S.Joaõ de Santarem; D. Thereza fonso, mulher de D. Sancho Nunes, a quem a tirou Pay, e a casou com D.Fernando Martins o Bravo, nhor de Bragança, e naõ tiveraõ filhos; D.Urraca, lher de D. Pedro Affonso Viegas, filho de D.Affo Viegas, e de D.Aldara Perez, e neto de D.Egas Mor Ayo do Rey: a mãy destas duas filhas se chamava Elvira Gualter. Basta por hora, o mais que pertenc vida, e acçoens deste Veneravel Rey, diremos na C ferencia de á manhaã.

FIM
DA DECIMA SEXTA PARTE.

LISBOA:
Com todas as licenças necessarias.
Anno de 1758.

ACADEMIA
DOS
HUMILDES,
E
IGNORANTES.

CONFERENCIA XVII.

NO primeiro de Settembro se juntaraõ os Academicos, e proseguio o Soldado a vida do nosso Veneravel Rey D. Affonso Henriques, dizendo: Liberalissimo foy o nosso Monarcha, a D. Gonçalo Mendes de Amaya, fez seu Adeantado mór, e foy o unico que teve este Reyno; a Gonçalo Rodrigues Mordomo mór, a D. Fuas Roupinho Almirante, a hum Estrangeiro, chamado Alberto, Chanceller mór, a D. Gonçalo Viegas, filho de seu ayo, fez Mestre da Ordem de Aviz, e todos foraõ os primeiros nestes officios: Compôs o nosso Rey o escudo das Armas do Reyno, mas por mais que os nossos Escritores trabalhem em interpretar as figuras delle, creyo he imperceptivel o mysterio, porque se perdeo a tradiçaõ do que significavaõ: tem cinco escudos maiores azues em campo branco, e em fórma de Cruz, que dizem foy querer observar a fórma do escudo de seu pay; tem outros quatro menores em fórma quadrada, dizem que em memoria dos quatro esquadroens, com que accommetteo os Mouros no campo de Ourique, em circunferencia de todos pôs outros dez escudos ligados com hum cordaõ, os quaes com os nove de dentro, contando duas vezes o do meio, fazem vinte, que saõ os Reys vencidos naquella batalha,

os treze pontos, que tem cada escudo, saõ os treze mil Portuguezes, que levava comsigo, e confórme ao numero, que as historias daõ aos infieis, saõ vinte vezes treze mil; o haver dividido nos cinco escudos maiores a Cruz, foy em observancia do que lhe disse Christo Senhor nosso, que puzesse por Armas as cinco Chagas, e tambem em memoria dos cinco maiores Reys vencidos. No seu tempo illustraraõ o Reino em virtudes, e armas, Varões dignos de eterna memoria. Egas Moniz, ayo do Rey, venerado dos Principes estranhos; Gonçalo Mendes de Amaya, Herói taõ valorozo, que na idade de noventa e hum annos venceo em hum dia duas batalhas campaes; D. Soeiro Mendes seu sobrinho, q̃ com a espada livrou Hespanha do feudo, q̃ reconhecia ao Imperio de Alemanha, vencendo o General, que vinha cobrá-lo: D. Fuas Roupinho, que junto a Porto de Mós venceo ao Rey Gami, e foi o primeiro que na Hespanha ganhou a Corôa Naval: D. Pedro Rodrigues, que alcançando em hum dia duas victorias, conquistou a Villa de Moura, e tomando por appellido o nome della, foy tronco desta illustrissima Familia: o Santo D. Theotonio, Prior de Santa Cruz de Coimbra, o qual vestindo sobre a murça, e sobrepelliz as armas, ganhou aos Mouros a Villa de Arronches; S. Bernardo lhe mandou hum bordaõ, para se encostar na velhice, todo o Portugal reza hoje delle, e a seu tempo contaremos a sua admiravel vida: D. Mendo Moniz de Candarey, neto de D. Egas, que sendo dos quatro nomeados, a escallar Santarem, foy o primeiro que subio, e montou os muros, seguiraõ-no D. Pedro Affonso, irmaõ do Rey, e D. Pedro Paes, seu sobrinho: D. Rolim, e D. Ligel, que na conquista de Lisbôa obraraõ façanhas de eterna memoria, até entrá-la por força: Giraldo Giraldes, chamado sem pavor, que com força, e industria ganhou a Cidade de Evora: he impossivel numerar todos, porque todos

fo-

foraõ, e moſtraraõ ſer Heróes fortiſſimos, e he paſmar ver quanto nas forças degenerámos em ſeis ſeculos. Faltaraõ as forças (diſſe o Ermitaõ) deſde que os Portuguezes cortaraõ as barbas, eu que nunca puz navalha no roſto, naõ obſtante ter padecido fómes, ſedes, mudanças de climas de todo o mundo, e viver mendigando, conſervo forças, que as naõ troco pelas deſte tempo, e iſto he taõ certo como eu experimentei na Azia, aonde experimentei, e vi experimentar forças em Gentios, que me obrigaraõ a paſmar, e nenhum delles come couſa, que morra: legumes, leite, hervas he o ſeu unico alimento, e naõ bebem vinho, porèm conſervaõ as barbas que lhes deo a natureza: a formoſura do homem ſaõ as barbas, aſſim o creou Deos, aſſim viveo Chriſto Senhor noſſo, e aſſim havemos reſuſcitar todos; e he laſtima que cortemos com o ferro, o que Deos deo ao homem perfeito, ſeu ſimilhante, e ſua imagem. Aſſim he, (diſſe o Soldado) tiramos a ſimilhança com o Filho de Deos, para nos aſſimilharmos ás mulheres: eſtou vendo quando ellas uzaõ de barbas poſtiças, em retruque, e deſpique de nós uzarmos das ſuas caras pelladas. Foy o tranſito do noſſo Veneravel Rey D. Affonſo no anno de mil cento e oitenta e cinco: foy eſtranho o luto, e ſentimento do Reyno, e exemplar extremo no Principe, e ſeus irmãos, de ſorte, que vendo-ſe a duraçaõ delle, julgaraõ muitos que o uzariaõ ſempre. Succedeo no Reyno o ſeu ſegundo Monarcha D. Sancho I. deſte nome, filho ſegundo do Veneravel Rey D. Affonſo, porque o primeiro filho (já diſſemos) morreo de poucos annos: naſceo eſte notavel Principe, verdadeiro retrato, e digno ſubſtituto de tal pay, no anno de mil cento e cincoenta e quatro, quando o Senhor D. Affonſo contava quinze annos de reinado: naſceo em Coimbra aos onze de Novembro: deſde menino foy á guerra com ſeu pay aprender daquelle invencivel

Meſtre a vencer, e aproveitou de ſorte, que ſe bem o appellido, que lhe daõ os Eſcritores, he Povoador, outros lhe chamaraõ Invencivel, outros o Vencedor, vinte e ſeis annos tinha de idade, quando ſahio de Coimbra á primeira empreza, que era defender as terras do Alemtejo, a quem ameaçava o poderozo Rey Mouro de Sevilha; acompanhou-o o pay alguns paſſos fóra da Cidade, e alli o abraçou, e lhe deo a bençaõ: os Mouros cuidadozos, mas calados, o estiveraõ obſervando, e vendo paſſar por Evora, e Béja, até que atraveſſando a ſerra Mourena, fez paſmar ao Rey de Sevilha, porque eſta era a primeira vez que depois de perdida Heſpanha, tinhaõ chegado as armas Catholicas ás portas de Sevilha: ſahio della o Mouro a recebê-lo no campo de Axarafe com formidavel exercito, ordenou o Principe a ſua gente em cinco eſquadroens, que conſtavaõ de dous mil e trezentos Cavalleiros, inveſtiraõ-ſe os dous exercitos, e no maior auge do conflicto ſe vio o noſſo D. Sancho cercado de innumeraveis Mouros ſem poder ter auxilio dos ſeus Portuguezes, entaõ o invencivel ſangue do pay, animando-o vigorozamente, deſcarregou com tal violencia para hũa, e outra parte o montante (era huma eſpada muito uzada naquelle tempo, em que as forças correſpondiaõ ás barbas, tinha ordinariamente hum ſó córte, era muito comprida, larga, e pezada, de ſorte, que ſe jugava com ambas as mãos, e para as terem deſempedidas, lançavaõ a tiracol as redéas) de ſorte matou, e ferio, e deo a conhecer as forças, que os Mouros perdido o alento, e o Rey primeiro que todos, virando as coſtas, buſcaraõ a Cidade, rodando já no campo as principaes bandeiras a impulſos, e golpes do montante do noſſo Principe: buſcaraõ confuzos a porta de Triana; porém como D. Sancho os perſeguia fortemente, aqui pereceo o reſto do exercito Mahometano aos fios da

eſpa-

ſpada Portugueza; correndo de ſorte o ſangue, que o
io Bethis mudou a côr, e correo mais caudalozo, ain-
da depois de acabado o conflicto. Pouco depois ſe ſegui-
raõ as deſconfianças entre o Veneravel Rey D. Affonſo,
e o Rey de Leaõ, e reſtituido o noſſo Rey com as condi-
çoẽs, q̃ ja diſſemos na ſua vida, ficou de tal ſorte o rancor
entre as duas naçoens, que veio ultimamente a dezaffo-
gar-ſe nos campos de Arganal, aonde o noſſo D. Sancho
com pequeno exercito venceo, e affugentou os Leone-
zes, que uſanos com a deſgraça paſſada, naõ julgavaõ
a Sancho inimigo igual ao velho D. Affonſo, e a ex-
periencia lhe moſtrou, que elle renaſcia no filho: tinha
vinta e hum annos de idade quando ſe vio cercado, feri-
do, e derrotado o ſeu quartel na Villa de Santarem pelo
Rey Miramamolim; ſoccorrido do pay, perſeguio o
Mouro, a quem ferio ao entrar no Tejo, aonde mor-
reo affogado. Tres dias depois da morte de ſeu pay foy
acclamado Rey no meſmo lugar, aonde tinha naſcido,
e acabado o acto, cuidou logo em paſſar as ordens ne-
ceſſarias para ſe reedificarem todos os Lugares, Cida-
des, e Caſtellos, que tinhaõ ruinas, e ſeguio-ſe a ordem
para edificar muitos de novo, ſem perder hum inſtante
em beneficio do Reino; concedeo privilegios aos lavra-
dores, fez com que o foſſem os filhos delles, e deſorte
favoreceo com a liberalidade, e com as armas a agricul-
tura, que logo conheceo o Reino a differença, vendo-
se fertil, abundante, e povoado, de que lhe chamaraõ
Povoador, pelos muitos agricultores, que eſtabeleceo,
e com que povoou o Reino. No anno de mil cento e
oitenta e oito entrou na barra de Lisbôa huma frota de
Hollanda, Frizia, e Dinamarca, cheia de luzida gente
voluntaria, que hia para a guerra de Siria, e obriga-
dos de huma tormenta, (cremos que myſterioza) deo
fundo na noſſa barra, aonde acharaõ todo o neceſſario
para reſarcir a perda, e noticias de mais proximas em-
pre-

prezas de valor, e honra: communicou-lhes o nosso Rey D. Sancho os pensamentos, e dezejos, que tinha de conquistar a Cidade de Silves, Praça fortissima do Reyno do Algarve, acceitaraõ a empreza com a condiçaõ; de que todo o espolio seria seu: sahio a Armada acompanhada de quarenta Galeras Portuguezas, e por terra marchou o nosso Rey com o exercito: apenas se juntaraõ os de mar, e terra, déraõ o primeiro assalto á Cidade, que rezistio naõ só a este, mas a innumeraveis, que se lhe déraõ no tempo de dous mezes; em que a industria, e força buscaraõ todos os meyos em huns para a defeza, em outros para a conquista: em fim venceraõ a fome, e sede, a espada, e a morte; e entaõ, salvas as vidas dos poucos, que escaparaõ, se rendeo a Cidade asylo dos Piratas da Mauritania: retiraraõ-se os Estrangeiros satisfeitos, e alegres com o despojo, e o Rey contentissimo, e temîdo com o dominio de taõ importante Praça naquelle Reino; porèm como a fortuna a cada instante muda a scena, sobreveio tal fome, e péste neste Reino, que Miramamolim Aben Joseph, irmaõ do outro vencido em Santarem, junto com os Reys de Cordova, e Sevilha, com quatrocentos mil Soldados, entraraõ neste Reino, queimando os campos, tomando Lugares, e matando as gentes: O nosso Rey D. Sancho, em quem tanto era o valor, como a prudencia, vendo o Reino sem forças, consumidas pela maõ de Deos com fome, e péste, humilhou se perante o Altissimo com os seus, e cuidando só na restauraçaõ dos Lugares perdidos, fez pazes com os Mouros por cinco annos, que acabaraõ com hum ecclipse portentozo do Sol, a que se seguiraõ tremores de terra horriveis, enchentes de rios, tempestades no mar, e outras calamidades grandes, a ultima, e mayor de todas foy huma enfermidade que abrazava as entranhas, e morriaõ os homens como danados: oito

annos

annos duraraõ estes trabalhos, que o nosso Rey tolerou com paciencia santa, e animando a seus vassallos com a voz, e com o exemplo, pôs exercito em campo, cercou a Villa de Palméla, que os Mouros tinhaõ recobrado, e depois de varios assaltos, em que se vio que o contagio naõ tinha diminuido o valor antigo, se rendeo a guarniçaõ salvas as vidas, e o mesmo fez á Cidade de Elvas: naõ satisfeito em recuperar o perdido no tempo do contagio, passou a recobrar o que lhe pertencia por direito, entrou pelo Reino de Galliza, tomou a Cidade de Tuy, e outros lugares do Rey de Leaõ seu genro, e ouvindo publicar a Convocatoria, que o SS. Papa Urbano VII. fez aos Principes Catholicos para a segunda conquista de Jerusalem, que Saladino Imperador Turco havia pouco tempo tinha conquistado, começou a preparar se para a jornada, e conquista; porèm os Vassallos, vendo quanto necessaria lhes era a sua prezença em tempos, que os inimigos do nome Catholico por toda a parte ameaçavaõ esta Monarchia, cujas conquistas, e dominios estavaõ bastantemente separados, o persuadiraõ a que naõ fosse, e elle assentindo ao seu parecer como prudente, dezabafou os dezejos, que tinha de ir, aos premios, e mercês, que fez aos que haviaõ pelejar; deo novas Cómendas, e terras aos Cavalleiros Templarios, e Maltezes, chamados entaõ Ródios, ou Hospitalarios, e em fim animou a todos. Foy excessivamente venerador das Religioens, á de S Tiago deo as Villas de Alcarcere do Sal, Palméla, Almada, e Arruda, á Ordem de Aviz deo Vallelas, Alcanhede, Alpedriz, e Jerumenha, e á dos Templarios a Cidade de Idanha; foy premiador dos Cavalleiros, amparo dos pobres, inimigo do ocio, verdadeiro amigo, e pay da patria: as mizerias della, em muitos annos foraõ capazes de o fazer pobre porq̃ a enfermos, e saõs de todo o Reino chegava a sua liberalidade; mas elle com prudencia rara a temperou, de-

forte, que quando morreo deixou hum vazo de ouro ao Summo Pontifice Innocencio III., para se fazer hum caliz, repartio grande Thesouro com todas as Igrejas do Reino, deixou muito a seus filhos legitimos, ja em dinheiro, ja em senhorios de terras; e o mesmo fez aos illegitimos, e suas mãys, e até a varios Principes fóra do Reino deixou legados competentes á sua grandeza naquelle seculo, e á Caza Santa de Jerusalem hum bom donativo: lembra-me a sinceridade daquelle tempo de ouro, vivamente retratada no testamento deste notavel Rey: nelle fez doaçoens, e legados das suas vacas, das suas egoas, e das suas porcas, em fim dos seus gados, que tinha em diversos sitios, como tambem o dinheiro dividido por diversas Torres, e depozitarios; porque as guerras continuas obrigavaõ a uzar destas cautellas, para naõ arriscar em huma só perda, o que havia ser remedio de todas. Era o Rey de mediana estatura, que parece quiz mostrar á natureza, que a do Santo Rey seu pay havia ser unica na Monarchia Portugueza; tinha os membros avultados, e nervos robustissimos, de que lhe rezultavaõ forças mais que grandes, na guerra foy sempre feliz, e vencedor, na paz experimentou sempre o Ceo contra o Reino em castigos continuos, que tolerou com animo taõ inteiro, como quem reconhecia a Deos melhor Author. Basta que he noite, á manhãa contarey o que falta desta vida notavel.

FIM

DA DECIMA SETTIMA PARTE.

LISBOA:

Na Officina de FRANCISCO BORGES DE SOUSA.

Anno de 1758.

Com todas as licenças necessarias.

ACADEMIA
DOS
HUMILDES,
E
IGNORANTES.

CONFERENCIA XVIII.

COm grande auditorio de Romeiros no dia dous de Settembro continuou a vida do Grande Rey D. Sancho o nosso Soldado, dizendo: Poucos annos antes de morrer seu Pay, o Veneravel Rey *Affonso H.nriques*, cazou o nosso Rey D. Sancho m Dona Dulce, ou Aldonça, filha do Principe D. Ra- on Berenguer, Conde de Barcelona, e de Dona Petro- ha, Rainha de Aragaõ, e neta de D. Ramiro o Mon- : foy Princeza admiravel em todo o genero de virtu- s, com as quaes mereceo a Deos quatro filhas Santas, duas reza ja a Igreja, e das outras rezará algum dia. ynou o nosso D. Sancho vinte e seis annos, viveo cinco- ta e sette, morreo no anno de mil duzentos e doze, está ultado na Capella Mór de Santa Cruz de Coimbra, lado da Epistola, defronte de seu pay, que tem o Mau- eo da parte do Evangelho: O Rey D. Manoel man- u abrir o seu sepulchro, e achou o seu cadaver incor- pto, havendo quatrocentos annos que tinha fallecido, vilegio divino, e correspondente á opiniaõ, que ti- aõ da sua santidade: no seu retrato antigo está com roa sobre o elmo, ceptro na maõ, espada á cinta, ar- s ricas, e manto carmesim: teve nove filhos legiti- os, e seis antes de cazar, o primeiro foi D. Affonso, lhe succedeo no Reino, o segundo foy D. Fernan-

do, que cazou com Joanna, Condessa de Flandres, filh unica, e herdeira do Grande Imperador de Constantinopl Balduino: teve guerras com Filippe Augusto Rey d França, o qual o venceo, e prendeo todo o tempo do se Reinado: S. Luiz, que lhe succedeo, o soltou depoi de doze annos de miseravel prizaõ, de que lhe rezulta raõ achaques, dos quaes morreo, e está sepultado em hum Mosteiro junto a Lila em Flandres: naõ teve suc cessaõ. O terceiro D. Pedro, que depois de estar na Cor te de Marrocos, foy Conde de Urgel, Senhor de Ma lhorca, e Segorbe, por ser cazado com Aurembiax, fi lha herdeira do Conde Armengol: naõ tiveraõ filhos. O quarto D. Henrique, que morreo moço, está enterrado em Santa Cruz de Coimbra. O quinto Dona Thereza, ca zou com D. Affonso, Rey de Leaõ, do qual teve tres filhos, e depois a mandou separar o Papa, porque eraõ paren tes, e naõ foraõ dispensados; veyo para este Reino; aonde reformou o antigo Convento de Lorvaõ, em que morreo com opiniaõ de Santa, hoje está beatificada, e reza Portugal della. O sexto D. Mafalda, dotada de raras prendas, e singular formosura, cazou com D. Henrique primeiro Rey de Castella, do qual foy separada por or dem do Papa, por serem parentes, e naõ terem dispen sa, e os mesmos Portuguezes o pediraõ ao Summo Pon tifice, por julgarem que estes Matrimonios incestuozos eraõ a cauza de mandar Deos a este Reino tantos castigos de guerra, fome, e peste: veyo para este Reino, aonde fundou varios edificios Seculares, e Ecclesiasticos, refor mou o antigo Mosteiro de Arouca, aonde se recolheo, e acabou a vida com opiniaõ de Santa, que hoje conser va com milagres, que no seu sepulchro obra. O settimo Dona Sancha, Senhora de Alemquer, aonde no seu Pala cio, de que ainda existe inteira huma caza, recebeo os Santos Martyres de Marrocos, e na mesma lhe appare ceraõ, quando foraõ martyrizados, e mortos pelo que se do

do dito Palacio Convento de S. Francisco, sendo ainda vivo o Santo Patriarcha; da tal caza se fez Capella, aonde estaõ os Santos Martyres, como lhe appareceraõ, e ella foy fundar o Mosteiro de Cellas, aonde tomou o habito, e morreo com opiniaõ de Santa: foy trasladado o seu corpo para o Mosteiro de Lorvaõ, para acompanhar suas irmãas, hoje está beatificada, e reza todo Portugal della. O oitavo Dona Branca, Senhora de Guadalaxara, onde morreo, e jaz no Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra. O nono Dona Berenguela, que com poucos annos de idade, e muitas virtudes, morreo em Lorvaõ, aonde está sepultada. Os filhos naõ legitimos havidos antes do Matrimonio foraõ seis, o primeiro Martim Sanches, Conde de Trastamara, Adeantado maior de Leaõ, aonde perdida a amizade com seu Irmaõ D. Affonso, militou contra o seu Reino, cazou com Dona Elo, Senhora de muitos Lugares, filha de D. Pedro Fernandes de Castro, o Castelhano, naõ teve filhos, está sepultada em Cophinos, Lugar de Campos. O segundo Dona Urraca Sanches, mulher de Lourenço Soares, filho de D. Soeiro Viegas, e de Sancha Bermuis de Trava, a mãy destes dous irmaõs se chamava Maria Fornelos. O terceiro Thereza Sanches, cazou com D. Affonso Tello, o velho, de quem nasceo D. Affonso Tello de Menezes, origem de nobilissimas familias deste Reino. O quarto Gil Sanches, que foy Clerigo. O quinto Constança Sanches, acabou o Mosteiro de S. Francisco de Coimbra, começado em vida do mesmo Serafico Patriarcha, está sepultada em Santa Cruz da mesma Cidade. O sexto Ruy Sanches, que morreo em huma batalha, que os Portuguezes tiveraõ huns com os outros junto á Cidade do Porto, está sepultado no Mosteiro de Grijó: a mãy destes quatro se chamava Maria Paes. Fez poucas mercês, porque os tempos foraõ calamitozos, a D. Mendo Souzano, de quem descendem os Souzas deste Reyno, deo o titulo de Conde; a Gonçalo

Mendes, Cavalleiro illustre, fez Guarda mór da (i
ſoa, e foi o primeiro que teve eſte officio. No ſe
po entraraõ a fundar em Portugal os Religiozo
Domingos, os de S. Franciſco, os da Trindade,
Carmo, a maior parte, e melhor dos Moſteiros d
ligiozos Agoſtinhos Calçados. Recebeo o inſtitut
bito de Ciſter, e de S. Bento, cujos fundadores r
deciaõ em ſantidade, e naquelles tempos cuida
Religioſos ſem emulaçoens de antiguidades, nem
plicidade de Conventos, ſó em ſerem Santos, e bu
melhores Meſtres para ſe adiantarem nas virtudes
ve no ſeu tempo Varoens inſignes nas armas, e eſ
mente D. Mendo Souzano, que teve grande pa
conquiſta de Sylves; Martim Lopes, que vence
exercito, que pôs contra o ſeu Rey, e Reyno D
Fernandes de Caſtro, o Caſtelhano, compoſto
da dos Mouros, com os quaes nos arruinou muito
pos, e Lugares; prendeo-o Martim Lopes, e
lhe deo liberdade; Gil Fernandes, e quaſi todo
tempo do Veneravel Rey D. Affonſo Henriques:
tempo governaraõ a Igreja de Deos, Clemente, C
no, e Innocencio III. Teve principio o ſoberbo Sal
Imperador Turco, que ganhou a Cidade de Jeru
tirando a coroa della ao ſeu legitimo Rey Guido
gniano. Nos ultimos dias do noſſo Rey ſe declaro
tra a Santa Igreja Romana o Hereſiarcha Albino.
ria em Portugal neſte tempo huma moeda chama
lento, de que uzaraõ os Hebreos, Gregos, e Ro
com differentes preços, o menor foy o Portugue
naõ valia mais do que quatro ducados, e cada duca
gundo o que me diſſeraõ peſſoas doutas, e achey e
livro de ſommas) valia quatrocentos e quarenta
reis: de prata o vio o grande Tito Livio Portu
Manoel de Faria e Souza, honra dos noſſos Hi
dores, do Reyno, e da lingua Heſpanhola, a qu

guimos em tudo, o que vos contamos, nelle: estava o Rey D.Sancho figurado a cavallo com espada levantada, nas redeas huma Cruz, e em circuito a letra: *In nomine Patris, & Filii, & Spiritus Sancti*; da outra parte estava o escudo das Armas do Reyno, com a letra: *Sanctius Dei gratia Portugalliæ Rex.* Emendou o nosso Rey D.Sancho as Armas ao Reino, tirando dellas os dez escudetes ligados com o cordaõ, que seu pay lhe tinha posto, e os quatro que acompanhavaõ a Cruz dos cinco, estes só deixou ficar ligados com cordaõ, e estas Armas existem hoje na familia dos Eças, a quem as deo o Rey D. Pedro I., para que perseverassem no Reino as primeiras Armas delle, ja que todos os Reys as mudavaõ. Tres dias depois da morte do Rey D. Sancho, foy acclamado em Coimbra Rey deste Reino o Senhor D. Affonso, segundo deste nome, que tinha nascido na mesma Cidade de Coimbra a vinte e cinco de Abril de mil cento e oitenta e cinco, e agora se achava com vinte e sette annos de idade. Desde menino mostrou sempre taõ pouco amor aos irmãos, que o pay temendo padecessem necessidades, se ficassem dependentes delle, a todos deixou terras, e dinheiros, para que pudessem passar a vida com a abundancia, e fasto, que pedia o sangue Real naquelle tempo, em que todos se accomodavaõ com pouco, e esse pouco luzia muito; porèm o nosso Rey D. Affonso, apenas empunhou o ceptro, revogou todas as doaçoens, que o pay fizera a seus irmaõs, como prejudiciaes á Coroa, e bens do Reino, que sendo nesse tempo taõ pequeno, com estas divisoens, e dominios separados da Coroa, ficava o Rey quasi só com o titulo, porque as Ordens Militares possuiaõ muito, as Religioens Monachaes outro tanto, e em fim era nada o que ficava ao Rey para honra, e sustentaçaõ do caracter Real: este, e naõ outro, foy o motivo, porque logo mandou notificar a seus irmaõs, que lhe entre-

tregassem as Villas, de que estavaõ ja de posse, em observancia do testamento de seu pay, nullo nesta parte porque naõ podia alienar os bens da Coroa: os irmaõs temendo as armas do Rey, deixaraõ as terras, e o Reino D. Fernando passou a Castella, e D. Pedro a Marrocos as Infantas fortificaraõ-se nas terras, que o pay lhes tinha deixado, e o Rey lhes pôs cerco com tal porfia, que a Beata Thereza pedio soccorro ao Rey de Leaõ, o qual veio pessoalmente, e foy obrando neste Reino, o que os Mouros tinhaõ feito os annos passados; em fim cercou ao Rey D. Affonso, que estava cercando as irmãas, vieraõ os exercitos ás maõs com horroroza furia, e o nosso Rey com os Portuguezes se vio obrigado a deixar o campo, e o Rey de Leaõ recolhendo-se vitoriozo, ganhou as Villas de Valença, Melgaço, Fulgozo, Freyxo, e outros Lugares mais pequenos, e menos importantes, nos quaes a avareza, e licença militar saqueou tudo, o que puderaõ levar os carros, as bestas, e os homens, e ao que ficou lançaraõ fogo: auzente o Rey de Leaõ, e o seu exercito, tornou o nosso Rey D. Affonso a perseguir as irmãas, para que lhe entregassem as Villas que possuiaõ, e ellas afflictas, recorreraõ ao Summo Pontifice Innocencio III., o qual interpondo a sua authoridade; ordenou ao nosso Rey com cominaçaõ das maiores censuras, naõ inquietasse as irmaãs, até ser julgada esta cauza conforme a Direito, depois de examinado o que tinha cada hum ás ditas Villas, e terras; dez annos duraraõ estas inquietaçoens, até que no fim delles parece cansou o Rey, ou o sangue (que he o certo) o fez abrandar, e fez pazes com as irmaãs para sempre, empregando dahi por diante os cuidados nas acçoens gloriozas, que vos contaremos. Meditava o nosso Rey alguma empreza heroica, quando pela barra de Lisbôa entrou huma Armada de naçoens do Norte, que constava de cem embarcaçoens destroçadas de huma tempestade; disse o Rey

ao Bispo D. Mattheus soccorresse aos naufragantes, este o fez, e depois de resarcida a perda, persuadio ao Rey convidasse com elle os Estrangeiros para a restauraçaõ de Alcaçar do Sal, Villa de grande importancia ja no tempo dos Romanos, e agora empenho igual de Catholicos, e Mouros, que alternativamente a tinhaõ possuido nestes dous seculos: fallaraõ o Rey, e Bispo aos Estrangeiros, que logo acceitaraõ a empreza; e porque o Rey estava indisposto, o Bispo de Lisbôa D. Mattheus, homem Santo, por tal venerado, vestio as armas, e foy General do nosso exercito, que marchou por terra; e constava de vinte mil Portuguezes, em quanto os Estrangeiros, que eraõ muito menos, nos seus cem baixeis entraraõ a barra de Setuval, e subiraõ o rio Sado: chegáraõ ao mesmo tempo, e logo se deo o primeiro combate *furiosissimo*, em que foy igual o numero dos mortos de ambas as partes, e foraõ muitos; porèm os sitiados, prevendo o valor dos Portuguezes, avizaraõ os Reys de Badajós, Sevilha, e Cordova, para que os soccorressem, o que fizeraõ logo com quinze mil Cavalleiros de lanças, e oitenta mil Soldados de pé, álèm de dez galeras bem cheias de gente, e mais petrechos de guerra: caso era este, em que o animo dos Portuguezes, parece, havia desmaiar; porèm como Deos fundou para si este Reino, e para a conquista de Lisbôa conduzio Estrangeiros no Reinado do Veneravel Senhor D. Affonso I., e outros para a de Silves no de D. Sancho I., agora para mostrar que todas as emprezas de importancia eraõ suas, e á sua conta estava o conseguî-las milagrozamente, fez que neste mesmo tempo entrassem no porto de Setuval trinta e seis navios de Holanda com seu General Henrique de Ulmenser, o qual sabendo o aperto, em que se achavaõ os Catholicos em Alcaçar, nove legoas distante, subio o rio Sado logo em seu auxilio: entaõ foy o combate mais horrivel daquelle seculo, huns

esca-

escaláraõ a Praça, a quem a natureza fez inexpugnavel, outros combatiaõ com o exercito dos tres Reys no campo. Viaõ-se misturadas gentes de linguas, e trajes estranhos, ouviaõ-se instrumentos bellicos differentes, voavaõ insignias, e bandeiras de diversas castas, choviaõ dardos, frechas, lanças, era tudo horror, confuzaõ, espanto, e sangue, desorte, que diz huma memoria antiga desta batalha, que ainda depois de alcançada pelos nossos a victoria, desorte estavaõ baralhados (costume daquelle tempo, em que faltando a polvora, para matar depressa muitos, e os mais valorosos, era precizo deixar a fórma, e confundirem-se para morrerem ás pancadas, os que bastavaõ, para vencerem os vivos) que muito tempo pelejaraõ sem necessidade, e huns com outros julgando-se inimigos: em fim, declarou-se a victoria pelos nossos, entraraõ a Villa, aonde tudo deixou a vida nos fios da espada, morreraõ quatro Reys, e trinta mil Mouros, os mais salvaraõ as vidas nos pés proprios, e nos dos cavallos: foy o despojo grande, e rico, por ser esta Villa porto maritimo, e de grande cómercio naquelle seculo; tudo repartio pelos Estrangeiros o Bispo D. Mattheus, de que ficaraõ todos satisfeitos, e nenhum dos Portuguezes invejozo, porque só honras, e victorias desejavaõ todos. Basta, o mais contarei na Conferencia seguinte.

F I M

DA DECIMA OITAVA PARTE.

LISBOA:
Na Officina de FRANCISCO BORGES DE SOUSA.
Anno de 1758.
Com todas as licenças necessarias.

ACADEMIA
DOS
HUMILDES,
E
IGNORANTES.

CONFERENCIA XIX.

CResce o numero dos curiosos a ouvir as vidas dos nossos Reys antigos, e juntando-se no dia cinco de Settembro muitos, continuou o Soldado a vida do memoravel Rey D. Affonso II., dizendo: Impensadamente cercáraõ os Mouros as Villas de Moura, e Serpa, acudio pessoalmente o nosso Rey, e cercando os cercadores, os obrigou a huma sanguinolenta batalha, em que a maior parte dos inimigos perderaõ a vida: o nosso Rey pelejou com tal ancia, e furor, que esteve em termos de morrer abafado na maior força do conflicto, porque era muito gordo, o tempo excessivamente calmozo, a hora as doze do dia; o que tudo junto, com o pezo das armas, o abafou desorte que o tiraraõ da batalha nos braços, e tiradas a toda a pressa as armas, o recolheraõ a sitio fresco, aonde o ar lhe restituio os espiritos, sem nunca cessar de expedir as ordens necessarias, e animar os vassallos com recados, e lembrança das antigas victorias: fugiraõ em fim os Mouros, e o nosso Rey victorioso, naõ perdendo tempo, buscou o Rey de Badajós, que ufano com a grandeza do seu exercito, ameaçava, naõ só o Alemtejo, mas o Rey-

T no

no todo, e no campo de Alcocer, com morte de trint
mil Mouros, o fez retirar caſtigado, e incapaz d
nos perturbar a quietaçaõ no ſeu tempo. Recolhid
a Lisbôa, occupou os penſamentos na conquiſta da Ter
ra Santa, á qual deſejou ir peſſoalmente, como ſeu
Pay: mas vendo que as neceſſidades da Monarchi
o naõ permittiaõ, mandou huma luzida Armada pa
ra aquella ſanta empreza, na qual o valor Portuguez
deixou o eterno nome, que em todos os Paizes eſtra
nhos ſempre adquirio: a falta de Eſcritores naquel
les ſeculos, e a perturbaçaõ delles, que ſó permittia
o cuidado nas armas, ſem deixar aos mais applicados
tempo para eſcrever hiſtorias, como tambem a ſoli
daõ, e auſteridade, em que viviaõ os Religioſos, os
quaes ſó podiaõ fazer memoria dos heroicos triun
fos dos Reys, e vaſſallos, foraõ cauſa de ficarem ſe
pultadas no eſquecimento as acções notaveis do Rey
D. Affonſo, e de outros muitos, deſgraça, de que naõ
eſcapou o Imperador Trajano, perdendo-ſe os eſcritos
de Aurelio Vero, e Fabio Marcello: a meſma perda ſuc
cedeo com as guerras em varias Livrarias manuſcri
tas, em que ſe achavaõ algumas antiquiſſimas memo
rias; ás quaes naõ perdoou a licença militar, com gra
ve prejuizo dos acredores deſta gloria temporal. Sabe
mos ſó que o Rey D. Affonſo era muito groſſo, pelo
que lhe chamaraõ o gordo, e os hiſtoriadores o intitulaõ
o Legislador, por ſer o primeiro, que começou a fazer
a Ordenaçaõ antiga de poucas leys, e breves, porém ob
ſervadas á riſca, e ſem gloza; diſſimulava o Rey a muita
gordura com a eſtatura agigantada, de que o dotou a
natureza, tinha roſto formozo, teſta eſpaçoza, olhos
alegres, cabello ruivo, que ſempre trazia ſolto, e bem
penteado: no ſeu retrato antigo ſe vê com Corôa no
elmo, eſpada levantada, arnez rico, manto cor de nacar
com

flores de ouro. Viveo quarenta e oito annos, reinou
e e hum, falleceo no anno de mil e duzentos e trin-
três, está sepultado com a Rainha sua mulher no
Mosteiro de Alcobaça em sepultura raza sem
sio, nem letreiro algum, costume da maior parte
Reys Portuguezes, que só cuidaraõ em obrar mui-
e calar tudo: foi cazada com a Senhora Dona
ica, filha do Rey D. Affonso VIII. de Castella,
mado o Nobre, e bom, e da Rainha Dona Leonor,
do Rey de Inglaterra Henrique II.: foi Princeza
da de singular formosura, e taõ grandes virtudes
mereceo saber o dia de sua morte: no seu tem-
ieraõ a Coimbra os Santos Martyres de Marrocos;
juaes recebeo ella com notavel affabilidade, e ve-
çaõ, e delles se informou das acções, e vida do
ico Patriarcha S. Francisco, que era vivo, e os
mandado: pedio-lhes na despedida lhe alcanças-
de Deos a certeza do dia da sua morte, e elles lhe
nderaõ, que morreria no mesmo dia em que os
corpos, depois delles martyrizados, e mortos,
issem em Coimbra, e ella os veneraste no lugar
e lhe faziaõ a promessa: chegaraõ a Marrocos
, porque hum morreo no caminho, foraõ marty-
os, e como naquella Côrte se achava o Infante
Pedro, fugitivo do nosso Rey D. Affonso seu
, como dissemos no principio da sua vida, este
summa piedade, e devoçaõ, fez que se naõ per-
parte alguma dos corpos dos Santos, e depois
ter em sua caza alguns tempos, os trouxe com-
a este Reino: foraõ conduzidos a Coimbra, e
eados no Mosteiro de Santa Cruz da mesma Cida-
no mesmo dia que chegaraõ, os foy a Rainha
ar no mesmo sitio, em que elles lhe tinhaõ fei-
romessa, e dahi a poucas horas morreo, com todos

T ii os

os signaes de predestinaçaõ;e para ser mais publica, succedeo que o seu Confessor, estando no seu Convento ás portas fechadas, vio entrar no Côro huma grande multidaõ de Religiosos de S. Francisco, entre os quaes se distinguiaõ cinco, e a todos prezidia hum: e perguntando o dito Confessor, que novidade era aquella, lhe responderaõ, que Deos os mandava fazer naquella noite officio pela Rainha, que tinha fallecido; que o Prezidente era S. Francisco, e os cinco eraõ os Martyres de Marrocos, a quem ella venerara tanto: logo que acabaraõ as Matinas de defuntos, dezappareceraõ; e no mesmo tempo tocaraõ á portaria chamando a toda a pressa o Confessor, para assistir á Rainha, que estava expirando. Teve o nosso Rey D Affonso cinco filhos legitimos, e hum bastardo. O primeiro foi D. Sancho, que lhe succedeo no Reyno. O segundo D. Affonso, Conde de Bolonha por sua mulher Madama Matildes; este foi chamado para Governador deste Reyno, ainda em vida de seu irmaõ, a quem succedeo no Ceptro. O terceiro D. Fernando, que chamaraõ de Serpa, cazou com Dona Sancha Fernandes, filha de D. Fernando, Conde de Lara, de quem se diz que naceo Dona Leonor, mulher do Principe de Dacia, tem seu sepulchro em Alcobaça. O quarto D. Vicente, que morreo menino, e jaz no mesmo Mosteiro. O quinto Dona Leonor, que foi a Rainha de Dacia. O illegitimo se chamou D. Joaõ Affonso, o qual com todas as suas acçoens está sepultado em Alcobaça, porque delle naõ ha memoria alguma. Illustrou este Reyno no seu tempo a gloria de Portugal, e especialmente de Lisbôa, o Senhor Santo Antonio; nas Armas o Bispo de Lisbôa D. Mattheus, e nas virtudes, que lhe mereceraõ singular fama de santidade. D. Pedro, Mestre dos Templarios; D. Gonçalo, Prior dos Maltezes, que ja disse-

mos

nos se chamaraõ primeiro Hospitalarios, em quanto reziiraõ na Terra Santa, e cuidaraõ na saude dos Peregrinos, que hiaõ vizitar os Lugares Santos: depois que fizeraõ assento, e cabeça na Ilha de Rodes, se chamaraõ Cavalleiros Rodios; e conquistada aquella Ilha pelos Turcos, se passaraõ para a de Malta, aonde hoje existem, e Deos os conserve para açoute dos infieis, e gloria da Christandade. Martim Barragaz, Cavalleiro de S. Tiago, e outros muitos, cujas acçoens heroicas sepultou o esquecimento, sabendo-se unicamente, que houve neste Reinado Heróes grandes, que fizeraõ vencedor o seu Rey muitas vezes, e acompanharaõ ao Infante D. Fernando na batalha das Navas de Toloza, para que se veja que naõ ha em Hespanha (e ainda em todo o mundo apenas se contará) triunfo, victoria, acçaõ memoravel, em que o valor Portuguez naõ tivesse grande parte. No tempo do nosso Rey D. Affonso II. governaraõ a Igreja de Deos Innocencio III. Honorio III., e Gregorio IX.: succedeo aquelle notavel, e milagroso caso, que publicando-se a Cruzada para se alistarem os que quizessem ir voluntariamente á conquista da Terra Santa, vinte mil meninos uniformes tomaraõ a Cruzada, e se alistaraõ para a Santa conquista. No Reynado deste Monarcha tiveraõ principio as Ordens Mendicantes de S. Francisco, S. Domingos, e das Mercês, Redempçaõ de Captivos; e á antiquissima do Carmo deo Regra Santo Alberto, Patriarcha de Jerusalem. Poucos dias depois da morte do nosso Augusto Legislador D. Affonso II., foy acclamado Rey desta Monarchia seu filho primogenito D. Sancho. Nasceo este Principe na Cidade de Coimbra aos oito de Settembro de 1207: foi o segundo do nome, e quarto na serie dos Monarchas Portuguezes. O vulgo o appellidou D. Sancho Capello, e com o mes-

mesmo distincto o daõ a conhecer os nossos Escriptores. A Veneravel Rainha Dona Urraca, sua mãy, o trazia vestido com o Habito do grande Padre, e Doutor da Igreja Santo Agostinho, para que o Santo Patriarcha o livrasse das frequentes molestias, que padecia sendo menino. Foi Principe de genio docil, e de naõ difficil condescendencia, dotado porèm de animo pio, e excessivamente generoso. A piedade o conduzia com frequencia aos Templos, assistindo com Regio exemplo aos Officios Divinos, e á celebraçaõ dos Sagrados Mysterios da nossa Religiaõ. A generozidade lhe inspirou sempre acções dignas do seu Real amplissimo coraçaõ. Estas, e outras virtudes, que se uniraõ com amavel concordia, para formar o caracter, e ornar a Pessoa deste Soberano, lhe adquiriraõ em Portugal, Hespanha, e em toda a Europa o Titulo de *Magnifico*, e com ellas pudera chegar a conseguir o sublime gráo do Heroismo, se varios incidentes, dos quaes omittimos a narraçaõ, lhe naõ puzessem taõ sublime felicidade, ou distante, ou certamente inassequivel por varias, e fataes circunstancias. Terriveis foraõ as do cazamento, que contrahio, naõ sem dezigualdade; Conselheiros, e pouco habeis para a deliberaçaõ desta alliança, foraõ o amor que tributou á formosura da que se lhe offereceo para Espoza; e a dependencia dos que neste cazamento muito se interessaraõ. Arrebatado da rara belleza de Dona Mecia Lopes de Haro, (qual outro Rey Antioco da formozura de huma Dama Calcidense) viuva de D. Alvaro Pires de Castro, filha de D. Lopo Dias de Haro, Senhor de Biscaya, e de Dona Urraca, illegitima do Rey D. Affonso IX. de Leaõ, lhe deo a maõ de Espozo, entregando-lhe á imitaçaõ do Imperador Justino II. com o coraçaõ o Ceptro, e o alvedrio. Naõ foi do Reyno bem acceito este desposorio; e cus-

e custozas experiencias manifestáraõ dentro de breve tempo hum quasi geral dissabor: a prudencia, e o zelo se empenharaõ no remedio; investigáraõ opportunos meios, e os applicáraõ sem precipitaçaõ; cortando porêm toda a nociva demora. Recorreraõ os Portuguezes á Sé Apostolica com hum bem instruido memorial, supplicando nelle ao Papa, que o Rey se separasse da Senhora Dona Mecia, com quem cazára, sendo parentes, sem dispensa. Deferio o Papa, que entaõ era Gregorio XI., á supplica, determinando que o Rey se separasse logo, por ser o Matrimonio nullo, e incestuoso por falta da dispensa. Estes, e outros incidentes, e na verdade gravissimos, persuadiraõ ao Rey D. Sancho a deixar o Reyno, (ficando com a Vicaria regencia delle o Infante D. Affonso, Conde de *Bolonha*, cazado com a Condessa Madama Matildes, Soberana proprietaria daquelle Estado) e com effeito passou á Cidade de Toledo, entaõ Côrte dos Reys de Castella, como noutro tempo o despojado Tarquino se desterrou para a Provincia de Etrurias. Levou comsigo o Thesouro do Reyno. Basta, á manhaã contarey o que falta.

FIM

DA DECIMA NONA PARTE.

LISBOA:

Na Officina de Francisco Borges de Souza.

Anno de 1758.

Com todas as licenças necessarias.

ACADEMIA
DOS
HUMILDES,
E
IGNORANTES.

CONFERENCIA XX.

JUntos no dia sette de Settembro, continuou o Soldado a vida do nosso Rey D. Sancho II., dizendo: Reinava nesse tempo em Castella D. Fernando, o Santo, de quem hoje reza a Igreja, e o nosso Rey, que morreo com opiniaõ de Santo, bem merecida, buscou a sua Corte, e companhia para consummar as virtudes heroicas, que havia tantos annos exercitava: fez caminho pelo Lugar de Moreira, bem conhecido neste Reino, no qual viviaõ alguns Portuguezes valorozos, e leaes vassallos, os principaes eraõ D. Garcia, D. Fernando Garcia, D. Fernando Lopes, e D. Diogo Lopes, todos irmãos; D. Garcia, que era o mais velho, sabendo que o Rey descançava naquelle Lugar, vestio o arnez, e acompanhado só de hum escudeiro, tambem armado, foy aonde elle estava; e depois de lhe beijar a maõ, disse: *Meus irmaõs, sabendo que vós, Senhor, estais aqui, me enviaõ a que vos diga, sejais servido ficar na Villa; porque as nossas vidas seraõ os muros, que certamente vos haõ de defender sempre em toda esta Comarca, como Rey, e Senhor deste Reyno: e só queremos que vos naõ acompanhe D. Martim Gil, (que estava presente) o qual me ouve; porque, contra a*

vossa reputaçaõ, foy causa total de tantas afflicçoens, e miserias, que padece hoje este Reyno: só tendes gozado o nome de Rey; que por esse motivo vos lamentamos, e vemos hoje neste estado, governado, aonde nascestes para governar: e se elle disser o contrario, em singular dezafio lhe mostrarey a verdade. O Rey naõ acceitou o offerecimento, e D. Martim Gil calou-se, e dizem os nossos Historiadores, especialmente o Grande Manoel de Faria e Souza, que isto foi prova da sua culpa: mas eu, que vi memorias antigas deste cazo, achey que Martim Gil foy valido, por ser virtuoso, e se errou no, que aconselhava sempre ao Rey D. Sancho, foy, porque naõ entendia mais, nem melhor; porque a sua intençaõ foy sempre recta, e bem o mostrou em deixar a patria, e acompanhar em Toledo o seu Rey, até elle acabar a vida, e elle protestando o recto procedimento, quando Deos lhe tirou a sua. Continuou o Rey a jornada, chegou a Toledo, aonde o Santo Rey D. Fernardo o recebeo como Santo, parente, e amigo, e o fez respeitar sempre, como se estivesse no seu Reyno: gastou em obras da Sé de Toledo, na Capella dos Reys, com esmólas hum incrivel thesouro naquelles tempos, que tinhaõ junto em Portugal os Reys seus avós, e pay: foy publica, e aspera a sua penitencia, e com ella, e desgostos apressou a morte; porêm taõ feliz, e de justo, que S. Lazaro, de quem era devotissimo, lhe appareceo, e fallou duas vezes em vida; disse-lhe o dia, e hora em que havia morrer, e nella lhe assistio. Feliz Rey, ainda que todos lhe chamem desgraçado, que talvez perdesse o Reyno eterno, se gozasse o de Portugal pacifico: a liberalidade, que uzou em Toledo, lhe adquirio o titulo de Magnifico, e entre os melhores de Justo, e Virtuozo, que para o ser bastava a paciencia, com que lar-

gou

gou o Reyno, e a Coroa; e vindo a Portugal com o Infante D. Affonso de Molina, e bastante exercito, tornou a sahir sem provar as armas, obrigado do medo das censuras do Papa Innocencio IV., mostrando neste modo mais amor a Deos, e á Cabeça da sua Igreja, do que ao reinar, e sobéranias da Coroa. No principio do seu governo reedificou, e fez habitar a Cidade de Idanha, que destruida por seu avô D. Sancho I. quando a tomou aos Mouros, apenas conservava cinzas, e memorias do que fora: rezistio ao cerco fortissimo, que os Mouros do Algarve puzeraõ á Villa de Alcaçar do Sal, e depois de lhes matar o melhor do exercito, que formava o cerco, os obrigou a pedir tréguas, e levantá-lo; em fim nada do que seu pay lhe deixou, perdeo: huma das duas maiores glorias dos Principes he, ou accrescentar os dominios com a guerra, ou conservar em paz o adquirido, sem diminuiçaõ alguma. Neste Rey se acabou a linha direita dos Reys de Portugal, passando a seu irmaõ a Coroa. Tinha rosto formozo, cabellos ruivos, e compridos, testa espaçoza, olhos verdes, e alegres, nariz alguma cousa grosso, a cor do rosto alguma couza pallida: em fim por sua disposiçaõ, que era boa, por suas obras, que nunca foraõ ruins, e por sua muita docilidade, podia ser chamado Ovelha de ouro, como o foy Junio Silano na boca de Cayo Cezar pelo mesmo principio: no seu retrato o vemos com Coroa na cabeça, hum livro na maõ esquerda, o Ceptro na direita com huma pomba na parte superior delle. Dizem alguns, que a Rainha Dona Mecia o acompanhára em Toledo, outros que desde que lha tiraraõ, se naõ soube mais della, e esta he a verdade. Naõ teve filhos, morreo em Toledo no anno de mil duzentos e quarenta e seis, e aos trinta e nove annos de idade, e treze de Rey, se mettermos nesta conta os que

ſeu irmaõ governou por elle. Eſtá ſepultado na Sé
Toledo: houve no ſeu tempo Varoens dignos de eter
memoria, os Cavalheiros de Trancozo, que lhe man
raõ por ſeu irmaõ D. Garcia fazer o offerecimento
lhe ſuſtentar a Coroa, quando elle deſcançava em M
reira, Fernando Rodriguez Pacheco, que no Caſtello
Celorico reſiſtio ao cerco, que lhe pôs D. Affonſ
Vigario do Reino, e com hum ardil lho fez levanta
D. Martim de Freitas, gloria da lealdade Portugueza
Alcaide de Coimbra, o qual valorozamente defend
a Cidade contra todo o poder do Vigario D. Affonſo,
mandando-lhe eſte dizer, que ja tinha morrido em T
ledo ſeu irmaõ o Rey D. Sancho, pedio tregoas, ſahi
de Coimbra, foy a Toledo, mandou abrir o ſepulchr
do Rey D. Sancho, beijou-lhe a maõ, e nella lhe mette
as chaves da Cidade de Coimbra, que elle lhe entreg
ra, ſendo vivo neſte Reyno, e depois lhe pedio licenç
para as entregar a ſeu irmaõ D. Affonſo: o que dito, lh
tirou da maõ, e feito hum inſtrumento publico deſ
acçaõ, veyo para eſte Reyno logo, e foy entregar as ch
ves, e com ellas a Cidade ao Rey D. Affonſo: eſte dez
jando premiar a lealdade de hum taõ ſingular vaſſallo,
ſervir-ſe delle, como ſeu irmaõ D. Sancho, lhe pedi
com a maior inſtancia, quizeſſe tomar outra vez as ch
ves, e continuar no Officio de Alcaide Mór de Coimbr
porêm elle naõ quiz acceitar: façanha he eſta taõ rara
que ſe foſſe obrada no tempo dos Romanos, apenas
achariaõ pedras, ou bronzes, aonde naõ eſtiveſſe e
tampada. No tempo do noſſo Rey D. Sancho govern
raõ a Igreja de Deos os Papas Celeſtino, e Innocenc
quartos, Succeſſores de Gregorio IX., o qual canoniz
S. Domingos, S. Franciſco, Santo Antonio de Lisboa,
Santa Iſabel Rainha de Ungria: Succedeo aquelle n
tavel prodigio dos Corporaes de Darcuca, aonde ain
hoje

hoje se mostraõ as cinco Particulas pegadas, e alagadas em Sangue, cazo que a seu tempo vos contarey: floreceraõ nas tres mais illustres Faculdades Varoens excellentes, Hugo Cardeal Hespanhol, que com quinhentos homens doutos compôs as Concordancias da Escritura Sagrada; S. Raymundo de Penafort, (e adverti, que todas as vezes que vos tenho nomeado Varões illustres pelo nome Ramaõ he Raimundo, abbreviaturas uzadas naquelle seculo, e ainda hoje, chamando Ruy a Rodrigo, Diniz a Dionyzio, Fernaõ a Fernando &c.) Conrado Abbade, Jacobo de Vitriaco Cardeal, Bartholomeu Brigense, Azor, e Acursio, glozador do Direito Civil. Segue-se contarvos a vida do Rey D. Affonso, terceiro deste nome, e Rey quinto desta Monarchia: nasceo em Coimbra no anno de mil duzentos e dez, a cinco de Mayo; morto seu Pay, fez jornada a França, e com fortuna, porque logo cazou com a Condessa Matildes, Senhora proprietaria, e titular de Bolonha, (filha de Reinaldo de Dampmartim, e de Ida) viuva entaõ de Filippe, o Crespo, filho de Filippe Augusto, Rey de França, e neto do Duque de Moravia, de quem era filha a Rainha Maria. Como Principe Catholico, e como Portuguez piissimo, se preparava em França o nosso D. Affonso para ir á conquista da Terra Santa, quando o chamaraõ os Portuguezes para governar esta Monarchia, nomeando para isso pelo Papa Innocencio III.: com o titulo de Vigario do Reyno entrou nelle, aonde foy obedecido facilmente de alguns Lugares mais atemorizados com as censuras, do que com as armas; muitos porèm abrazados nas chammas da lealdad. Portugueza, em todos os seculos unica, resistiraõ valorozamente ás armas, padeceraõ cercos, fómes, e todas as incommodidades de huma guerra civil, que por isso mesmo que he feita pelos naturaes, e reinicolas, he mais sensivel, e tyranna; até que morrendo

o Rey

o Rey D. Sancho em Toledo, e obrada aquella [...]nha de D. Martim de Freitas, Alcaide Mór de C[...]bra, que ha pouco vos contei, foy o nosso D. Aff[...] acclamado Rey na dita Cidade. Achava-se a Con[...] Matildes, mulher legitima do nosso Rey, ja adian[...] em annos, e, a naõ ter este defeito, tinha certam[...] outro, que era o ser conhecida por esteril em ambo[...] Matrimonios: isto, e naõ a ingratidaõ (como que[...] muitos) obrigou o nosso Rey a repudiá-la, e caza[...] com Dona Beatriz, filha bastarda do Rey D. Aff[...] X. de Castella, e de D. Mayor Guilhem de Gulm[...] acudiõ a isto o Papa Alexandre IV., obrigando os F[...] a separarem-se, por ser nullo o segundo Matrimo[...] porém naquelle tempo, sendo naõ respeitadas as [...]suras, havia, como sempre, consciencias largas; po[...] he certo se naõ separaraõ, até que Deos, para os pô[...] estado de salvaçaõ, permittio morresse a Cond[...] Matildes, com que cessou o impedimento, e o [...] legitimou o primeiro filho, que o Rey já tinha da [...]nha Dona Beatriz: compostas assim as cousas do [...]no, occupava o nosso Monarcha os pensamentos [...] obrar façanhas militares, com que adquirisse o n[...] eterno, que seus avôs ganharaõ nellas, e vendo qu[...] Mouros, abatidos das nossas armas nas guerras pass[...] naõ davaõ occasiaõ a novas guerras, nem restava [...] em Portugal conquistas, intentou as do Algarve, q[...] tinha principiado pelo Rey de Castella o memor[...] Portuguez D. Payo Correa, Mestre da Ordem [...] Tiago; mandou a Rainha a Castella vizitar o Pay, [...] dir-lhe quizesse largar-lhe a conquista do Algarve, [...] elle fez com facilidade, pelo extremo com que a[...] a filha, mas sempre lhe pôs algumas condiçoens, [...] depois com summo gosto tirou a seu neto D. Diniz [...] sorte que o armou Cavalleiro da sua maõ, quand[...]

fez esta mercê. Graves questoens tratað os nossos Escritores sobre esta conquista do Algarve; porque he certo que o nosso Rey D. Sancho I. tinha conquistado a Cidade de Silves, e ainda que os Mouros a recobraraõ, quando D. Payo ja lhes fazia guerra na Comarca, com tudo he certo, que o nosso Rey D. Affonso tinha todo o direito áquelle Reyno, e escuzava doaçaõ, e mercê do Rey de Castella, especialmente constando de cartas, que estes Reys escreviaõ hum ao outro nesta materia, que D. Payo conquistava no Algarve com licença do Rey de Portugal, para serem as conquistas de Castella; porêm confessemos que a visita da Rainha sempre foy necessaria: porque como D. Payo tinha adiantado bastantemente a conquista, e naõ faltava avareza no Rey de *Castella*, por este meyo suave se evitou huma guerra grande, em que se havia decidir com as armas quem tinha direito áquellas terras: entregou D. Payo as terras, que tinha conquistado aos Mouros no Reyno do Algarve, que eraõ sete Praças fortes, Estombar, Alvor, Cacelta, Tavira, Salir, Silves, e Paderne. O modo desta entrega foy memoravel; porque D. Payo sabendo o ajuste dos dous Reynos, e que o de Portugal marchava com exercito para o Algarve, naõ obstante ser vassallo de Castella, e taõ obrigado, que naquelle Reyno era (como ja dissemos) Mestre da Ordem de S. Tiago, Officio naquelle seculo taõ similhante ao Rey, que, correndo os tempos, foy necessario aos Monarchas de ambas as Coroas serem os Mestres das Ordens Militares; porque os vassallos, que tinhaõ estes officios, obedecidos de Cavalleiros Fidalgos, valorozos, e sem pensoens de mulheres, e filhos, porque todos guardavaõ castidade (como hoje os Maltezes) nesses seculos dourados, e com as muitas rendas, eraõ taõ poderozos, que os Reys necessitavaõ delles, e naõ elles dos Reys; e esta muita riqueza,

jun-

junta com a independencia, foy cauza da extincçaõ lastimoza da Ordem dos Templarios, que a seu tempo vos contaremos. Naõ obstante (digo) ser D. Payo vassallo do Rey de Castella, como era Portuguez, apenas soube que o seu Monarcha déra as conquistas, que elle tinha feito no Algarve, ao Rey D. Affonso, e que este marchava a continuá-las com formidavel exercito, gostozo, e festivo lhe sahio ao caminho; e depois de beijar-lhe a maõ, e entregar-lhe com summo gozo o que tinha conquistado, e ja vos disse, se offereceo a acompanhar o nosso Rey com os seus Cavalleiros, para de todo extirpar daquelle Reyno os Mouros. Acceitou o nosso Rey a offerta, e ambos foraõ sobre Faro, entaõ Villa, e bem pequena, como ainda se testimunha, hoje Cidade populoza, com porto de mar, abundante de commercio, e viveres, especialmente peixes, fructas de espinho, peras, e excellentes uvas, de que rezulta o vinho taõ encarecido pelo insigne Historiador Manoel de Faria e Souza, mas hoje profanado com a muita agoa, que lhe lançaõ, que sendo necessaria só nos vinhos daquella Provincia, e Reyno, hoje lhes faz damno pelo excesso. Puzeraõ cerco, foy o primeiro combate, e assalto do Rey, o segundo de D. Payo: desorte ficaraõ timidos os Mouros, que occultamente mandáraõ dizer ao Rey, que a certa hora lhe entregariaõ a Villa com todo o segredo. Aqui succedeo huma acçaõ notavel de D. Payo Correa, que, por ser dilatada, fique para a outra Conferencia.

FIM DA VIGESIMA PARTE.

LISBOA:
Na Officina de Francisco Borges de Souza,
Anno de 1758.
Com todas as licenças necessarias.

ACADEMIA DOS HUMILDES, E IGNORANTES.

CONFERENCIA XXI.

FOy tal o deſejo, e ancia dos Romeiros em querer ouvir a notavel acçaõ de D. Payo, que acabada a Ladainha pediraõ ao Soldado quizeſſe ter outra Conferencia, o que elle fez continuando a hiſtoria. Trataraõ os Mouros com ſummo ſegredo a entrega da Villa ao Rey D. Affonſo, e na hora ſinalada entrou nella o noſſo Monarcha acompanhado ſó de dez Cavalheiros, ſem que ninguem mais do Exercito ſoubeſſe iſto: avizaraõ D. Payo de que naõ apparecia o Rey em parte alguma; ſuſpeitou que ſe tinha arriſcado em algum exame da Praça, e que os Mouros o tinhaõ cativo, ou morto, e como Portuguez, Religioſo, valente, e Heroe, com ira eſpantoſa, fez tocar as caixas, e mais inſtrumentos de guerra, e fez dar hum horroroſo aſſalto á Villa na meſma hora, que era da noite, e eſcuriſſima: os Portuguezes receando o meſmo, que D. Payo temia, cada hum era hum leaõ na avançada, e eſcalla dos muros, e portas; os Mouros, que tinhaõ o Rey dentro da Praça em boa paz, quando viraõ de repente aquella novidade, paſmaraõ, e ainda que fortemente ſe defenderaõ, o eſcuro da noite, horror, ſuſto, e confuſaõ fez que morreſſem muitos, e feriaõ todos, ſe o Rey D. Affonſo naõ ſubiſſe a huma torre da Villa, aonde, por entre as ameyas, gritou ao Exercito, e levantou o bra-

ço, mostrou a todos as chaves da Villa que tinha na maõ; converteo-se a ira em alegria, e vivas, abriraõ-se as portas, e ficáraõ os Mouros na Praça tributarios ao Rey D Affonso, assim como até aquelle tempo o eraõ do Rey Miramolim: ficou entaõ, e sempre estará em duvida, qual foy mayor façanha, se a do Rey D. Affonso em se fiar dos Mouros, acompanhado de dez Cavalheiros, ou a dos Mouros em guardarem fé, e palavra, e tendo-o nas mãos a seu salvo, naõ lhe tirarem a vida: passou daquí o nosso Rey a escallar Loulé, Praça já forte no tempo dos Romanos, como o testificaõ os seus muros, e depois memoravel com o Convento, e assistencia dos Templarios, foy edificada das ruinas da antiga Cidade Quartaria, a quem os terremotos, e inundações do mar destruiraõ mais de huma vez, e sendo hoje huma pequena Aldéa de cabanas, no terremoto de 1755 pereceraõ todas com morte de quasi todos os moradores dellas; porque apenas cessou o movimento da terra, cresceo o mar desorte que a cobrio quasi no espaço de meya legoa, deixando-a coberta de peixes excellentes quando se recolheo aos seus limites, os quaes aproveitaraõ alguns curiosos, e conduzidos a Loulé, foraõ deliciosos alimentos de muitos. Rendeo-se ao nosso Rey a Villa de Loulé, e o mesmo fez a de Aljezur, e logo Albofeira: inexpugnavel pelo sitio, em que está fundada; porèm já no Algarve, nada resistia á espada Portugueza, e o nosso Monarcha insistindo na conquista, vendo prospera a fortuna, rendeo mais outros Lugares á sua obediencia; desorte que foy o nosso D. Affonso o Rey primeiro que depois de cento e oitenta annos de habitaçaõ dos Mouros neste paiz, os expulsou das terras visinhas ao Reino de Portugal, e faltando-lhe desta modo o exercicio das armas, occupou-se na restauraçaõ, e accrescentamento das Praças todas: desde os alicerses fundou a de Estremoz, e restaurou, accrescentou, e fez inexpunaveis to-

das

das as mais, ſem perdoar a gaſtos, e fadigas proprias, com liberalidade taõ regia, que mereceo lhe chamaſſe a Chriſtandade toda, o Monarcha reſtaurador, outros o Liberal: a tudo ſe applicava, e attendia ao meſmo tempo; e conſiderando que o ſangue da Republica he o commercio, fez que tiveſſem os Senados eſpecial cuidado niſſo, e elle determinou, que em cada terra houveſſem em dias certos do anno feiras, e mercados publicos para o exercicio do commercio, e circulaçaõ do dinheiro, e generos das Provincias; e para os mercadores, e compradores ſerem muitos, e aſſim as utilidades certas, e grandes, fez limpar as eſtradas de ladroens, empreza continua da Ordem dos Templarios, que agora advertidos pelo noſſo Rey, a executaraõ ſempre com zelo de bons Religioſos, e utilidade de todos. Achava-ſe ja o noſſo Rey nos ultimos annos da ſua vida, quando o Rey de Caſtella D. Affonſo o Sabio, diſcorde com o Infante D. Sancho, pedio ao noſſo Rey ſoccorro; mandou-lhe logo hum luzido Exercito, e conhecendo depois que a ſua preſença, e deſtreza militar era a alma dos ſeus vaſſallos, foy elle peſſoalmente com muitos, e o meſmo foy verem-lhe os tumultuoſos a eſpada na maõ, que cederem da contumacia, e rebelliaõ. Dizem que eſta jornada do noſſo Rey a Heſpanha fora naõ para domar o Infante D. Sancho, porque ja o noſſo Exercito havia conſeguido eſſe triunfo, mas ſim para ſoccorrer o meſmo Rey D. Affonſo o Sabio, a quem perſeguira Aben Joſeph Rey de Marrocos com hum eſpantoſo Exercito: ſeja qual foſſe o motivo, o certo he que as duas acçoens de cohibir os tumultos, e guerra do Infante D. Sancho contra o Rey de Caſtella, e affugentar o Rey de Marrocos depois de vencidos, foraõ as ultimas acçoens militares do noſſo Rey D. Affonſo, o Reſtaurador, e certamente foy a Caſtella para as conſeguir: e tal era o aperto, em que ſe via o Rey de Caſtella, quando man-

dos pedir ao nosso soccorro contra o de Marrocos, que os Embaixadores Castelhanos vieraõ em huma Galera com vélas negras para melhor persuadir a tristeza, e afflicçaõ, em que ficava; e isto obrigou ao nosso Rey ir soccorrê-lo em pessoa, naõ obstante os annos, e necessidade da sua presença nos seus Reinos. Foy o nosso Rey D. Affonso devotissimo de MARIA Santissima nossa Senhora, e com especialidade no Mysterio da sua Conceiçaõ Purissima, desorte que foy elle o primeiro que pedio, e alcançou do Papa o acordo que se tomou acerca deste Mysterio, serviço que a Senhora lhe pagaria, como Rainha dos Anjos, no outro mundo. Era o nosso Rey dotado de corpo taõ extraordinariamente grande, e agigantado, que quando o Rey D. Sebastiaõ mandou abrir o seu sepulchro, pasmaraõ todos os que o viraõ. Com esta grandeza, gozava hum aspecto magestoso, olhos pequenos; porèm muito vivos, cabellos negros, e excellente cor de rosto: o seu retrato o representa na idade em que morreo com coroa no elmo, manto carmesim sobre as armas, ceptro, e espada baixa nùa: morreo na Cidade de Lisboa aos vinte de Março de mil duzentos e settenta e nove com sessenta e nove annos de idade, e trinta e quatro de governo, e Reino: seu filho o Rey D. Diniz, dez annos depois da sua morte trasladou o seu corpo para Alcobaça, aonde està junto a seu pay, e defronte de sua segunda mulher a Rainha D. Beatriz, a qual, sendo aberto o seu sepulchro muitos annos depois de estar nelle, foy vista com taõ formoso rosto, como se estivesse viva. Naõ teve o nosso Rey D. Affonso filho algum da primeira mulher Madama Matilde, Condessa, e Senhora de Bolonha, esta he a verdade, e consta do testamento da mesma Condessa, e do exame juridico, que se fez nesta materia, quando a Rainha de França se oppôs á successaõ deste Reino com Filippe II, da segun-

nulher a Rainha D.Beatriz teve cinco filhos, e cin-
)aſtardos. O primeiro dos legitimos foy D. Diniz,
lhe ſuccedeo no Reino. O ſegundo D. Affonſo,
hor da Cidade de Portalegre, e das Villas de Ca-
o de Vide, Marvaõ, e Arronches; caſou com
na Violante filha do Infante D. Manoel, neta
Reys Dom Fernando o III. de Caſtella, e Dom
e I. de Aragaõ, foy ſeu filho Dom Affonſo Senhor
eiria, que morreo ſem filhos. Dona Iſabel, que
u com Dom Joaõ o torto, ſenhor de Biſcaya. Do-
Conſtança, que caſou com Nuno Gonſalves de La-
Dona Maria com D. Tello, filho do Infante D. Af-
ſo de Molina. Dona Iſabel, que caſou com D.Joaõ
onſo ſenhor de Albuquerque, filho de D. Affonſo
ches, e neto do Rey D. Diniz. Terceiro filho foy
Fernando, que morreo moço. Quarto D. Branca,
primeiro foy Abbadeſſa do Moſteiro de Lorvaõ ne-
Reino, e depois Abbadeſſa do Moſteiro de Huelgas
Burgos em Caſtella, e foy Senhora de muitos Luga-
em ambos os Reinos. O quinto D. Conſtança, que
reo em Caſtella, quando a Rainha ſua mãy foy vi-
r o Rey ſeu avô, e pedir-lhe o Algarve, eſtá ſepul-
a em Alcobaça. O primeiro filho illegitimo foy D.
Affonſo pay de D. Lourenço Gil, Ballio da Igreja
S. Braz de Lisboa, aonde eſtá ſepultado. O ſegundo
Fernando Affonſo, Cavalleiro Templario, jaz na
ma Igreja. Terceiro D. Affonſo Diniz, caſou com
na Maria Ribeira, herdeira da antiquiſſima, e no-
ſſima Caſa de Souſa, como ſe vê na ſua genealogia,
ita na lingua Heſpanhola com a mayor elegancia, e
reſſa com maravilhoſas eſtampas em França, o tron-
deſta illuſtriſſima geraçaõ ſe conſerva no Duque de
Foens. Quarto foy D. Martim Affonſo, havido em
a Moura formoſiſſima, do qual deſcendem os Souſas,
chamaõ Chichorros. O quinto foy Dona Leonor de
Portu-

Portugal, mulher de D.Gonſalo Garcia de Souſa, Conde, e Senhor grande naquelle ſeculo. Mudou o noſſo Rey as Armas do Reino com o novo dominio do Reino do Algarve, a eſte deo por Armas hum eſcudo cor de ſangue ſemeado de Caſtellos de ouro, e pondo ſobre eſte eſcudo as Quinas de Portugal, e ficaraõ os Caſtellos, e Armas do Algarve ſervindo como de orla, e compoſiçaõ ás Armas Portuguezas: tambem nos eſcudetes das Quinas fez novidade, tirando dous pontos de cada eſcudete, deſorte que tendo antes treze, agora cada hum ficou com onze, e aſſim como ajuntou as Armas, fez nos titulos o meſmo, chamando-ſe Rey de Portugal, e do Algarve. Reſplandeceraõ em virtude, e milagres no ſeu tempo o inſigne Portuguez S.Gonſalo de Amarante, natural da Ribeira de Viſella exemplar de Parochos, Anacoretas, e Religioſos, outro Santo Antonio de Lisboa nos prodigios, cuja notavel vida vos contaremos a ſeu tempo; S. Fr. Gil, Dominico, Portuguez, que primeiro foy Magico, e doutiſſimo em todas as faculdades, para o que, no principio dos ſeus eſtudos, fez cedula ao demonio firmada com ſeu ſangue, a qual lhe reſtituio a Virgem Santiſſima N. Senhora pelas mãos de huma Imagem ſua, hoje venerada no Convento de Santarem; aonde o Santo (de quem reza a Igreja de Portugal, e toda a illuſtriſſima Religiaõ Dominicana) viveo, e morreo, e vinte annos chorou eſta culpa, pedindo á Senhora a cedula, melhor o diremos na ſua vida; o ſeu bordaõ guardava com ſumma veneraçaõ o noſſo Rey D.Affonſo, e quando tinha as dores de gota, uſava delle, porque logo ſentia allivio: ſuccedeo neſte tempo o notavel prodigio do Santiſſimo Sacramento em Santarem, o qual fingio commungava certa mulher, e eſcondeo na touca, porèm convertido em ſangue, os Anjos o recolheraõ em hũa redoma de cryſtal, que ſe moſtra aos fieis, a quem, dizem muitos, lhes appareceo

Chriſto

Christo Senhor N. em differentes figuras: na mesma Villa desde esse tempo se vê, e adora com summa devoçaõ huma Imagem do Menino JESUS, que sempre cresce como se fosse vivo; está no Convento de S. Domingos, e delle se conta hum especiál prodigio certo, que eu vos contarey quando for tempo, e tratarmos desta Villa: fóra dos muros della está o Santo Christo Crucificado, que nestes tempos servio de testimunha a huma mulher, a quem hum homem negava a palavra de esposo, tendo-o ella tomado por testimunha do que elle lhe promettia, quando se rendeo á sua paixaõ: na Villa de Guimaraens morreo neste tempo S. Gualter, companheiro de S. Francisco, cuja memoria se renova em seu sepulchro com milagres, e em huma fonte do seu nome: floreceo especialmente em letras o Papa Joaõ XXI., natural de Lisboa, insigne Filosofo, e Medico, faculdade em que escreveo muitos livros: foraõ insignes nas armas trinta e dous Heroes Portuguezes, dos quaes só nomearemos hum, porque dos outros se naõ achaõ escritas as façanhas, nem as familias a que deraõ principio: o mayor, e especial foy D. Payo Correya, de quem ja dissemos conquistava o Algarve para o Rey de Castella; sendo naquelle Reino Mestre da Ordem de S. Tiago: este memoravel Portuguez foy o segundo Josué, porque dando huma batalha aos Mouros nas faldas da Serra Morena, e vendo que se acabava o dia, e lhe faltava a luz do Sol para completar a victoria, com a sua virtude, e oraçaõ deteve o Sol até acabar de vencer os Mouros. Foraõ Summos Pontifices Alexandre, Urbano, e Clemente Quartos, Gregorio X. Innocencio, e Adriano Quintos, Joaõ XXI. Nicoláo III, Urbano IV. que instituio a festa do Corpo de Deos pelo motivo, que diremos algum dia, e ordenou a S. Thomaz compuzesse o Officio: resplandeceraõ em letras, e virtudes os Santos Doutores da Igreja Santo Thomaz Dominicano, e

Boa-

Boaventura da Ordem de S. Francifcõ : morreraõ Santa Clara, e S. Jacintho; teve principio em Caftella o Confelho Real inftituido pelo Rey D. Fernando o III. com o numero de doze Letrados, que deraõ principio ás Leys da partida, que depois pôs em ordem o Rey D. Affonfo o Sabio: juntou-fe o Reino de Sicilia com o de Aragaõ no anno de 1182: fuccedeo o prodigiofo parto de Margarida, filha de Florençio, Conde de Holanda, que pario juntos trezentos e fefenta e quatro filhos vivos, que todos foraõ baptifados, e morreraõ logo; caftigo que Deos lhe deo, por haver crido que huma mulher fora adultera, porque pario dous, e ella, que lho ouvio dizer, lhe rogou a praga, que Deos permittiffe que de hum parto pariffe ella tantos filhos, quantos dias tinha o anno. Poucos dias depois da morte do Rey D. Affonfo, foy acclamado em Lisboa feu filho primogenito D. Diniz por Monarcha de Portugal, e Algarves: tinha nafcido em Lisboa a nove de Outubro de mil duzentos e feffenta e hum, e por fer dia de S. Dionyfio, lhe puzeraõ o nome do Santo, que abreviado em Portugal he Diniz. Bafta por efta noite, o mais fique para a manhaã depois de Miffa.

FIM
DA VIGESIMA PRIMEIRA PARTE.

LISBOA:
Na Officina de Ignacio Nogueira Xifto.
Anno de 1758.
Com todas as licenças neceffarias.

ACADEMIA
DOS
HUMILDES,
E
IGNORANTES.

CONFERENCIA XXII.

ACabada a Missa no dia oito de Setembro, quiz o Theologo continuar a vida de N.Senhora, por ser o dia do seu santissimo Nascimento; porém todos differaõ ficasse para a tarde essa materia soberana, e agora acabasse o Soldado de referir a vida do nosso Augusto Rey D Diniz, por appellido o Justo, o que elle fez dizendo: Desde que teve uso de razaõ mostrou em todas as suas acçoens reinavaõ em seu espirito as virtudes da Verdade, Justiça, e Liberalidade, nas quaes depois excedeo a todos os seus antepassados, e a muitos dos futuros. Na idade de dezoito annos começou a governar por morte de seu pay, e sendo obedientissimo, summamente venerador em tudo da Rainha sua mãy, naõ consentio que ella o acompanhasse no despacho, nem em cousa alguma do governo, dizendo que era affronta de hum homem da sua idade ser governado por outra algũa pessoa: dahi a quatro annos mostrou que errara como homem em rejeitar a companhia de sua mãy no governo do Reino sendo taõ moço, porém mostrou a grandeza do seu juizo em emendar publicamente o erro, que foy confessá-lo; era elle o ter-se deixado dominar com excesso da sua natural liberalidade; a que se seguio dar tanto em quatro annos, que quando reflectio no que tinha feito, quasi se achou sem cousa

algũa, por ter dado tudo; e para remediar o erro, revogou todas as mercês, e doações, que tinha feito até aquelle dia: teve nestes annos perigosas duvidas com o Infante seu irmaõ D. Affonso, a quem obrigava a certos reconhecimentos pelos Castellos, e Lugares, que seu pay lhe tinha deixado: e o mais era, que, como o nosso Rey D. Diniz nasceo, sendo viva a Condessa de Bolonha, verdadeira mulher do Rey D. Affonso, e antes de se revalidar o Matrimonio nullo: dizia o Infante que a elle lhe pertencia o Reino; porque nascera quando seu pay ja era legitimamente casado, e D. Diniz antes disso, ainda que depois fora pelo Papa legitimado: em fim houve guerra civîl, o Rey cercou o irmaõ em Portalegre, mas achando-se a guerra com mais suavidade, do que promettiaõ tantas prevenções militares, cedendo o Infante, e perdoando o Rey. Livre deste enfado, começou o nosso Monarcha a exercitar o seu genio; fez limpar o Reino de ladrões, e foragidos, livrou aos pequenos das tyrannias, e excessos, que praticavaõ com elles os grandes, defendendo, e amparando a todos, chamando aos lavradores nervos da Republica; e tanto favoreceo a agricultura, que naõ houve no seu Reinado gente, nem terra ociosa: por este notavel cuidado, e por outro de levantar muitos Castellos, murar muitos Lugares, fortificar, e municionar muitas Praças, foy chamado universalmente Lavrador, e Pay da Patria. Teve discordias com o Rey D. Sancho o Bravo, terceiro deste nome, Rey de Castella, porque naõ compria os contratos dos casamentos dos Infantes de ambos os Reinos: em refens disto estavaõ em mãos de Fidalgos Portuguezes as Cidades de Badajoz, e Truxilho, as Villas de Moura, Serpa, Alharîs, Caceres, e Aguiar de Neira. Quando o Castelhano havia de cumprir a palavra, tomou a armas, e arrebatadamente as Cidades, e Villas, matando, e arruinaddo tudo; metteo

to gente no Algarve, onde fez tyranno estrago, como quem impio, e poderoso assaltava gente descuidada com o seguro da paz estabelecida na palavra Real, que agora se via quebrada: o nosso Rey, que todo era verdade, e justiça, quiz de todo justificar a sua causa, para o que lhe mandou Embaixadores; porém vendo que D. Sancho naõ admittia razaõ, o mandou desafiar, e com Exercito poderoso entrou por Castella fazendo horrivel estrago, tomando Lugares, destruindo campos: intentou o Castelhano sahir ao desafio; porém a morte lhe atalhou os intentos, e antes de expirar conheceo, e confessou publicamente o mal que tinha obrado, e ordenou a seu filho D.Fernando, que lhe seccedeo no Reino, que logo cumprisse ao nosso D. Diniz tudo o que elle lhe tinha promettido, e faltado; foy o mesmo que se lhe recommendasse o contrario; porque D. Fernando nada cumprio, e o nosso Rey, entrando segunda vez em Castella, fez guerra taõ porfiada, que lhe sahio ao encontro o Infante D.Henrique, tutor de D.Fernando, pedindo paz, e promettendo cumprir logo tudo: Viraõ-se os Reys ambos na Cidade Rodrigo, retirou-se o nosso Exercito; mas apenas se despiraõ as armas foy necessario logo vestillas, porque D. Henrique, tutor, e D. Fernando Rey faltaraõ á palavra, tanto que viraõ o nosso Rey descançado nellla em Coimbra: em vingança disto sahio o nosso Monarcha terceira vez a campo, entrou em Castella, e fez taes estragos o valor Portuguez nas Commarcas de Ledesma, Valhadolid, Salamanca, e Simancas, que até das Igrejas tiravaõ os Castelhanos para matá-los: acudio D. Fernando á ruina do seu Reino, e para melhor applacar a nossa furia, casou com a Infanta D. Canstança filha do nosso Rey D.Diniz, e deo para mulher do nosso Infante D. Affonso sua irmaã a Infanta D. Beatriz, o mais he, que, havendo de levar dote, casou

 sem

luzidos, fez juizo do caſo, ſentenciou a queſtaõ, e compôs deſorte as partes intereſſadas, que paſmáraõ ellas; e toda a Europa do ſingular talento, prudencia, e deſtreza do noſſo Monarcha, que para eternizar naquelles Reinos mais a ſua memoria, a todos prendeo com dadivas grandes. Nada he conſtante neſte valle de lagrimas, nos ultimos annos da vida eſtava o noſſo Rey, quando ſeu filho primogenito tomou as armas contra elle, por ciumes do muito amor, que o pay tinha a D. Affonſo Sanches; filho baſtardo; viraõ-ſe pay, e filho em campo hum contra o outro, e a Rainha Santa Izabel, mulher de hum, e mãy de outro, banhada em lagrimas, mettida entre os dous Exercitos, entrando agora em hum, logo em outro: porém taõ depreſſa os deixava compoſtos, como via continuarem os inſultos, e eſtragos; porque a inconſtancia do filho; depreſſa faltava ao que promettera a huma mãy Santa; o pay, como prudentiſſimo, pedia a todas as peſſoas virtuoſas alcançaſſem de Deos o remedio, e rogou a D. Jaime ſegundo Rey de Aragaõ pediſſe o meſmo a S. Raimundo; porém o Santo reſpondeo, que quando as couſas eſtavaõ nas mãos dos homens, naõ ſe haviaõ pedir a Deos: ſe o muito valimento do baſtardo era a cauſa das inquietações do legitimo, que temperaſſe o pay a demaſiada affeiçaõ que lhe tinha, e gozaria a paz que deſejava, pois baſtava que ao baſtardo o reconheceſſe por filho: iſto fez o noſſo Rey, e ceſſou a guerra civil. Inſtituîo a Ordem de Chriſto Senhor noſſo com algumas rendas dos Templarios, que ja eſtavaõ extinctos, e com outras muitas: com que no tempo em que eſcreveo Manoel de Faria e Souſa o Epitome de noſſas Hiſtorias, para emendar algumas equivocações, que houve na Europa Portugueza, tinha a Ordem quinhentas Commendas, e as mais dellas muito avultadas. Creou eſta Ordem para que os Cavalheiros que deſejaſſem ſer nella

nella admittidos, se distinguissem em façanhas nas conquistas de Africa: e conhecendo a semrazaõ, e injustiça, com que os Templarios foraõ extinctos, a muitos delles admittio á Ordem de Christo: livrou a Ordem de Santiago da sujeiçaõ ao Graõ Mestre de Castella, e com authoridade do Papa Nicoláo V. lhes nomeou Graõ Mestre neste Reino, com obrigaçaõ de que nunca casassem os Cavalleiros: porém no tempo do Rey D. Joaõ II. os dispensou para casarem o Papa Alexandre VI. Teve o Rey singular cuidado em renovar, accrescentar, e edificar desde os alicerses as muralhas de muitas Cidades, e Villas: Obra sua saõ as do Porto, Braga, Guimarães, Miranda; fez cincoenta Castellos novos desde os fundamentos, algumas Villas novas, e fez povoar outras, e lembrando-se ao mesmo tempo das cousas sagradas, dotou com summa liberalidade as Igrejas: mandou vir á sua custa de diversos Reinos homens doutissimos em todas as faculdades, e com elles fundou a universidade de Coimbra: foy versado em differentes linguas, e muito inclinado á poezia; em Hespanha, e Italia tiveraõ especial estimaçaõ as suas poezias, e ainda hoje se veneraõ muitas, que escaparaõ ao tempo: foy taõ liberal, que no seu tempo, e em muitos seculos depois, era proverbio na Europa: *Liberal como hum Diniz.* Intentou o Rey D. Fernando IV. de Castella (a quem elle tinha pacificado com o de Aragaõ) conquistar o Reino de Granada, ou, como querem outros, intentou esta conquista o Infante D. Affonso de Lacerda, e o Rey D. Fernando se lhe oppôs, e para o fazer o ajudou o nosso Monarcha com numeroso Exercito de Cavallaria, e com dezasette mil marcos de prata, e o Rey de Castella lhe deo em penhor dos treze mil a Cidade de Badajoz, e em penhor do resto as Villas de Alconchel, e Burguilhos, com a condiçaõ, de que naõ pagando no tempo assignalado, os ditos de-

zasette

afette mil marcos de prata, feria obedecido, e fenhor
as fobreditas povoações e Cidade, como fuas. Em
utra occafiaõ foy o noffo Rey pacificar as Monarchias
le Caftella, e Aragaõ, quafi fempre difcordes, em
quanto fe naõ uniraõ eftas duas Coroas; e pedindo-lhe
mbos grandes fommas de dinheiro empreftado, a cada
hum deo graciofamante dobrado, do que lhe pediraõ,
liberalidade, que fó foy vifta nos Reys Portuguezes.
A todos os vaffallos de hum, e outro Rey encheo as
mãos, e depois de todos eftarem cheyos, e pafmados
le verem a fua liberalidade, e os feus thefouros, che-
gou hum Caftelhano, ou Aragonez, Cavalheiro il-
uftre, e beijando-lhe a maõ, diffe, que ficando todos
rendados, fó elle ficava fem dadiva fua: tinha o nof-
o Rey diante de fi hum bofete de prata grande, em
ue tinha acabado de jantar, e ouvindo ifto, lho deo.
Nenhum Portuguez (diz o grande Faria) era capaz de
edir defta fórte; porém hum Rey Portuguez dava af-
m: he certo o que diz Faria, e o noffo irmaõ, que
ftá prefente, e vio do mundo mais do que eu, dirá
e em Reino algum encontrou Portuguez occupado em
fficios viliffimos, como limpar çapatos, e outros, em
ue vemos fe occupaõ nefte Reino os eftranhos: o cer-
o he que nenhuma neceffidade abate a naçaõ, que
Deos efcolheo para fi no Campo de Ourique. A quem
aõ admiraõ tantas dadivas depois de tantos gaftos de
guerras, naõ fe devendo nada aos Soldados! Naõ con-
têm efta materia fegredo: os Reys gaftavaõ em fuas
afas menos do que muitos nobres agora, o trato eraõ
poucos cavallos, e mulas para as Rainhas; e em fim
ó as diftinguiaõ as Coroas, que fempre em publico
traziaõ nas cabeças, e para fer muito rico, naõ he ne-
ceffario ter de renda muito, bafta gaftar pouco. Toda
a fua eftimaçaõ foy das coufas, que havia nefte Reino
contra o commum de todos, que fó eftima o eftranho,
coufa,

cousa que elle abominou desorte, que nunca admittio de fóra, o que neste Reino faltava: e para mayor exemplo mandou fazer para si huma coroa, e hum ceptro de ouro, do que muitas vezes traz ainda o rio Tejo, e naquelle tempo dizem trazia mais; porém a verdade he, que tanto se achava entaõ nelle, como agora: porém naquelles seculos, como naõ tinhaõ outro, era menos a pirguiça para buscá-lo, agora que vem das Minas de America com mais custo, naõ ha huma só pessoa, que o busque no Tejo, nem saiba ja o modo, com que os antigos costumavaõ achá-lo. Depois de jantarmos proseguirey o que falta para o senhor Theologo nos contar o Nascimento de Nossa Máy Santissima antes da Ladainha.

F I M

DA VIGESIMA SEGUNDA PARTE.

LISBOA,

Anno de 1759.

Com todas as licenças necessarias.

ACADEMIA DOS HUMILDES, E IGNORANTES.

CONFERENCIA XXIII.

JUntos todos depois de jantar, disse o Soldado: Naõ obstante a inexplicavel liberalidade do nosso Rey D. Diniz, deixou por sua morte hum grande thesouro, que encarecem todos os Historiadores deste Reyno; e assim como era promptissimo sempre em dar, assim era inimigo capital de acceitar cousa alguma: de sorte que, alèm de alleviar os vassallos de tributos, e nunca permittir fossem vexados pelos poucos, que pagavaõ, e lhe eraõ devidos; quando foi a Aragaõ, depois de dar ao Rey D. Jaime, de graça, dobrado dinheiro do que elle lhe pedia emprestado, naõ foi possivel acceitar mimo algum dos innumeraveis, que elle excogitou para lhe offerecer. Sahio a divertir-se na caça em hum bosque junto a Béja, aonde o accommetteo hum urso, saltando-lhe de repente nas ancas do cavallo, e abraçando-o de forte, que lhe impedia o movimento dos braços para a defeza: vendo-se neste perigo de vida, porque estes brutos todas as forças tem nos braços, e mataõ apertando nelles os outros, gritou por S. Luiz Bispo de Tolosa, da Ordem de S. Francisco, pouco conhecido, e venerado neste Reino de Portugal, porèm muito no do Algarve, mais em Hespanha, e com grandeza em França: naõ era o Rey devoto do Santo, porèm tinha ouvido a sua mulher a Rainha Santa Isabel muitas vezes

contar os prodigios da ſua vida, que algum dia ouvireis, antes duvidava dos milagres, que ella lhe encarecia; vendo-ſe porèm neſte aperto, gritou pelo Santo, o qual lhe appareceo, para o curar da incredulidade, e com o ſeu favor matou o urſo, e ficou livre; em memoria do que, no meſmo monte fez levantar hum Templo dedicado ao Santo em agradecimento de taõ raro beneficio, e monumento do prodigio: ſobre a porta da Igreja do Moſteiro de Odivellas, fundaçaõ deſte Rey, ſe acha pintado eſte caſo, e eſta pintura foi a cauſa de muitos dizerem, como eu ouvi muitas vezes, que eſte caſo lhe ſuccedêra no ſitio de Odivellas, entaõ mato eſpeſſo, e que elle gritára por S. Bernardo, dizendo: Valha-me o Santo, de quem minha mulher he devota; e que entaõ lhe lembrára hum punhal, que tinha na algibeira direita dos calçoens, e ferindo com elle os genitaes da féra, eſta cahíra, e elle edificára o Convento de Odivellas, em memoria do caſo, de Freiras Bernardas, aonde eſtá enterrado; porèm Manoel de Faria e Souſa no ſeu Epitome, e rezumo verdadeiro das ſuas obras, e da Hiſtoria Portugueza, conta o caſo ſuccedido junto a Béja, como agora diſſe, e diz que elle edificára o Moſteiro de Odivellas para enterro ſeu, e de ſeus ſucceſſores, com a magnificencia, que nelle admiramos, e baſta a Igreja para admirarmos, dedicada a S. Dionyſio, Santo do ſeu nome, para que os Reys de Portugal tiveſſem jazigo em tudo ſimilhante ao dos Reys de França, que he dedicado ao meſmo Santo. Foi o noſſo Monarcha de eſtatura proporcionada, cabellos negros, roſto cheio, ſe bem naõ com tanta formoſura, como mageſtade: no ſeu retrato ſe vê armado, com manto carmeſim, eſpada levantada, e corôa no Elmo: morreo na Villa de Santarem aos ſette de Janeiro, tendo ſeſſenta e quatro annos de idade, e quarenta e ſeis de reinado, que a todos parecêraõ poucos, ſendo proverbio deſde aquelle ſeculo até o preſente: *D. Diniz pode quanto*

quiz:

pois: porque a sua Verdade, Justiça, e Liberalidade fez que domasse, e dominasse os coraçoens de todos, e lhe adquirisse entre os vassallos, e os estrangeiros o appellidó de Justo. Falleceo no anno de mil duzentos e trinta e cinco, está sepultado no Cruzeiro de Odivelias em sepulchro magnifico, cercado de grades de ferro com Idéa singular. Foi o mais ditoso de todos os Reys de Portugal no seu casamento, porque teve a fortuna de gozar no thalamo a Rainha Santa Isabel, gloria de Aragaõ, aonde nasceo, e de Portugal, aonde dominou, falleceo, e se venéra o seu santo Cadaver: della reza com Oitavario Portugal, e creio que toda a Igreja; era filha do Rey D. Pedro III. de Aragaõ, terceiro deste nome, e da Rainha Dona Constança, filha de Manfredo Rey de Napoles, e Sicilia, filho do Imperador Federico II.: com milagrosas obras foi mais Santa do que Rainha, algum dia contaremos a sua vida prodigiosa. Teve o nosso Rey D. Diniz dous filhos legitimos da Rainha Santa Isabel, e seis filhos bastardos havidos em varias mulheres, cujos nomes calaõ os Historiadores. O primeiro legitimo foi D. Affonso, que lhe succedeo no Reyno. O segundo, Dona Constança, mulher do Rey D. Fernando IV. de Castella. O primeiro dos illegitimos, foi D. Affonso Sanches, depois seu Mordomo-mór, casou com Dona Thereza Martins, filha de D. Joaõ Affonso de Albuquerque, e de Dona Thereza Sanches, bastarda delRey D. Sancho III. de Castella, delles nasceo D. Joaõ Affonso, senhor de muitas terras, que houve em dote com Dona Isabel de Menezes, filha de D. Tello, neto do Infante D. Affonso de Molina: foi seu filho D. Martim Gil, a quem o Rey D. Pedro de Castella mandou matar, como já tinha feito a seu pay. O segundo foi D. Pedro Conde de Barcellos, a quem deve Hespanha as memorias das suas familias illustres, he livro estimado, e com razaõ, e nesta materia texto veridico. foi casado em Portugal a primeira

 ra

ta vez com Dona Branca de Portel, e segunda com Dona Maria Ximenes, Coronel de Aragaõ, naõ teve filhos O terceiro foi Joaõ Affonso, de cuja vida, e acçoens naõ ha noticia. O quarto foi Fernando Sanches, está sepultado no Convento de S. Domingos de Santarem. O quinto foi Dona Maria, que casou com D. Joaõ de Lacerda O sexto, Dona Maria, que morreo Freira em Odivellas A seu filho D. Pedro, bastardo, deo o titulo de Conde de Barcellos, e foi o primeiro titulo, que déraõ os nossos primeiros Reys: a D. Affonso Sanches seu filho bastardo, e o mais querido, o titulo de Conde de Albuquerque: a Lourenço Annes deo a dignidade de Mestre da Ordem de S. Tiago, e foi o primeiro nestes Reinos: a Gil Martins, Mestre da Ordem de Aviz, fez Mestre da Ordem de Christo, e foi o primeiro dos dez, que teve esta Ordem antes de passar aos Reys de Portugal esta dignidade a Vasco Martins de Sousa fez seu Chanceller mór, e foi o primeiro. Governáraõ a Igreja de Deos no seu tempo os Papas Martinho, Honorio, e Nicoláo quartos, Celestino, e Bonifacio oitavos, Benedicto X. e Clemente V Francez, o qual mudou a Cadeira de S. Pedro para França, aonde esteve settenta annos no Reinado de sette Papas Francezes, e Joaõ XXII. Florecêraõ, S. Roque Santa Birgida, Santa Clara de Monte Falco, em cujo coraçaõ se achou esculpido de relevo hum Crucifixo, e na bolsa do fel tres globos, que com singular prodigio tanto pezava hum, como todos tres, testimunho do Mysterio da Trindade Santissima. Em letras foraõ notaveis, Nicoláo de Lyra, Escoto, Durando, o Poeta Dante: viveo neste tempo o grande Taumaturgo, e defensor da Igreja Catholica contra os cismas, de que a livrou, desde o dia da sua canonizaçaõ, S. Nicoláo de Tolentino, cuja vida ouvireis a seu tempo. Foraõ queimados publicamente por ordem do Papa Bonifacio os ossos de Hermano, ou Hermaõ, que em muitas terras era venerado por Santo, tendo

sido

do hum herege horrendo. Teve principio o Imperio dos Turcos: nas partes do Norte houve Cometas espantosos, e outros prodigios, e choveo dez mezes continuadamente. Agora, Senhor Theologo, contai-nos o nascimento de nossa Māy Santissima, Patrona desta nossa humilde Academia, que eu na Conferencia de á manhaã continuarei as vidas dos nossos Reys. Chegou (disse o Theologo) o dia alegre para o mundo, que foi este, oito de Setembro, e nelle (diz a Veneravel Madre Maria de Jesus de Agreda na Mystica Cidade de Deos) foi prevenida Santa Anna com illustraçaõ superior, e prostrada em oraçaõ, conhecendo pelo aviso, que o Senhor lhe deo, era chegada a hora do seu parto, pedio a Deos assistencia da sua graça, e protecçaõ para o bom successo delle: sentio logo hum movimento no ventre, acçaõ natural das creaturas para sahirem á luz, e a mais ditosa Menina, Maria Soberana foi arrebatada por providencia, e virtude Divina em hum extasi altissimo, no qual absorta, e abstrahida de todas as operaçoens sensitivas, nasceo ao mundo sem o perceber pelos sentidos, como pudera conhecê-lo por elles; se junto com o uso da razaõ, que tinha os deixassem obrar naquella hora; porèm o Altissimo o dispôs desta sorte, para que a Rainha dos Ceos naõ sentisse o natural do successo do parto: nasceo pura, e limpa, e cheia toda de graças, e formosa; publicando nellas, que livre nascia da Ley, e tributo do peccado; e ainda que nasceo como os mais filhos de Adaõ na substancia, foi porèm com taes condiçoens, e graças, que fizeraõ este nascimento milagroso, e admiravel para toda a natureza, e gloria especial de seu Creador: nasceo pelas doze horas da noite, começando a dividir a da antiga ley, e trévas primeiras, do dia novo da Graça, que já queria amanhecer: naõ consentio a Senhora Santa Anna que outra pessoa enfaixasse a sua Filha Soberana ella mesma a envolveo, e preparou com as suas mãos nas mantilhas,

..., sem a embaraçar o sobre-parto: ella tomou
...os a que, sendo sua Filha, era thesouro maior
..., e terra, em pura creatura só a Deos inferior, e
...or a todo o creado; e com fervor, e lagrimas a c
...eo a Deos no interior de sua alma: no mesmo lhe
...ndeo Deos, dizendo tratasse a Divina Menina c
...áy a filha no exterior, sem mostrar-lhe reverencia
...m que lha tivesse no interior, e que na sua criação
...risse com as leys de verdadeira máy com todo o
...lo, e amor: assim o cumprio a Senhora Santa A
usando deste direito, e licença, sem perder a r
cia devida, se regalava com sua Filha Santissim
tando-a com os carinhos que costumaõ as outr
Os Anjos da guarda da Soberana Menina com ou
de multidaõ a adoráraõ, e reverenciáraõ nos
sua Máy, e os mil Anjos deputados para guar
nhora se lhe offerecêraõ, e dedicáraõ para
nisterio, e foi esta a primeira vez, que a Div
ra os vio em fórma corporea com as divisas,
que se dirá a seu tempo, e a Menina lhe
louvassem ao Altissimo com ella, e em se
dos cantáraõ, e Santa Anna gozou parte
Musica. No mesmo instante, em que nasc
nha, mandou Deos a S. Gabriel Archanjo
ticia aos Santos Padres, que estavaõ no L
berano Embaixador desceo logo, e illu
profunda caverna, alegrando os Justos,
vaõ detidos, lhes annunciou como já con
cer o dia da felicidade eterna, e reparaç
... taõ desejado dos Santos Padres, e os ma
... todos, Altissimo

ras creaturas, que foi o primeiro passo de sua vida apenas nascida; o braço do Altissimo começou a obrar nella novas maravilhas sobre todo o pensamento dos homens, e huma foi mandar innumeraveis Anjos, para que a levassem ao Empyreo em corpo, e alma: assim o cumpríraõ, e recebendo-a nos braços, ordenaraõ huma nova procissaõ com canticos em louvor do Altissimo, e nella conduzíraõ ao Ceo Empyreo a verdadeira Arca do Testamento, e este foi o segundo passo da vida de nossa Máy Soberana: entrou a Soberana Menina no Ceo nos braços dos Anjos, os quaes todos a reconhecêraõ, e reverenciáraõ por sua Rainha, e ella prostrada, e summamente abatida perante o Throno de Deos, louvou, e deo graças por tantos, e taes beneficios. O que aqui recebeo das maõs do Altissimo, e os singulares favores, que lhe fez o Verbo Divino, que della havia nascer feito homem; e as mercês infinitas, que lhe fez toda a Santissima Trindade, a Veneravel Maria de Jesus de Agreda o conta, e com termos Theologicos o explica, mas he só para Theologos o que diz, para nós basta venerarmos, e pasmar do que seria. Entaõ manifestou Deos aos Anjos que desde a eternidade tinha formado os nomes de Jesus, e Maria, e nelles tinha complacencia, e sahio do Throno huma voz, que dizia: *Maria se ha de chamar a nossa escolhida, e este nome será maravilhoso, e magnifico; os que o invocarem com affecto devoto, receberáõ copiosissimas graças; os que o estimarem, e pronunciarem com reverencia, seráõ consolados, e vivificados, e todos acharáõ nelle remedio de suas doenças, thesouros, com que enriquecer-se, luz que os encaminhe para a vida eterna, será terrivel contra o Inferno, quebrantará a cabeça da serpente, e alcançará insignes victorias dos principes das trévas.* Ordenou Deos que os Anjos dissessem a Santa Anna, que a Soberana Menina se havia chamar Maria; deo ella a Deos novas graças, recebeo novos favores, e novas adoraçoens dos Anjos, sem nunca lhe ser revelado atè o

dia

dia da Incarnaçaõ do Verbo, que era efcolhida para M
de Deos: logo a reftituiraõ os Anjos aos braços da S
nhora Santa Anna, a qual naõ fentio efta falta, porq
hum Anjo fupprio a falta da Soberana Menina, e ál
diflo teve hum extafis Santa Anna, no qual, aindaq
ignorou totalmente o que fuccedia á fua Filha no Ce
com tudo lhe foraõ revelados grandes myfterios da dig
dade de Mãy de Deos, para que era efcolhida, e a p
dentiffima Matrona os guardou fempre em feu coraça
fem os revelar a fua Filha Santiffima, nem a S. Joaquir
aos oito dias depois de nafcida Maria Soberana, defcêr
os Anjos com efcudos, em que vinha gravado o feu N
me Santiffimo, e differaõ a Santa Anna, que era von
de do Altiffimo, que ella, e o Senhor S. Joaquim puz
fem a fua Filha o Nome de Maria. Logo o diffe ella a f
feliz Conforte, e elle convidou os parentes para o con
te; e com elles hum Sacerdote, e depois de venerar
o Nome Santiffimo os dous Confortes, declararaõ a t
dos, que fua Filha fe chamava MARIA.

FIM

DA VIGESIMA TERCEIRA PARTE.

LISBOA:

Na Officina de Francifco Borges de Souza.

Com todas as licenças neceffarias.

Anno de 1758.

ACADEMIA
DOS
HUMILDES,
E
IGNORANTES.

CONFERENCIA XXIV.

NO dia nove de Settembro profeguio a hiftoria dos noffos Reys o Soldado dizendo: Sepultado em Odivéllas o noffo ditozo Monarcha D. Diniz, foy acclamado dahi a dous dias feu filho D. Affonfo quarto defte nome, Rey fettimo defte Reyno, chamado por antonomazia o Ouzado; nafceo em Coimhra aos oito de Fevereiro do anno de mil duzentos e noventa, primogenito do Rey D. Diniz, e da Rainha Santa Izabel, ventura a mais digna de inveja, e fem comparaçaõ mais do que a Coroa deftes Reinos, para que nafcia: logo nos exercicios de menino moftrou tal esforço de animo, e tal vigor, que lhe chamaraõ o Bravo. No principio do feu governo teve baftantes defcuidos, porque fó o exercicio da caça lhe levava os cuidados, e até nos Tribunaes, e Confelhos converfava nas féras que tinha morto; porèm hum Cavalheiro, que o ouvio, com tal liberdade o reprchendeo, que o Rey cahindo em fi, eftimando a liberdade, por fer filha de zelo, e amor leal, agradeceo o avizo, e emendou-fe de modo, que apenas, para allivio do trabalho do governo, uzava defte divertimento licito: na vida de feu Pay D. Diniz contámos a oppofiçaõ que elle tinha

a feu irmaõ baftardo D. Affonfo Sanches, agora que fe vio Rey, dezabafou a vingança, tomando-lhe a fazenda, e manchando lhe a honra. Era D. Affonfo bemquifto, e poderozo, veyo de Caftella com exercito, e entrando pela Comarca de Braga, e pelo Guadiana, tudo era fangue, roubos, e incendios: fentido o noffo Rey tomou armas, cercou o Caftello de Albuquerque, rendido o pôs por terra até os fundamentos. Sobre o cazamento de Dona Conftança, filha de D. Joaõ Manoel, neto do Rey D. Fernando o Santo, que eftava ajuftada para cazar com feu filho o Principe D. Pedro, rompeo guerra com o Rey D. Affonfo Undecimo de Caftella feu genro, e fobrinho: em quanto os feus Embaixadores propunhaõ ao Caftelhano o dezafio, preparou no Téjo a mais luzida Armada, que lhe foy poffivel de toda a cafta de embarcaçoens bem chêas de Soldados experimentados, e muniçoens em abundancia; e no mefmo tempo guarneceo, e fortificou todas as Praças, e elle com exercito grande, pôs cerco a Badajoz: em quanto alguns Capitaens Portuguezes abrazavaõ os arrabaldes de Aracena, Arouche, e Cartagena, a muitos caftigava a morte, a muitos o cativeiro, a todos as feridas, a fóme, e as mizerias: difficultava-fe a efcála de Badajoz, e o noffo Rey deixando baftante exercito para combater a Cidade, com o refto foy deftruindo tudo até Sevilha, e retrocedendo por outras partes com a mefma furia, e hoftilidade, veyo continuar o cerco: a mefma fortuna gozava feu irmaõ baftardo D. Pedro Conde de Barcellos, o qual entrando por Galliza, naõ obftante a grande refiftencia, que encontrou no Arcebifpo, e feus Soldados, e em outros Capitaens valentes, e com bons companheiros, a todos venceo com deftroço notavel; e retirados, fez que todos os moradores daquelle Rei-

no

ɛxperimentaſſem as meſmas calamidades, que o ſeu irmaõ cauzava nos Andaluzes. O Rey de Ca- i preparava hum exercito grande para ſe oppôr ás ıs hoſtilidades, e neſte tempo vendo o noſſo Rey ɩffonſo o grave damno, que o noſſo exercito rece- ıo cerco de Badajoz, o levantou, e o Caſtelhano, que inha de caminho, vendo-ſe deſaſſombrado, entrou ;idade, e ſahindo logo, pôs cerco a Elvas, obran- ıos ſeus campos, e vizinhanças tudo o que pode a o fogo, e a eſpada, e ſem fazer outra opera- mais que eſta vingança, levantou o cerco, reco- ı-ſe a Sevilha; e entretanto o noſſo Rey D. Afon- ıe deſtruio as terras de Xeres Badajoz, Burgilhos, e onchel: em recompenſa varias tropas Caſtelhanas, ernadas por D. Joaõ, e D. Fernando Rodrigues, ɔaraõ, e deſtruiraõ toda a Provincia de entre Dou- e Minho, até que ſahindo o Arcebiſpo de Braga, naz das Heſpanhas, com mil e quatrocentos Portu- zes, e o Biſpo do Porto, que entaõ era ſenhor da ade, acompanhado do Meſtre da Ordem de Chri- cada hum com baſtante exercito, depois de varios ıbates, em que o valor moſtrou quanto excedia ao ıero deſigual dos Caſtelhanos, e o muito que em ſi- taõ fragozos, e incapazes de pelejar, eraõ deſtros; araõ D. Joaõ de Caſtro, e a trezentos Soldados ı; e victoriozos ſe recolheraõ ás ſuas terras. Entre- :ó a noſſa Armada, que conſtava de vinte galeras, ıtras embarcaçoens, em que hiaõ dous mil homens, ɛ proſpera, e adverſa fortuna; porque os Caſtelha- ſahiraõ de Sevilha com outra Armada, em que vi- ıõ cinco mil e quatrocentos homens; os quaes foraõ troçados por huma tempeſtade, e os noſſos fizeraõ em ias partes maritimas varios, e graves danos: juntaraõ- ıltimamente no Cabo de S. Vicente, aonde os Por-

 tugue-

tuguezes ufanos renderaõ no principio do combate nove galeras Caſtelhanas; porèm arrependida a fortuna, os Caſtelhanos inteiramente ficaraõ ſenhores de todas as embarcaçoens Portuguezas. Pelejarem na terra homens com outros homens, he quinta eſſencia da brutalidade, porque os irracionaes o naõ fazem; porèm ſobre taboas no mar, naõ ſey que nome lhe dê, creyo foy providencia do Altiſſimo, para conhecermos a mizeria do noſſo ſer. O noſſo Rey, vendo deſtruida a ſua Armada, vingou-ſe em entrar por Galliza, aonde fez incriveis eſtragos, e ao meſmo tempo o Rey de Caſtella entrou com grande exercito no Algarve, e fez os meſmos: ambos ſe podiaõ jactar de invenciveis, e de feliz nenhum; porque ambos viaõ os ſeus Reinos deſtruidos, e os ſeus vaſſallos mortos, e os que eſcapavaõ da eſpada, ou cativos, ou miſeraveis, ſem terras, cazas, familias, e o neceſſario para a vida, ainda na ultima miſeria: vamos agora conſiderar a cauza de todos eſtes incriveis, e inexplicaveis damnos de vidas, honras, e fazendas de tantos mil Portuguezes, e Caſtelhanos, homens, e mulheres, e meninos, velhos, e moços, de tudo eraõ duas mulheres, huma maltratada, porque o marido naõ fazia cazo della, que era a ſenhora Dona Maria, filha do noſſo Rey, cazada com o de Caſtella, e eſte tinha trato amorozo com Dona Leonor, com tal exceſſo, que ſe a Rainha queria fallar ao marido havia ſer diante de Dona Leonor; a outra a Senhora Dona Conſtança, a quem o Rey de Caſtella algum dia chamou eſpoza, e amou com finezas, e agora cazado, e amancebado com eſte eſcandá-lo, naõ lhe ſoffria o coraçaõ, que ella vieſſe para Portugal, aonde eſteve deſpozada com o noſſo Principe D. Pedro, e com politicas, e acçoens indignas naõ ſó de Principes, mas de todo o genero de homens, lhe embaraçava os caminhos, e os paſſos todos.

Em-

Empenharaõ-se o Papa Benedicto XII., e muitos Principes da Europa, para que o Rey de Castella cedesse desta ignominiosa contumacia, e nada aproveitaraõ os seus rogos: se hoje vissemos cousa, que tivesse com isto similhança, que diriaõ os que a cada passo, por terem lido, e ouvido pouco, sem motivo algum, suspiraõ, dizendo que o mundo está perdido. Em fim, a nossa Infanta mulher do Rey de Castella, formosissima, e desprezada, era a primeira, que todos os meios buscava para encobrir ao pay o seu desgosto, e evitar a guerra, e tanto se empenhou nisto, (virtude singular em mulher!) que veio Gonçalo Vasques de Moura, Embaixador do nosso Rey a conseguir, o que os rogos do Papa, e Principes da Europa naõ puderaõ alcançar. Publicou-se a paz entre os dous Reys com duas condiçoens boas de prometter, e difficeis de cumprir. A primeira, que deixaria vir a senhora Dona Constança para Espoza do nosso Principe D. Pedro. A segunda, que se apartaria de Dona Leonor, a quem tratava como Rainha, para tratar a Rainha como devia. A primeira condiçaõ logo se cumprio, consentindo que o Embaixador conduzisse a Portugal a senhora Dona Constança. A segunda, consistio o seu cumprimento em hum disfarce, com que pertendia mostrar era menor a paixaõ da amiga; porém cessou a guerra, porque houve mais em que cuidar em ambos os Reinos, em Portugal no politico, a quem a guerra deixa sempre escalavrado, e em Castella na defeza do Reino, desorte que o Rey se vio necessitado a pedir ao nosso soccorro; e como as chagas das dissençoens passadas estavaõ taõ frescas, pedio á mulher escrevesse ao pay, e lho pedisse, ao que elle respondeo: *Que ella era mulher, e naõ tinha necessidade de exercitos, armas, nem maquinas de guerra, que se seu marido necessitava de todas estas cousas, lhas pedisse, e elle lhe responderia.* Calou o Rey, vendo-

do-ſe Reo; porèm dahi o pouco tempo ſe vio obrigado a humulhar-ſe, e pedir: porque o Rey de Marrocos Ali Boacem, confederado com o de Granada vinhaõ a deſtrui-lo com innumeravel exercito. Mandou a Rainha ao noſſo Rey ſeu Pay, que ſempre eſta ſenhora foy de proveito nas maiores afflicçoens do ſeu Reino: em Evora ſe achava, e a recebeo o noſſo Rey como Pay, e ſerenando á ſua viſta, lagrimas, e carinhos todas as paſſadas queixas juſtiſſimas, determinou juntar o ſeu exercito com o do genro: fez diſto logo avizo ella ao marido, o qual em agradecimento veyo buſcar o noſſo Rey, e eſte; politico; buſcando-lhe o encontro em Jerumenha junto ao Guadiana, ſe viraõ ambos: paſſou o noſſo com exercito numerozo a Sevilha, e logo ſe juntou Conſelho; porem conſiderado o innumeravel exercito dos Mouros, a cuja viſta o noſſo, e o Caſtelhano era nada, votaraõ os Conſelheiros Caſtelhanos ſe lhes entregaſſe Tarifa, e fizeſſem pazes; porque o contrario era expôr em hum ſó lance da fortuna toda a flor, e defeza de Portugal, e Caſtella, a que podia natural, e facilmente ſeguir-ſe conquiſtarem os dous Reys Mouros com taõ formidavel exercito vencedor ſegunda vez toda Heſpanha, cuja dilatada reſtauraçaõ tinha cuſtado rios de ſangue. Ouvio o noſſo Rey D. Affonſo os votos, e cheio de colera, e ouzadia Portugueza, diſſe: *Que naõ tinha ſahido do ſeu Reyno com vaſſallos coſtumados ſempre a vencer, para conſentir que os Mouros ficaſſem com hum ſó lugar, que tiveſſe ſido de Catholicos, a troco de naõ pelejar.* Com tal colera o diſſe, e ſe levantou do Conſelho, que os Caſtelhanos naõ tiveraõ mais remedio, que ſegui-lo, e elle dando as ordens neceſſarias ao noſſo exercito, foy primeiro que ſe pôs no campo na manhaã ſeguinte, em que formados todos, e juntos, tal nevoa, e taõ eſpeſſa

cobrio os exercitos Portuguez, e Castelhano, que nbos titubearaõ; porque se naõ viaõ huns aos ouos: mas o nosso Rey D. Affonso, sempre, ouzado, alorozo, e intrepido, levantou a voz, e se naõ desz a nevoa, dissipou o agouro, que elle infundia, izendo: *Que aquillo era manhã, que o Ceo mandava sóe a páva esrolhido, para se animarem contra os inimigos da hristandade.* Investiraõ em fim; e foy o combate dos ais célebres, memoraveis, e dilatados da Europa; prque como eraõ innumeraveis os Mouros, ainda ndo tal o valor dos nossos, era necessario muito temp para matar a tantos: venceraõ em fim os Catholios, sempre animozos desde o principio da batalha, e mpre firmes, em que haviaõ alcançar a victoria; porie o nosso Rey, além de os animar com as palavras ie já disse, levou por bandeira principal o Santo Leio, que hoje se conserva em huma Igreja junto a Moura, a qual sustentava hum Clerigo com sobrepelz, e estóla, cercado de muitos mil cavalleiros, e deo signal ao exercito o nosso Rey para investir com as lavras do Santo Rey David: *Exurgat Deus, & dissipenr inimici ejus,* o que tudo junto infundio tal animo, ie puderaõ taõ poucos vencer hum exercito numero, que naõ vinha só para vencer, mas já com familias ra povoar toda a Hespanha; porque na sua multidaõ lgaraõ certa a victoria sem a menor duvida: por este otivo foy o despojo riquissimo; porque, como vinhaõ povoar, traziaõ tudo, e tudo offereceo o Castelhano ao osso Rey D. Affonso, quando se quiz retirar para o seu eino, confessando que ao seu valor, e rezoluçaõ se via toda a victoria memoravel do Salado; porque elfora o primeiro que rompera todo o exercito Mouco, e depois de lhe naõ restar da sua parte que venr, fora soccorrer o exercito Castelhano. Agradeceo

o nos-

o noſſo Monarcha a offerta, e elogio; porèm nada acceitou do preciozo, dando-ſe por ſatisfeito com o triunfo, com que entrou, e foy recebido na Corte de Sevilha, e com que mandaſſem algumas das principaes bandeiras ao Papa, e ſó para entrar neſte Reino com algum ſignal de taõ memoravel victoria, eſcolheo o trazer comſigo a Abohamó filho de hum dos Reys vencidos, que o noſſo Rey tinha cativado pela ſua maõ na batalha, e cinco eſtandartes, que pendurou na Sé de Lisboa: pouco depois de entrar no Reino entre vivas, e applauzos deo liberdade de graça ao Infante Mouro; porque ſeu Pay lhe offerecia por elle hum extraordinario preço, que o noſſo Rey deſprezou, para moſtrar o capricho Portuguez, mal empregado em taõ vil canalha, que nem conſervou memoria de taõ raro beneficio, nem teve nunca brio para o imitar com hum Infante de Portugal, que lá morreo martyrizado: em fim, Mouros fundados na religiaõ por hum arrieiro, e abominados em todo o mundo, aonde a falta de uniaõ nos Principes Catholicos he cauza de terem dominio taõ dilatadó. Foy prodigioza eſta victoria, e como tal a celébra Heſpanha; porque nella confeſſavaõ os Mouros ter viſto Gigantes armados, e cercados de reſplandores extraordinarios pelejando pelos Catholicos. Baſta; o mais contarei á manhaã.

FIM
DA VIGESIMAQUARTA PARTE.

LISBOA:
Na Officina de Franciſco Borges de Souza.
Anno de 1759.
Com todas as licenças neceſſarias.

ACADEMIA
DOS
HUMILDES,
E
IGNORANTES.

CONFERENCIA XXV.

TOdos os que ouviraõ a notavel victória do nosso Rey D. Affonso IV. esperavaõ com impaciencia a tarde, quando o Soldado começou triste a Conferencia, dizendo: Naõ posso sem lagrimas contar-vos o fim desta notavel vida composta de victorias, e excellentes politicas, porque com huma resoluçaõ na velhice (naõ muita, mas com guerras, e trabalhos adiantada mais do que pediaõ os annos) obrou o nosso Rey huma acçaõ, que só lagrimas a podiaõ contar: Morreo a Princeza Dona Constança, mulher do nosso Principe D. Pedro, e naõ obstante deixar dous filhos, intentou o Principe segunda vez casar com a Senhora Dona Ignez de Castro, parenta sua, formosissima, que primeiro foi seus amores sem offensa da honra, e porque seu pay o queria casar em outra parte, aonde lhe fazia mayor conveniencia, occultamente se dispensou, e a recebeo, e consummado o matrimonio teve della quatro filhos: soube isto o Rey por boca de tres validos, Pedro Coelho, Diogo Lopes, e Alvaro Gonsalves, os quaes lhe aconselharaõ que a mandasse degolar: pouco foi necessario para o persuadir, e ella sabendo da sen-

tença, lhe foi fallar com os filhos, e netos do Rey diante de si, a cuja vista movido o sangue se applacou o Rey, porém os tres validos, ainda que a viraõ, e conhecêraõ mudado o Rey no que determinara, naõ obstante os seus rogos, e o protesto de que se consultasse segunda vez o Rey, que certamente ja a naõ mandava matar, elles, como gente vil, infame, e baixa, lhe separaraõ o corpo da cabeça: esta tyrannia, que todas as Naçoens sabem, contaõ, e abominaõ, escureceo o nome, e gloria do Rey D. Affonso. Morreo em Lisboa no mez de Mayo com sessenta e sette annos de idade, trinta e hum e meyo de Rey: tinha o seu jazigo dentro da Capella Mór da Sé de Lisboa da parte do Evangelho em lugar alto, e no mesmo arco estava sepultada sua mulher a Rainha Dona Beatriz, filha de D. Sancho Bravo, e quarto deste nome, Rey de Castella, e da Rainha Dona Catharina, filha do Infante D. Affonso de Molina: naõ teve filho algum bastardo, e de sua mulher teve seis. O primeiro D. Affonso, que morreo menino, e está sepultado em S. Domingos de Santarem. O segundo D. Diniz, que morreo na mesma idade, jaz em Alcobaça aos pés de seu bisavô D. Affonso III. O terceiro D. Joaõ, que morreo menino, e está esculpido no sepulchro de seu avô D. Diniz em Odivêlas. O quarto Dona Maria, que foy Rainha de Castella, mulher do Rey D. Affonso XI, pays do Rey de Castella D. Pedro, o Cruel. O Quinto D. Pedro, que lhe succedeo no Reino. O sexto Dona Leonor, Rainha de Aragaõ, mulher segunda do Rey D. Pedro IV., morreo moça, teve huma só filha chamada Dona Beatriz, que vindo a Portugal depois da morte de seu avô D. Affonso, morreo menina, e está sepultada com a Rainha Dona Beatriz na Sé de Lisboa; illustre elogio de nosso Monarcha

narcha, he naõ ter outros filhos: mandou lavrar differentes moédas, humas tomaraõ o seu nome, e se chamaraõ Affonsins, nove valiaõ hum soldo, e os soldos, que tiveraõ differentes preços, no tempo do Rey D. Fernando valiaõ dez maravediz, e no do Rey D. Duarte hum real de prata, moéda ainda hoje uzada em Hespanha, e valia esta cincoenta reis. Tinha o Rey D. Affonso corpo avultado, testa dilatada, e com rugas, rosto comprido, nariz proporcionado, boca grande, cabello escuro, e crespo, barba partida, e comprida, e todos os membros fortes, e vigorozos, aspecto, fórma, partes, e obras veneraveis. No seu antigo retrato se vê armado de todas as Armas, Coroa no Elmo, espada levantada, manto carmezim forrado de arminhos: elle mesmo se mandou retratar em sua vida, e o mesmo mandou fazer a seus avós, imitaraõ-no seus herdeiros, e hoje se vem estes retratos originaes no Palacio dos Reys de Hespanha na Villa de Madrid: mudou as Armas do Reyno, reduzindo os Castellos ao numero de oito, e diminuio hum ponto em cada hum dos cinco escudetes do meyo, de sorte, que ficaraõ em cada hum só dez pontos. Governaraõ a Igreja de Deos nestes tempos os Santissimos Padres Benedicto XII., Clemente, e Innocencio Sextos: Floreceraõ os famosos Jurisconsultos, Angelo, Landulfo, Bartholo, o Baldo; foy laureado Petrarzca pelo Papa Benedicto: Viraõ-se nas partes do Norte tres Luas juntas acompanhadas de hum Cometa com portentozas crines, que fez pasmar a todos os que o viraõ, e muito que padecer aos que experimentaraõ os seus effeitos em differentes Provincias do mundo: de tudo isto vos contaremos de vagar a seu tempo, e com individuaçaõ o que desejais saber. Sepultado o Rey D. Affonso, foi acclamado seu quinto filho D. Pedro, pri-

meiro defte nome, e oitavo Rey defte Reino, o qual tinha nafcido a dezanove de Abril de mil trezentos e vinte na Cidade de Coimbra, foy chamado Cruel, Rigorozo, Crû, Jufticeiro, e fó lhe acertou com o appellido, quem lhe chamou Jufto, Recto, Cuidadozo: tomou o Ceptro aos trinta e fette annos de fua idade, fendo ja viuvo de fuas duas mulheres, Dona Conftança Manoel, neta, e bifneta do Infante D. Manoel, e do Rey D. Fernando o Santo; e a fegunda Dona Ignez de Caftro, filha do Conde D. Pedro Fernandes de Caftro, e parenta do Rey feu marido: morreo degolada tyrannamente na Cidade de Coimbra, como ja vos diffe com notavel dor do coraçaõ, na vida do Rey D. Affonfo; porém como a efpada, que lhe feparou a cabeça, trafpaffou o coraçaõ do noffo Rey D. Pedro, que fe achava auzente, tomou as armas para vingar no pay, e vaffallos a morte de fua mulher, de forte que as Provincias de Entre Douro e Minho, e Traz os Montes ficaraõ razas com ferro, e fogo do Principe D. Pedro, e depois de varios encontros dos dous exercitos, em hum dos quaes appareceraõ nas vanguardas pay, e filho com a efpada na maõ, que efte embainhou vendo o pay; a morte defte, que julgamos lhe apreffou o tormento da confciencia, pela tyrannia que tinha uzado com fua nora, fez que ceffaffe a guerra civil, e o damno univerfal do Reino: ja andavaõ auzentes, e refugiados em Caftella os infames matadores da Rainha Dona Ignez de Caftro, quando tomou poffe do Reyno o noffo D. Pedro, porque as confciencias os accuzavaõ, e faziaõ temer o caftigo da fua vil tyrannia: o noffo Rey, cuja pena naõ admittia confolaçaõ alguma, occultamente fe ajuftou com o Rey de Caftella D. Pedro Cruel, para que lhe entregaffe os tres Reos, que elle lhe entregaria outros

tros

tros criminozos Castelhanos que se achavaõ refugiados nestes Reinos: prenderaõ com effeito em Castella a Pedro Coelho, e Alvaro Gonsalves, escapando o outro: achava-se o nosso Rey em Santarem, quando lhos trouxeraõ á sua prezença, mandou accender huma fogueira, e á vista della mandou tirar os coraçoens aos dous homicidas, estando elles vivos, a hum lho tiraraõ pelo peito, e ao outro pelas costas, e mandou-os lançar na fogueira, na qual depois se reduziraõ a cinzas os cadaveres com dous tyrannos: algumas memorias manuscriptas vi, e algumas tradiçoens deste cazo, que o contaõ por diverso modo; huns dizem que o mesmo Rey D. Pedro lhes arrancara os coraçoens com as suas mãos, abrindo-os pelos peitos a ambos com hum punhaõ, e que mordera, e despedaçara com os dentes os ditos coraçoens antes de os lançar elle mesmo no fogo, outros que esta execuçaõ fora feita por maõ alheia; porêm que dizendo-lhe antes della Pedro Coelho algumas palavras livres, como quem tinha a vida perdida, e com dezesperaçaõ, o Rey dissera: trazei-me vinagre, e salsa para comer este Coelho, e mandara pôr a meza á vista da fogueira, e ceara, vendo arder os coraçoens, e corpos dos dous tyrannos: esta opiniaõ segue o Grande Manoel de Faria e Souza na Europa Portugueza, e no Epitome, que foy o Crysol da sua obra toda o calla. Infames, e inhumanos, que sabendo estava applacada a injustissima ira, que elles tinhaõ excitado no Rey, vendo de joelhos a seus pés a mulher verdadeira do seu Principe successor do Reino, cercada de filhos, e entre rios de lagrimas, protestando que seu sogro estava applacado, e lhe naõ tirassem a vida, tiveraõ coraçaõ para cortar o pescoço da Senhora mais formoza, que viraõ aquelles seculos, com estas circunstancias, e com a mayor, de ser bis-

neta

neta de hum Santo, ja entaõ por tal venerado, e hoje gloria de Hespanha, que delle reza: em fim crea cada hum de vós o que lhe parecer das memorias, e tradiçoens deste caso, que eu conto o que li, e tenho ouvido. Executada a vingança, como pôde, e naõ como merecia a culpa, mandou levantar em Alcobaça dous sepulchros de marmore brancos, e primorosamente lavrados, hum para si, e outro para a Rainha Dona Ignez de Castro, a qual mandou esculpir com coroa na cabeça, ao natural, sobre o sepulchro: foy a Coimbra, mandou levantar hum theatro com docel rico, abrio o sepulchro da Raînha Dona Ignez, tirou o cadaver, e sentado debaixo do docel com corôa, que elle lhe pôs na cabeça, declarou a todos, que era sua mulher legitima, e as testimunhas que assistiraõ ao recebimento, que logo o juraraõ, e mandou que todos os seus vassallos presentes lhe beijassem a maõ, como a sua Rainha, e natural Senhora, o que todos fizeraõ com summo gosto, e ternura, chorando o Rey, e todo o povo, em quanto durou o acto: logo mettido o cadaver em humas andas, acompanhado do Rey, de todos os Fidalgos, e Matronas illustres, partio para Alcobaça, em cujo caminho, sendo de tantas legoas, estavaõ duas fileiras de homens com tochas accezas de dia, e de noite até passar o enterro, a quem seguiaõ do mesmo modo: chegou a Alcobaça, aonde segunda vez lhe beijaraõ a maõ todos em competencia de qual havia ser o primeiro, e o Rey entre as suas lagrimas, e de todos ratificou o juramento que fizera em Coimbra do seu casamento com ella, e fez que juridicamente se tomassem os juramentos das testimunhas, que assistiraõ a elle, o que feito, despedindo-se com ternas lagrimas do sepulchro do seu amor, protestando fazer-lhe companhia por morte no mesmo lugar, partio a fazer correiçaõ em todo o Rey-

no,

no, occupaçaõ a mais necessaria, e proveitoza nas Monarchias, porque só assim sabem os Reys o que tem, e todos os descaminhos que ha, e de nenhum outro modo podem saber: da justiça rectissima, que uzou com estes dous vis, e infames algozes, rezultou chamarem-lhe cruel, os que eraõ infames, e vis, como aquelles; e justo, recto, cuidadozo, administrador da Justiça, e executor inteiro das Leys, todos os homens de honra, e verdade; e senaõ vede, (como diz o Grande Faria) a imagem da sua Justiça, e a da sua liberalidade, affabilidade, e magnificencia, e fazey juizo do titulo que lhe haveis dar: soube que certo moço deo pancadas em seu pay, suspeitou que elle o naõ tinha gérado, mandou chamar a mãy, e com ameaços conseguio della lhe dissesse quem era o pay daquelle filho, confessou que era hum Religiozo, foy o Rey ao Mosteiro, e mandou-o matar. Hum valido seu tratava amores com huma mulher cazada: mandou-lhe cortar as partes do corpo, com que commettia o adulterio. Condenaraõ na Relaçaõ Ecclesiastica hum Clerigo a que naõ exercitasse as Ordens por ter morto hum homem, mandou o Rey matar o Clerigo por hum official de canteiro, e condenou o canteiro a que nunca mais exercitasse o seu officio, por ter morto o Clerigo, dizendo na Relaçaõ quando o sentenciavaõ á forca, que se no Juizo Ecclesiastico condenavaõ hum Clerigo a que o naõ fosse, por matar hum homem, elle no seu Tribunal condenava hum canteiro a que o naõ fosse, por matar o Clerigo; e com effeito deo ao canteiro com que passar a vida, protestando-lhe que se exercitasse mais o officio de canteiro, a havia perder na forca. Em humas festas, com que o receberaõ em huma Villa, chamaraõ humas mulheres a outra forçada, porque perdendo-se na dança, e separando-se das outras, foy necessario chamá-la; mandou parar todo o acompa-

nhamen-

nhamento, perguntou porque lhe chamavaõ aquelle nome affrontoso, e confessando todas era alcunha, porque seu marido a forçara, antes de recebê-la; mandou prender o marido que vinha na commitiva, e logo no mesmo sitio o fez enforcar, dizendo, que elle pagará á mulher o que lhe devia pela força que lhe fizera, porém que agora pagava á justiça o que lhe devia, desde que a forçara. Certo Ecclesiastico, e grande do Reyno, era adultero com escandalo, quiz açoutá-lo com as suas mãos, e foi necessario prostrarem-se-lhe aos pés os grandes, para o vencerem com promessa de emenda da culpado taõ publica, como a tinha sido a sua escandalosa vida. Fez cortar as costellas de hum cavalheiro rico, porque fiado na sua nobreza, e cabedaes, por hum pique de nenhuma entidade com hum lavrador, mandou-lhe cortar os arcos de huma cuba, ou tonel, em que tinha o seu vinho, e todo o seu remedio: para isso trazia sempre comsigo o algoz, chamado commummente carrasco, e elle trazia sempre no cinto hum azorrague, para os castigos que póde hum Rey decentemente executar com a sua maõ, como este do grande, e outros, que se calaõ por especial politica. Mais alguns castigos, que parecem rigorosos, e vistos com olhos desapaixonados, saõ justissimos todos, se contaõ mandara fazer, porém as memorias delles saõ tradiçoens do vulgo, e ainda assim, se os mandou fazer, fez o que devia á Justiça. Esta a primeira imagem do nosso Monarcha em que a observancia santa das Leys, e execuçaõ dellas, o fez parecer rigoroso. A' manhãa vereis a segunda imagem, e fareis o verdadeiro conceito.

FIM DA VIGESIMA QUINTA PARTE.

LISBOA: Na Officina de Ignacio Nogueira Xisto. 1760.
Com todas as licenças necessarias.

ACADEMIA
DOS
HUMILDES,
E
IGNORANTES.

CONFERENCIA XXVI.

NO dia doze de Setembro continuou a vida do Rey D. Pedro I. o Soldado. Viſtes, diſſe, a primeira imagem do noſſo admiravel Principe, que ſendo toda de hum Monarcha juſto, os inſenſatos lhe chamaraõ rigoroſo: ora notai agora a ſua clemencia, affabilidade, grandeza, e cuidado da Monarchia, e vereis que o ſeu genio foi docil, benigno, ſuave e ſó o amor da juſtiça, virtude alicerſe da Républica, o obrigou a parecer rigoroſo, porque ninguem quer em ſua caſa aquella virtude a mais preciſa. As Leys, que punha, eraõ obſervadas á riſca com veneraçaõ, e temor: promulgou huma com pena de morte a todo o Juiz, que deſſe ſentença por empenhos, ou mimos, e executou-ſe rigoroſamente; porque hum, que ſe deſcuidou, perdeo a vida na forca: ordenou que naõ houveſſe Letrados, nem Procuradores, nem a menor dilaçaõ nos pleitos, reſoluçaõ ſantiſſima, que imitou Mathias Rey de Ungria: deſta ſorte em breves dias, e ás vezes horas, ſe acabavaõ no ſeu Reinado as demandas com ſingular juſtiça, aſſim como Roma gozou a melhor ſaude, em quanto naõ teve Medicos, que depois chamou para extinguir o muito povo, que ja naõ podia ſuſtentar. Andava peſſoalmente por todas as Cidades, Villas, e Lugares deſtes Reynos, mais

affavel, e facil a communicar-ſe a toda a hora do dia, e da noite da peſſoa mais humilde, do que hoje he o menor official de hum Miniſtro de juſtiça, tirando devaſſa de tudo o que ſuccedia, e tinha ſuccedido em cada povoaçaõ, ouvindo a todos como filhos, dando logo caſtigo aos culpados, e premio aos benemeritos: ſendo taõ ſujeito á paixaõ de amor, como ſe vio nos extremos, que obrou pela Rainha Dona Ignez de Caſtro, nunca deo o menor eſcandalo ao Reino, nem particularmente a vaſſallo. Mandou lavrar moedas de metaes, e preços differentes, humas de ouro ſe chamavaõ dobras de vinte e quatro quilates, das quaes hum marco dava cincoenta; outras meyas dobras, tinhaõ de huma parte as Armas Reaes, e da outra o Rey ſentado em cadeira com a eſpada núa, e levantada na maõ, e a letra: *Pedro, Rey de Portugal, e do Algarve, Deos ajudai-me, e fazei-me vencedor excellente ſobre meus contrarios.* Foy taõ liberal, que ſe naõ tinha por Monarcha no dia em que naõ fazia mercês, de ſorte, que anoitecendo hum, em que naõ fez mercê alguma, foy tal a ſua pena, q̃ eſteve em termos de naõ cear, e affligio a todos os familiares com a paixaõ que tomou, por lhe faltar naquelle dia o exercicio mais do ſeu genio, e goſto, dizendo em vozes altas, para dezafogo daquelle coraçaõ magnanimo, que naquelle dia naõ fora Rey de Portugal, nem o era aquella noite: por iſſo quando o veſtiaõ recõmendava lhe deixaſſem o veſtido, e o cinto largos, para lhe ficarem os braços deſembaraçados para fazer mercês a todos, e para ſerem promptas trazia ſempre comſigo muito dinheiro, e tinha em caza muito ſempre prompto; de ſorte, que ſe no cinto trazia o azorrague para caſtigar, tambem cobria com elle theſouros para enriquecer, e premiar os vaſſallos: era exceſſivamente affeiçoado a feſtas, e inſtrumentos, muſicas, e danças: mandava tocar humas trombetas de prata, que tinha, e ao

ſom

fom dellas dançava com os Fidalgos. Armou Cavalleiro a D. Joaõ Affonfo Tello, e na noite, em que elle velava as Armas (coftume, e fingular rito daquella funçaõ) na Igreja de S. Domingos de Lisboa, mandou o Rey fazer cinco mil tochas de cera branca, e juntos cinco mil homens, os mandou pôr em duas fileiras defde o Palacio até S. Domingos, cada hum com fua tocha acceza na maõ toda a noite, e toda ella paffeou o Rey com os Fidalgos por entre as luzes, dançando de quando em quando com elles, tal era a fua affabilidade, tal feu coraçaõ docil, feu animo magnifico, que para honrar, e premiar hum vaffallo, fazia efte difpendio, e feftejava a fua honra dançando pelas ruas da Cidade quafi toda a noite, e toda em vigia para acompanhar com a fineza o vaffallo que vigiava. Deixou a feu filho hum grande thefouro, e o Reyno taõ feliz, pacifico, e bem governado, que fó defte incomparavel Rey diffe o povo Portuguez duas coufas, que naõ tornou a dizer, nem fará o tempo que deixem de lembrar. Primeira: *Que taes dez annos, como os do feu governo os naõ tinha vifto, nem havia ver efta Coroa.* E fegunda: *Que nunca havia nafcer, fe havia morrer*; ou *que nunca havia morrer.* Foi devotiffimo do Apoftolo S. Bartholomeu, o qual lhe appareceo antes de morrer, e depois de morto o refufcitou para communicar certa coufa ao feu Confeffor, fignal evidente da fua predeftinaçaõ; poucos dias antes da fua morte fe viraõ no Ceo efpantofos fignaes, parecia a todos que as Eftrellas corriaõ de Levante para o Poente, e que alli cahiaõ com tanta confuzaõ, que fazendo no ar efpantofos incendios; parecia era chegado o fim do mundo, e na parte de Levante, donde as Eftrellas corriaõ, apparecia o Ceo roto, aberto em boqueiroens; e em fim tudo efpanto. Morreo logo o Rey no anno de mil trezentos e feffenta e fette, com quarenta e oito annos de idade, e dez, menos dous

 mezes

zes de reinado. Era de corpo grande, Real prezença, testa espaçoza, olhos negros, formozos, e na conversaçaõ muito alegres, cabello ruivo hum pouco escuro, que sempre trazia comprido, e composto, boca naõ pequena, mas engraçada, rosto comprido, balbuciente no fallar, bem considerado nas respostas, affeiçoado á Poezia, como ainda se vê em obras suas, que andaõ entre as dos Poetas illustres daquelles tempos: no seu retrato antigo está com roupa Real carmesim com forro de arminhos, semeados de moscas negras, Ceptro na maõ, coroa na cabeça: na sua morte naõ se viraõ duas cousas, que se notaõ em quasi todas as mortes dos Reys; naõ houve quem a festejasse, nem quem della cedo se esquecesse: está sepultado em Alcobaça junto a sua mulher Dona Ignez de Castro, esculpido naturalmente em cima do sepulchro. Da primeira mulher a Senhora Dona Constança teve tres filhos. O primeiro D. Luiz, que morreo menino. O segundo D. Fernando, que lhe succedeo no Reino. O terceiro Dona Maria, que cazou com D. Fernando, Infante de Aragaõ, filho do Rey D. Affonso IV., e da Rainha Dona Leonor, e naõ teve filhos. Da Senhora Dona Ignez de Castro teve quatro. O primeiro D. Affonso, que morreo menino. O segundo D. Diniz, que por naõ querer beijar a maõ á Rainha Dona Leonor, mulher do Rey D. Fernando seu irmaõ, passou para Castella, aonde o cazou o Rey D. Henrique com huma filha bastarda, foraõ seus filhos D. Pedro de Colmanerejo, D. Fernando de Portugal, que prezando-se de sua Máy, se chamou de Torres appellido della, foy cazado duas vezes, e teve muitos filhos. A Infante D. Beatriz, que naõ cazou, outra que cazou com Lopo Vaz da Cunha, Senhor de Buen-dia, e outras, que foraõ Freiras, está sepultado na Sacristia de Guadalupe. O terceiro filho, e da Senhora Dona Ignez de Castro, foy D. Joaõ,
des-

desgraçado, porque deo ouvidos ás astucias da Rainha D.Leonor,a qual sabendo que elle estava cazado com sua irmaã Dona Maria Télles de Menezes occultamente, persuadio-lhe que o havia cazar com sua filha Dona Beatriz, unica, e successora do Reino, de que se seguio matar elle tyrannamente a mulher, e perseguî-lo a Rainha, tanto que elle a matou, de sorte, que passou a Castella, aonde cazou com Dona Constança, filha bastarda do Rey D. Henrique, de que teve varios filhos, e depois muitos bastardos, dos quaes especialmente nos merecem memoria D. Fernando Arcebispo de Braga, D. Luiz Bispo da Guarda, Dona Ignez da Guerra, que cazou com Alvaro Peres de Castro, Senhor do Mogadouro, e D. Fernando, Senhor de Bragança. O Rey de Castella D. Joaõ,(que cazou com a nossa Princeza herdeira D. Beatriz,a quem este desgraçado Infante quiz para mulher, e por amor de quem matou a mulher) vendo que os Portuguezes o desejavaõ para Rey, e que o Reino lhe pertencia por ser nullo o Matrimonio do Rey D. Fernando, o prendeo de sorte, que naõ durou muito na prizaõ vivo, segundo a melhor tradiçaõ dos Hespanhoes neste caso. Teve o Rey D. Pedro hum filho só illegitimo, remedio, e restaurador deste Reyno, chamado D. Joaõ, e foy o primeiro filho bastardo de Rey deste Reino, que, sem ter titulo, se chamou Dom. Deo o Rey D. Pedro tres titulos, a D. Affonso de Conde de Ourem, a seu filho D. Joaõ Affonso, Conde de Vianna, a D. Affonso Tello, Conde de Barcellos. Depois de lamentada a morte do nosso Monarcha com excesso raro, acclamaraõ Rey seu filho D. Fernando, chamado o Gentil, primeiro deste nome, e nono Rey desta Monarchia: tinha nascido em Coimbra no anno de mil trezentos e quarenta, e foi o ultimo dos sette Reys, que nasceraõ naquella Cidade. Era o nosso Rey gentilhomem, affavel, syncero, prodi-

go,

go, e facil por sua muita docilidade de genio; e esta foi a causa de que o persuadissem a quebrar a paz com o Rey de Castella D. Henrique, dizendo lhe pertencia aquelle Reyno, por ser bisneto do Rey D. Sancho, e o Rey D. Henrique ser bastardo, e ter morto a seu irmaõ: fomentaraõ isto muitos Fidalgos Castelhanos, que desgostosos do Rey D. Henrique passaraõ a Portugal, e muitas Cidades, e Villas de Castella, que naõ reconhecendo por seu Rey D. Henrique, offereceraõ a obediencia ao nosso D. Fernando: assim viviaõ neste tempo os vassallos inquietos, inquietando os Reys vizinhos, negando a obediencia aos seus naturaes Senhores, e passando-se para os Reynos confinantes, naõ sendo menor a culpa dos Reys nesse tempo em dar premios, e fazer mercês grandes a estes inquietadores, esperando lealdade, e agradecimento nos que eraõ desleaes, e ingratos a quem naturalmente deviaõ a sujeiçaõ: claro temos o exemplo no nosso D. Fernando o qual deo com tal prodigalidade aos Castelhanos, que passavaõ para este Reyno, e lhe persuadiraõ a guerra para destruî-lo, que para isso bastava o dar com tal excesso; a D. Fernando, Conde de Castro Xeriz, deo quinze Villas de juro hereditario, a seu irmaõ Alvaro Peres de Castro nove Villas, e o Condado de Arrayolos, e officio de Condestavel do Reyno. A Fernando Affonso de Zamora dezanove Villas, e Lugares, a Mem Roiz de Siabra cinco, a Alvaro Mendes de Castro seis, a Affonso Fernandes de Lacerda sette, a Affonso Gonsalves duas, a Joaõ Fernandes Andeiro tres, e o titulo de Conde de Ourem; e a outros vinte e dous Fidalgos mais da mesma sorte, de que se infere, que elles naõ vieraõ dar ao nosso Rey D. Fernando hum Reyno, mas sim tirar-lhe o que tinha pacifico. As Cidades de Castella, que lhe offereceraõ obediencia, foraõ Zamora, *Carmona*, Cidade Rodrigo, Coria, Ledesma, Alcan-

cantara, Valença, S. Tiago, Tui com ſuas Villas, e Lugares adjacentes. As fortalezas de Inojoſa, e Lumbrales, que entregou D. Affonſo Biſpo de Cidade Rodrigo: em todas eſtas mandou o noſſo Rey lavrar moeda com as Armas de Portugal, e Caſtella em ſignal de que as dominava. Para melhor effeito deſta conquiſta, mais imaginada, do que poſſivel, confederou-ſe com o Rey de Granada, e ajuſtou cazar-ſe com Dona Leonor, filha do Rey de Aragaõ, para o que lhe mandou hum prezente, parto natural da ſua prodigalidade, e ſette Galeras ricamente armadas, entre as quaes, a que havia conduzir a Rainha, álem de ſer dourada por dentro, e por fóra, todas as vélas, e cordas eraõ de ſeda: á viſta do que, ja naõ foy couza nova a Náo, que no tempo do Senhor Rey D. Pedro II. foy a Turim buſcar o Principe para cazar com a herdeira do Reino, e a conſumio o tempo no Tejo, ſem lhe valer o nome de Monte de ouro: mandava nella huma precioſa coroa de ouro á Eſpoſa com joyas de incomparavel preço, e dezoito quintaes de ouro para ſe lavrar moeda em Aragaõ. Cuidou logo na conquiſta do novo Reino, e entrou por Galliza com pouca gente, porém baſtante para ſe fazer Senhor de alguns Lugares, quando o Rey de Caſtella D. Henrique com formidavel exercito ja o buſcava, e elle ſeguindo a ſua natural docilidade, prompta para obedecer a todos os conſelhos, embarcou-ſe em huma Galera, e veyo parar a Coimbra. O Caſtelhano vendo-o retirar deſte modo, entrou na Cidade notavel de Braga, e pôs fogo a tudo; quiz fazer o meſmo á Villa de Guimaraens, porém Noſſa Senhora da Oliveira a defendeo, porque mandando para eſſe effeito hum Fidalgo, chamado Diogo Gonſalves de Caſtró, disfarçado, foy conhecido morto, e dado a comer aos caens. O noſſo Rey, vendo que alguns chamavaõ cobardia, ao que nelle era prudencia,

mandar

mandou publicamente desafiar o Rey de Castella, o qual deo em resposta a retirada que fez logo para Sevilha, deixando-nos com ella huma notavel gloria; e o Rey gostoso della cobrou novos animos para a tal conquista de Castella, e para melhor augmentar o exercito, convidou os Inglezes para accrescentá-lo, como se o valor Portuguez necessitasse de numero, quando naõ bálas, mas brios, naõ bombas, mas forças, e animos disputavaõ o campo, e os triunfos; vieraõ os Inglezes, e foi tanto o damno, que nos causaraõ no Reyno, que hum exercito inimigo naõ faria outro tanto, e em quanto naõ chegaraõ para fazê-lo as fronteiras intentaraõ ganhar fama: naõ pouca conseguiraõ as Castelhanas, porém excederaõ as nossas fortunas, porque das Comarcas de Medelhim tiramos extraordinarias prezas de riqueza, assaltamos Badajoz, e amétade ficou queimado, e seus campos perdidos, o mesmo padeceo Inojoza, que ja seguia as partes do Rey D. Henrique, e Sanfelices. O mais direi na Conferencia primeira.

FIM

DA VIGESIMA SEXTA PARTE.

LISBOA:

Na Officina de Ignacio Nogueira Xisto.

Anno de 1760.

Com todas as licenças necessarias.

ACADEMIA DOS HUMILDES, E IGNORANTES.

CONFERENCIA XXVII.

JUntos os Academicos, e Romeiros á noite, proseguio a vida do Rey D. Fernando o Soldado. Veyo (disse) o Rey de Castella D. Henrique sobre a Cidade Rodrigo, que ja disse obcdecia ao nosso Rey, e depois de tres mezes de cerco a deixou; dezenganado de que a naõ rendia: mandou cercar Carmona, e o seu Governador Affonso Lopes de Tejada deo em refens dous filhos com a palavra de entregar a Praça, se naõ fosse soccorrido, naõ lhe veyo soccorro, e elle naõ quiz entregar a Praça, de que rezultou matarem-lhe os filhos, sem elle ceder, nem fazer disso cafó. Sahio do Téjo a nossa Armada composta de sessenta embarcaçoẽs com luzida gente, entrou na Bahia de Cadiz, e assolou toda aquella excellente Ilha; sahiraõ contra ella as Galeras de Castella, e ainda que nenhum damno lhe fizeraõ, sempre tiveraõ hum notavel lucro, porque prizionaraõ huma Náo Portugueza, que, patrocinada da Armada, hia para Barrameda carregada de dinheiro: Neste meyo tempo cercamos nós Sevilha, aonde a fóme, e doenças nos consumiraõ quasi todo o exercito, que era luzido, florente, e bem disciplinado; porèm retirou-se vencido das

miſerias, que conſpiradas juntas o queriaõ extinguir todo: aſſim porfiavaõ os dous Reys com extraordinarias perdas de huma, e outra parte, ſentindo pouco as que recebiaõ, a troco das outras que cauſavaõ, ſe ja naõ he, como creio, porque os damnos da guerra naõ tocaõ os Reys, ſendo a Cabeça, por mais que deſpedacem o corpo da Republica. Acudio o Santiſſimo Padre Gregorio XI. a eſtas miſerias do melhor de Heſpanha; e compôs os dous Reys por aquelle tempo que baſtou para o noſſo buſcar novo motivo para outra vez experimentar o damno; foy elle o abraçar a paz com tal contentamento, que ajuſtou logo cazar com Dona Leonor, filha do Rey Caſtelhado, a quem pouco antes queria tirar o Reyno, ſem ſe lembrar que eſtava deſpozado com a filha do Rey de Aragaõ, e que tinha exhaurido as riquezas do ſeu theſouro na fabrica da Armada, e eſpecial Galera, que ſe achava em Aragaõ para conduzir na Coroa, joyas, e prezentes, que lhe tinha mandado com a procuraçaõ para a receber; pouco cazo fez diſto o Rey de Aragaõ, conheceo que inconſtancias do genio pouco conſiderado na bolſa recebem o melhor caſtigo, mandoulhe dizer, que eſtimava a ſua rezoluçaõ, que ſua filha eſtava melhor em ſua caza, e que lhe agradecia muito o que lhe mandara: em fim lá ficaraõ as joyas, a Coroa, ou ouro, que foy para ſe bater moeda, que eraõ dezoito quintaes em barras, a celebrada Galera de talha, ouro, e ſeda, e tudo o mais que fora para conduzir a Rainha; e o noſſo Rey nada ſentido deſta inexplicavel perda, uzou ſegunda vez da ſua exceſſiva docilidade, e inconſtancia, e tambem eſquecido do ajuſte do cazamento com a filha do Rey de Caſtella, de repente ſe cazou com Dona Leonor Telles, mulher de Joaõ Lourenço da Cunha, e para a tirar

rar a ſeu legitimo, e verdadeiro marido, fez que ella o demandaſſe, dizendo era nullo o Matrimonio, porque ſendo parentes, ſe naõ tinhaõ diſpenſado, ſabendo elle o contrario, e ſendo publico; e Joaõ Lourenço, conſiderando que iſto era litigar com hum Rey, que lhe queria a mulher, e com huma mulher, que o naõ queria a elle, mas ao Rey, occultou a diſpenſa, que tinha, e fora publicamente ſentenciado, vendeo o que poſſuia, e tanto que deraõ contra elle a ſentença, ajuntou a diſpenſa aos autos, e foy para Caſtella, aonde trazia dous chavelhos de ouro na guerra, (chapéo daquelles tempos) plumas (diz o Faria) que nunca uzou a naçaõ Portugueza. Em fim o noſſo Rey feſtejou a ſentença, e ſendo parente de Dona Leonor Telles, cazou com ella ſem diſpenſar-ſe: eſte cazamento tantas vezes nullo, inceſtuoſo, e do mayor eſcandalo, foy ruina total do noſſo Reyno, porque o Infante D. Diniz naõ quiz beijar a maõ á nova Rainha, dizendo publicamente diante do irmaõ Rey, e della, que a elle tinha Dona Leonor obrigaçaõ de beijar a maõ, pelo que logo alli o quiz o Rey matar, e impedindo-o os que eſtavaõ prezentes, paſſou a Caſtella o Infante, e perdeo a Coroa deſte Reyno, que lhe pertencia por morte do irmaõ. Seu irmaõ o Infante D. Joaõ a reconheceo Rainha, mas ja contámos como perdera a Coroa, ſuggerindo-lhe ella o cazamento da filha herdeira, para ver ſua irmaã morta, e querendo matar o Infante, porque matara a irmaã ſua mulher legitima, motivo de elle ir, e morrer prezo, como ſeu irmaõ em Caſtella: hum dos primeiros que lhe beijou a maõ foy o Infante illegitimo D. Joaõ Meſtre de Aviz, que foy depois o mayor açoute, e inimigo, que ella teve. He digno de toda a admiraçaõ ver que neſte tempo ja andava neſte Reyno ſem o menor ſuſto Diogo Lopes Pacheco, hum dos tres mata-

 do-

dores da Senhora Rainha Dona Ignez de Castro, e era valido do Infante D. Diniz, filho da Rainha a quem elle tinha morto, o qual pagou bem ao Infante o valimento indigno, persuadindo-lhe naõ beijasse a maõ á Rainha, fugisse para Castella, para lá morrer prezo, e perder a Coroa, como se este cazo, e fortuna da Rainha Dona Leonor naõ tivesse tanta similhança com a de sua máy Dona Ignez. Foy taõ mal recebida do povo a noticia deste cazamento do nosso Rey, que se levantou, e guiado de hum Alfaiate, Fernando Vasquez, homem atrevido, foraõ com tumulto, e gritaria ao Palacio com intento de obrigar por força ao Rey que désse Dona Leonor a seu marido, e cazasse com huma das duas, com quem se tinha ajustado; porém o Rey, como naõ havia fazer o que intentava o pôvo, temeo o levantamento; mandou-lhes dizer que os ouviria em S. Domingos no dia seguinte, e ja quando se lhes deo o recado elle tinha fugido, e com tal medo, que foy parar em Leça, Mosteiro do Baliado, pertencente á Ordem de Malta; aonde recebeo Dona Leonor por mulher, e a publicou Rainha, seguro na distancia, que vay de Lisboa ao Porto, e na defeza do sitio naquelle tempo, tudo proporcionado para hum animo, afflicto na corrente de gostos inquietos. No dia seguinte foy o pôvo a S. Domingos esperar o Rey, e em lugar delle, lhe foy dar os agradecimentos do levantamento a Cavallaria com a espada na maõ, que degolando a cabeça do motim, e a outros sem numero, fez com que fugissem, e socegassem os mais. Saõ os Reys figura, e lugartenentes de Deos, só a elle pertence o reprehendê-los, e governá-los, e ao pôvo só pertence obedecer cego, como a Deos, sem especular o que o Rey ordena, nem abrir a boca contra a menor disposiçaõ sua, ou seja do Reyno, ou da sua

Ca-

Caza, o contrario castiga Deos logo, como vos tenho contado, porque a Deos pertence zelar a obediencia dos Reys, que o reprezentaõ, e substituem no mundo, como diz o Espirito Santo: *Por mim reinaõ os Reys, e determinaõ o que he justo os Legisladores.* Clamava o Reyno contra o cazamento, porque o Rey era primo terceiro de Dona Leonor, assim como o era seu verdadeiro marido Joaõ Lourenço, porèm este dispensado, e o Rey só por morte de Joaõ Lourenço podia dispensar-se: porem elle, e ella surdos a todos os avizos de pessoas doutas, e virtuozas, continuaraõ até a morte no adulterio, e incesto. O Rey de Castella, vendo frustrado o cazamento de sua filha com o Rey de Portugal, e sem lhe ficarem em caza as riquezas, que por simillhante motivo gozava o de Aragaõ, e sobre isto constando-lhe que o nosso Monarcha tinha communicaçaõ com o de Inglaterra, e com o Senhor D. Joaõ Duque de Lencastro, filho de Duarte terceiro, pelo que ja claramente rompia a paz, e o mostrava em differentes acçoẽs, entrou neste Reino com bastante exercito, passou por Santarem, aonde o nosso Rey estava, chegou a Lisboa, assentou arraial no sitio de S. Francisco, e vendo que os moradores da Cidade tinhaõ lançado fogo á rua nova, elle o mandou lançar a tudo o que pode, e o resto, que naõ ardeo foy do saque. O mesmo padeceo á florida Provincia de Entre Douro, e Minho, ainda que lá experimentou alguma rezistencia, especialmente no Castello de Faria, aonde he, e será eterna a memoria da lealdade Portugueza: era Capitaõ delle Nuno Gonsalves, a quem prenderaõ os Castelhanos em huma sahida, e elle temendo que seu filho a quem ficara o governo do Castello, o entregasse para resgatá-lo, disse aos Castelhanos, que o levassem perto do Castello para fallar a seu filho, e ordenar-lhe

en-

entregasse o Castello logo, deraõ-lhe os Castelhanos credito, e com bom fundamento, pois o tinhaõ cativo; conduziraõ-no junto ao Castello, chamou elle o filho que entre as ameyas appareceo logo, e o pay em lugar de lhe dizer o que tinha promettido, disse em voz alta, desorte que elle bem ouvisse: *Filho, ainda que me vejas fazer em pedaços, naõ entregues o Castello, nem desistas da sua defeza até dar a vida.* Envergonhados os Castelhanos, mataraõ logo alli cruelmente o pay á vista do filho, o qual fielmente continuou em defender o Castello, e os Castelhanos, naõ podendo tollerar a constancia, e lealdade Portugueza, levantaraõ o cerco: entretanto o Summo Pontifice com paternal affecto, e compaixaõ das miserias destes Reynos, intrepôs o seu respeito segunda vez para se compor em os dous Reys, e com effeito junto a Santarem se juntaraõ ambos sobre o rio tejo, cada hum no seu escaler, e depois de larga conversaçaõ, se despediraõ taõ satisfeitos, que o nosso Rey disse aos Fidalgos, que vinha *Enriquezinho*, e o de Castella admirando a gentileza do nosso Rey, o precioso do Escaler, e a bôa presença de quem lhe governava o léme, disse aos seus: *Formozo Rey, formoza barca, e formozo Arraes.* Quando passou por Santarem D. Henrique com as armas na maõ, succederaõ duas acçoẽs dignas de memoria, a primeira foy o nosso Rey querer montar a cavallo, sahir-lhe ao encontro sem mais exercito, que os poucos Fidalgos, e familiares que o estavaõ acompanhando, e impediraõ esta perigoza acçaõ filha do seu incomparavel brio. A segunda foy do Conde D. Nuno Alvares Pereira, que ahi se achava com seu pay, e tinha de idade doze, ou quinze annos quando mais, este pedio licença para ir vêr o exercito inimigo, e vindo logo diante do Rey, e da

e da Rainha Dona Leonor, deo a informação com tal viveza, e ardor, que ella o nomeou seu pagem, e disse queria armallo Cavalleiro pela sua maõ, faltavaõ armas para corpo taõ pequeno: porèm o Infante D. Joaõ, Mestre de Aviz, remediou a falta, dando-lhe humas, que tinha pequenas, com que seu pay D. Pedro o armara Cavalleiro na mesma idade. Eis-aqui D. Joaõ dando armas, a quem depois com ellas lhe pòs a Coroa, e lha sustentou com innumeraveis victorias, e a Rainha armando Cavalleiro, e fazendo seu pagem, a quem depois foy rayo contra ella, sua filha, seu genro, e todos os seus. Falleceo em Castella o Rey D. Henrique, succedeo-lhe na Coroa o Rey D. Joaõ, e o nosso Rey esquecido de que fora Enriquenho, e da paz celebrada com o pay, chamou os Inglezes em soccorro, capitaneados pelo Conde Cambrix, irmaõ do Duque de Alencastro, trazendo no exercito hum filho do Rey Inglez: o motivo para quebrar a paz era tornar o nosso Rey a dizer lhe pertencia o Reyno de Castella, sem nunca preceder justificaçaõ desta causa. O Castelhano furioso entrou em Portugal queimando, ferindo, matando, e assollando tudo, e os Estrangeiros, que nós mettemos em caza para nos ajudarem, faziaõ o mesmo, e peyor que os Castelhanos; em fim, junto á Ribeira de Caya se juntaraõ os dous exercitos, para decidirem com a espada huma vez esta successaõ da Coroa de Castella, origem de tantas calamidades atégora. Puzeraõ-se em fórma os exercitos hum defronte do outro, e pararaõ suspensos tanto tempo, que se ajustou a paz entretanto; naõ se sabe qual foy o que primeiro a pedio, sabemos que ambos a desejavaõ, e que a suspensaõ das armas, na hora em que haviaõ uzar dellas, foy effeito da pena com que ambos estavaõ de verem os seus

Rey-

Reinos, e vassallos destruidos: havia muitos an
que as guerras entre Portugal, e Castella eraõ con
dias, ainda que tragicas, porque acabavaõ em ca
mentos todas: assim succedeo agora nesta, porque
sta a paz, como disse, á vista dos exercitos, ficou
go justo o cazamento do Rey de Castella, ja entaõ v
vo, com a Senhora Dona Beatriz, filha unica do n
so Rey, e da Rainha Dona Leonor, Matrimonio
que resultaraõ a ambos os Reinos as maiores guerr
mortes, e desgraças tantos annos: desorte que os d
exercitos se retiraraõ alegres, festejando a paz, e o
zamento sempre inangurado laço da concordia
huma, e outra Monarchia, devendo antes ir lamentan
ja a desgraça futura, que desta paz, e cazamento ha
rezultar: os doutos, e politicos a vaticinaraõ, come
fossem Magicos, ou Magos em ambos os Reinos
plebe, que naõ extende a consideraçaõ álèm dos ol
ctos da vista, festejou a raiz da desgraça. Vinde c
á manhaã para ouvires o melhor desta vida, e a prin
ra façanha do Conde D. Nuno Alvares Pereira n
passada guerra.

FIM

DA VIGESIMASETTIMA PARTE.

LISBOA:

Na Officina de Francisco Borges de Souza.

Com todas as licenças necessarias.

Anno de 1758.

ACADEMIA
DOS
HUMILDES,
E
IGNORANTES.

CONFERENCIA XXVIII.

NA manhaã do dia treze, juntos no Forte com muitos Romeiros, que chegaraõ na noite antecedente, continuou o Soldado a vida de D. Fernando, dizendo: Nesta guerra ultima do nosso Rey com o de Castella, obrou o nosso Conde D. Nuno Alvares Pereira a primeira façanha, tendo vinte e hum annos de idade. Encontrou-se com huma grande parte do exercito de Castella perto de Lisboa (he tradiçaõ que em Alcantara, mas com duvida) fugiraõ todos, e elle só com o montante sustentou o combate, mataraõ-lhe o cavallo, e ficou-lhe a perna esquerda debaixo preza á espora na silha, assim se defendeo, matando sempre, até que rota a silha por hum Fidalgo que lhe acudio, fugiraõ os Castelhanos, vendo-o em pé. Agora continuando as acçoens do nosso Rey D. Fernando: publicadas as pazes em hum, e outro Reino, e considerando o Rey de Castella, que o assinar o tratado dellas era a sua maior affronta, pelas condiçoens onerozas que nelle via, recuzou assinar; porém os Embaixadores Portuguezes, vendo a sua inconstancia, o dezafiaraõ logo em nome do seu Rey, e elle, ou fosse cobardia, ou (como só creio) prudencia para evitar os estragos da sua Mo-

narchia, firmou o tratado, e passou a Senhora Dona Beatriz a ser sua Espoſa, depois de o ser de seu filho, e de quasi todos os Principes Catholicos, com quem seus Pays, summamente inconstantes, cada mez, ou cada anno ajustavaõ hum cazamento, e celebravaõ hum desposorio. Celebraraõ-se as Capitulaçoens na Cidade de Elvas, aonde os nossos Reys deraõ huma notavel entrada, sendo entre as cousas admiraveis della, a mais digna de pasmo nos olhos dos Castelhanos, a rara formosura da Rainha Dona Leonor, de sorte que todos desculparaõ os erros, sem desculpa deste adulterio, e incesto, considerando o que he a miseria humana com hum taõ notavel incentivo á vista. Exhauridos com prodigalidades, e guerras os grandes thesouros, que herdou o nosso Rey, se vio na indigencia de levantar o valor do dinheiro, cousa que sempre causou damno: huns se chamavaõ dinheiros, que hoje he hum marevidi, outros graves, que valiaõ quatorze dinheiros, outros Barbudos, que valiaõ dous soldos, e os soldos doze maravedis, pilartes valiaõ sette dinheiros: a causa dos nomes foraõ, porque os Soldados do seu tempo usavaõ huns capacetes, ou morrioens chamados Barbulas, outros levavaõ bandeiras em humas varas, a que chamavaõ graves, e outros usavaõ de escudos, a que chamaraõ pilartes, e depois Portagraves, assim como no tempo de Romulo se chamava Manipulario ao que na campanha levava hum feixe de feno, pendurado em hum páo, que foy a primeira casta de bandeiras de guerra, de que ha noticia, depois se seguio a aguia pintada em hum pendaõ, o que a levava se chamou Aquilifer, e hoje (corrupto extraordinariamente o nome) se chama Alferez: todas estas moédas tinhaõ de huma parte as Armas de Portugal, e Algarve, e da outra o capacete, ou grave, outras mandou lavrar com as armas de am-

bos

bos os Reinos de Portugal, e Caſtella, as quaes, feita a ultima paz, ſe reduſiraõ ás commũas, de que damos noticia. Mandou para Lisboa a Univerſidade de Coimbra, e logo moſtrou a experiencia o erro, e a neceſſidade de mudá-la para Coimbra outra vez por cauſa dos tumultos da Corte, incompativeis com o ſocego dos Eſtudos. Naõ he explicavel a ſua prodigalidade, ja vos diſſe a maõ larga com que deo Villas, Cidades, e Caſtellos, agora ſó vos contarey hum exemplo das outras mercês. A D. Affonſo de Moxica deo em hum ſó dia trinta cavallos, trinta mullas, trinta arnezes, trinta mil marcos de prata lavrada, e quatro beſtas carregadas de tapeçarias riquiſſimas: ſocegadas as guerras para ter depois outras mayores, exercitou o noſſo Rey a grandeza do ſeu animo em varias obras; a Lisboa cercou de notaveis muralhas, o meſmo fez a Evora, porém com o deſvario de deſtruir as dos Romanos fortiſſimas, para fazer outras menos fortes, e deſneceſſarias; fez tambem novas as de Santarem, e outras, e o que ſe admirou mais em todas, foy a brevidade com que ſe viraõ acabadas, e perfeitas. Foy gentil, formozo, e agradavel com extremo, de ſorte que ainda disfarçado entre muitos, era conhecido, aſpecto do Principe taõ ſingular, dom eſpecial de Deos, que a poucos lemos foſſe concedido, tinha o roſto comprido, e claro, cabellos ruivos, olhos claros, e formozos, em ſeu retrato ſe vê com roupa roçagante de graã, forrada com arminhos moſqueados de preto, Coroa na cabeça, Ceptro na maõ direita, e hum Caſtello na eſquerda, pelo grande deſejo que tinha de ganhar, ou fundar muitos, aſſim como o noſſo antigo Rey Brigo para moſtrar aos Portuguezes o meſmo deſejo, trazia nas bandeiras hum Caſtello pintado: morreo em Lisboa a vinte e dous de

Outubro de mil trezentos, e oitenta e cinco, de idade de quarenta annos, e dezafette de reinado, eftá fepultado no Choro do Convento de S. Francifco, de Santarem. A Rainha Dona Leonor, defterrada juftiffimamente defte Reino por feu genro, eftá enterrada no clauftro do Mofteiro de Noffa Senhora das Mercês de Valhadolid em Caftella: Teve tres filhos chamados legitimos da Rainha Dona Leonor: O primeiro Dona Beatriz, que cafou com D. Joaõ primeiro de Caftella, Senhora digna de eterna memoria, porque nem herdou da Máy vicio, nem do Pay defeito: ficou viuva de muito pouca idade com rara formofura, foy pertendida de varios Principes para fegundo Matrimonio, e refpondeo a todos com aquelle proverbio das Matronas Portuguezas antigas: *Que as mulheres que tinhaõ honra, naõ cazavaõ duas vezes*; teve mais dous meninos, que morreraõ de muito pouca idade, fructos de tal ajuntamento: teve huma filha chamada illegitima, por naõ ter nafcido da Rainha, a qual cafou com D. Affonfo, Conde de Gijon, filho baftardo do Rey D. Henrique fegundo de Caftella, dos quaes rezultou a familia dos Noronhas. A Gonçalo Telles de Menezes, irmaõ da Rainha, fez Conde de Neira, e Faria; a D. Henrique Manoel de Vilhena, filho baftardo de D. Joaõ Manoel, e irmaõ da Infante Dona Conftança Manoel, máy do Rey, Conde de Sea, e Cintra, a D. Affonfo Telles de Menezes, filho fegundo de Joaõ Affonfo Telles de Menezes, Conde de Barcellos, fez Conde de Barcellos, e Orenfe; e morrendo elle moço, deo o Condado de Barcellos a D Joaõ Affonfo Telles de Menezes, irmaõ da Rainha, que morreo na batalha de Aljubarrota, pelejando por Caftella contra efte Reino. A D. Joaõ Affonfo Telles de Menezes, filho do Conde D. Joaõ Affonfo Telles de Menezes, fez Conde

de

de Vianna, mataraõ-no ſeus vaſſallos da Villa de Penêla, por ſe rebellar contra eſte Reino, e ſeguir o partido de Caſtella. Ao celebrado D. Joaõ Fernandes Andeiro fez Conde de Ourem, depois o mandou matar, e naõ ſe effeituando a ordem na ſua vida, depois della acabada, lhe cumprio eſta ultima vontade ſeu irmaõ D. Joaõ, Meſtre de Aviz, a quem elle o recommendara ja doente em Almada: a D. Alvaro Peres de Caſtro, fez Conde de Arraiolos, Alcaide Mór de Lisboa, e ſeu Condeſtavel, foy o primeiro que houve no Reino, porque antes ſervia o Alferes Mór eſte officio: a Gonçalo Vaz de Azevedo nomeou Mariſcal, e foy o primeiro. Agora vereis o grave fundamento, com que vos diſſe que a paz juſta na Ribeira de Caya com o caſamento da Senhora Dona Beatriz em Caſtella, devia ſer lamentada com lagrimas, e naõ feſtejada com alegrias: morreo o Rey D. Fernando, que ſe foy máo, foy naquillo, em que paſſou de bom, e como ſeus irmãos, D. Diniz, e D. Joaõ eſtavaõ em Caſtella, o Rey marido da noſſa Infante Dona Beatriz os prendeo, para que naõ vieſſem ſucceder no Reyno, que julgava pertencer-lhe pela Infante ſua mulher, filha unica do Rey D. Fernando, chamada legitima. Cala o Grande Faria a prizaõ do Infante D. Diniz no Epithome, dando-a a entender em outra parte, e as memorias antigas manuſcritas, que eu lî em Portugal, e Heſpanha, dizem que ambos foraõ prezos apenas conſteu ao Rey de Caſtella a doença do Rey D. Fernando, irmaõ delles, e que quando o Rey D. Joaõ o I., ſendo ſó defenſor do Reino, os mandara pintar nas bandeiras com grilhoens, para incitar o povo á defeza do Reyno, e odio do Rey Caſtelhano, ja ambos conſumidos de fome, ſede, e triſteza, tinhaõ morrido havia muito tempo, ſem os Portuguezes ſaberem das ſuas mortes, e ſó lendo

nas

nas bandeiras do Meſtre de Aviz os ſeus tormentc
tyrannia inaudita,que o Rey de Caſtella uzou com
dous Infantes de Portugal, foy a que provocou a el
de Deos contra os ſeus exercitos, e defendeo ſemp
noſſos, ſendo taõ poucos os Soldados que militara
todos: conſtou aos Portuguezes, que o Rey de
tella juntava exercito para fazer boa a ſucceſſaõ
Coroa, e ou foſſe verdadeira entaõ, ou falſa a not
certos foraõ os diſturbios na Republica, e todo:
nhaõ os olhos no Infante D Joaõ, Meſtre de A
para dar-lhe a Coroa, ainda que poucos ſe atrevi
converſar na materia: tinha elle naſcido na Cidac
Lisboa a onze de Abril de mil trezentos e cincoe
tendo ſette annos de idade, o vio o Pay a primeira
porque ſeu Ayo ſabendo vagara o Meſtrado de A
lhe foi moſtrar o filho, e pedir-lhe para elle aq
dignidade, o que o Rey D. Pedro concedeo muy
tozo, porque havia pouco tempo vira em ſonhos,
a todo o Portugal abrazava hum grande incendio;
rém que eſte menino apagava o fogo. Na idade de
annos o armou Cavalleiro, mandando fabricar
ciaes armas para iſſo, com as quaes ja diſſemos
myſterioſamente armado annos depois o Conde D.
no Alvares Pereira, pelas mãos da Rainha Dona
nor, para gloria do dono das armas, e ruina de c
lhas veſtio. Em todas as guerras de ſeu irmaõ o Re
Fernando ſe portou ſempre com ſingular valor;
Rainha temendo-ſe do affecto que o Rey lhe tinha
cauſa alguma o mandou prender por hum Decreto
do marido no Caſtello de Lisboa, e logo por outrc
ſo ordenou ao Alcaide lhe cortaſſe a cabeça; pa
o Alcaide com eſta preſſa de ordens extraordinari
ſuſpendendo a execuçaõ, foy moſtrar ao Rey amb
Decretos, e elle conhecendo eraõ falſos, recõmendo

o segredo, e que nenhum executasse, ainda que lhe mandassem mil, e a Rainha suspeitando isto, mandou soltar o Infante logo, e convidou-o para cear com ella, acçaõ de mayor consequencia, porque julgou o Infante que lhe queria dar veneno na comida: dizem que a causa deste odio da Rainha se fundava na suspeita de que o Infante era a mayor pessoa que estranhava, e talvez dizia ao Rey o muito que todos murmuravaõ dos extraordinarios favores, que ella fazia ao Conde D. Joaõ Fernandes Andeiro, a quem ella convidou para comer com o Infante nesta mesma cea, e dizem que acabada ella, dera ao Conde hum annel, e repugnando elle acceita-lo, porque seria (como elle disse) causa de maior murmuraçaõ, ella lho fez acceitar, dizendo que os deixasse murmurar: o que eu creio, e provaõ varios successos que logo contaremos, he que o Conde Andeiro era eloquente, prendado, tinha visto Reynos estranhos, e era Estrangeiro, pelo q̃ tudo se fazia agradavel á Rainha a sua conversaçaõ, mais do que a de todos, e se em algum favor que lhe fez pareceo liviana, foi nos olhos da Naçaõ Portugueza, que naquelles tempos naõ distinguia a affabilidade da lascivia, e julgava partos della, tudo o que em mulher era ainda caridade notoria; porém foy a sua má fama castigo de ter deixado o marido verdadeiro, para ser Rainha com outro, que nunca foy marido. A desconfiança destes favores na Rainha, chegou a termos, que o Rey disse ao Infante D. Joaõ, matasse logo ao Conde Andeiro, faltou opportunidade para executar a ordem, porque a morte do Rey foy depois della poucos dias: passados os primeiros do luto, entrou o Infante no Palacio, e ainda que o Faria diz que o matara quasi á vista da Rainha, a melhor opiniaõ, he que o acabou de matar nos braços della, porque recebendo o Conde as primeiras feridas no meyo da sala, e vendo

im-

possivel a defeza, correo a valer-se da Rainha, que se achava sentada, e com desmayo causado da novidade que via, e naõ lhe valendo o chegar-se tanto a ella, nos seus braços acabou a vida, deixando-a bem cheia de sangue, e ella revestindo-se de valor, e honra; gritou dizendo, que morrera innocente, mas que para memoravel próva da innocencia de ambos, ella no outro dia se havia metter em huma fogueira, donde a veriaõ sahir illeza, em signal de que a sua honra nunca tivera mancha: eu o creyo, ainda que havendo tanta lenha, nunca a teve para a fogueira promettida: em quanto o Infante matava em Palacio o Conde Andeiro, corria por Lisboa hum criado seu em hum cavallo gritando, que acudissem ao Palacio, aonde estavaõ matando o Infante D. Joaõ; e como o Infante era universalmente amado de todos, foy tal a pena, e furor, que conceberaõ, que sahindo cada hum com as armas que tinha; voaraõ ao Palacio, e achando fechadas as portas, quizeraõ rompê-las com fogo, e ferro, proferindo blasfemias contra o decóro da Rainha, a quem certamente faziaõ em pedaços, se o Infante naõ chegasse a huma janella, e lhes tirasse o susto, dizendo que o morto era o Conde Andeiro. O mais ouvireis na Conferencia futura, que tudo he gostozo nesta admiravel Historia.

FIM
DA VIGESIMA OITAVA PARTE.

LISBOA:
Na Officina de Ignacio Nogueira Xisto.
Anno de 1760.
Com todas as licenças necessarias.

ACADEMIA DOS HUMILDES, E IGNORANTES.

CONFERENCIA XXIX.

NA tarde do meſmo dia treze ſe juntou innumeravel gente no arrayal, entre o retiro da Conſolaçaõ, e Peniche, e chegando o Soldado continuou a vida do invencivel Rey D. Joaõ o I., dizendo: Naõ há caſtigo mais bem empregado, do que o que daõ os Reys à hum levantamento do povo, todos os tormentos ſaõ poucos para caſtigálo: já diſſemos o motivo na vida do Rey D. Fernando, e agora moſtrou a experiencia o que digo, porque o Rey D. Joaõ para ſaber ſe tinha o pôvo de Lisboa a ſeu favor, por conſelho de outros, mandou o pagem a clamar pela Cidade que o mataváõ em Palacio, ſeguio-ſe a eſte falſo avizo hum levantamento do povo, e como neſtes ſó entra gente bruta, e que por alcunha tem juizo, naõ ſó fizeraõ o infame alarido no atrio do Palacio, mas vendo que D. Joaõ eſtava vivo, e o Conde Andeiro era o morto, gritaraõ chamando ao Infante vingador, (titulo que lhe ficou para ſempre entre naturaes, e eſtranhos) defenſor, todos, viva o Infante, e alguns viva o Rey D. Joaõ; e vindo do Palacio, que era aonde hoje a Relaçaõ, e carceres do Limoeiro, (porque ſe cortou hum notavel neſſe ſitio para fazer

 eſſa

essa prizaõ) em tumulto até á Sé; o Bispo D. Marti
nho, Castelhano de naçaõ, mas homem de letras,
virtudes heroicas, ouvindo taes vozes descompassad
acompanhado de outros Ecclesiasticos gravissimos,
Seculares, Fidalgos, deixando o Palacio, aonde pa
cificamente conversavaõ, subiraõ ás torres da Igre
todos: gritou-lhes o povo, vendo-os nas torres, d
zendo que repicassem pelo Infante defensor do Re
no: qualquer delles estimaria muito a noticia se a ouvi
se, porém como as vozes eraõ muitas, e confuzas
porque cada hum se explicava por differentes palavra
e a altura das torres, e vento só deixava perceber po
cas, que juntas naõ diziaõ cousa alguma para o rep
que, dilatou-se este prudentemente; porèm o brut
sem freyo, isto he o povo rude, sem temor de Deos
nem de Principe, suspeitando que a tardança do rep
que procedia de ser o Bispo, e os mais da parcialidad
da Rainha, escalaraõ as paredes, outros quebrara
as portas, subiraõ ás torres, e antes de repicar os
nos lançaraõ dellas abaixo o Bispo D. Martinho,
todos os Ecclesiasticos que estavaõ com elle: cahir
todos aos pés dos que com espadas, chuços, lança
dardos, punhaes, e montantes os esperavaõ no a
e passando a mais a brutalidade, depois de tod
elles lhes darem estocadas, e cutiladas sem numer
quando ja qualquer dos feridos naõ as sentia, desp
dos á vergonha com horror da piedade Catholica,
arrastaraõ pelas ruas mais publicas, até o rocio, ao
de dizem jantara o Infante, e duvidando a sua gra
de piedade, e temor de Deos pôr-se á mesa sem c
hibir o povo, e fazer sepultar com a decencia dev
da o cadaver do Veneravel Bispo, e dos mais; hou
Cavalheiros da primeira Jerarchia, que lhe persu
diraõ o contrario, dizendo que era necessario n

mort

mortificar o povo, para o ter propicio, e cemer quasi á vista do cadaver do seu Pastor, para que o temessem. De tarde foy o Infante pedir perdaõ á Rainha, naõ de ter morto o Conde, mas de o ter morto á sua vista, ou em sua casa; ella sem dizer que ficava satisfeita desta politica, nem se mostrar irada, acabada a breve practica, fez jornada para Alenquer, aonde procurou todos os meyos para matar o Infante, que neste tempo, temendo a sua astucia, e as armas do Rey de Castella, estava quasi resoluto a sahir do Reyno, pensamento de que o tiraraõ varios prudentes, e valorosos: dizem que elle para conseguir a Coroa, e melhor attrahir os Portuguezes para a temida guerra, mandou convidar a Rainha para sua Esposa, testimunho certo de que nunca tivera mancha; porèm se he certo o que dizem muitos, que o marido da Rainha verdadeiro, Joaõ Lourenço da Cunha, era neste tempo vivo em Castella, e taõ vigoroso, que servio a patria na guerra futura; naõ creyo que o Infante mandasse á Rainha tal embaixada, porque sempre foy Principe de especial honra, boa consciencia, e livre de ambiçaõ, como depois ouvireis, e naõ era capaz de obrar o que seu irmaõ fez cego de amor, para agora contra a consciencia reynar: dizem que ella naõ quizera admittir a embaixada; o Infante foy nomeado Governador, e defensor do Reyno, o Conde D. Nuno Alvares começou a servî-lo, e a Rainha veyo para Santarem. Intentou o Infante combater o Castello de Lisboa, e sem combate se lhe entregou: o mesmo fizeraõ Béja, Portalegre, Estremoz, Evora, Porto, e Almada. A Rainha vendo-se desamparada, e em perigo por todas as partes convidou o Rey de Castella seu genro para entrar neste Reyno a soccorrê-la, e juntamente a reynar, porque sua mulher dizia era a herdeira legi-

 tima

tima, acceitou o convite, juntou exercito, e antes de tudo, prendeo asperamente o Infante de Portugal legitimo D. Joaõ, que ja dissemos lá estava fugido, e cazado: dizem que o outro Irmaõ D. Diniz ainda era vivo, e tambem fora prezo, e que ambos prezos acabaraõ em breve tempo a vida; porque a justiça com que entrava a conquistar-nos o Rey de Castella, era tirar a liberdade, e vida aos legitimos successores da Coroa Portugueza; em ambos os Reynos se preparavaõ exercitos, em ambos havia parcialidades, e diversos juizos, e o nosso Infante bem aconselhado, consultou occultamente certo Eremita chamado Fr. Joaõ, que em hum aspero monte fazia penitencia com vida inculpavel, e da consulta sahio taõ animoso, que se dispôs brevemente para a defeza do Reyno. Entrou o Rey de Castella pela Beira, aonde o Bispo da Guarda D. Affonso Correa, lhe offereceo a Cidade primeira conquista: Alegre destruîo campos, e Lugares; terrivel idéa para attrahir animos Portuguezes! Chegou a Santarem, outros dizem que a Coimbra, aonde a Rainha sua sogra o esperava, porèm em breves dias quebrou a paz com ella, e preza a remetteo para Castella, aonde acabou a vida. O motivo para este excesso, foy que vagando neste tempo o Rabinado mayor de Granada, dignidade especial dos Judeos, que naquella Cidade viviaõ livres na Ley de Moysés, a Rainha D. Leonor pedio o officio ao genro para D. Judas, e a Rainha de Castella sua filha Dona Beatriz o pedio ao marido para D. David, attendeo o Rey mais ao empenho da mulher, do que ao da sogra a Rainha Dona Leonor, e deo o Rabinado a D. David; cheya de colera, e raiva mulheril, ella vendo-se pouco attendida do genro, a quem ella chamava para dar-lhe este Reyno, entrou nas diligencias de o matar, e para

a o conseguir convidou o Conde D. Pedro, primo do Rey, para seu marido, e por esse principio Rey de Portugal: Descobrio-se miseravelmente o segredo, e o genro a remetteo preza para Tordesilhas, outros dizem que para Huelgas de Burgos, e o certo he que foy preza para hum Convento Reformado, aonde teve fim o seu coraçaõ inquieto. Desembaraçado o Rey dos cuidados da sogra, foy cercar Lisboa, e entretanto o Conde D. Nuno, juntando no Alemtejo exercito, deo aquella celebre batalha dos Atoleiros, em que os Castelhanos, sendo muitos, ficaraõ inteiramente derrotados, e seguindo a victoria, fez terriveis entradas em Castella, cujos negocios já mostravaõ declinaçaõ fatal, mas naõ declinava o brio, e valor dos seus Capitaens. Preparou o Infante muitas Galleras em Lisboa, e mandou-as ao Porto para virem com outras que lá estavaõ esperar neste a Armada Castelhana; porèm o Rey adiantando a idéa, cercou a Cidade do Porto, por mar, e terra, sahiraõ os Portuguezes a combater-se com os Gallegos, Capitaneados por D. Joaõ Manrique, Arcebispo de S. Tiago, o qual admirando o valor Portuguez, levantou o cerco, e só pereceo nas maõs do seu exercito o Castello de Gaya, a quem valorosamente defendeo a mulher do Alcaide, que se achava fóra, saqueando, e destruindo huma aldêa: entrou em fim no Téjo a nossa Armada, formidavel á Castelhana, porèm travada a peleja naval, perdemos tres embarcaçoens, e morreo Ruy Pereira: o Rey vendo-se com esta pequena vantajem, deo assalto a Almada, que logo se rendeo, apertou o cerco de Lisboa, e propôs varias condiçoens ao Infante, se a entregasse: desprezou elle generosamente todos os partidos, mas começando a fóme na Cidade a combater os animos; determinou dar batalha

ao

ao Rey, e expor-se á fortuna em hum só lance da espada: destes cuidados o livrou a peste, que deo logo no exercito Castelhano, no qual morriaõ cada dia, álem do excessivo numero dos soldados, os Cabos principaes, e Senhores illustrissimos, até que dando a peste na Rainha, se desenganaraõ; levantou-se o cerco, e marchou com pressa o exercito Castelhano, menos em figura Militar, do que de enterro, porque a diante de tudo caminhavaõ em andas os caixoens, em que hiaõ os corpos dos Fidalgos mortos com a peste, cobertos com pannos pretos, e cercados de todos os seus familiares, vestidos de aspero luto, e como eraõ muitos, e pessoas muito grandes os fallecidos, formavaõ huma tristissima, e medonha vanguarda de ataudes, e enlutados, principalmente os dous Mestres de Calatrava defuntos, a quem acompanhavaõ com luto todos os seus Cavalleiros: quando vieraõ á conquista tudo foraõ vivas, e bem fundadas esperanças, porque ao tempo de cercar Lisboa seguiaõ ao Rey quarenta Villas, e oito Cidades em todas as nossas Provincias, e a mayor parte do Reyno dizia que o seu direito era legitimo; agora feridos da maõ do Altissimo buscavaõ as suas terras, acompanhados de horriveis desenganos do que saõ esperanças humanas: o Infante premiou a fidelidade de Lisboa, e o Conde D. Nuno foy recobrando Praças á sua obediencia, e em breve tempo seguiraõ o partido do Infante as dez Cidades principaes do Reyno, e mais de quarenta Villas de bom nome: mas em quanto os Portuguezes leaes, e valorosos lhe offereciaõ as chaves de Cidades, Villas, e Castellos, outros indignos de os nomearmos intentavaõ matá-lo, era o primeiro o Conde de Trastamara o mesmo que tinha justo com a Rainha Dona Leonor matar o Rey de Castella, D. Pedro de

Castro,

Castro, filho do Conde de Arrayolos, D. Alvaro Peres de Castro, que no cerco passado de Lisboa quiz entregá-la aos Castelhanos, Joaõ Affonso de Béja, Castelhano, Garcia Gonsalves de Valdez, Asturiano, ambos criados do Infante: houve quem lhe revelou a traiçaõ felizmente, e elle mostrando o mayor desprezo de inimigos, e traidores, e benignidade memoravel, perdoou a vida a todos, e só mandou queimar Garcia Gonsalves. Para melhor incitar o povo contra Castella, e fazer publico o seu desinteresse, mandou pintar em muitas bandeiras o Infante D. Joaõ, verdadeiro successor deste Reyno; outros dizem se pintaraõ ambos, D. Joaõ, e D. Diniz, que ambos estavaõ em Castella prezos, e ordenou que se mostrassem estas bandeiras nas Praças, e andassem homens com ellas pelas ruas, desorte que o povo vendo os seus naturaes Principes, pintados no miseravel estado de prezos, carregados de ferros, foy tal o odio, e furor que conceberaõ contra os Castelhanos, e ao mesmo tempo amor ao Infante Defensor do Reyno, que em breves dias o cercaraõ alentados, todos os que podiaõ tomar armas para a vingança do que padeciaõ os seus Principes, e defeza da patria: com estes, e com o exercito do Conde D. Nuno, que se veyo juntar com o Rey perto de Coimbra, e depois se separaraõ para a conquista ser mais fructuosa, renderaõ Braga, Guimaraens, que foy escalada, e Ponte de Lima: ao mesmo tempo os Castelhanos nas Comarcas de Pinhel, Viseu, e Trancozo obravaõ tyrannias, naõ perdoando ás Igrejas, e alfayas Sagradas, até que sahindo-lhes ao encontro varios Cavalheiros Portuguezes, que os buscavaõ furiosos, e alentados, ao som horrivel de muitos instrumentos de guerra hoje naõ usados, e continuos alaridos, e gritos dos nossos por S. Jorge, e

dos

dos Castelhanos por S. Tiago se investiraõ todos co
tal ancia, que foy o combate hum dos mais debatid
naquella campanha, e depois de muitas horas consegu
raõ os nossos a victoria, ficando no campo mil Cast
lhanos mortos, fugindo sem ordem os poucos vivos
e deixando nas maõs dos Portuguezes mil cargas d
notaveis alfayas, e peças de ouro, prata, e dinheiro, qu
levavaõ roubado. Caminhava o Infante Defensor,
o Conde D. Nuno para Coimbra, aonde se tinha
convocado as Cortes, e estavaõ ja os Procuradores e
perando-os. Antes de entrar o Infante na Cidade, su
cedeo hum cazo mysterioso, porque todos os menin
de Coimbra, e seus contornos, montados em cavall
de cana foraõ esperar o Infante Defensor ao caminho
gritando: viva o Rey D. Joaõ, D. Joaõ, D. Joaõ p
novo Rey, advertindo que fizeraõ isto por superi
impulso, porque ninguem os mandou, nem lhes e
sinou o que haviaõ dizer, cada hum sahio de casa co
a sua cana, sem se terem ajustado para cousa alguma
e montados nellas os primeiros, se lhe foraõ ajunta
do outros muitos pelo caminho, e assim eraõ innum
raveis, quando chegaraõ a encontrar o Infante, qu
recebendo-os alegre, affavel, benigno, e liberal, d
pois de admirar o mysterio da acçaõ, e os tratar com
carinho que merece a innocencia a hum Principe ado
nado de prudencia, e grande juizo, mandou distribu
por todos com maõ larga dinheiro, e elles caminha
do diante com summo gozo fizeraõ a entrada mais v
stosa com a sua mysteriosa travessura. O mais á noite.

FIM DA VIGESIMANONA PARTE.

LISBOA:
Na Officina de Francisco Borges de Sousa.
Anno de 1759. Com todas as licenças necessarias.

ACADEMIA DOS HUMILDES, E IGNORANTES.

CONFERENCIA XXX.

JUntos depois da Ladainha, disse o Soldado: Entrou o Rey D. Joaõ acclamado pelos meninos em Coimbra, quando os Procuradores das Cidades, e Villas só o esperavaõ para jurá-lo em Côrtes Defensor, e Governador, até seus irmaõs sahirem da prizaõ de Castella, e qualquer delles gosar esta Coroa: este era certamente o pensamento de todos; porèm o Conde D. Nuno com huma excellente practica, que lhes fez, mostrando a impossibilidade que tinha a soltura dos Infantes, e Joaõ de Regras (Cavalheiro illustre, e rico, e por isso primeiro Jurista, que teve este Reyno, Compositor da Ordenaçaõ delle, discipulo que foy do Bartholo, e Baldo em Reynos estranhos com notaveis dispendios, tronco de familias illustrissimas) conseguiraõ o consentimento dos Procuradores, e povo, que uniformes acclamaraõ o Infante Mestre de Aviz Rey destes Reynos: repugnava elle, e certamente sem affectaçaõ, (por mais que a presumaõ, os que naõ pezaõ a igualdade nas acçoens de hum Principe taõ grande) mas o clamor, e affecto do povo foy tal, e com esta repugnancia mais vigóroso, que acceitou a Coroa, e com ella as obrigaçoens, que á risca cumprio, ad-

quirindo os titulos de Vingador, Defenſor, Invencivel, Incomparavel, Remedio da patria; e ſendo atégora muitos os ſeus cuidados para defendê-la, agora ſe multiplicaraõ para a conſervaçaõ da Coroa: repartio eſta com o Conde D. Nuno, a quem a devia, e para naõ errar na adminiſtraçaõ da juſtiça, fez inſeparavel companheiro ſeu a Joaõ de Regras, na guerra, e na paz, de que tirou elle, e o Reyno a mayor utilidade, por mais que alguns, que naõ profeſſaraõ Leys, clamem contra eſte Varaõ illuſtre, digno de eſtatuas neſtes Reynos. Sahio logo o noſſo Rey a recuperar as Praças, que ſeguiaõ o partido de Caſtella, e outras, cujos Alcaides vacilavaõ, a quem obedeceriaõ: conſtou ao Rey Caſtelhano a feliz acclamaçaõ do Rey novo, e ajudado de Francezes, e Navarros, pôs cerco a Elvas com hum exercito numeroſiſſimo; mas vendo o extraordinario valor, com que reſiſtiaõ os ſitiados, deixou a empreza, e caminhou para a Cidade Rodrigo, aonde, chamado a conſelho, porpôs a entrada em Portugal: notaveis cabeças acompanhavaõ o Rey, porque votaraõ quaſi todos que naõ entraſſe; porèm elle, ſeguindo o parecer dos menos prudentes, entrou pela Beira, e como em Coimbra tinha ſido a acclamaçaõ, que elle tanto ſentia, executou naquella Cidade a vingança mais barbara, a huns mandava cortar ſó as linguas, a outros as maõs, a outros os pés, e a outros tudo; arderaõ as Igrejas, e alfayas Sagradas, e todas as fabricas profanas; corria o ſangue pelas ruas, e em fim naõ houve vileza, nem barbaridade, que neſta brutal vingança ſe naõ viſſe: em Leiria, e Thomar obrou o meſmo, e fiado na grandeza do ſeu exercito, e neſtes bons actos de Catholico, caminhava para Lisboa ufano a executar nella o meſmo, como ſe Deos Senhor dos Exercitos naõ ſoubeſſe do cazo: achava-ſe o noſſo Rey em Abrantes.

e propôs aos Conselheiros se havia ir buscar o ini-
, e prezentar-lhe batalha : duvidaraõ todos da
esa, porque o nosso exercito á vista do Castelha-
a nada; porèm o invencivel Conde D. Nuno Al-
Pereira votou que logo logo lhe sahissem ao en-
:o, e castigassem as nossas armas estas insolencias:
.o o Rey o voto, e chegando os dous exercitos á
hum do outro, sahio do Castelhano hum irmaõ de
'uno Alvares a persuadî-lo passasse para o serviço
.ey de Castella, a quem elle servia; e vendo a sua
:ancia Diogo Lopes Castelhano, e seu compa-
:o, disse a D. Nuno : *Em fim sois os mais honrados*
is que tem o mundo, ou sejais vencedores, ou vencidos;
'e se venceis, sendo taõ poucos, ou se nós vos vence-
sendo tantos, toda a gloria, e toda a fama he vossa.
ırtio o nosso Rey a gente em dous corpos : O
eiro constava de seiscentas lanças com a ban-
ı de D. Nuno, que o governava. O segundo
o seguia constava de duzentas lanças, chama-
ı esquadraõ dos namorados, com huma bandeira
:, que elles tinhaõ feito, e neste hia o Rey : naõ
ɛplicavel o escarneo, que os Castelhanos faziaõ do
ı exercito, e só agora tiveraõ desculpa, porque
esquadroens de oitocentas lanças, e cinco mil in-
s contra hum exercito numerosissimo de Castelha-
Francezes, e Navarros, ou parece sonho, ou mate-
e riso; a desigualdade era tal, que ao tempo de ac-
nettermos, se experimentou alguma suspensaõ que
:z o signal de investir, hum Sacerdote disse ao mes-
empo : *Verbum caro factum est*; e os soldados rusti-
ignorando o que dizia o Clerigo, perguntavaõ a
ficaçaõ daquellas palavras, a que responderaõ al-
de bom humor, queriaõ dizer : *Que lhes havia custar*
Hum destes fleumaticos antes de começar a bata-

 lha

lha, ouvindo os outros prometter a nossa Senhc
a varios Santos acçoens, e signaes de agradecimei
escapassem do conflicto, fez voto de ter huma n
de divertimento com a Abbadessa de Rio tinto,
irmaõ della, que ouvio o voto, fez outro de lhe d:
hum páo, se elle fosse desinquietar-lhe a irmaã; :
escaparaõ vivos, e ambos cumpriraõ os votos. E
combateraõ-se os dous exercitos, e a pouco tem
conflicto se encontrou com D. Nuno hum de s
maõs; que servia ao Rey de Castella; porèm
raro, e digno de pasmo!) a cavallo como estava
pareceo, ou porque a terra se abrio, e o trago
porque foy arrebatado pelo ar, porque nem vivo
morto o viraõ mais, e seu irmaõ D. Nuno assin
firmava: hum Fidalgo Castelhano encontrou c
Rey, que valorosamente pelejava, fazendo tal
do, e tal estrago, que ficou em memoria eterna,
stelhano com força, e singular destreza, lançou
Rey, e tirou-lhe das maõs a massa, ou machad
que pelejava; porèm elle com Real intrepidez, al
o Castelhano, recuperou a arma, e tirou-lhe a
ja a nossa pequena vanguarda padecia desorden
nosso Rey que a vio, pelejando com incrivel a
pé, se metteo entre ella gritando: *A diante, se
a diante, que aqui vay pelejando o vosso Rey*; e dito is
sou a diante de todos, seguiraõ-no com tal es
que em menos de huma hora se viraõ postos em
vel extremo trinta e seis mil Castelhanos por s
Portuguezes, que foy todo o nosso exercito. E
a celebrada, e sempre memoravel batalha de Alju
ta, em cujos campos se viraõ muitos annos os oss
pedaços das armas brancas, dos freyos, e das es
confessemos, como Catholicos, que Deos, para
lecer o nosso Rey, especialmente nos ajudou a v

porque parece incrivel, que taõ poucos pudessem tirar a vida a tantos. O Rey de Castella, admirado de ver a destruiçaõ de hum exercito formidavel, em que se devia todo o General fiar, foy tal a tristeza que o possuio, que fugindo a toda a pressa entrou em Santarem, donde logo em huma embarcaçaõ ligeira sahio para Sevilha: vestio-se de luto, e sette annos o trouxe sem admittir consolaçaõ alguma, naõ por ser vencido, (dizia elle) mas por ser vencido de quem naõ esperava: alguns Portuguezes cativos nas guerras passadas serviaõ no Palacio ao Rey de Castella, e hum Castelhano parecendo-lhe que fazia ao Rey alguma lisonja, os maltratou á sua vista; porèm elle como Rey, e de juizo precioso, e magnanimo, notando a vileza daquella vingança, disse: *Naõ he justo se tratem assim Portuguezes, porque os que me seguiraõ morreraõ diante de mim, obrando façanhas maravilhosas; e os que foraõ contra mim, venceraõ-me.* E dito isto, lhes deo liberdade: o nosso Rey o igualou na acçaõ, porque chegando a Santarem, aonde o Rey de Castella deixou os poucos Castelhanos que escaparaõ em Aljubarrota de mortos, e cativos, deo liberdade a todos: muitos juizos se fizeraõ desta batalha, attribuindo a perda de Castella, a que o Rey se valera da prata das Igrejas para esta guerra, e ás tyrannias de Coimbra, e Leiria; porèm discorraõ o que lhes parecer até o dia do juizo, que a razaõ, porque vencemos, foy porque Deos o quiz, e só elle sabe os motivos que teve para querer: porque se bem entre nós, o Rey, o Conde D. Nuno, e outras pessoas illustres eraõ tementes a Deos; a escoria da plebe, que era a que fazia esse pequeno vulto, tinhaõ feito taes desacatos no Alemtejo, que barbaros os naõ fazaõ em paiz estranho: bastá dizer-vos por exemplo, que em Evora reprehendendo-os huma Abbadessa de certo

Mos-

Mosteiro de commetterem nelle hum insulto, naõ o
stante ser a reprehensaõ summamente branda, e lev
tal furor brutal conceberaõ contra ella, que entrar
a buscá-la, e achando-a abraçada com o Santissimo S
cramento, que tirou do Sacrario para os mover a re
peito, com elle nos braços a mataraõ a cutiladas, t
nhando a Hostia com o sangue daquella innocente c
deira, e naõ satisfeitos, cortaraõ-lhe os vestidos nas p
tes que mais occulta a modestia aos olhos, e a foraõ ar
stando até á praça pelas ruas mais publicas, e carec
de sepultura muitos dias; estes eraõ os meteciment
dos nossos Soldados. Vencida a batalha, entrou D. N
no Alvares por Castella, sahiraõ-lhe ao encontro
Mestres de S. Tiago, e Calatrava, D. Pedro Moni
D. Gonsalo Nunes de Gusmaõ com hum exercito
trinta e tres mil Castelhanos, os quaes junto a Valver
foraõ desbaratados todos, e mortos pelo nosso pequ
no exercito, ficando tambem no campo morto o M
stre D. Pedro, que tinha dezafiado ao nosso D. Nun
foy esta victoria igual á de Aljubarrota, e logo se
guio o estrago, que o Capitaõ Antaõ Vasquez fez e
trezentos Castelhanos, dos quaes naõ escapou hum
Juntou-se D. Nuno com o Rey, e entrando por C
stella tomaraõ varias Praças, porèm retiraraõ-se com
desgosto de naõ escalarem Coria, a quem puzeraõ ce
co por bastantes dias: tal foy a pena do nosso Rey n
sta retirada, só porque a naõ venceo, e assollou depo
de a cercar, que disse lhe tinhaõ faltado daquelle dia
Cavalheiros da Taboa redonda; (algum dia vos contar
mos o que era) e Mem Rodrigues de Vasconcellos, q
o ouvio, disse-lhe que naõ tinhaõ faltado os Cavalhe
ros, mas hum Rey Artur, que os conhecesse: o Re
tomou por galantaria a resposta, e recolheo-se a Po
tugal, havendo entrado, e sahido de Castellà sem re

stenci

ſtencia alguma. Celebrava o noſſo Reyno triunfos, e victorias, quando appareceo em Heſpanha Joaõ, Duque de Alencaſtro, filho de Eduardo terceiro de Inglaterra, o qual por ſua filha Dona Catharina, primogenita delle, e de ſua primeira mulher Dona Conſtança, filha mayor do Rey D. Pedro de Caſtella, dizia pertencer-lhe a Coroa: com eſte intento pedio licença ao noſſo Rey para entrar por eſte Reyno, viraõ-ſe a primeira vez ſobre a ponte de Mouro, junto ao Porto, aonde o noſſo Rey namorado da grande formoſura da Senhora Dona Filippa, filha ſegunda do Duque, e de ſua ſegunda mulher Dona Branca, Duqueza, herdeira de Alencaſtro, ſe cazou com ella, deſorte que o Duque naõ conſeguio a Coroa de Caſtella para a primeira filha, mas alcançou a de Portugal para a ſegunda: neſta occaſiaõ admirou o mundo o deſintereſſe heroico do noſſo Rey, porque offerecendo-lhe o Duque a filha mais velha, pela qual ficava pertencendo-lhe o Reyno de Caſtella, que devia conquiſtar unindo as ſuas armas com as do ſogro; o noſſo admiravel Monarcha, em cujo coraçaõ nunca entrou a avareza, nem cobiça, naõ quiz acceitar a propoſta, podendo fazê-lo em bõa conſciencia, e no eſtado preſente com fortuna propicia, temido univerſalmente em Caſtella; porèm naquelle coraçaõ Real pezou mais o ſocego do Reyno, e a ſua conſervaçaõ no eſtado, e reſpeito, que as noſſas armas lhe tinhaõ adquirido, do que todas as Coroas do mundo: como genro ſim, e como amigo, acompanhou o noſſo Rey ao Duque de Alencaſtro por Caſtella: entraraõ na terra de Campos, e eſcalaraõ as Villas de Roales, e Valderas, entretanto entraraõ os Caſtelhanos em Portugal fazendo eſtragos graves, e D. Nuno Alvares os desbaratou; entrou o noſſo Rey por Galliza, e rendeo a Cidade de Tuy. Morreo neſte

ſte tempo o Rey de Caſtella D. Joaõ, de que ſe ſeguio algum deſcanço aos dous Reynos com certas condiçoens, e tregoas, que duraraõ pouco; porque naõ cumprindo D. Henrique terceiro, que lhe ſuccedeo, o que ſe tinha eſtipulado, o noſſo Monarcha cercou Badajoz, e a ganhou; ao meſmo tempo entrou em Portugal Rodrigo de Avalos pela Beira, e Guadiana, e ſem ſer reſiſtido, nem fazer grave damno, ſe recolheo airozo; porèm vindo logo de refreſco os Meſtres das tres Ordens de Caſtella com numerozo exercito, aſſolaraõ os campos de Béja, Serpa, Moura, e Ourique; ſahiraõ-lhes ao encontro o noſſo Rey, e o Conde D. Nuno com quatro mil lanças, e derrotados, os obrigaraõ a retirarem-ſe: entrou depois D. Nuno em Caſtella, e ganhou Cilalva, e o noſſo Rey pôs duro cerco a Tuy, o Rey de Caſtella intentou ſoccorrê-la, porèm em quanto ſe preparava, os Portuguezes eſcalaraõ a Cidade, e a renderaõ. O mais vos contarey ámanhaã, de que ireis goſtoſos, e inſtruidos.

FIM

DA TRIGESIMA PARTE.

LISBOA:

Na Officina de Franciſco Borges de Souſa.

Com todas as licenças neceſſarias.

Anno de 1759.

ACADEMIA DOS HUMILDES, E IGNORANTES.

CONFERENCIA XXXI.

NO dia vinte e feis de Settembro foy o ajuntamento numerofo, e continuou a vida do memoravel Rey D. Joaõ o Soldado, dizendo: Conquiſtada a Cidade de Tuy pelo noſſo Rey fahiraõ de Serpa, e Moura varios Capitaens noſſos, e em diverſos encontros ficaraõ vencedores, e algumas vezes ricos; ja neſte tempo ſe fallava em paz nos dous Reynos, ſendo o de Caſtella quem a pedia, e ſe ajuſtaraõ tregoas por dez annos, tornaraõ a continuar tres de guerras, das quaes ſe ſepultaraõ no eſquecimento as verdadeiras memorias, e ſó nos ficou a tradiçaõ de que neſſes tres annos ſe occupavaõ os noſſos inimigos em ſe vingarem dos noſſos triunfos paſſados, e nós ſó nos occupavamos em caſtigar-lhes o orgulho, e evitar o damno; naõ deixaraõ porém de haver neſſe tempo alguns encontros notaveis, e Heroes Portuguezes taõ accerrimos defenſores da patria, e inimigos de Caſtella, que até depois da morte quizeraõ leſſemos a ſua paixaõ na ſepultura; duas ſe acharaõ junto á Villa de Chaves no tempo do Grande Manoel de Faria, em que jaziaõ dous famozos Capitaens dos que

militaraõ neftes tres annos, em huma fe lê hum epitafio Portuguez, que diz: *Aqui jaz Simaõ Antom, que matou muito Caftelaõ, e debaixo de feu covom, dezafia a quantos faõ*, o outro he em Latim macarronico (como vulgarmente nos explicamos) porém ha nelle galantaria, e elegancia: *Hic jacet Antonius Peris vaffallus Domini Regis, contra Caftelhanos miffo, occidit omnes que quifo., Quantos vivos rapuit, omnes esbarrigavit. Per iftas ladeiras tulit tres bandeiras, & febre correptus, hic jacet fepultus: faciant Caftelhani fefte, quia mortua eft fua pefte.* Seguio-fe logo a paz defejada com condiçoens honrofas para o noffo Rey, admittidas pelos Monarchas Caftelhanos, D. Henrique III., e D. Joaõ II., entregando-lhes as Cidades de Tuy, e de Badajoz: livres de perturbaçoens da guerra, começou o noffo Rey a cuidar no augmento da Republica, na qual achou a Nobreza de forte acabada, que apenas ha familia illuftre, que naõ comece defte tempo, excepto os Mouros, a quem nunca puderaõ extinguir a fucceffaõ as guerras: fez novas mercês a muitos, e diminuio as que tinha feito a outros; fendo hum deftes D. Nuno, a quem tinha dado tanto, que ficava poffuindo o mais, ou o melhor do Reino: fentio-fe o Conde Santo, e com os Capitaens que o ferviraõ na guerra, e participavaõ do feu grande premio, efteve rezoluto a fahir do Reyno; porém tudo moderou a prudencia do noffo Rey jufto, e politico, cafando feu filho illegitimo D. Affonfo com a filha unica legitima, e herdeira do Conde D. Nuno, e de fua mulher a Illuftriffima Dona Leonor de Alvim, dando ao filho o titulo de Conde de Barcellos, e primeiro Duque de Bragança; mandou logo o Rey publicar grandes feftas por mais dous annos para fefte-
jar

jira paz, e descanço do Reino, é armar Cavalleiros seus filhos D. Duarte, D. Pedro, e D. Henrique: era tal o desejo que a Rainha conservava, havia tempos de vêr naquella excellente funçaõ os filhos, que tinha mandado occultamente fazer tres espadas preciosas para lhes dar nesse dia, e os vêr armar com ellas; porém naõ teve esse gosto, porque lho impedio a morte, e ella na ultima hora da vida lhes deo as espadas, dizendo-lhes as virtudes que haviaõ exercitar com ellas, e profetizando a jornada, e conquista de Ceuta, lhes disse o dia della. Cessaraõ com a morte da Rainha as festas, porém naõ hum extraordinario apresto de armas, que deo cuidado ás Nações estranhas, de sorte que os Reys de Hespanha todos por seus Embaixadores mandaraõ ratificar as pazes: o nosso Rey prudentissimo, conhecendo que o segredo he a alma do negocio, só o revelou ao Conde de Olanda, e para maior dissimulaçaõ, publicamente o mandou desafiar, de sorte que toda a Europa, e Africa julgou que a expediçaõ era contra Olanda: veyo do Porto o Infante D. Henrique com huma luzida Armada, a primeira que se vio com bandeiras, e galhardetes; em Lisboa se lhe juntaraõ outras muitas embarcações; que por todas faziaõ duzentas, em que alegres sahiraõ os nossos Principes, chegaraõ a Lagos célebre porto do Algarve, logo a Faro, hoje Cidade excellente, e naõ podendo ja occultar mais o segredo caminharaõ direitos a Gibraltar. Caminhavaõ com felices agouros de Victoria, porque hum Religioso de S. Domingos da Cidade do Porto tinha visto, havia pouco tempo, que a Virgem Santissima nossa Senhora, dava huma espada ao nosso Rey, a qual elle posto de joelhos a seus pés recebia das mãos de hum Anjo: con-

 ref-

respondia a visaõ deste Santo Religioso ao que obrava sempre o nosso Rey, antes de ir a qualquer empreza: punha as armas brancas todas aos pés de nossa Senhora da Oliveira, de quem era devotissimo, e depois de larga oraçaõ com muitas lagrimas pedia á Senhora licença para as tirar dos seus pés, vestir, e pelejar; acabada a funçaõ, as vinha despir no mesmo Templo da Senhora em Guimaraens, e lá se guardavaõ até elle as necessitar, e ir pedir á Senhora outra vez: tambem era feliz agouro começarem a jornada no dia de S. Tiago, Patraõ de Hespanha, contra os sequazes de Mafoma; de sorte que a gente Portugueza toda considerava a victoria: o Rey hia na Capitania das Galleras, e o Infante D. Pedro na das outras embarcaçoens menores; chegaraõ a Gibraltar, e os Mouros daquelle prezidio cheios, de medo, vieraõ offerecer dadivas ao Rey, e Infantes, temendo os assolassem, e taõ pasmados da grandeza, e luzimento da Armada, que julgaraõ ser impossivel haver no mundo cousa taõ notavel, senaõ por arte magica: Suspeitaraõ os Mouros de Ceuta, que todo este poder os ameaçava, e prepararaõ-se para a defeza, começando a disputar-lhe o desembarque com innumeravel gente, capitaneada por Zalabençala, senhor da terra; porém como ao valor Portuguez nunca servio de impedimento a multidaõ, os nossos abriraõ o caminho com as espadas taõ fortemente, que os Mouros fugiraõ, e com tal desordem, que Mouros, e Portuguezes juntos, e misturados entraraõ pelas portas de Ceuta todos: quando aquelles viraõ dentro os nossos, foy tal o conflicto, e ardor com que pelejaraõ huns, e outros, que nenhum encarecimento o explica, assinalando-se entre muitos o Infante D. Henrique, a quem

Deos

Deos criara para conquista, e descobrimentos de Africa. Em fim ao pôr do Sol appareceo a bandeira Portugueza nas torres do Castello de Ceuta : foraõ mortos, e cativos quasi todos os Mouros, e só oito Portuguezes morreraõ nesta funçaõ, cousa que parece incrivel, e o fora se naõ tivesse a seu favor as tradiçoens, e historia verdadeira : hum dos que escaparaõ foy Zalabençala, que tanto pasmava da victoria, como da pressa, porque apenas vio as nossas armas no mar, quando as vio em terra, e apenas em terra, quando perdeo a sua : muitos aconselhavaõ ao Rey que demolisse a Praça, julgando perigoza, e quasi impossivel a defeza della; porém rezolveo-se a conserva-la, e fiando-a a D. Pedro de Menezo, Conde de Ilhó em Castella, e depois de Villa-Real neste Reino, foy depois theatro de heroicas façanhas do Governador, e dos Portuguezes. Eis-aqui o meyo para conseguir victorias, e como as levava o nosso Rey certas, tendo em Guimaraens na Igreja de nossa Senhora da Oliveira as suas armas, pondo-lhas aos pés antes de sahir á campanha, e vestindo-as depois da oraçaõ, e de lhe pedir licença. Ceuta he povoaçaõ antiquissima, dizem ser a primeira fundaçaõ de Africa, feita por Ceit, neto de Noé, que na lingua Caldaica quer dizer principio de formosura : Ptolomeo lhe chamou Esseliza, está situada no mar herculeo, da parte de Africa em huma ponta, que correndo ao Norte, e logo a Levante, fórma huma enseada, donde pelo mais estreito se descobre a povoaçaõ. Achou-se passados annos em hum sitio, que mostrava ter sido alicerse de algum edificio notavel, huma pedra, na qual se leo esta antiquissima memoria : *Eu povoei com a minha geraçaõ esta Cidade, seus habitadores seraõ famozos,*

tempo virá em que sobre elles se espalhará muita g te de diversas Naçoens, e até o fim do ultimo sec permanecerá o seu nome. Cumprio-se, diz o Grai Faria, este vaticinio nos annos 428; de sua fundaçi nella venceo o Imperador Justiniano os Godos, e a Rey Teudo, que lhe pôs cerco, depois a ganhou I vio, até a vil canalha dos Mouros (formigas do ge ro humano, que Deos cria, e conserva, paraque mundo veja o somno dos Principes Catholicos, occupados em guerras entre si ha tantos annos, dei viver, e multiplicar os inimigos de Christo) a pos raõ juntamente com Hespanha toda por espaço de tocentos annos: no seu dominio gozou tal grande: que foy a mais nobre povoaçaõ da Mauritania, sem rio de letras, e armas, imperio de contratos, theso de riquezas; esta que era a chave de Hespanha, por pelos experientes conhecida, foy a primeira conqu dos Catholicos em Africa. Della sahio o nosso I cheio de victorias, vivas, e riquezas, e com tudo em no seu Reino triunfando, aonde occupado já só politico, penduradas as armas no Templo de Nossa nhora da Olivera de Guimaraens, verdadeira paz, Leys excellentissimas com assistencia, e direcçaõ de signe, e nunca bem elogiado Joaõ de Regras, que s pre foy seu companheiro inseparavel, assim como pio o foy do Imperador Antonino Pio: compuzera Ordenaçaõ do Reyno, que sempre ouvi dizer a hom doutissimos, parecia ditada pelo Espirito Santo, o primeiro Monarcha que na Europa deixou a era Cezar, e uzou da Epoca do Nascimento de Chri contando o anno de 1421, em que admittio neste I no a Ordem dos Conegos Seculares de S. Joaõ Evai lista, chamados communmente de Santo Eloy, cu

E

Estatutos, e especiaes singularidades ignoraraõ quasi tres seculos os Portuguezes, desde o Concilio Tridentino para cá os conhecem os doutos, e alguns dos que leraõ a sua Chronica intitulada: *Ceo aberto na terra*, (titulo verdadeiro) depois disto: tempo virá, em que tratando das Religioens, vos diga a causa de tudo. Fez o nosso Rey Metropolitano o Bispado de Lisboa por Bulla do Papa Bonifacio IX., e edificou o Convento da Batalha, obra taõ magnifica, que, se ficasse acabada, serviria de pasmo a toda a Europa; da Igreja só vemos ametade das Capellas das Rainhas, ou imperfeitas, parte do Convento, cujos alicerses excedem no comprimento a carreira do cavallo mais vigorozo, nada; edificou o Mosteiro de S. Francisco de Leiria, e a Igreja de nossa Senhora de Guimaraens, de quem era taõ devoto, como ja dissemos, a elle veio a pé, e de partes bem distantes tres vezes, caminhando de cada huma mais de sessenta legoas, e pezando-se depois a prata para a Senhora, armado de todas as armas: fez quatro Palacios de sumptuoza fabrica, e Real magnificencia com bosques, e divertimentos para os Reys necessarios, e licitos, Lisboa, Santarem, Cintra, e Almeirim: foy o primeiro que uzou o comer em publico, de sorte, que sendo em muitas acçoens grande, em muitas unico, naõ teve segundo no exercicio de todas, pelo que mereceo, álem dos titulos que ja vos disse, ser chamado Magno, e de boa memoria: foy tal a benignidade, e amor aos vassallos, que vendo-os fatigados nas jornadas, e marchas dos exercitos, caminhava a pé com elles, parando, e sentando-se, quando julgava que padeciaõ, para que fizessem o mesmo com elle, convidando-os ao descanço com incrivel affabilidade: em certa occasiaõ caminhava para a campanha com necessida-

dade, e pressa, sahindo de Guimaraens aõ pôr do Sol pela posta, no caminho ouvio que hum homem pedia o guiassem até povoado, parou, e vio que era hum cego, tomou-o de ancas no cavallo, moderou o passo do bruto para naõ molestar o cego, foy conversando com elle, como pay verdadeiro de todos os Vassallos, com filho, torceo duas leguas de caminho, e deixou-o com todo o bom agazalho de pouzada, e dinheiro em povoado, aonde muitos annos existio huma pedra, que os moradores testimunhas desta acçaõ, (maior que a de Alexandre, quando sentou na sua cadeira junto ao fogo, o Soldado que vio quasi morto de frio,) mandaraõ erigir com letreiro que a sua admiraçaõ, e agradecimento julgou necessario, para memoria deste acto de caridade heroica, Real patrono, e unico, mas por isso digno de ter os coraçoens dos vassallos unidos ao seu em tudo. Hum Fidalgo em Lisboa adoeceo de veneno, e os Medicos diziaõ que só bebendo a sua ourina poderia escapar, repugnava o enfermo bebê-la, e o nosso Rey, e pay sabendo isto, foy vizitá-lo logo, e para o obrigar a que bebesse a sua ourina, fez que lhe trouxessem hum vazo cheio della, da qual bebeo muita á sua vista, dizendo: *Tendes asco de beber o que eu bebo?* O enfermo, ja perturbado o juizo, lhe pedio se retirasse, e elle o fez chorando. Vinde cedo á tarde ouvir o que falta, que eu me naõ atrevo a ponderar esta acçaõ unica.

FIM DA TRIGESIMAPRIMEIRA PARTE.

LISBOA: Na Officina de Francisco Borges de Souza.
Anno de 1759.
Com todas as licenças necessarias.

ACADEMIA
DOS
HUMILDES,
E
IGNORANTES.

CONFERENCIA XXXII.

CResceo o concurso na tarde, e o Soldado disse: Foy o nosso Memoravel Rey D. Joaõ o I. taõ zelozo da honra da Casa Real, que sabendo a manchava o seu Camareiro mór, o mandou prender ; e fugindo elle das mãos da justiça, e refugiando-se em huma Igreja, o Rey cheio de zelo, e honra, sahio de casa da mesma sorte que estava passando a calma, sem mais companhia, nem mais compostura, o foy pessoalmente tirar da Igreja, e o fez queimar logo. Estava a Casa realmente cheia de Officiaes com salarios avultados, despedio muitos, occupando-os em cousas que lhe dessem para o sustento, e os salarios destes consignou a pessoas mais necessarias para o serviço de toda a familia : para lavrar moéda no tempo da guerra, o soccoreraõ voluntariamente com bastante prata, lavraraõ-se reaes, que chamavaõ de Ley, outros que chamavaõ brancos, e dobras mouriscas, que valiaõ cento e trinta maravediz. Foy de mediana estatura, rosto comprido, testa pequena, cabello negro, pouco, e comprido, olhos negros, naõ grandes, mas notavelmente vivos; no seu retrato o vemos armado com Corôa no Elmo, Manto negro forrado de arminhos brancos, em

em huma maõ a espada levantada, e na outra huma palma, e nella huma coroa, a Cruz de S. Jorge sobre o hombro esquerdo: com admiravel pompa nunca vista, foy levado á sepultura em hum carro triunfal, acompanhado de seus filhos, e netos: morreo em Lisboa a 14 de Agosto, dia para elle fausto, porque no mesmo conquistou Ceuta: tinha settenta e seis annos de idade, e quarenta e oito de Reinado, jaz no Convento da Batalha. Teve o nosso Rey oito filhos legitimos, e dous bastardos. O primeiro legitimo foi Dona Branca, que morreo menina. O segundo D. Affonso, que morreo de dez annos, está sepultado na Sé de Braga. O terceiro D. Duarte, que succedeo no Reino. O quarto D. Pedro, Duque de Coimbra, Principe venerado em todo o mundo, escreveo excellentes obras em proza, e verso, peregrinou a maior parte do mundo, vendo, e obrando acçoens notaveis: casou com a Infante Dona Isabel, filha de D. Jaime, Conde de Urgel, e da Infante Dona Isabel, filha do Rey D. Pedro quarto de Aragaõ; de cujo matrimonio nasceraõ D. Pedro famosissimo Condestavel de Portugal, a quem os Catalaens elegeraõ por seu Rey em odio de D. Joaõ o segundo de Aragaõ, e morreo de veneno: D. Joaõ Duque de Coimbra, que se despozou com Carlota, filha herdeira de Joaõ, Rey de Chipre, e morreo em Borgonha: D. Jaime Cardeal de Santo Eustachio, Arcebispo de Lisboa, insigne em letras, e virtudes, em fim taõ casto, que dizendo-lhe os Medicos, que só podia ter vida, violando a castidade; respondeo: *Que antes queria morrer moço, do que viver çujo.* Teve mais a Rainha Dona Isabel, mulher do Rey D. Affonso V. seu sobrinho Dona Beatriz, que casou com Adolfo, Senhor de Revestein, filho do Duque de Cleves; Dona Filippa, que foy Freira em Odivellas. Foy Governador deste Reino na tutoria do

Rey

Rey feu fobrinho, e nella (fendo elle jufto, recto prudente, e defintereffado) grangeou o odio de varios Grandes, que fem ell's prendas invejavaõ as fuas fortunas, e fôraõ a caufa com os feus enredos, de que o matafem em huma batalha com feu genro, e fobrinho: eftá fepultado no Convento da Batalha. O quinto filho do noffo Rey foy D. Henrique de Vifeu, Meftre da Ordem de Chrifto, Principe Valorozo, Sabio, e Santo, applicou-fe ás letras, e com fumma efpecialidade á Mathematica; para colher melhor os fructos della, deixou a Côrte, e fez fua habitaçaõ na Villa de Sagres do Reino do Algarve, junto a Promontorio Sacro, donde enviou os defcobridores das coftas de Africa, e fuas Ilhas, e nefte exercicio morreo virgem. O fexto filho do noffo Rey foy D. Joaõ, Meftre da Ordem de S. Tiago, Condeftavel de Portugal, amantiffimo da patria, como moftrou em façanhas heroicas toda a vida; cafou com Dona Ifabel, filha de D. Affonfo, Conde de Barcellos primeiro Duque de Bragança, e feu irmaõ natural: teve defte matrimonio a D. Diogo, que morreo menino, D. Ifabel, mulher do Rey D. Joaõ fegundo de Caftella; pay da Rainha Dona Ifabel, que chamaraõ Catholica; tiveraõ Dona Beatriz, que cafou com o Infante D. Fernando, pay do Rey D. Manoel; e a Dona Filippa, que morreo donzella. O fettimo filho do noffo Rey foy D. Fernando, Meftre de Aviz, morreo Martyr em Africa, aonde ficou cativo como vos contarey logo, e mais por extenfo quando vos referir a fua vida, e milagres, de que ha hum livro impreffo, e notavel: eftá fepultado no Convento da Batalha. O outavo filho do noffo Rey, foy Dona Ifabel, que cafou com Filippe terceiro, Conde de Flandes, e de Henau, Duque de Borgonha, o qual a eftimou tanto, que no dia do noivado inftituio a Ordem Militar do Tufaõ de ouro: della nafceo o Duque

Carlos, que morreo na batalha de Nancî, pay de Maria, mulher do Imperador Maximiliano primeiro. Dos illegitimos do nosso Rey o primeiro foy D. Affonso Conde de Barcellos, primeiro Duque de Bragança, quando casou com Dona Beatriz, filha do Condestavel D. Nuno: delles nasceraõ D. Affonso Conde de Ourem, e Marquez de Valença, que morreo sem filhos; D. Fernando Conde de Arraiolos, Marquez de Villa-Viçoza, que succedeo no Ducado de Bragança, e Dona Isabel, que casou com o Infante D. Joaõ seu tio: está sepultado na Villa de Chaves. O segundo dos illegitimos foy Dona Beatriz, que casou com Thomaz, Conde de Brondel em Inglaterra do sangue Real dos Principes daquella Corôa. Deo o nosso Rey muitos titulos, e bem merecidos todos: ao Infante D. Pedro Duque de Coimbra, e foy o primeiro ao Infante D. Henrique Duque de Viseu, fez estas duas mercês em Tavira, pelas acçõens heroicas, que obraraõ na conquista de Ceuta: a D. Nuno Alvares Pereira, Conde de Arraiolos, e de Ourem, com a condiçaõ de naõ dar o titulo de Conde a outra pessoa, em quanto elle fosse vivo, e Condestavel do Reino, com hum senhorio de Villas, e Lugares, como ja vos contamos: a D. Affonso genro do Conde D. Nuno fez Conde de Barcellos, porque o consentio D. Nuno: a D. Affonso, neto do Santo Condestavel, Conde de Ourem, por renuncia do avô, que ja se achava recolhido no célebre Convento de N. Senhora do Monte do Carmo de Lisboa, aonde com aquelle sagrado habito acabou santamente a vida, e jaz na Capella mór da dita Igreja da parte do Evangelho em sepulchro digno de se vêr, tudo fundaçaõ sua, e Regia: a D. Fernando, neto do Rey, e do Conde D. Nuno, e filho segundo do Duque de Bragança, fez Conde de Viana, e em Castella o fizeraõ Cõde de Ailon: a Pedro Lobato nomeou Governador do Senado,

do, ou Chancellaria do Civel: a Joaõ Rodrigues de Sá faz Camareiro mór, officio que até esse tempo exercitava o Reposteiro mór: a D. Fernando da Guerra seu sobrinho Arcebispo de Braga, fez Regedor da Casa da Supplicaçaõ, que hoje vulgarmente chamamos Regedor das Justiças; e todos estes officios creou de novo: mudou as Armas do Reino, deixando só cinco pontos em cada hum dos cinco escudetes, por baixo do escudo pôs a Cruz de Aviz, de que foy Graõ Mestre; e em memoria de haver tido habito da Ordem Militar Ingleza de S. Jorge desde que casou, pôs na Corôa por timbre a insignia do Santo, e da Ordem, que he huma serpente com azas, o que ainda hoje se conserva desta penultima mudança: no seu tempo passaraõ a Inglaterra os doze Cavalheiros Portuguezes pedidos a este Reyno pelas Damas Inglezas, para as desaggravarem da injuria, com que outros doze Inglezes tinhaõ proferido que as Damas do Paço do Rey de Inglaterra eraõ feas, e que estavaõ promptos para defenderem o q̃ tinhaõ dito em publico dezafio: naõ houve quem as defendesse naquelle Reyno; porém houve em Portugal valor para isso, e passando os nossos doze a Inglaterra, venceraõ no dezafio os doze Inglezes com circunstancias notaveis, que ouvireis a seu tempo. Este foy seculo especialissimo em crear Varoens illustres em armas, tanto que naõ he possivel numera-los, tudo fructos do exemplo, e ensino dos dous maiores Mestres que admirou o mundo, o nosso invencivel Monarcha D. Joaõ I., e o invencivel Condestavel do Reino o Conde de Arraiolos, e Ourem D. Nuno Alvares Pereira: no seu tempo, e anno de 1418. Joaõ Gonsalves Zarco, Tristaõ Vaz Teixeira, e Bartholomeu Porestrelo, descobriraõ a Ilha de Porto Santo, depois a da Madeira, aonde acharaõ huma Ermida, e letras que diziaõ ter alli aportado hum Inglez chamado Machim, e Gil Annes, mais

va-

valerozo, e intrepido passou, descobrio o Cabo Bojador, e colocou em terra huma grande Cruz. Falleceo o nosso Rey D. Joaõ de eterna saudade, remedio desta Monarchia naquelle tempo, e neste, (porque deixou em seu filho D. Affonso fundada a Serenissima Casa de Bragança, que depois em mayor, ou igual oppressaõ do Reyno, foy a nossa redemptora) no anno de mil quatrocentos e trinta e tres; onze annos antes tinha passado deste mundo a gozar do premio o Taumaturgo Portuguez S. Gonçalo de Lagos, natural da Cidade deste nome no Reino do Algarve, Religioso Eremita de Santo Agostinho Calçado, aonde foy primeiro Reformador, Provincial, e Prior de muitos Conventos, em vida obrou innumeraveis prodigios, e depois de morto fôraõ tantos, e taes, que cento e trinta annos antes dos Decretos do Papa Urbano VIII. tinha Confraria na Villa de Torres-vedras, onde falleceo, e estaõ os seus ossos, sendo Juiz o Vereador mais velho do Senado, e assistindo este ás Vesperas, e Missa cantada no seu dia por voto solemne da mesma Camera que o elegeo por seu Protector, e os Arcebispos de Lisboa por suas Provisoens lhe deraõ o culto de Santo, o que tudo esfriou com a perda do Rey D. Sebastiaõ, e a seu tempo vos contarey a notavel vida deste Santo, cujas oraçoens sustentaraõ ao Rey D. Joaõ a Coroa, e o Reino; foy notavel o luto que este tomou pelo Rey defunto, e durou tanto tempo, que julgavaõ os Estrangeiros que nunca uzariaõ os Portuguezes de outro vestido: poucos dias depois de virem da Batalha os nossos Principes, e Nobreza, que foraõ acompanhar o carro triunfal em que o nosso Rey foi conduzido á sepultura, foy acclamado em Lisboa por nosso Monarcha, seu filho D. Duarte, chamado dos naturaes, e estranhos o Eloquente: tinha nascido em Viseu aos trinta e hum de Outubro do anno de mil trezen-
tos

tos e noventa e hum: foy o terceiro filho na ordem do nascimento; porém na verdade o primeiro em tudo, como testemunharaõ depois as suas heroicas virtudes naturaes, e adquiridas, das quaes a incuria, e o tempo nos roubou muitas noticias: achou-se com seu pay na conquista de Ceuta, na qual ao lado de seu irmaõ D. Henrique foy dos primeiros que entraraõ na Cidade, e mais se distinguiraõ no combate dentro della, succedeo a seu pay na Coroa, quando ella estava nos termos de ser mais que nunca appetecida, abundante, e prospera com muitos, e grandes thesouros, e cercada de Capitaens valorosissimos: gostou que o coroassem com a solemnidade uzada com os Reys antigos; porém hum infausto mathematico, ou agoureiro daquelle seculo, notando o dia, e hora em que foy coroado, pronosticou que o seu Reinado havia ser infeliz: assim o Rey como os vassallos zombaraõ do pronostico, e obraraõ como Catholicos, e sabios; porque só Deos sabe, e póde revelar futuros, e dar credito a vaticinios de Astrologos judiciarios he simplicidade pueril, quando naõ seja falta de fé; porém como o dom de profecia he graça que Deos dá de graça a quem quer, seja fiel, ou infiel, ou injusto, como era Baalaõ; podemos julgar que o author deste pronostico pareceo ser Profeta, porque o Reinado do Senhor D. Duarte foy cheio de trabalhos, e miserias envoltas na maior de todas, que foy a péste, castigo que obrigou o Rey a ser peregrino no seu Reino, caminhando de Cidades para Villas, e Lugares, com o desejo de conservar a vida, q̃ finalmente lhe tirou a péste na Villa de Thomar, abrindo huma carta no anno de mil quatrocentos trinta e oito, a dezanove de Setembro, tendo de idade trinta e sette annos, e cinco de Reinado, depois de ter observado hum notavel eclipse do Sol, que dizem (e naõ creio) foy presagio de sua morte: no principio do

seu

ſeu governo começou a péſte a diminuir o Reino; e ſeguio-ſe logo a mal conſiderada guerra, que os Infantes ſeus irmãos emprehenderaõ contra os Mouros de Tangere: eraõ elles dotados de eſpiritos bellicozos, deſejavaõ que os vindouros os conheceſſem por verdadeiros filhos daquella Aguia, cujo braço domou Heſpanha, e fez tremer Africa, e faltando-lhe nos vizinhos o que ſobejou a ſeu pay, e exemplar ſingulariſſimo, para adquirir immortaes triunfos, alteraraõ o animo do noſſo Monarcha pacifico, que ſó cuidava em fugir da péſte, para ſalvar a vida, em ſoccorrer os vaſſallos, para cada hum recuperar a ſua, e nos meyos para conſervar ſem perturbaçoens a Republica: em fim venceraõ, e talvez foy, porque muitos igualmente orgulhozos, e naõ pouco conſiderados, como julgaraõ muitos, antes queriaõ acabar a vida em Africa, pelejando pela gloria de Deos, e da naçaõ, do que na patria opprimidos de huma horrivel enfermidade contagioſa. He Tangere huma excellente Praça de Africa, que algum dia ſe chamou Tingi, fundaçaõ de Antêo, ſituada nas praias do mar Atlantico Oceano, fóra da boca do Eſtreito, tem da parte do Norte huma grande Bahia, e do Sul hum valle ſem cultura; do Poente hum rio, que chamaõ dos Judeos. Houve conſelho para eſta guerra, e nova conquiſta, e os mais prudentes votaraõ que ſe naõ fizeſſe, porque além do perigo, e difficuldade, era extinguir o Reino, tirando-lhe gente, quando Deos matava tantos a cada inſtante. O infeliz ſucceſſo da empreza vos contarey eſta noite.

FIM DA TRIGESIMASEGUNDA PARTE.

LISBOA: Na Officina de Franciſco Borges de Souza.
Anno de 1759.
Com todas as licenças neceſſarias.

ACADEMIA
DOS
HUMILDES,
E
IGNORANTES.

CONFERENCIA XXXIII.

ANtes da Ladainha, e cea, rogaraõ ao noſſo Academico referiſſe a infeliz conquiſta de Tangere, o que elle ſatisfez dizendo: Contra os votos dos mais valorozos, experimentados, e prudentes Conſelheiros, ſeguindo o parecer dos fogozos, e pouco conſiderados, por liſongear os Infantes ambiciozos, para quem todas as victorias, e triunfos de Ceuta eraõ pequenos: ſahiraõ do Téjo quazorze mil homens em diverſas embarcaçoens luzidas, ſurgiraõ em Ceuta, e os Mouros de Tangere, temendo a ſua ruina, mandaraõ aos Infantes Embaixadores, offerecendo-ſe para ſeus tributarios; porém elles deſprezando todos, e mais honrados offerecimentos, ſitiaraõ a Cidade, e tres vezes a combatêraõ com notavel ardor; porém quando procuravaõ as maquinas para o quarto aſſalto, appareceraõ em ſoccorro dos cercados innumeraveis Mouros, os quaes, cercando o noſſo exercito, de ſorte o combateraõ, que para eſcaparem as vidas deſſes poucos Portuguezes, foy neceſſario fazer tregoas, admittir partidos indecorozos, ſendo o primeiro ficar o Infante D. Fernando em refens, e penhor de que ſe lhes entregaria a Praça, e Cidade de Ceuta, ficou prezo o Infante, e

lá morreo martyr; porque a Praça promettida nunca se lhes entregou, elle foy verdadeiramente reinar com Deos: o irmaó, e reliquias do exercito entráraó em Lisboa com luto, o Reino o vestio no universal sentimento, desabafaraó todos na murmuraçaó a pena, vendo perdidos o nosso credito, valor, e terror em Africa, por se lisongear o gosto de Principes moços, contra o parecer de heroes velhos, e experimentados; em fim nova péste no Reino sobre a que tinha, e mayor, porque damnificava a consciencia: o Rey a quem o cativeiro do Infante seu irmaó martyrizava mais do que a todos os vassallos, que só no fallar mostravaó sentimentos, teve huma paixaó capaz de tirar-lhe a vida, porque amava o irmaó com especial fineza, desejava tirá-lo da escravidaó em que ficara, e naó se atrevia a entregar outra vez aos Mouros Ceuta, depois de ver consagrada em Igreja a sua Mesquita, e plantada nella a Fé a primeira vez em Africa: communicou a todos os Principes Catholicos o caso, e mandou juntar os Procuradores do Reino em Cortes para isso: na Cidade de Leiria assistio o Rey a ellas, e todos rezolveraó que naó se entregasse a Praça de Ceuta para resgate do cativo Infante, porque havia dous meyos para o seu livramento, sem este: hum era entregar todos os Mouros cativos em Hespanha: outro (e o que se devia seguir logo sem detença) era fazer guerra cruel a toda a Africa com vinte e quatro mil homens, número superabundante para castigá-la. Despediraó-se as Cortes sem assentar no meyo que se escolhia, o Rey foy logo assaltado de péste em Thomar, deixou porém no testamento se désse aos Mouros Ceuta para resgate de seu irmaó; mas como os testamentos dos Reys por serem de couzas maiores, saó mais infelices, naó se cumprio o testamento nesta parte, porque Deos queria fosse martyr o Infan-

fante, e tivesse melhor Corôa para sempre: A' vista dos Portuguezes cativos, tolerou as mayores injurias servindo aos Mouros de moço dos cavallos; até que morto em odio da Fé, o penduraraõ em huma ameya das muralhas de Fez, aonde Mouros, e Catholicos melhoraraõ de todas as enfermidades lavando-se com o sangue que delle corria. Foy o Rey D. Duarte (nome abbreviado no nosso idioma, e como se deve proferir Eduardo) grande Filosofo, e amante de todas as sciencias, e professores dellas; escreveo obras de muito fructo, e importancia, das quaes só se conservaõ alguns pedaços do livro intitulado: *Bom Conselheiro*, dedicado á Rainha sua mulher, e de outro: *Arte de domar cavallos*, em que excedeo o nosso D. Duarte aos passados, e vindouros: em qualquer cavallo nunca montado, sem freio, nem cabresto, fazia tudo o que os mais peritos nesta arte (que só desprezaõ os que ignoraõ a sua muita importancia) com todos os arreyos necessarios em cavallos ensinados muito tempo, em jogos de cavallaria excedeo sempre a todos, nas canas, correndo as levava do chaõ: tinha grandes forças, que exercitava com os Fidalgos na barra, lutas, e carreiras, sahindo sempre facilmente vencedor, naõ por lisonja, como Rey, sim como premio justo pelo merecimento, publicamente julgado. Favoreceo as partes do Papa Eugenio em hum Concilio célebre, começado em Ferrara, e acabado em Florença, em cuja mudança resultaraõ graves escandalos na Christandade, e o Summo Pontifice, querendo agradecer-lhe o affecto, lhe concedeo, e a todos os seus successores o serem coroados, como os Reys de França: alcançou para este Reino a Bulla da Cruzada; a fim de mover os fieis a guerra contra os Mouros, e melhor se fazerem os dispendios necessarios para a conquista, e conservaçaõ das

Praças, donde o Reino apenas no futuro esperava mais lucros, do que ter nellas huma excellente Academia para criar bons Generaes, e Soldados: era taõ venerador do sinal da Cruz, que vendo-a em algum lugar indecente, dizia que logo logo a tirassem, porque a insignia de nossa redempçaõ havia sempre estar collocada aonde Reis, e Imperadores a venerassem. Desejoso de todo o bem dos seus vassallos, compôs algumas Leys utilissimas, e breves, e as antigas reduzio a menos palavras com toda a clareza, para que os Juizes melhor pudessem saber o que deviaõ executar, e os mais que temer. Vendo o muito que seu pay tinha dado aos Vassallos que dignamente lhe déraõ, e conserváraõ a Corôa, e o Reino, e que por este principio, a que ja occorrera seu pay tirando-lhe muito, ainda ficavaõ sendo as terras, e bens do Monarcha cousa muito pouca, mandou que nestes bens, e doaçoens Reaes naõ pudessem succeder as filhas: chamou-se *mental* esta Ley promulgada pelo Rey D. Duarte, porque seu pay D. Joaõ a teve sempre na mente, isto he no juizo, e a executou muitas vezes nos fins do seu Reinado; porém como naõ passou nunca da mente á publicaçaõ no seu tempo, deo-lhe por este motivo o nome de mental o filho; esta Ley aconselhou Joaõ de Regras ao invencivel Monarcha D. Joaõ, e elle foy o primeiro que pedio dispensa della, porque para lhe succeder nos muitos bens que tinha da Corôa, só teve huma filha, de que ja dissemos descende neste Reyno huma illustrissima casa; o certo he que o Rey D. Joaõ tinha grave fundamento para unir á Corôa parte do muito, que della se havia separado, para terem que dominar, e dàr os Reys deste Reino; (porém o conselho de que tirassem tambem aos Conventos, a experiencia mostrou que era indecorozo, porque sendo o mais rico o de Santa Cruz de

Co-

Coimbra, e avaliando-se o muito, que tinha, para lhe tirar huma boa porçaõ, nessa noite appareceo ao Rey D. Joaõ o Rey Veneravel D. Affonso Henriques, dizendo-lhe que ao Mosteiro de Santa Cruz naõ tirasse cousa alguma, e elle obediente, e só disto timido, pela manhãa chamou os Ministros, que faziaõ a diligencia, e disse-lhes, que ao Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra naõ tirasse cousa algũa, porque o Senhor Rey D. Affonso o I. assim o ordenava. Muitos annos depois mostrou a experiencia cazo mayor, que a seu tempo vos contarei. Mandou o nosso Rey D. Duarte lavrar moeda nova de ouro, e prata, escudos, dos quaes cincoenta pezavaõ hum marco, e outros differentes, de huma parte tinhaõ as Armas do Reino, em que elle naõ fez mudança, em attençaõ a que seu pay fizera; e da outra o seu nome com huma Corôa em cima, e a letra: *Rex Portugalliæ*. Já dissemos a sua morte, e o anno della, os de idade, e reinado, jaz no Convento da Batalha, que seu pay edificou para sepultura dos Reys; foy de estatura grande, olhos negros, e alegres, barba ruiva dividida em duas partes, beiços bem formados, e no debaixo huma aberta, que o fazia mais gentil: tinha cuidado em andar bem composto, e sempre sahia a publico com as insignias de Rey, e luzida pompa: no seu retrato se vê com Corôa, e Ceptro, e hum papel na outra maõ: cazou com Dona Leonor, filha do Rey D. Fernando primeiro de Aragaõ, e Sicilia, Princeza taõ rara, que criou seus filhos, naõ só com menos fasto do que uzaõ as Rainhas, mas menos do que uzaõ as mulheres ordinarias de Portugal, e Castella: taes eraõ as suas virtudes, que o Rey seu marido na hora da morte a deixou por tutora de seus filhos, e Governadora do Reyno: disputaraõ-lhe os Vassallos o governo, naõ obstante conhecerem ser a Matrona na mais sin-

gular para esse officio; mas por ser Estrangeira (diziaõ) naõ era justo tivesse outro imperio mais que nos filhos, que gerara, e a quem tinha dado a melhor criaçaõ, que se vio dar a filhos de Reys na Europa; e ella em tudo Matrona especialissima, vendo lhe disputavaõ os vassallos o segundo emprego, voluntariamente deixou hum, e outro, ja porque no seu coraçaõ nunca entrou vicio, ja por naõ tolerar genios differentes de subditos, e vassallos orgulhozos, ou interessados. Teve o nosso Rey tres filhos legitimos: O primeiro D. Affonso, que lhe succedeo na Corôa. O segundo D. Fernando, Duque de Viseu, Mestre das Ordens de Christo, e S. Tiago, Condestavel do Reino, casou com Dona Beatriz, filha do Infante D. Joaõ seu tio, delles nasceo Dona Leonor, mulher do Rey D. Joaõ o segundo; Dona Isabel, que casou com o Duque de Bragança D. Fernando segundo; Dona Catharina, que morreo moça; D. Joaõ, que succedeo a seu pay; D. Diogo, que succedeo a seu irmaõ: tiveraõ mais a D. Duarte, D. Diogo, e D. Simaõ, que morreraõ meninos, e a D. Manoel, que depois foy o nosso feliz Rey. Está o dito Infante D. Fernando sepultado no Mosteiro da Conceiçaõ da Cidade de Béja; fundaçaõ de sua mulher, e quatro filhas tambem legitimas. A primeira do nosso Rey foy Dona Filippa, que morreo moça. A segunda, Dona Leonor, que casou com Federico terceiro, Imperador de Alemanha, de quem nasceo o Augusto Maximiliano, avô de Carlos quinto. A terceira filha D. Catharina, que esteve despozada em Navarra, e Inglaterra, e antes de se effeituar algum dos dous casamentos, morreo em Lisboa, e está sepultada no Convento de Santo Eloy da mesma Cidade. Quarta filha Dona Joanna, que nasceo depois de morto seu pay, e casou com o Rey D. Henrique quarto de Castel-

tel:

tella, della naſceo huma filha a quem os Caſtelhanos chamaraõ a Excellente Senhora, e com eſte titulo lhe quizeraõ recompenſar o damno, que lhe fizeraõ em lhe tirarem o Reino. Deſde o tempo do Rey D. Pedro I. até a morte do Rey D. Duarte, governaraõ a Igreja de Deos oito Summos Pontifices, Urbano V. que ſuccedeo a Clemente VI., Gregorio X., Urbano VI., Bonifacio IX., Innocencio VII., e Gregorio X.: Inventou-ſe o Aſtrolabio, e a Artilheria, invento diabolico para deſtruiçaõ do genero humano: reſplandeceraõ em milagres S. Vicente Ferrer, S. Bernardino de Sena, S. Lourenço Juſtiniano, Santo Antonio, e o Santo Varaõ doutiſſimo D. Affonſo Toſtado, Biſpo de Avila, Expoſitor excellentiſſimo: neſtes tempos viveo o Grande Tamorlaõ, que atemorizou o mundo com as ſuas façanhas, e victorias, que algum dia vos contarey. Succedeo aquelle notavel prodigio da Paſtora Joanna de Lorena, a qual veyo á Corte de França no Reinado de Carlos ſettimo, dizendo que vinha para caſtigo dos Inglezes, mandada por Deos, e expulſá-los daquelle Reyno, onde tinhaõ feito o mayor eſtrago, déraõ-lhe exercito, e armas, com as quaes ganhou muitos lugares, matou muitos mil Inglezes, livrou do cerco a Cidade de Orleans, aonde tem eſtatua de bronze; mas cahindo, depois de innumeraveis victorias, e triunfos, nas mãos dos inimigos, a martirizaraõ. Sepultado o Rey D. Duarte, acclamaraõ ſeu filho D. Affonſo quinto, Rey duodecimo deſte Reyno: naſceo em Cintra a quinze de Janeiro de mil e quatrocentos e trinta e dous, e foy o primeiro primogenito dos noſſos Reys Portuguezes, a quem chamaraõ Principe, porque até eſſe tempo lhe chamavaõ Infantes a todos; elle teve cuidado em deſempenhar o titulo, moſtrando em acçoens heroicas merecera nelle ſer o primeiro: de ida-

de

de taõ pouca, quê eraõ ſeis annos quando foy acclamado Rey, começou a moſtrar prendas de juizo, viveza rara, intrepidez, e occupaçaõ continua, de que lhe procedeo o titulo que todos lhe daõ de Lidador; ſe bem os meſmos depois, ſem razaõ lhe chamaraõ o Brabo: ſua mãy em tudo memoravel, o deixou, e a todos os mais filhos, aggravada do Infante D. Pedro, e mais Grandes do Reino; pelo que ja diſſęmos, e paſſando a Caſtella, em Toledo acabou a vida, porém foy conduzido o ſeu corpo a Portugal em obſervancia do ſeu teſtamento, e jaz com ſeu marido no Convento da Batalha: foy accelerada a rezoluçaõ da Rainha, porque ſe naõ deixaſſe a tutela dos filhos, aſſim como por força, deixava o governo do Reyno, talvez naõ ſuccedeſſe neſte reinado a acçaõ, que eſcandalizou o mundo; vendo hum ſobrinho Rey matar hum tio, e ſogro, Infante, oraculo de noticias, e ſciencias naquelle ſeculo, a quem devia a criaçaõ, e Corôa, e talvez, que tambem a vida, e o peyor de tudo, ſer por hum modo taõ injuſto, ſem crime, ſem próva, e ſem ouvir a parte, quando elle vinha pedir audiencia, e defender-ſe. O mais contarey depois de cea eſta noite.

FIM

DA TRIGESIMATERCEIRA PARTE.

LISBOA:
Na Officina de Ignacio Nogueira Xiſto.
Anno de 1760.
Com todas as licenças neceſſarias.

ACADEMIA
DOS
HUMILDES,
E
IGNORANTES.

CONFERENCIA XXXIV.

DEpois de cearem, ſe juntaraõ no Forte deſe-.joſos de ouvir a morte do Infante, que ainda entre os menos inſtruidos conſerva eterno nome, pelas noticias que deo, e ainda ſe conſervaõ neſte Reyno, dos muitos que vio n quaſi todo o mundo, chamando-lhe vulgarmente: *uto do Infante D. Pedro*; niſto converſavaõ com go-, quando chegou o noſſo Academico, e os fez calar, zendo. Receberaõ todos a eleiçaõ da Rainha para Go-rnadora do Reyno taõ fóra do que coſtuma a Naçaõ ortugueza, que elegeraõ em ſeu lugar o Infante D. edro para Governador do Reyno, a pezar de outros uitos que pertendiaõ o meſmo emprego: creyo que amor do ſobrinho, e da patria o obrigou a tirar-ſe om tantos annos de ſocego de ſua caſa, e habitaçaõ de oimbra; porém; com licença das ſuas veneraveis cin-is, a quem muito reſpeito, iſto ſó o faz quem nun- eſtudou pelo livro do mundo, unico volume que re os olhos a todo o mais rude ſujeito; porém o In-nte, que o tinha viſto quaſi todo, e em Coimbra reti-

rado no feu Ducado eftava efcrevendo o que tinha visto, deixar efte focego, e bemaventurança do mundo, unico bem que fe tira de conhecê-lo, e conhecimento, que fó fe adquire vendo, vigiando, e padecendo, foi efpecial tentaçaõ a que naõ refiftio hum taõ fingular efpirito, tendo tantos defejofos de cahir nella, que o menor aceno baftava para refiftî-la; porém ao elefante, féra a mais generofa, dizem mata a formiga mettida na tromba, e ao noffo Infante o cafamento da filha, para que fem mulher naõ poffa haver defgraça: tomou poffe do governo do Reyno, e nada obrou que naõ foffe jufto, recto, inteiro, compaffivo, Pay dos vaffallos, e em fim, de tal modo, que os invejofos, fendo grandes, e muitos, nada puderaõ levantar-lhe falfo, nem criticar-lhe verdadeiro, e por ultimo refugio do feu odio, appellaraõ para hum vaticinio, que os envergonhou de todo, dizendo ao Rey menino, que feu tio Infante lhe havia ufurpar o Reyno, e lho naõ havia entregar quando elle tiveffe idade para governá-lo. Que coufas eftas (irmãos) para hum Rey, que chamaraõ Bravo! Mas que coufas para hum Infante, que eftudara pelo livro do mundo, que fe deixou de moftrar o que aprendeo, acceitando o governo, confeffou na deixaçaõ delle, que tivera aquelle eftudo com tal bizarria, e tal capricho, que chegando o fobrinho Rey (a quem fempre tratou como Rey, e naõ como fobrinho) á idade de dezafeis annos o cafou com fua filha Dona Ifabel, (fegundo erro) e lhe entregou o Reyno com tanta fidelidade, e defintereffe, limpeza de mãos, (como dizem) que de todos os gaftos, e recibos do tempo da tutoria lhe deo por efcrito as contas mais exactas, que puderaõ pedir-fe a hum thefourei-

reiro, ou almoxarife, e nem ſe pediraõ, nem o ſobrinho em tempo algum lhe havia pedir a elle; e recebidas com generoza, Real, e agradecida repugnancia do ſobrinho, deixou a Corte, e recolheo-ſe a Coimbra com intento de ſer para ſempre, eſperando aſſim moderar o odio de ſeu irmaõ Conde de Barcellos, depois Duque de Bragança, que pertendia o cazamento do Rey para ſua neta, com diligencia taõ extraordinaria, que o Infante D. Pedro devia conhecer eraõ profecias, como depois na morte as obſervou todas verdadeiras: quando deviaõ ceſſar as emulaçoens, e odios, entaõ creſceraõ contra o que ſuccede cada dia, mitigando os rancores a auzencia: naõ houve acçaõ excellente, juſta, virtuoſa, e leal do tutor, que naõ interpretaſſem por má, peſſima, e aleivoſa; em fim até o ſeu retiro diſſeraõ que era odio, e que hia preparar-ſe de gente para uzupar-lhe o Reino, como ſe foſſe couſa crivel para o mais inſenſato, que para conquiſtar hum Reino alheyo, era neceſſario cazar huma filha com o Rey legitimo, entregar-lhe a Monarchia, e depois fazer-lhe guerra: em fim nos poucos annos do Rey teve aſſenſo eſta fabula, que ſó em poucos annos pode achar idéa, e o ſobrinho pedio ao tio as armas, a Cidade, a gente, e a vida, porque eſta ſó conſiſtia no que tinha para defendê-la: depois de recados, e reſpoſtas, aquelles todos inſpirados pelos inimigos, eſtas cheyas de juſtiça, lealdade, e razaõ; veyo a Lisboa o Infante D. Henrique, irmaõ do perſeguido D. Pedro, tio do Rey, e da Rainha, porém igualmente infeliz; porque ſó teve por fructo da jornada de Viſeu até á Corte, fazer com que o Rey mais ſe embraveceſſe; dizem que tambem naõ fora irmaõ no

Kk 2 que

que disse: o certo he que naõ remediou cousa alguma, sendo ouvido, e o mesmo se conta do Conde de Arraiolos, filho do desgraçado Infante D. Pedro, e com mais-deshonra, porque o pay, com toda a sua desgraça, teve meyos, para que o Rey lhe negasse audiencia, e o mandasse sahir da Corte: restava toda a esperança do Infante no Conde de Abranches, assombro da amizade, valor, lealdade, e constancia naquelle, e em todos os seculos, digno de que hoje lhe conservassem nos metaes mais preciosos, sem culto, nem sombra de veneraçaõ, mas só memoria politica, os ossos: este veyo a Lisboa, e com liberdade, amor, lealdade, e intrepidez, fallou ao Rey largamente a favor do seu cordial amigo; porém foy attendido sem o menor fructo. Houve quem estranhou ao nosso insigne, e memoravel Medico, chamado vulgarmente o *Mirandella*, nome da sua patria, o intentar retirar-se para Roma, em idade ja dilatada; e respondeo com galantaria digna de memoria: *Quero ir para huma terra, aonde sey que sempre terey hum Rey velho*; dizia isto certo moralmente, de que naõ permittira Deos haja outro Papa Benedicto IX., que foy Summo Pontifice á força de armas sendo menino; porém explicou-se conforme a grandeza do seu grande juizo, porque todas as desordens, que padeceo este Reyno no principio do governo do Rey D. Affonso V., procederaõ delle ser muito moço, de sorte que o tio, ou naõ havia tomar as redeas do governo, se queria descançar das viagens que fez pelo mundo; ou ja que as tomou, devia criá-lo mais como sobrinho, do que Rey; e bastando-lhe para seguro da Coroa a sua lealdade, havia entregar-lhe a filha, e o governo em idade mais crescida, e entretanto

to dá o mundo muitas voltas; mudaõ-se genios, adquirem-se experiencias, evitaõ-se precipicios. Chegou a termos a desconfiança, que o Duque consultando o seu memoravel amigo, Conde de Abranches, assentou que era necessario vir a Lisboa, responder ao que se lhe imputava: porém como o vir sem armas, que se lhe tinhaõ pedido por medo dellas, era expôr a vida; e vir com ellas, augmentar a suspeita, e provocar guerra; como o addivinhar he prohibido; elle, e o Conde se confessaraõ, e na manhãa da marcha para Lisboa, estando o Sacerdote para lhes dar a Cõmunhaõ, á vista de Christo Senhor nosso na Eucharistia, tocando ambos a Hostia Consagrada, juraraõ morrer hum, aonde morresse o outro: e repugnando o Sacerdote dar-lhe a Cõmunhaõ, vendo o toque da Particula, juramento, e ajuste, procedeo hum como Infante, e o outro como elle, ambos commungaraõ, e com bandeiras novas sem insignias, mas só letreiros proprios do seu intento, em huma *Justiça*, em outra *Innocencia*, em outra *Lealdade*, marchou para Lisboa o exercito do Infante Duque, quando ja o sobrinho, e genro Rey D. Affonso marchava a disputar-lhe os titulos das bandeiras com as armas; o tio vinha pacifico a dar satisfaçaõ inteira dos cargos, que falsamente lhe imputavaõ, o sobrinho a pedir-lhe contas do que falsamente lhe diziaõ. Avistaraõ-se os dous exercitos quatro legoas fóra de Lisboa, junto a hum vil ribeiro, que só mereceo iniquamente nome por este cazo, e Alfarrobeira foy o seu antigo, e sem mais acçaõ das muitas, que tio, e sobrinho (dizem) tinhaõ premeditado antes de expôr nas armas a vida, e o credito, sem final de investir, nem outros preparos communs para a colera Militar,

co-

como ſe foſſem eſtranhos, ou barbaros, de ſorte ſe
baterao os dous exercitos, que fatigado de venc
matar, morreo o Infante Duque, expondo-ſe d
poſito, e caſo penſado nos mayores conflictos
força de juſtiça os vencer todos; e o Conde de A
ches, depois de ſentir diminuidas as forças em ti
das, conſtando-lhe era morto o Infante D. Pedro,
á ſua Tenda, comeo paõ, bebeo vinho para rec
os eſpiritos, e ſahio a cumprir o juramento fei
Coimbra, tocando a Hoſtia Conſagrada, de m
aonde elle acabaſſe a vida, e como quem ja hia cert
te a perdê-la, fez tal eſtrago, e matou gente c
exceſſo, que eſteve em termos de naõ cumprir c
mento, por naõ haver quem o mataſſe, e eu
ſuccederia certamente, ſe elle fatigado de mat
ſem acordo ja para ir fortalecer-ſe, ou (como ſ
nho) ſem ter com que o fazer, porque ninguem
ta da morte, ſem forças para mover ja o mont
ſe deitou no chaõ; o que viſto por Soldados in
do exercito do Rey, ſem conſiderarem o abſur
de matarem a hum notavel General, velho, glo
Naçaõ em tantas victorias, e Meſtre neceſſario pa
tras, devendo retirá-lo do campo com decenci
zioneiro de guerra, e prezentá-lo ao Rey com re
do, e politica; pelo contrario com eſtranha v
deſpindo-lhe as armas, o que elle naõ repugnava
que ja naõ tinha forças, tiraraõ-lhe a vida com as
das, e machadinhas, e elle com valor ſem igual
dos os ſeculos, vendo deſpir-ſe, e recebendo as
das, ſó dizia a cada acçaõ deſtas: *Fartar ra*
Com a noticia da ſua morte ceſſou o combate
vendo ceſſar quando morreo o Infante Duque

tém este grande, e incomparavel General mereceo ao exercito o respeito, que só deviaõ a elle. Alegre o Rey victorioso com o bom successo de que muitas vezes perdera as esperanças no conflicto, vendo o tio morto no campo, intentou abraçá-lo, e chorar compassivo, arrependido do mal que tinha obrado; porém os conselheiros, que lhe naõ deixavaõ os lados, até as lagrimas, e compaixaõ lhe puderaõ suspender, de sorte que fizeraõ converter em tyrannia a humanidade, e piedade Catholica, virtudes, que o nosso Rey sempre mostrou que tinha por natureza: de sorte, que elles, além da morte, passáraõ com a vingança, e o Rey, sem a perceber, por seu conselho passou além do homicidio com o escandalo, porque tres dias deixou estar o cadaver de seu tio, sogro, tutor, e todo o seu bem passado no campo, sem consentir lhe dessem sepultura; porque lhe diziaõ os emulos daquelle Principe, (que para gloria lhe sobeja a paixaõ, que a todos a sua morte eternamente causa, e concebem contra os que moveraõ o Rey a tirar-lhe a vida) que o costume dos vencedores era ter no campo os mortos vencidos tres dias sem sepultura: desta acçaõ menos pia, e certamente escandalosa, se seguio a mayor injuria, que foi mandarem todos os Principes da Europa Embaixadores ao nosso Rey, pedindo-lhe o cadaver de seu tio Infante Duque de Coimbra, para lhe darem nos seus Reynos honrada sepultura: o que mais admira neste caso he a prudencia incrivel da Rainha Dona Isabel, filha do Infante morto, e mulher do Rey matador: antes da batalha, e desde a primeira hora de casada, viveo esta Senhora, digna de eterna memoria, no mayor tormento, ja pedindo ao pay tivesse paciencia,

ja

ja ao marido accreditasse a innocencia, soffrendo a c
ra de hum, e as queixas de outro, conhecendo a ju
do pay, e a emulaçaõ de todos mais poderosos que
no coraçaõ do marido. Recolhendo-se elle deste ina
to triunfo, o foi receber sem luto pelo pay, vestid
gala, com toda a pena occulta. A manhãa continua
muito que resta.

FIM
DA TRIGESIMAQUARTA PARTE.

LISBOA:
Na Officina de Ignacio Nogueira Xisto.
Anno de 1760.
Com todas as licenças necessarias.

ACADEMIA
DOS
HUMILDES,
E
IGNORANTES.

CONFERENCIA XXXV.

REpetem os Academicos a materia das Conferencias a muitos dos Romeiros; porque eftas noticias refpeitaõ fó aos poucos, ou nada inftruidos, por iffo tardou dous dias a continuaçaõ da hiftoria, que a vinte e nove do corrente ouvio a Academia. Parece que (diffe o Soldado) adivinhou o Infante D. Pedro a fua defgraça no tempo em que mais o lifongeava com o governo do Reyno, e tutoria do fobrinho, a fortuna, porque pedindo-lhe licença a Cidade de Lisboa para lhe levantar huma eftatua na Praça mais publica, com elogios ás fuas heroicas virtudes, que no governo da Monarquia tinhaõ experimentado todos, naõ o permittio dizendo-lhes: *Deixai, que tempo virá, em que vós, e os voffos, quebrando os olhos á mefma imagem, ajudareis a fua queda, e ruina.* Affim ouviftes ja fe cumprio na batalha de Alfarrobeira, e ja fabeis que o Rey naõ teve mais culpa que faltar-lhe a idade, e com ella o neceffario para conhecer a malicia, a lizonja, inveja, e tyrannia; porém como efte he o unico defeito de que cada hum todos os dias fe conhece emendado, porque em todos certamente he mais

velho ; o noſſo admiravel Rey D. Affonſo, creſcendo nos annos, conheceo os ſujeitos que na ſua tenra idade abuzaraõ da innocencia della, ſeparou-os da ſua companhia, e para os obrigar a que empregaſſem melhor os cuidados dalli por diante, publicou a conquiſta de Tangere para vingar a morte do ſeu veneravel tio D. Fernando martyr: com mais de duzentas embarcaçoens differentes cheias de Grandes do Reyno, e Soldados de valor conhecido, entrou na barra de Tangere o noſſo Rey D. Affonſo, e paſſando a Alcacer-Seguer, deſembarcou, caſtigando com a eſpada a ouzadia com que os Barbaros pertenderaõ impedir-lhe o ſahir a terra, aſſaltou logo furioſamente a Praça, e no ſegundo aſſalto conſeguio a victoria: o que vendo os Mouros pediraõ as vidas, que o Rey lhes concedeo com demaſiada clemencia para gente vil que nunca uzou della, purificou-ſe logo a Meſquita, dedicando-ſe á Conceiçaõ Puriſſima de Noſſa Senhora, e guarnecida a Praça, a entregou o Rey a D. Duarte de Menezes, Varaõ eſclarecido, que deixou em Africa nome eterno, ſuſtentando eſta Praça em dous horriveis cercos, que lhe pôs o Rey de Fez acompanhado de innumeraveis barbaros, dos quaes na ultima ſahida que fizeraõ os noſſos, ainda eſcaparaõ fugindo oitenta mil vivos: Alcacer-Seguer na lingua Arabica, quer dizer Palacio pequeno, fundou-a Mançor Rey, e Pontifice de Marrocos, diſta de Heſpanha ſó tres legoas, porto facil para a defeza, e commercio, e Praça rica. Retirou-ſe o noſſo Monarcha ſatisfeito com eſta victoria, e paſſado o tempo que entaõ ſe concedia ao deſcanço, ſahio outra vez deſte Reino, ſeguido de ſeu irmaõ D. Fernando com dez mil homens, e deſembarcando em Africa ſeguro, caminhou para a Cidade de Anfa, ou Afane, o exercito,
po-

porém os Mouros, que havia pouco tinhaõ admirado o nosso valor em Alcacer, anticiparaõ-lhe agora a victoria, fugindo todos, antes que o nosso exercito chegasse á Praça, e deixando nella muita riqueza: chegou o nosso Rey, e vendo-a despojada, deo o saque aos Soldados, e acabado fez demolir os muros, e consumir com fogo tudo o que estava dentro: recolheo-se a festejar a victoria na Corte, sem nunca se lhe diminuir o desejo de conquistar a Tangere, até que na Primavera seguinte sahio da barra de Lisboa com huma Armada de trezentas embarcações, em que hiaõ trinta mil homens escolhidos, deo fundo defronte de Tangere; porém ainda agora naõ foy assaltada, porque chamando o Rey a conselho, rezultou delle, levantarem as ancoras logo, e caminharem para a Cidade de Arzila, situada sette legoas mais para o Poente na mesma Costa: teve bastante difficuldade em sahir a terra, porque o mar, parece queria defender aquella vil canalha, alterando-se de sorte, que as nossas embarcações tocando humas nas outras, se maltrataraõ quasi todas, e perderaõ algumas, em que morreraõ duzentos homens: esta desgraça concorreo para sahirem a terra com maior furia, cercaraõ logo de mar a mar com fossos, trincheiras, e maquinas a Praça, que logo assaltaraõ com valentia Portugueza, os Mouros temendo a perda das vidas, com sinaes, e palavras propunhaõ condições para entregarem a Cidade; porém os nossos estavaõ ja taõ colericos, que a nada attenderaõ, senaõ a matá-los, e os barbaros dezesperados com o que viaõ, tomaraõ novamente as armas que tinhaõ deixado para conseguirem misericordia, e assentaraõ todos perder as vidas na defeza: foi o assalto, e combate dos mais horriveis, e porfiados que vio o mundo: custou muito

 san-

ſangue Portuguez o ſubir aos muros; e muito mais o eſcalar o Alcacer, e a Meſquita, aonde os Mouros ſe recolheraõ para acabarem, ou ſe defenderem, em fim arvoradas as noſſas bandeiras, e mortos quaſi todos os defenſores, que eraõ innumeraveis, pelas noſſas eſpadas, fez o Rey purificar logo a Meſquita, e ſabendo que tinha morrido no combate o Conde de Marialva D. Joaõ Coutinho, com tal esforço, que parece acabou, porque era impoſſivel ter vida para obrar mais, mandou o Rey conduzir o ſeu cadaver com as honras Militares á nova Igreja, e nella, á viſta delle, armou Cavalleiro a ſeu filho, que o acabava de merecer, pelo que tinha obrado, e no fim do acto lhe diſſe á viſta de todos; *Que Deos o fizeſſe tal como o Conde morto, que tinha diante de ſi.* O noſſo Principe D Joaõ, que á força de rogos, e empenhos conſeguio que o Rey o levaſſe comſigo a eſta expediçaõ, fez nellas taes proezas, que o pay, e todos os que as viraõ, paſmaraõ, porque o Principe tinha ſó dezaſeis annos, e nelles excedia aos homens valorozos, e mais alentados; o Conde de Monſanto D. Alvaro de Caſtro, ſubindo com valor Portuguez a muralha; com a avareza miſeravel perdeo a vida, porque dizendo-lhe hum Mouro, que o naõ mattaſſe, e prometteſſe deixa-lo livre, que elle lhe deſcobriria hum grande theſouro que tinha eſcondido, ſubio o Conde, e lançou para dentro a cabeça, ſem o reſguardo do eſcudo, e eſpada, e o Mouro, que tinha a ſua prompta, de hum ſó golpe lhe tirou a cabeça, e a vida: o deſpojo foy riquiſſimo, e a melhor couſa delle foraõ cinco mil Catholicos, que dentro havia cativos, os quaes recuperaraõ a liberdade com dobrado goſto: apenas ſe tinha conquiſtado a Cidade, appareceo Rey de Fez Muley Xeque, que vinha ſoccorrê-la,

po-

porém vendo-a ja tomada, naõ fez coufa alguma, pedio tregoas ao Rey, e que lhe déffe duas mulheres fuas, e dous filhos, que tinha naquella Cidade, e agora eraõ cativos do noffo Monarcha, em troco pelo corpo do Infante martyr D. Fernando, e feita a entrega retirou-fe. Os Mouros de Tangere fabendo o que tinha fuccedido á Cidade de Arzila, que elles julgavaõ mais difficultoza de expugnar, do que a fua, fugiraõ todos, deixando o que naõ puderaõ levar; o que fabendo o noffo Rey, com fumma alegria entrou nella, dando a Deos graças por ver que as armas Portuguezas ja alcançavaõ na Africa victorias, antes de ferem viftas, admirando as difpofiçoens do Altiffimo, que fez fe rendeffe Tangere fem armas, tendo fido procurada quatro vezes com o melhor das noffas, que fempre para a fua conquifta fe julgaraõ pequenas. Fez o Rey purificar a Mefquita pelo Prior de S. Vicente de Fóra de Lisboa, que fe achava prezente, e era ja nomeado Bifpo de Tangere; em dia de Santo Agoftinho de mil quatrocentos e fettenta e hum foy a purificaçaõ, e entregando a D. Joaõ Marquez de Montemór o governo, veyo para Lisboa, aonde foy recebido com luzido triunfo. Efperavaõ os Militares tempo para o defcanfo, e para cada hum feftejar com alegrias na paz, o que tinha merecido, quando teve principio outra peyor guerra; porque nunca deixou de fer abominavel toda, a que foy contra os que profeffaõ a mefma Ley Divina. Achava-fe o noffo Rey viuvo nefte tempo, e folicitado do Arcebifpo de Toledo D. Affonfo Carrilho, e muitos Senhores de Caftella, quafi como no reinado do Rey D. Fernando, ajuftou cafar-fe com D. Joanna, fua fobrinha, filha herdeira do Rey D. Henrique de Caftella, e com effeito, jufto o defpoforio, foy o noffo D. Affonfo acla-

cla-

clamado Rey de Castella na Cidade de Placencia : os Castelhanos,que naõ queriaõ sobre si o nosso jugo, assim como nós naõ quizemos sobre nós o seu, quando negamos a successaõ neste Reino a Dona Beatriz, filha de Dona Leonor, e do Rey D. Fernando, dizendo que além da nullidade do matrimonio, era pay de Dona Beatriz o Conde Andeiro, agora em castigo deste testimunho falso com que maculamos a honra de Dona Leonor, houve em Castella quem disse, que Dona Joanna, espoza do nosso Rey, naõ era filha do Rey D. Henrique, e cazando Dona Isabel com o Principe de Aragaõ o acclamaraõ Rey de Castella por sua mulher: o nosso Rey como esposo da herdeira legitima, entrou com vinte mil homens por Castella a tomar posse daquella Coroa, vencendo opposiçoens, de que naõ ha especial memoria verdadeira : chegou á Cidade de Touro, cercou o Castello que defendia o partido de Dona Isabel, acudio o Principe de Aragaõ seu marido, mas naõ obrando cousa alguma se recolheo a Valhadolid com mais temores do que esperanças, e o nosso Monarcha chamado Rey de Castella, acompanhado do Arcebispo, Duque de Arevalo, e outros Grandes daquelle Reino, passou a Zamora, e dahi ás terras do Duque, aonde deo péste no nosso exercito, e morreo grande parte: assaltaraõ a Villa de Baltanas, que logo se entregou, e outra chamada Cantalapiedra, temendo a sua ruina, seguio antes disso melhor fortuna, abrindo as portas depois de varias condiçóes pacificas : veyo o Inverno, e dividio-se o exercito, ficando muitos em Zamora, outros recolhendo-se a Portugal; porém feitas as contas ao que restava de vinte mil homens, com que o Rey entrou em Castella; era pouco, ou nada, porque muitos levou a epidemîa,

mia, alguns a guerra, e outros bufcaraõ aonde viver em quanto ella durava, affentando, que fó contra os inimigos da fé havia direito indubitavel para empenhar na efpada a vida: chegou a Primavera, e com o que tinha de Portugal, e dos levantados em Caftella, formou o noffo Rey hum exercito dezigual ao paffado, e ao do inimigo, de forte que avizou ao Principe D. Joaõ o foccorreffe; obedeceo promptiffimo, como quem naõ fó defejava moftrar que era filho amante, mas Soldado excellente, e fabendo o pay que no caminho em certa ponte eftavaõ difpoftos a matá-lo, ou prendê-lo muitos Caftelhanos, mandou-lhe avizo, para que fufpendeffe o paffo, e em quanto efte naõ chegou, o Principe, ignorando o facto, e fó vendo a refiftencia, combateo a ponte a todo o rifco, recebendo porém o avizo do pay, deixou o caminho, e paffou á Cidade de Touro, aonde feu pay o efperava, deixando certo á fua obediencia Zamora, na qual entrou logo D. Fernando, marido de Dona Ifabel, e o noffo Rey fentindo menos a perda do que a acçaõ, caminhou a bufcá-lo, e mandou quem o convidaffe para o dezafio, que elle rejeitou, vendo diante o noffo exercito; porém o que entaõ lhe miniftrou a prudencia, lhe fez alterar a Rainha Dona Ifabel com hum grande foccorro, animado do qual, offereceo batalha, que o noffo exercito recuzou, como elle a primeira, mas chegando o noffo Principe D. Joaõ, cahiraõ todos fobre D. Fernando em Zamora, e elle retirando-fe diffimulado, moftrou que fó com induftrias intentava diminuir-nos o exercito, de forte que vendo-nos caminhar para a Cidade de Touro com admiravel focego, dizem que envergonhado, e eu digo que aftuto, nos veyo feguindo, e o Principe, notando o perigo, avizou o pay, porque o exer-

er-

ercito marchava ſem ordem , como quem hia para ſua caſa : diſpôs o noſſo Rey a ſua gente em dous corpos, e tomou a vanguarda da parte do rio , em quanto o Principe occupava , e defendia a outra nas faldas do monte contra ſeis eſquadroens que elle fez logo romper , e com muitas mortes fez retirar o pouco, que ſem ordem ficou no campo ; o Rey D. Fernando vendo o que o noſſo Principe D. Joaõ tinha obrado , deixou o que reſtava , e nada valia , e fugindo ao perigo , ſe recolheo em Zamora : o meſmo fez o noſſo Rey ao meſmo tempo, porque vendo perdida a noſſa gente por aquelle lado , deſappareceo de ſorte , que o julgaraõ morto , e elle eſtava em Caſtronunho , e os que eſcaparaõ dos ſeus eſquadroens vencidos , huns foraõ recolher-ſe a Touro , outros querendo paſſar a nado o rio Douro morreraõ affogados. A' tarde ouvireis o reſto , que he mais divertido.

FIM

DA TRIGESIMA QUINTA PARTE.

LISBOA:

Na Officina de Ignacio Nogueira Xiſto.

Anno de 1760.

Com todas as licenças neceſſarias.

ACADEMIA
DOS
UMILDES,
E
IGNORANTES.

CONFERENCIA XXXVI.

ROmpeo o ſilencio o Hermitaõ , dizendo que ouvira , e lêra ſempre nas memorias de Heſpanha , que eſta chamava ſua a victoria del Toro , em memoria da qual aſſiſtira a huma a que reſpondeo o Soldado com a ſinceridade de , timbre deſta Academia : he certo que os Caſ-
ios , e Aragonezes contaõ com grave fundamen-
r ſua eſta victoria , mas he fazendo duas batalhas ,
ma , porque o Rey D. Affonſo de Portugal , e
r D. Fernando de Caſtella Principe de Aragaõ
hum dividio em duas partes o ſeu exercito , como
ſemos , o noſſo Rey perdeo a ſua parte , e reti-
: para Caſtronunho , o Principe D. Fernando per-
ſua, e retirou-ſe para Zamora, quem ficou no cam-
ncedor da noſſa parte , foy o noſſo Principe D.
e da parte de Caſtella o General que venceo os
droens do noſſo Rey : toda a noite eſteve o noſ-
ncipe , e os ſeus com as armas na maõ , eſperan-
inimigo , porém ao amanhecer , vio que , valen-
do eſcuro da noite , ſe tinha auzentado , agora
r vós quem foy o vencedor , e quem o vencido , e

Mm acha-

achareis que a victoria foy do nosso Principe D. Joaõ; que depois de vencer, matar, e affugentar, esperou no campo o inimigo, que lhe fugio temendo-o: sahio o nosso Rey de Castronunho obrigado ás finezas de Pedro de Mendanha, Alcaide daquella Praça, que com memoravel lealdade o seguia, e juntando com a gente do nosso Principe a pouca, que lhe restava, fizeraõ innumeraveis damnos nos lugares vizinhos, venceraõ em differentes choques a muitos partidos Castelhanos, de sorte que o Rey D. Fernando, e a Rainha Dona Izabel se viraõ em perigo de vida, mais de huma vez: passaraõ daqui á comarca de Salamanca, que toda a ferro, e fogo ficou destruida; porém como isto era destruir a Monarchia, a que chamava sua, e elle só pertendia a Corôa della, conduzio o nosso Rey a Portugal a sua Espoza Dona Joanna, e passou a França a pedir pessoalmente soccorro ao Rey Luiz duodecimo, para de huma vez sobjugar o Reino de Castella, porém vendo que o Rey de França tudo convertia em obsequios, e esperanças, querendo antes perder a Corôa, do que ver-se com ella sem proseguir a empreza começada; mandou ordem a este Reyno, para que acclamassem Rey seu filho D. Joaõ, e elle disfarçado, sem revelar o segredo mais que a hum criado antigo, e valorozo, sem se despedir do Rey de França se pôs a caminho para a terra Santa; porém sabendo-o logo o Francez, e os seus, o seguiraõ com préssa e alcançando-o no caminho, o persuadiraõ a que se recolhesse ao seu Reyno, aonde entrou depois de acclamado o filho, o qual com o mais raro exemplo de obediencia lhe entregou nó mesmo instante o governo todo, repugnando o mesmo pay acceitá-lo. Já neste tempo tinhaõ perdido o pejo em Castella todos,
os

os que feguiaõ o noſſo Rey, e lhe juraraõ obediencia para o fazerem ſahir do ſeu Reino, e ter o maior trabalho, ſem fructo, e D. Franciſco Coutinho, Conde de Marialva, que era Governador da Cidade de Touro, a perdeo dormindo; hum paſtor notou, que de noite ſe naõ fallava nas muralhas, rezolveo-ſe a ſubilas, e achou que todos dormiaõ, ſem haver hum unico Soldado de centinella, fez em outras noites o meſmo exame, e achou o meſmo; deo aviſo ao General Caſtelhano, que em huma noite lhe metteo dentro o exercito, ſem o menor ſuſto, nem perigo, e os defenſores, que dormiaõ com deſcanço, continuaraõ a morte com o ſomno: o ultimo que ſuſtentou em Caſtella o nome de Portugal, e a obediencia ao noſſo Rey, foy Pedro de Mendanha, Alcaide de Caſtronunho, que cercado duas vezes com todo o poder de Caſtella, o deſprezava com bizarria, até que com ordem do noſſo Rey entregou a Praça a D. Fernando, precedendo taes condiçoens, que foy affronta aceitar as chaves: inſtavaõ os Fidalgos Caſtelhanos ao noſſo Rey fizeſſe nova entrada em Caſtella, porque ainda naõ eſtavaõ ſatisfeitos com os diſpendios, e mortes, que nos tinhaõ cauſado eſtes diabolicos conſelhos; porém foraõ ouvidos, e entraraõ novamente dous exercitos a deſtruir Lugares de ambos os Reinos ſem mais outros fructos, nem eſperança delles, até que vendo-ſe ambos os Reys ſem gente, e ſem fazenda, ajuſtaraõ as pazes com duas condiçoens. A primeira, que a Senhora Dona Joanna, Eſpoza do noſſo Rey, cazaria com o Principe de Caſtella, quando elle tiveſſe idade, e que o Principe D. Affonſo, filho primogenito do noſſo Principe D. Joaõ, cazaria com a Infante de Caſtella Dona Izabel: a primeira condiçaõ naõ ſe cum-

 prio

prio: a fegunda fim, e a Senhora Dona Joanna, vendo que os Caftelhanos nefte ajufte confeffavaõ que ella era a verdadeira Rainha de Caftella, e que naõ obftante iffo, ficava fem Reino, nem Corôa; porque nem cazava com o noffo Rey D. Affonfo, com quem fe defpozara, nem com o Principe de Caftella, como fe promettera; defenganada de que o mundo he nada, tomou o habito de S. Francifco no Convento de Santa Clara de Santarem: o noffo Rey, vendo acabadas as efperanças de vêr coroada efta excellente Senhora, deixou-fe poffuir de tal melancolia, que pendurando para fempre a efpada tantas vezes vencedora, determinou acabar a vida, como ella, tomando o habito de S. Francifco no Convento de Varatojo, que elle tinha fundado em huma quinta fua, e certamente executava efta rezoluçaõ heroica, fe lhe naõ déffe a ultima enfermidade em Cintra, aonde na mefma camera em que nafceo, acabou a vida no anno de mil e quatrocentos e oitenta e hum, a vinte de Agofto, com quarenta e nove annos de idade, e quarenta e tres de reinado: foy fepultado no Convento da Batalha, acompanhado todo o caminho de feu filho, e fucceffor, e de todos os Grandes do Reino, em que o fentimento foy extraordinario: teve huma proporcionada grandeza de corpo, afpecto fingularmente Real, condiçaõ docil, e affavel, robufto de todos os membros, cabellos ruivos, e compridos, no feu retrato fe vê armado com Corôa no elmo, efpada levantada, manto negro forrado de arminhos: foy Principe quafi unico em muitas prendas, e na caftidade conjugal parece (eu o creyo) naõ teve quem o excedeffe, porque ficou viuvo de vinte e tres annos, e nos dezafeis mais que viveo, nem os inimigos, ou menos affeiçoados, puderaõ nunca fufpei-

peitar delle vicio; nem final de penfamento: fez voto de ir á conquifta da terra Santa, para o que lhe mandou o Papa Calixto a Bulla da Santa Cruzada, naõ permittiraõ os vaffallos que foffe peffoalmente; porém fahio de Lisboa para efta expediçaõ a mais luzida Armada para fe juntar com a da liga; naõ paffou dos pórtos de Italia, dos quaes tornou a vir fem obrar coufa alguma para Lisboa, naõ por culpa da Naçaõ Portugueza, mas porque a froxidaõ do Papa Pio II. junta com os feus muitos annos, e Confelheiros desfez tudo, o que fe tinha preparado para efta empreza, e fe vamos a dizer a verdade, como melhor vos contará o noffo irmaõ Theologo a feu tempo, a caufa que mais claramente podemos conhecer de fe fruftrarem tantas armadas, que fe prepararaõ para aquella fanta conquifta, foy, he, e ferá, porque nas mãos, e poder dos barbaros, refpeitaõ melhor os Catholicos aquelles Lugares Sagrados, do que quando eftavaõ patentes, e fem difficuldades para ferem viftos no governo dos Imperadores, e depois da primeira conquifta, no dos Reys Catholicos: fez o noffo Rey para efta funçaõ dinheiro novo, o primeiro eraõ cruzados em obfequio da Bulla, e antes tinha lavrado varias moédas, fendo a principal as dobras de ouro, a que chamavaõ de Banda, e valiaõ duzentos e trinta maravediz, outras de cento e oitenta e cinco, outras cruzados de cento e cincoenta até duzentos, algumas mais de cobre, que chamaraõ ceitis, que alguns dizem tiveraõ a fua primeira impreffaõ, em Ceuta: chamou-lhe impreffaõ, porq neffe tempo a moéda de cobre, ou por falta de induftria, ou de affeio, fegundo hoje fe vê em algumas daquelle tempo, e confta dos inftrumentos antigos, com q fe fazia, hoje ainda confervados em Oviedo, e outras terras de Hefpanha, aonde

os vi, e examiney; era huma como Imprenta fortissima em que se mettia, como nas outras o papel, huma folha de metal, que para ser brando lhe misturavaõ outro, como ainda hoje na India, e apertando a folha; de huma vez ficavaõ feitas muitas moedas, quasi sempre imperfeitas todas, e desiguaes; como examiney tendo muitas deste Rey, que de Africa trouxe a Sevilha D. Aleixo Coutinho, que as achou no alicerse de huma Ermida, fundaçaõ do nosso Rey D. Affonso em Ceuta, e as deo a hum Fidalgo curiosissimo, que hoje as mostra. Instituio o Rey D. Affonso a Ordem Militar da Espada, o habito era huma medalha com huma torre, e huma espada com a terça parte mettida no capital da torre; fundou esta ordem para dezabafar o desejo que tinha de conquistar o Reyno de Fez, aonde está huma torre com a espada mettida nos muros mais altos da mesma sorte, e conservaõ os Mouros a tradiçaõ de que hum Rey Catholico ha de tirar daquella torre a dita espada: tomou o Rey por Patraõ desta nova Ordem a S. Tiago, e determinou que os Cavalleiros fossem só vinte e sette, em memoria dos annos que tinha quando deo principio ás conquistas de Africa, queprazá a Deos se continuassem, e naõ as da India, que foraõ a causa de se perderem estas que custaraõ tanto sangue, ficavaõ perto, e em melhor clima, faziaõ menos gasto, e hoje dariaõ sem comparaçaõ mayor lucro: foy este o primeiro Monarcha, que em toda a parte deo audiencia, deixando-se ver, e tratar dos vassallos a toda a hora, sahindo pelas Praças, e fallando a toda a casta de pessoas: foy muito douto em varias sciencias, e o q̃ mais favoreceo os que se applicaõ a ellas: foy o primeiro que mandou escrever em Latim a historia Portugueza, e para ser mais elegante, ou (o que

he

e verdade) porque tudo o que he eſtranho, parece melhor, mandou vir de Italia para hum Biſpado deſte Reyno a hum notavel Latino chamado D. Juſto, ao meſmo tempo em que o Reyno ja tinha Latinos inſignes, como conſta de memorias do ſeu Reinado, e a antes delle ha outras melhores em ſeculos, que as outras naçoens, e a meſma Italiana naõ eſtava mais adiantada naquelle idioma, que lhe naſceo em caza com a mayor pureza; porém achacado de bexigas toda a vida (tempo virá q̃ em que digamos a cauſa) entregaraõ-ſe ao Biſpo D. Juſto os originaes de Fernando Lopes, que ja era fallecido; porém tinha eſcrito as noſſas memorias até eſte reinado, e a morte naõ ſó impedio a obra, tirando ao Biſpo a vida, mas foy cauza de que ſe perdeſſe a Chronica de Lopes, ſem mais apparecer della huma letra: foy o primeiro que fez livraria no Paço, e com tal pureza fallava a lingua Portugueza, que naõ houve no ſeu tempo homem douto que o igualaſſe, fructo de ſaber peregrinamente as linguas, Latina, e Franceza; eu vi duas cartas ſuas, huma em França, outra em Barcelona, eſcrita ao Rey de Caſtella, quando ſe ajuſtou a paz ultima, a primeira eſtá na célebre Livraria, que foy do Cardeal Ricilieu, e a ſegunda em outra pequena, mas cheya de antigualhas, e curioſidades de D. Lopo de Caſtro Gijon: ambas eſtaõ eſcritas com hum Portuguez taõ limado, claro, e puro, que ſe as viſſeis, por força havieis confeſſar que naõ ſomos nós os primeiros, mas ſim os que apenas imitamos os antigos doutos: he certo que poucos neſſe tempo cuidavaõ niſſo, e contentavaõ-ſe com ſe entenderem huns aos outros, coſtume que ainda hoje naõ ſó fóra da Corte, mas ainda em alguns bairros della, e na plebe exiſte, porém o

Rey

Rey D. Affonſo foy taõ eloquente; que chegaraõ a ſuſpeitar naõ dizia couſa, que naõ eſcreveſſe, e eſtudaſſe, até que a experiencia os deſenganou, que era prenda herdada de ſeu pay, a quem muitos annos antes os Portuguezes, e Eſtrangeiros chamaraõ o eloquente, titulo que naõ déraõ ao filho, ja por ſer do pay, ja porque lhe naõ eſqueceſſe entre infinitos, que adquiriraõ o ſeu valor, genio, liberalidade, e zel o, todos maiores que elle poucas vezes eſtimados em todos os ſeculos, como vimos na peſſima fortuna dos maiores Romanos, que tiveraõ eſſa prenda. Teve o noſſo Rey D. Affonſo tres filhos legitimos, e certamente naõ teve, nem procurou ter outros. O primeiro foy D. Joaõ, que morreo menino. O ſegundo Santa Joanna, de quem hoje reza o noſſo Reino, Princeza formoſiſſima, por força a ajuſtaraõ para cazar em França, e o Delfim vendo o ſeu retrato o adorou de joelhos; porém elle, e todos os mais, que a pertenderaõ para eſpoza, morreraõ, e ella com o habito de S. Domingos, paſſou do mundo para o Ceo no Convento de Religioſas da meſma Ordem na Villa de Aveiro, aonde reſplandece em milagres o ſeu ſepulcho. Falta muito de goſto que naõ dilatarey muito ao voſſo deſejo.

FIM

DA TRIGESIMASEXTA PARTE.

LISBOA:
Na Officina de Ignacio Nogueira Xiſto.
Anno de 1760.
Com todas as licenças neceſſarias.

ACADEMIA
DOS
HUMILDES,
E
IGNORANTES.

CONFERENCIA XXXVII.

NO dia trinta de Settembro continuou a materia da Conferencia passada o Soldado: Foi terceiro filho do Rey D. Affonso V. o Senhor D. Joaõ o II. que ja dissemos reinara antes do pay morrer: foy liberalissimo em fazer mercês, de sorte que nenhum Rey seu antecessor deo tantos titulos novos, como elle, ainda se conservaõ alguns desse tempo na mesma descendencia dos primeiros, a quem os deo como he o Marquezado de Villa-viçoza na Serenissima Casa de Bragança, o Viscondado de Villa-nova de Cerceira, e Alcaidaria Mór de Ponte de Lima, sendo o primeiro D. Leonel de Lima, outros mais, e entre elles o Condado de Arganil nos Bispos de Coimbra: no seu tempo houve muitos descobrimentos, Nuno Tristaõ, e Antonio Gonsalves chegaraõ a Cabo-branco, que está em vinte gráos, e trouxeraõ a Portugal Mouros negros, cousa nunca vista em Hespanha; foy segunda vez Nuno Tristaõ, e descobrio varias Ilhas, a Garça, Arguim, Lançarote, e Gilianes, outros dizem que estas descobrio o seu companheiro Antaõ, ou Antonio (que he o mesmo) em quanto Nuno conduzia mais escravos de Cabo-branco: o certo he

que deſtas novas Ilhas vieraõ duzentos; continuaraõ os deſcobrimentos, hum, e outro, e chegaraõ á Ilha de Tider: Alvaro Fernandes deſcobrio o Cabo de Martos, e paſſando cem legoas adiante, matou o Senhor daquella terra; Gonçalo de Cintra ſahio de Angra, e perdeo ſeis homens, primeira perda neſtes deſcobrimentos. Diniz Fernandes chegou ao rio Sanagâ, ſituado em dezaſeis gráos ao Nórte, que divide os Mouros dos Jalofos, e paſſando adiante, deſcobrio as Ilhas de Cabo-verde; Luiz Cadamuſto Genovez deſcobrio a Ilha Terceira, paſſaraõ ao Cabo de Râ, e deſcobriraõ outras Ilhas, que por todas ſaõ onze, Boa-viſta, S. Tiago, S. Filippe, S. Chriſtovaõ, Brava, S. Nicoláo; S. Vicente, Roſabranca, Santa Luzia, Santo Antonio, e outra de S. Tiago, como a ſegunda. Certos Portuguezes, que navegaraõ ao meſmo tempo pelo Eſtreito de Gibraltar, correndo para Loeſte com tempeſtade, fôraõ parar em huma Ilha, em que havia ſette Cidades povoadas de gente Portugueza, a qual vendo-os com ſumma alegria, lhes perguntaraõ noticias de Heſpanha, donde ſeus avôs tinhaõ fugido quando ſe perdeo o Rey D. Rodrigo, e entraraõ os Mouros. Deſcobriraõ-ſe no meſmo tempo as Ilhas de S. Thomé debaixo da linha Equinocial, a Ilha do Principe, o Reino de Beni, e tudo o mais até a Serra Leoa. Joaõ de Santarem, e Joaõ de Eſcobar, deſcobriraõ o Reino da Mina, e Fernando Pó outra Ilha, a quem pôs o ſeu nome: deſcobriraõ-ſe as nove Ilhas dos Açores, aſſim chamadas, por terem em ſi muitas deſtas Aves, em huma dellas, que ſe chama do Corvo, cavando-ſe no alto de hum monte, acharaõ huma eſtatua de hum homem nú, cabeça deſcoberta, a maõ eſquerda nas crines do cavallo, e com a direita apontando para o Poente, e plantada a eſtatua ſobre huma

pe-

pedra que nunca foy distincta, porque a baze, o cavallo, e cavalleiro, tudo era feito de huma só pedra, e logo mais abaixo em huma rocha estavaõ humas letras; que nunca se puderaõ conhecer: O mais ouvireis quando se contar o descobrimento de cada Ilha, e o mais succedido nellas, que he muito divertido, e tragico. Governaraõ a Igreja de Deos nesses tempos, Eugenio IV., Nicoláo V., Calixto III., Pio, e Paulo segundos, Sixto IV.: teve principio o nomearem os Reys Bispos para as Diecezes dos seus Reinos, foy esta nomeaçaõ primeiro do pôvo, depois só dos Cabbidos, agora passou aos Reys. Juntou-se ao Reino de Aragaõ o de Napoles, floreceraõ S. Francisco de Paula, e S. Diogo; em letras, Platina, Calepino, Virgilio, e outros muitos: inventou-se na Europa a arte de imprimir, que na Asia era mais que velha nesse tempo, e por melhor modo: perdeo-se a Cidade de Constantinopla, e acabou o Imperio do Oriente; unio-se o Reino de Aragaõ ao de Castella. Naõ foy necessario por morte de D. Affonso acclamar Rey seu filho, porque ja em sua vida tinha sido acclamado: em Lisboa a quatro de Mayo de mil quatrocentos e cincoenta e cinco, nasceo o nosso Rey D. Joaõ II., Rey decimoterceiro, hum dos mais excellentes Principes, que teve o mundo, chamado em todo elle o Principe perfeito: ja dissemos que acompanhou a seu pay na tomada de Arzila, aonde na idade de dezaseis annos adquirio eterna fama, e seu pay o armou Cavalleiro na Mesquita, ja nesse tempo Igreja: ja contamos como entrou por Castella a soccorrer seu pay, e como na batalha de Touro ficou no campo vencedor, de sorte que dizia a Rainha de Castella, que se naõ fosse o frangaõ, lá lhe ficava o gallo; isto he, senaõ fosse o nosso Principe soccorrer seu pay, ficar-lhe-hia prizioneiro, assim como só ficou vencido, mas

feguro com o exercito vencedor do filho: nefta batalha cativou prizioneiro de guerra ao grande Heroe D. Henrique Henriquez, Conde de Alva de Lifte; e era tal a modeftia, politica, e generozidade do noffo Rey D. Joaõ em taõ poucos annos, que depois de dar as ordens neceffarias para cautéla, depois da victoria, conduzio o Conde prizioneiro, velho veneravel, á fua tenda, e nella lhe pedio perdaõ de lhe ter tocado nas coftas com a lança, quando andaraõ no ardor da peleja: pafmou o velho, ouvindo da boca de hum Principe coufa taõ nova, e depois de lhe agradecer efte honra nunca vifta: *Naõ o fintais, Senhor* (diffe o Conde) *pois niffo naõ perco a honra que ganhei em tres batalhas campaes com fettenta annos de idade, nem taõ pouco vós a gloria do que hoje obraftes, ja mais ouvida de nenhum outro Principe.* Taõ grande era o noffo D. Joaõ II., que pode tirar efte elogio da boca de hum feu contrario Caftelhano, Conde, General, velho, alentado, e verdadeiro. Eftava feu pay em Caftella, quando os Caftelhanos ganharaõ a Villa de Alegrete, e eftava ja em França, quando elle cercou os Caftelhanos na mefma Villa, tendo dezafette annos de idade; porém com tal valor, e induftria Militar, que os cercados pediraõ as vidas, e o que pudeffem levar ás coftas, e deixaraõ a Praça; o mefmo fizeraõ logo os de Pedra-boa, Ferreira, Noudar, e outros Lugares, mandando-lhe as chaves ao caminho por feus Procuradores: O Commendador maior de Leaõ D. Affonfo de Cardenas, que depois foy Meftre de S. Tiago, e era Fronteiro entre o Téjo, e Guadiana, entrou com tres mil lanças, e treze mil Infantes até ás portas de Evora: teve difto noticia o noffo Principe D. Joaõ, achava-fe fem gente, nem meyo algum prompto para impedir-lhe o paffo, e menos vencê-lo; porém intrepido, lhe mandou dizer a

toda

da a pressa por hum criado: *Que sabia qual era o u intento, e para escuzar-lhe o trabalho, lhe rogava uizesse espera-lo naquelle mesmo sitio, porque sem lta se veria com elle na manhãa seguinte.* D. Affon- julgou que o Principe naõ faltaria em vir, como e mandou dizer, e foy tal o medo, que fugio sem rdem alguma, de sorte que tendo noticia deste dezati- o D. Diogo de Castro, e Ruy Casco, lhes sahiraõ o encontro no porto de Mouraõ, e com cento, e incoenta lanças mataraõ muitos, cativaraõ mais de em, e fizeraõ que o resto de todo voasse desmantela- o. Ja contamos a heroica façanha de entregar o Rei- o ao pay, depois delle lho renunciar, e o ter accla- ado o pôvo, naõ sendo possivel conseguir delle o ay, que ao menos ficasse com parte do Governo: orto elle, o tomou todo segunda vez, tendo de ida- e vinte e seis annos, com tal prudencia, justiça, e trepidez, que intentou logo, e conseguio com tra- alho a refórma do Reino, que as necessidades, des- uidos, e demasiados favores dos Reys passados ti- haõ reduzido a hum tal estado, que o Rey (dizia el- e) só herdava o titulo, e os caminhos, porque o mais udo era dos Grandes do Reino: publicou logo a no- avel Ley, de que nenhum Senhor de terras tivesse urisdiçaõ criminal; e como isto era a favor do pôvo, ue, com a justiça de baraço, e cutelo dos Donatar os, ivia summamente opprimido, e afflicto, abraçou a ey com summo gosto, de sorte que os Grandes naõ se ppuzeraõ á sua execuçaõ, porque se acharaõ todos em gente para o fazer, o Rey conseguio o intento, icou amado do pôvo, mas exposto a outros odios, ue lhe déraõ cuidados: como o seu intento era esta- elecer no Reino a perfeita harmonia, com que desde o eu tempo se governa atégora, conhecendo huma só ca-

beça

beça a Monarchia toda, e delle, como o corpo humano, tendo todas as dependencias, recebendo as mercês, e determinaçoens; mandou que os seus Corregedores entrassem, e fizessem o seu officio nas terras dos Donatarios; fez que os Grandes conhecessem, que eraõ vassallos, e que só havia hum Rey para governar a todos: houve quem neste tempo lhe disse que o Duque de Bragança D. Fernando segundo, Senhor o mais poderozo neste Reino, e o mais sentido das Leys do Rey novo, ou para vingar-se das regalias perdidas, ou para eximir-se das Leys novas, tinha em Castella damnozas conrespondencias: e como estas noticias, ainda quando saõ falsas, obrigaõ justamente a que os Reys as supponhaõ verdadeiras, o nosso prudentissimo Monarcha, como Principe perfeito, primeiro o admoestou caritativo, mas crescendo contra elle os avizos, e o odio, determinou prendê-lo, e sentenciá-lo e para evitar resistencia, e tumulto, esperou que elle chegasse a Evora, acompanhando a Princeza Dona Izabel, espoza de seu filho, e depois de o convidar para assistir-lhe ao despacho, e acabado elle, lhe dizer que era necessario constasse a sua innocencia ao povo, o deixou da sua maõ prezo em hum quarto do Paço, aonde elle mostrou a innocencia, sem nunca defender-se, porque levando-lhe para isso os cargos, respondeo com as palavras da Igreja: *Naõ entreis Senhor em juizo com o vosso servo*; e instando-se-lhe depois, que désse outra resposta para a sua defeza, respondeo que estava com o seu Confessor cuidando na sua alma; a outro que lhe dizia tivesse boa esperança; disse que hum homem taõ grande naõ se prendia para soltar-se: em fim buscou-se a Secretaria do Duque, e como os seus accuzadores principaes eraõ os seus criados, e o seu mesmo Secretario, certo estava que entre os

pa-

papeis; do Duque se haviaõ achar muitos introduzidos por elles, e falsos, com que se provassem os seus testimunhos; e esta foy a causa, porque o Duque desde o primeiro instante da prizaõ nunca fez cazo da vida, porque logo conheceo que os inimigos, e accuzadores eraõ de caza, e como a sua desde o seu prin ipio se servio com Fidalgos, e Cavalheiros illustres, Militares, seus, e tantos, que nesta funçaõ da Princeza o seguiaõ tres mil; assentou que gente desta qualidade havia merecer todo o credito fallando, e naõ havia fallar sem primeiro fundamentar solidamente o seu danado intento: em fim o Rey nomeou muitos Juizes, processaraõ-se os chamados crimes, déraõ-lhe sentença de morte; o Rey assistio aos votos em huma sala, que se preparou para isso, e ouvindo o primeiro, chorou logo, e nisso esteve até ouvir o ultimo: o Duque recebeo a noticia com a mayor constancia de animo, que só a in nocencia pode ministrar ao vil barro: levantou-se na Praça de Evora o cadafalso, e quando pela manhãa o conduziraõ a elle, ainda naõ estava acabado, deraõ-lhe huma cadeira para sentar-se, e elle, vendo o theatro, disse que estava bem á Franceza, porque em França, aonde esteve, tinha visto outro similhante, encostou-se na cadeira, e dormio, chamaraõ-no para subir, e morrer; e tanto que chegou ao alto, olhando para a Cavallaria, que estava no terreiro, notou que hum Militar seu criado, e Coronel, ou Capitaõ nesse tempo, tinha no elmo muitas, e novas plumas, e disse aos que o conduziraõ: *Muy bizarro está fulano*, ja he força de amor, e sentimento em hum criado assistir á morte violenta de seu amo, podendo evitar isso, mas que fosse cortando hum braço, e o mais he sahir com plumas novas, e arnez luzido para assistir ao acto: mas porque o Duque tinha criados desta casta, lhe tiraraõ

a ca-

a cabeça, e a vida. Contar-vos-hey huma couza maravilhoza, próva de innocencia do Duque, no sentir de muitas pessoas doutissimas, a mais rara: elle, todos os seus ascendentes, (excepto o Infante) e os seus successores estaõ sepultados na Capella mór do Convento de Santo Agostinho de Villa-viçoza, em Mauzoleos de pedra, de notavel archictetura, começou esta obra o Rey D. Joaõ o IV., e acabou-a seu filho D. Pedro II., traslaõando os ossos do antigo deposito para este Convento, e he certo, porque eu especuley depois de outros de melhor juizo, que nem ao fazer dos Mauzoleos, nem antes, se escolheraõ pedras especiaes para o do Duque degolado, mas sim feitos os seis na Capella mór, lhe fôraõ pondo as portas de pedra pela ordem da successaõ, e antiguidade no Ducado, de sorte que por acaso, e por isso *mysterio*, coube ao Duque degolado hum Mauzoleo, no qual a natureza esculpio hum cordeiro com as mãos atadas na pedra de Montes Claros azul, e branca, mais perfeito, do que se o fizesse o pincel do artifice mais primorozo, e quanto mais se retira do Mauzoleo quem o observa, melhor parece, e mais natural: couza he esta que ainda naõ achei em Author algum, e taõ certa, que eu a vi, e se vê na dita Igreja a toda a hora, e naõ julgar della mysterio parece rudeza, ou tenacidade de juizo. Basta, vinde á manhãa sedo.

FIM

DA TRIGESIMASETTIMA PARTE.

LISBOA:

Na Officina de Ignacio Nogueira Xisto.

Anno de 1760.

Com todas as licenças necessarias.

ACADEMIA DOS HUMILDES, E IGNORANTES.

CONFERENCIA XXXVIII.

NOtavel desengano (disse o Soldado no dia primeiro de Outubro) vos offereci para desprezar o mundo, e amar este retiro, na desgraça do Duque D. Fernando: a quem naõ livrou a innocencia, grandeza, parentesco, e valentia, de aleivozos, e traidores de caza, agora contarvos-hey couza maior, porque naõ he innocencia juridicamente castigada, com próva, que sempre ficou em dûvida, pelo que ja disse, mas sim conjuraçaõ horroroza, e sem dûvida alguma justissimamente castigada; D. Diogo, Duque de Viseu, irmaõ da Rainha, e primo do Rey, assentou comsigo matá-lo, e communicou o pensamento a D. Garcia de Menezes, Bispo de Evora, (era entaõ só Bispado) D. Fernando seu irmaõ, D. Pedro de Albuquerque, o Conde de Penamacor seu irmaõ, D. Gutterez Coutinho, D. Alvaro de Attaide, D. Pedro seu filho, e D. Fernando da Sylveira, todos estes approvaraõ o intento, e se offereceraõ para ajudá-lo, porque daquélla morte seguia-se o ser Rey o tal Duque de Viseu; porque o Rey naõ tinha successaõ, por causa da desgraçada morte do Principe filho unico, e ficavaõ os traidores livres de Leys novas, e

jurar homenagens. O primeiro, que avisou disto o Rey, foy Diogo Tinouco, porque hum dos conjurados andava amancebado com huma irmãa sua, e lho tinha revelado na cama, e ella ao irmaõ por especial providenaia: o Rey prudentissimo naõ lhe deo inteiro credito, mas sempre depois do avizo viveo acautelado: hum dia com todos estes fez jornada acompanhado da sua guarda commûa de Cavallaria; porém desejando partir mais sedo para chegar a Lisboa, ao mesmo tempo, que os Soldados, e cavallos estavaõ comendo, adiantou-se elle só com os conjurados, e elles, que tinhaõ buscado innumeraveis occasioens para o matar, sem o poderem fazer, ja davaõ parabens á sua fortuna de o colherem nesta occasiaõ só; todos estavaõ no mesmo pensamento, como depois huns, e outros o confessaraõ, quando o Rey, a quem Deos como a seu lugartenente, defendia, se lembrou do avizo do Tinouco, e virando de repente o cavallo, sem levantar a voz mais do natural, nem mudar o semblante, disse: *Paray*, isto bastou para os atemorizar, de sorte, que cada hum julgou lhe revelara Deos os seus pensamentos, e que ja os mandava degolar a todos: pararaõ, o Rey só continuou o caminho a passo mais lento, sentio pelo tropel, que vinha chegando a guarda, e por hum della mandou dizer aos conjurados que o seguissem agora. Na Livraria de Luiz de Couto Felix vi este cazo escrito em hum livro de varios pergaminhos, e papeis antiquissimos notados por este Varaõ notavel em tudo, e dizia huma cota á margem, isto foy na verdade o que muitos contaõ de outra sorte. Sobejava esta rara advertencia para os conjurados mudarem de parecer; porém como era acçaõ de clemencia, servio de os abstinar, julgando que antes agora necessitavaõ tirar-lhe mais depressa a vida, porque

que já o Rey tinha alguma suspeita, e tinha cada hum delles em perigo a sua vida: cuidaraõ na execuçaõ da sua idéa; porém faltando-lhes sempre occasiaõ opportuna, fôraõ entretanto convidando outros, e D. Gutterrez foy o primeiro que convidou para isso a seu irmaõ D. Vasco Coutinho, parecendo-lhe que poderia achar mais depressa occaziaõ para matá-lo; porém D. Vasco, vassallo leal, e recto, foy logo dizer ao Rey o que o irmaõ lhe tinha contado, agradeceo-lhe este avizo, chamou com dissimulaçaõ o Duque ao Paço, e passeando com elle lhe disse com muito soccego: *Primo, que farieis vós a quem vos quizesse matar?* *Eu* (disse o Duque) *matá-lo hia antes que me matasse a mim. Pois vós* (disse o Rey) *vos sentenceastes*, e cravando-lhe no corpo hum punhal muitas vezes, o deixou morto: prenderaõ-se logo todos os mais, e perante o Rey confessaraõ juridicamente ser verdadeira a conjuraçaõ; o Bispo acabou miseravelmente a vida em huma cisterna, D. Fernando, D. Pedro de Attaide, e Pedro de Albuquerque fôraõ degolados, D. Gutterez, por intercessaõ de D. Vasco seu irmaõ, morreo prezo, Fernando da Sylveira fugio para França, porém lá por ordem do nosso Rey houve quem lhe tirou a vida: o Conde de Penamacor, que tambem fugio, morreo desterrado, pobre, miseravel, e infame, aonde foy conhecido. Alvaro de Attaide foy o mais bem afortunado, porque o Rey D. Manoel, irmaõ do Duque de Viseu conjurado, e morto, lhe deo licença para vir a Portugal no seu reinado; a Diogo Tinouco deo o Rey huma notavel tença, com que viveo riquissimo naquelle seculo, a D. Vasco fez Conde de Borba: de sorte que o Duque de Viseu, que certamente havia ser Rey, como o foy seu irmaõ D. Manoel, que lhe succedeo no Ducado, perdeo a Corôa por querer

fér Rey mais fedo ; do que Deos tinha determinado; e o Tinouco, a quem fuſtentavaõ os peccados de fua irmãa, livrou-ſe deſta infamia, teve com que a cazar rica, e viver cõm abundancia, por fer leal, e D. Vaſco pela meſma virtude foy Conde, e eſtimado de todo o Reino ſempre. Era o Rey D. Joaõ por ſi capaz de fazer ditozos todos os Reinos do mundo, e ſó o feu Reino o naõ queria ſer, tendo eſſe thezouro, nem elle o podia ſer neſte Reino. Cazou ſeu filho unico D. Affonſo com a Infante Dona Izabel, como ſe tinha ajuſtado nos tratados ultimos da paz com ſeu pay, celebraraõ-ſe as bodas com taes feſtas, que ſe houvermos de acreditar os authores que as eſcreveraõ, ou foraõ as maiores que ſe viraõ, e haõ de ver no mundo, ou tudo o que dizem he fingimento: o que he certo, e ſem duvida de tudo iſſo, que o *Principe*, tendo poucos mezes de noivo, ſahio com alguns Fidalgos a paſſear nas margens do Téjo, e para mayor divertimento, convidou para huma carreira com as mãos dadas a hum Fidalgo, no melhor della cahio o cavallo do Principe, ficando eſte debaixo delle, e de ſorte, que em poucos minutos eſpirou, deitado ſobre palha na cabana de hum pobre peſcador: raro deſengano para todos; e para os Grandes do mundo hum dos maiores, que póde haver. Fóra do Reino era o noſſo Rey mais affortunado, porque neſte tempo deſcobriraõ os ſeus vaſſallos o Reino de Congo, que eſtá em ſette gráos da Linha para o Sul, e foy tal o fervor com que abraçou a Fé toda aquella Provincia, que ſe podia chamar Imperio dos maiores que ſe tem conhecido, ſe foſſe todo culto, e povoado: que os Reys queimaraõ publicamente os idolos; e hum delles, de Rey, paſſou a prégador do Evangelho, chamava-ſe D. Affonſo, e o pay Gentio por morte o deixou desherdado

por

por ser Catholico; e Missionario, acudiraõ-lhe vinte Portuguezes, para cobrar o Reino que seu irmaõ possuia em virtude do testamento barbaro do pay, encontraraõ-se os dous exercitos, o do preto Rey D. Affonso só com vinte homens Portuguezes, e o irmaõ com vinte mil pretos armados, naõ só de armas perigozas; mas envenenadas; e os nossos, vendo a multidaõ, escolheraõ diverso caminho para hum Castello, o qual ganharaõ com tal pressa, que quando chegou o exercito inimigo ja estavaõ dentro: pôs-lhe cerco o injusto Rey novo, mas os Portuguezes, vendo-se apertados, sahiraõ fóra todos, e sendo só vinte, venceraõ os vinte mil cercadores; e se houver quem diga que venceraõ vinte mil, porque eraõ negros, sem mais armas que flexas, e zagaias, quasi nús, e sem fórma, respondei-lhe: que estude pelo livro do mundo, que se prejudique em ir só a Moçambique, e Sena, e saberá o que he valor, e forças de hum preto colerico, e que as armas saõ as que lhe ensinou a fabricar o demonio: e se naõ ouvi o que succedeo neste conflicto. Cativo o cercador, e conduzido ao Castello, reconhecido D. Affonso por Monarcha verdadeiro, assim do irmaõ, como de todo o pôvo, perguntou o irmaõ cativo ao Rey vencedor, quaes eraõ os Soldados que o tinhaõ vencido, e elle monstrando-lhe os vinte Portuguezes, cuidou que lhe mostrava todos: Naõ (disse o Infante preto, e Rey deposto) contra o meu exercito veio outro muito maior com armas, e adornos resplandecentes, e por General hum que excedia a todos, e trazia huma Cruz branca; estes fôraõ os que me venceraõ, e naõ esses vinte, atonito do que vira, e vio converteo-se: o nosso Rey edificou naquellas terras muitos Templos, e a Cidade, e Castello de Mina com tal magnificencia, e grandeza, que para memoria da nova obra, e conquista pôs nos

seus

seus titulos o de *Senhor de Guiné*; assim como seu pay depois da conquista de Arzila, pôs: *Daquem, e dálem mar em Africa*: antigualha que ainda hoje existe, porque saõ poucas palavras, mas naõ se conserva a estatua de prata, que o mesmo Rey D. Affonso, author dellas, pôs em hum Templo de N. Senhora na Cidade de Evora, montado a cavallo, obra que neste Reino cauzou pasmo, ja pelo primor, ja pelo custo, voto do Rey pelo bom successo daquella conquista com que accrescentou o titulo. Huma couza he ser Rey sabio, justo, e perfeito, outra he ser bem affortunado: parece impossivel que algum o seja em tudo, quando Salomaõ, sendo o mais feliz, teve a maior desgraça, que foy idolatrar: venturozo estava o Rey, e o Reyno, quando de Castella expulsaraõ os Judeos, e o nosso Monarcha, costumado a regozijar-se com a noticia das conversoens de Gentios nas suas conquistas, julgou que teria o mesmo gosto agora, e pedindo-lhe elles só licença para se dilatarem neste Reyno tempo determinado, até buscarem nova habitaçaõ, pelo que offereceraõ tributo, lho consentio, sem prever o damno, esperando se convertessem nesse meyo tempo: este o desenganou, porque, acabado o prazo, foy necessario obrigá-los com violencia a sahir: os Ministro executaraõ as ordens commettendo horrendos peccados; e elles vendo-se na honra, e fazenda mais opprimidos, propuzeraõ conveniencias grandes, se os deixassem ficar, e outras menores, se os deixassem ir sem a justiça do Reino os acompanhar: ficaraõ em fim, e antes nos ficasse péste, do que esta, q̃ nos rezultou de communicar tal gente: neste reinado começou o damno, no seguinte do Rey D. Manoel o veremos consumado, e foraõ as maiores desgraças, que tiveraõ, e podiaõ ter estes dous Monarchas raros, perfeitos, e só nisto infelices.

Naõ

Naõ se contentava o coraçaõ magnanimo do nosso Rey com as conquistas de Africa, que ja tinha, e com as novas que ja contamos, fez continuar humas, e outras com tal vigor, que descobrio o Cabo tormentozo, chamado de Boa Esperança, ultima parte de Africa, abrindo as portas áquella navegaçaõ tantos seculos depois espantoza, e antes julgada por impossivel, ainda hoje dilatada, e penoza: mandou descobridores á India por terra: e a Cidade de Azamor, ultima povoaçaõ do Reino de Fez, temendo as nossas armas, se lhe fez tributaria. A gloria maior do nosso Rey era conhecer todos os seus vassallos, tinha hum livro occulto, no qual escrivia os nomes de todos os benemeritos, para remunerar-lhe os serviços: nunca consentio se lhe pedisse mercê por terceira pessoa, tendo o sujeito merecimento para pedî-la, e a hum Cavalheiro que fez o contrario mandou chamar logo, e disse-lhe taõ irado, como benigno: *Pois tivesse mãos para servir-me, tende lingua para pedir-me premios*; nunca consentia que se dessem cartas de promessa para no futuro ser algum premiado, porq os serviços, dizia elle, haõ de satisfazer-se com a mesma promptidaõ com que fôraõ feitos, e naõ com esperanças, sim com mercês verdadeiras: para melhor satisfazer os serviços dos vassallos que tinha fóra do Reino, guardava sem prover os melhores officios até elles chegarem para lográ-los: chegou de Africa hum, que sempre tinha servido com grande distinçaõ, e do Navio foy ao Paço a beijar-lhe a maõ; recebeo-o com estas palavras: *Vossa mulher, e filhos estaõ bons, porque eu todos os dias mandey saber delles, e naõ tiveraõ cá a menor falta de cousa alguma; vagou cá hum officio de bom rendimento, que guardey para vós, ide ver a familia, e tomar posse delle, para o que vos tenho a provizaõ assinada.* E era taõ expedito na resoluçaõ,

e bre-

e brevidade dos negocios, que havendo dúvidas, e dilações no ajuste de hum com os Embaixadores de Castella, mandou-lhes dous papeis escritos pela sua maõ, ambos juntos, em hum só a palavra: *Paz*, e em outro só a palavra: *Guerra*; pasmaraõ de vêr a sua rezoluçaõ, acceitaraõ a paz, concluindo logo sem a menor dilaçaõ o negocio. Quando vio o Reino no maior socego, e a paz mais segura, entaõ reedificou todas as Praças, e Castellos, encheo os Armazens de provimentos Militares com summa abundancia, como se se preparasse para a mayor guerra: foy o primeiro, que se assinou com fórma, a que vulgarmente chamamos chavaõ, porque, como despachava tanto, houve tempo em que o muito uzo da penna lhe molestou o braço, e tambem por ser mais breve este modo. Vinde á manhãa sedo, que haveis gostar muito.

FIM
DA TRIGESIMAOITAVA PARTE.

L I S B O A:
Na Officina de Ignacio Nogueira Xisto.
Anno de 1760.
Com todas as licenças necessarias.

ACADEMIA DOS HUMILDES, E IGNORANTES.

CONFERENCIA XXXIX.

NO dia quatro de Outubro he que pode continuar a materia da Conferencia passada o Soldado. Foy (disse elle) o Rey D. Joaõ II. o inventor do uzo de artilheria nas embarcações pequenas, de que se seguio temerem os navios grandes dos Estrangeiros a qualquer dos nossos pequenos barcos: ao seu incansavel cuidado se deveo o grande estudo, que tiveraõ os Mathematicos do seu tempo, até descobrirem o modo de navegar tomando o Sol, e governando-se pelos gráos que elle cada dia anda da linha para os Tropicos, ou dos Tropicos para a linha: foy author das homenagens, que desde entaõ juraõ os que vaõ para os governos: estabeleceo Leys santas, e utilissimas, com que fez respeitados, e obedecidos todos os Ministros do despacho, e da justiça, unico remedio para a conservaçaõ da Republica, cujo alicerse he a obediencia ao Rey, e aos seus Ministros: uzava de huma industria para conhecer os affectos do povo, que era publicar as eleições antes de as fazer: nunca se lhe conheceo valido, de sorte que perguntando o Rey Henrique settimo de Inglaterra ao seu Embaixador, q̃ cousa tinha visto em

Portugal mais dignas de admiraçaõ , respondeo : *Hum Rey , que , mandando a todos , ninguem o manda a elle.* Estimava que lhe advertissem os defeitos proprios , fazendo diligencias continuas para conhecê-los : tal foy o amor que teve aos vassallos , que a sua empreza era hum Pelicano derramando sangue do peito com a letra : *Pela Ley , e pela Grey* : acabou a grande obra do Hospital de Lisboa : rezava todas as noites de joelhos os sette Psalmos penitenciaes : foy o primeiro que na Capella Real fez entoar as Horas Canonicas : consentio, á instancia do Papa Innocencio IV., que se naõ examinassem nos seus Tribunaes as Bullas Apostolicas: recebeo de Nossa Senhora da Nazareth hum beneficio igual ao de D. Fuas Roupinho , porque sahindo da Ermida da Senhora huma manhãa de nevoa espessa , se pôs a cavallo , e sem conhecer por onde hia , se achou naquelle horrivel despenhadeiro de trezentas braças de altura ; implorou a Virgem Santissima , hum Fidalgo que o vio no perigo , e por milagre virou no ar o cavallo,tendo ja só os pés no rochedo: foy exactissimo Venerador das couzas , e pessoas sagradas , nem comsigo dispensou nunca as Leys do Reino , podendo licitamente fazê-lo , e sendo talvez necessario para o tratamento , fausto , e respeito de Soberano ; porém sendo amigo de gallas , nunca vestio sedas , porque tinha prohibido aos outros o vestî-las : outra Ley santa pôs contra os jogos , e sabendo que se naõ observava em huma caza de Lisboa , mandou-lhe pôr o fogo , de sorte que morreraõ queimados , os que estavaõ jogando , e vendo , e da noticia do castigo se seguio a observancia exacta da Ley em todo o Reino. Foy muito senteciozo , e agudo nos seus ditos , e com especialidade prompto nelles , para conservar o respeito , e

para

para honrar vassallos: em huma funçaõ publica se pôs hum Fidalgo muito perto delle; ao qual logo disse: *Retirai-vos, naõ cuidem que sois meu valido*; estava sentado hum dia junto a hum bofete com a cabeça inclinada, e hum Fidalgo, julgando que elle o naõ via passou de huma porta para a outra com a gorra na cabeça; vio o Rey a figura na sombra, sem virar o rosto, e na mesma postura, lhe disse com soberania: *O' lá, os Reys naõ tem avesso, nem direito*; para honrar os benemeritos, bastem dous exemplos. Estava jantando em publico assistido de Fidalgos moços, entrou na salla D. Pedro de Mello, heroe, velho, e venerando, a quem pertencia, pelo officio que tinha no Paço, levar agoa ao Rey quando comia em publico, e como era velho, e ja tremulo, no meyo da sala lhe cahio das mãos o pucaro; ficou o velho sentido, e afflicto, e os Fidalgos moços todos se riraõ muito, e com gosto; mas o Rey, honrador em toda a occasiaõ, disse sevéro: *Que fundamento tem esse rizo? Se a D. Pedro lhe cahio das mãos o pucaro em caza, nunca lhe cahio dellas a lança na guerra*; calaraõ-se todos com vergonha, e o veneravel velho recebeo huma nova alma com esta nova honra. Soube que Ale Barraxe, Mouro poderozo, a quem D. Joaõ de Menezes tinha vencido, e cativado, agora, vendo-se livre, se atrevia novamente a vir ás nossas Fronteiras, e disse: *Guarde-se Barraxe, naõ tire eu o açamo a D. Joaõ de Menezes*; querendo dizer nisto lhe naõ davaõ cuidado as insolencias do Mouro, em quanto D. Joaõ de Menezes fosse vivo, e que para o castigar, bastava dar-lhe licença para o fazer: Naõ tem numero os ditos célebres, e venerados deste notavel Rey, e as acçoens heroicas, das quaes sepultou o tempo, e es-

quecimento muitas; e lhe appropriou outras, eu só vos conto o que naõ padece duvida: hum dia no Paço teve hum enfado com Rodrigo de Souza, cavalheiro illustre, e publicamente lhe disse algumas cousas que o affligiraõ, passada a moçaõ da colera, pezou-lhe do que lhe tinha dito, e em publico, e para o satisfazer publicamente, foy logo a sua caza vizitá-lo. Dizia Carlos Oitavo Rey de França, que para humilhar todo o mundo só queria a amizade com o Rey D. Joaõ II. de Portugal. Foy de mediana estatura, cabellos compridos, e rosto prolongado, olhos com algumas vêas de sangue, que o faziaõ temerozo, e respectivo, quando se enfadava: teve extraordinarias forças, de hum golpe só com a espada cortava quatro madeiros, que outros dos mais forçozos daquelles seculos só cortariaõ com muitos golpes, estando separados: na intrepidez de animo, parece foy unico, appareceo-lhe no Paço huma noite hum defunto, e disse-lhe necessitava fallar com elle na praia, e promptamente o fez: assim o refere Manoel de Faria no Epitome, e na Europa o conta de outra sorte, dizendo que a fantasma o viera buscar á cama, que elle a seguira com huma véla acceza, e a espada núa, e perdendo-a de vista nos lugares mais occultos, e medonhos da caza, se restituira com tal socego á cama, que logo dormira. Memorias achey, e tradiçóes ouvi, de que em certa Igreja, ou adro della em Lisboa o tinhaõ visto fallar com certo Fidalgo defunto, e que este, se prezumira, lhe déra para a conservaçaõ da sua vida hum importante avizo: hum dia a pé com a Rainha entrou no corro para vêr huma festa de touros, tinha sahido hum do touril por descuido dos vaqueiros, e tanto que vio os Reys, correo a investí-los summamente bra-

vo,

vo; naõ se alterou á viſta diſſo, vendo que todos os Fidalgos, e criados tinhaõ fugido, tirou a eſpada, e pondo-ſe diante da Rainha, eſperou o touro, e tirou-lhe a vida com huma ſó cutilada: em hum painel, que ſe dizia ter ſido de D. Vaſco Coutinho, eſtimado por ſer pintura daquelle tempo, vi em Bolonha pintado eſte cazo. Adoeceo, e alguns ſuſpeitaraõ que fôra de veneno, (o que naõ creio) determinaraõ os Medicos foſſe tomar os banhos das Caldas de Monchique no Reino do Algarve: em Lagos lhe moſtraraõ hum oſſo de S. Gonçalo, de que ja vos demos breve noticia, e elle depois de o venerar com ſumma devoçaõ, dizendo-lhe o Prior da Matriz, que a cabeça, e mais oſſos eſtavaõ na Igreja de Noſſa Senhora da Graça de Torres-Vedras, mandou logo eſcrever huma carta ao Senado daquella Villa, dando-lhe os parabens de gozar as reliquias de hum taõ grande, e milagrozo Santo: deſta carta rezultou o juramento, e Confraria, que logo erigio a Camera, cujo original eſtá no Cartorio do Convento, e trasladado nos livros do Senado: crefceo a doença, e retirou-ſe das Caldas para a Villa de Alvor, que fica perto, aonde falleceo no anno de mil quatrocentos e noventa e cinco, a vinte e cinco de Outubro, mez ſempre doentio naquelle Reino, e para melhor dizer, todo o Outono: tinha de idade quarenta annos, e de Reinado quatorze; foy ſepultado na Sé de Sylves, entaõ cabeça do Biſpado do Algarve, da qual o trasladou para o Convento da Batalha ſeu primo, e ſucceſſor no Reyno, D. Manoel com pompa nunca antes viſta em acto funeral: aberto o ſepulchro para a trasladaçaõ, o acharaõ inteiro, incorrupto, e lançando hum ſuaviſſimo cheiro, que a todos cauzou devoçaõ, e confirmou no

juizo,

juizo, que desde a sua morte tinhaõ feito, de que era Santo: o Rey D. Sebastiaõ, quando fez abrir todos os sepulchros dos Reys, o achou da mesma sorte, e he tradiçaõ constante no Convento da Batalha, que assim existe: foy cazado com Dona Leonor sua prima, filha do Infante D. Fernando, Duque de Viseu, e de Dona Beatriz, filha do Infante D. Joaõ, Princeza de formosura singular, engenho raro, partes, e virtudes dignas de Imperio: mostrou-as nas acçoens de sua vida, e todas juntas em huma, que foy a mais excellente da sua ardentissima caridade, com que fundou a Caza da Misericordia de Lisboa, sendo com este exemplo cauza de que se fundassem todas as deste Reino, e depois em Hespanha: desejou o nosso Rey que lhe succedesse na Corôa seu filho illegitimo D. Jorge; porém naõ pode alcançar a concessaõ do Summo Pontifice Alexandre VI., nem vencer a justa oppósiçaõ da Rainha, por ser isto em prejuizo de seu irmaõ D. Manoel, parente legitimo, e successor, primo com irmaõ, direito conhecido; a este deixou o filho recomendado, e D. Manoel o tratou com tal mimo, e entremo, que dormio sempre com elle no mesmo leito até cazar, e quando teve idade competente lhe deo tanto, que só lhe naõ ficou a Corôa, e dominio; foy Duque de Coimbra, Marquez de Torres-Novas, Mestre das Ordens de S. Tiago, e Aviz, Senhor das terras do Infante D. Pedro, e da Villa de Aveiro, tronco deste Ducado, com o appellido de Alencastro: cazou com Dona Beatriz de Vilhena, filha de D. Alvaro de Portugal, filho do Duque de Bragança, a mãy se chamou Dona Anna de Mendoça de conhecida nobreza, morreo Commendadeira do Mosteiro de Santos em Lisboa; filho legitimo só teve hum o nosso

Rey

Rey, que foy o Principe D. Joaõ desgraçadamente fallecido junto a Santarem da quéda de hum cavallo; instituio o Tribunal do Dezembargo do Paço com menos Ministros do que hoje tem: reduzio á ultima perfeiçaõ as Armas do Reino, e assim ficaraõ para sempre no modo mais regular, e perfeito: vendo que naõ estavaõ segundo as Leys da Amaría, em que foy insigne, determinou que os Castellos fossem só sette, que os escudetes todos ficassem naturalmente direitos, tirou-lhe a Cruz de Aviz, e só ficou a Serpe de S. Jorge defensor do Reyno, por timbre: mandou lavrar differentes moédas no seu tempo, humas de ouro, a que chamou Justos, porque de huma parte tinhaõ as Armas do Reino, e da outra o Rey sentado em cadeira com a letra: *Justus ut palma florebit*, cruzados, espadins, reaes, e meyos reaes de prata, que chamaõ vintens, porque vale cada hum vinte maravidiz, e de cobre muitas, e varias. A seu filho D. Jorge fez Duque de Coimbra, como o tinha sido seu bisavô D. Pedro Infante extincto: a D. Manoel seu primo, e cunhado, successor no Reino, Duque de Viseu no mesmo dia em que lhe matou o irmaõ: a D. Pedro de Menezes, Conde segundo de Villa-Real, fez Marquez da mesma Villa: a D. Vasco Coutinho, filho do Mariscal D. Fernando, que lhe revelou a conjuraçaõ do Duque de Viseu, fez Conde de Borda. Fôraõ no seu tempo insignes em armas, e descobrimentos D. Diogo de Almeida, terror de Africa, D. Joaõ de Menezes Governador de Tangere, o Conde de Borda D. Vasco Coutinho, que com settenta lanças desbaratou quinhentos de Mouros, cujo Alcaide prezo lhe perguntou se trazia mais gente, e respondendo-lhe que naõ, disse: *Em fim, hoje foy Deos Christaõ, outro dia se-*

rá

ra Mouro; mais que todos D. Fernando de Me
zes, filho do Marquez de Villa-Real, que á forç
armas ganhou a Cidade de Targa na mesma Costa
a Cidade de Comice, situada no mais alto de hu
serra, á qual os Mouros chamavaõ encanto, por
julgavaõ impossivel a sua conquista. Diogo Cano (
descobrimentos) chegou ao Rio, e Reino de Manic
go, Joaõ Affonso de Aveiro ao de Beni, e tro
a primeira pimenta que se vio em Portugal, Bart
lomeu Diaz descobrio de todo o Cabo da Boa Es
rança, que no Mappa das peregrinaçoens do Infa
D. Pedro se chamava Fronteira de Africa, creio
tentava dizer focinho de Africa, que he o nome n
proprio. A' tarde explicarey o dito, e o mais, que
muito, e deliciozo.

FIM

DA RTIGESIMANONA PARTE.

LISBOA:
Na Officina de Ignacio Nogueira Xisto.
Anno de 1760.

Com todas as licenças necessarias.

ACADEMIA DOS HUMILDES, E IGNORANTES.

CONFERENCIA XL.

DE tarde proseguio a materia da Conferencia passada o nosso Academico, contando os descobrimentos do Rey D. Joaõ o II.: Prometti (disse elle) explicar o motivo, porque melhor se podia chamar ao Cabo de Boa-Esperança Focinho de Africa, do que Fronteira, porque Fronteira suppõem que adiante se continûa alguma terra de outra Monarchia, e a deste Cabo só tem diante de si o mar do Sul, no qual sonharaõ a terra incognita, os que se contradizem a si mesmos; porque huns dizem, que he incognita, e já conhecida, e descoberta, que saõ contraditorios; e para mais se condenarem, dizem que já lá fôraõ descobridores Olandezes, e Francezes, que viraõ o Paiz cheyo de arvoredo do tempo do Diluvio, ao que parece, pela sua inexplicavel grandeza; e que deixando alguns homens na terra, em quanto hiaõ buscar familias para a povoarem, quando vieraõ com ellas, nem acharaõ os homens, nem final das cabanas em que os deixaraõ, e só viraõ na praya pégadas de homens, do tamanho de hum covado cada

huma. Se alguem vos contar isto, assentai que he fabula; porque eu viagei esses Reynos ambos, fallei com os homens mais doutos, e bem instruidos, andei em Náos de todas as naçoens por esses mares, e todos me certificaraõ, que nem tradiçaõ, nem historia havia de tal facto, e tudo era taõ certo, como os homens de hum só pé, e hum só olho; os de duas orelhas, que huma he cama, outra cobertor; os de hum pé tamanho, que lhes toma o sol para descançarem á sombra; os que naõ tem cabeça, e dous olhos no peito, como introduzio hum Herege nas obras de Santo Agostinho nos Sermoés aos seus Frades no Ermo; os Pygmeos, ou Enanos, e outras mil fabulas de que estaõ cheyos os livros, e as cabeças dos enganados, dizendo, que tudo isto há na India, quando he certo que nada disto há nella, e parece se descobrio para refugio de todas as mentiras da historia. Eu vi todas as mayores, e melhores Provincias della, já militando, já peregrinando, de tudo me informei, e tudo he falso; e para o ser tudo, basta certificar-vos que huns animaes que em Portugal estimaõ alguns muito, chamados Porquinhos da India, he bicho que nunca lá se vio, nem Deos o creou em toda a Asia; e se algum de vós lá tem amigo, ou parente, naõ lhe póde mandar cousa mais estimavel, do que hum cazal destas savandijas, que lá merecerão as estimaçoens mais raras, porque as cousas de Portugal mais viz, e ridiculas, as gozaõ lá, até das Senhoras; e para exemplo basta dizer-vos, que do biscouto preto, e mofino fazem, por estimaçaõ de ser cousa do Reyno, doce, chamado Aloâ, á força de mixtos, e industria, suavissimo: assentai pois, que tudo o que vos contaõ da India, Abexim, e outras Provincias

he mentira; e que tal terra incognita naõ ha neste mundo, e por isso naõ tem o Cabo de Boa-Esperança de quem, ou a quem ser Fronteira; he sim a ultima parte de Africa ao Sul da linha Equinoccial, Paiz delicioso, sadio, abundantissimo; tem cincoenta legoas de largo, na força do Inverno muito tormentoso; junto á terra correm as agoas para o nosso Oceano, de sorte, que sem vento dizem que já o passaraõ algumas Náos levadas pela corrente das agoas; e o que só posso testimunhar de vista he, que a corrente he muito arrebatada junto á terra do Oceano Indico para o nosso, mais ao largo outra corrente opposta do nosso Oceano para o Indico, e a superficie das agoas sem algum movimento, padecem o rigor do Inverno quando nós gozamos o Veraõ; e ja vos disse o motivo há muito tempo: naõ tem porto algum seguro, e só he habitado dos Inglezes na Cidade de Tafel-Bai, povoaçaõ de tal abundancia, e delicia; que sendo o degredo dos seus facinorosos, posso dizer que elle, e nós intentamos antes recrear os degradados, do que opprimî-los; nós mandando para Castromarim, delicia do Algarve, os nossos, e elles para Tafel-Bai os seus; mas o porto da Cidade naõ tem segurança, e só este defeito se lhe considera, e só aos que vem de fóra prejudica. Dizem, que este Bartholomeu Dias; quando descobrio todo este famoso Cabo, lhe disseraõ os moradores havia nelle cobras, que serviaõ aos moradores como criados; que debaixo da terra se achava mel, e cera feitos por formigas; e peixes que só se distinguiaõ dos homens, e molheres em viverem sempre na agoa: o grande Manoel de Faria e Sousa, sem lhe dar assenso, o conta, e se he certo que houve entaõ quem disse a Bartholomeu Dias

 sto;

isto, Foy o primeiro logro que padeceraõ os Portuguezes naquelle tempo, em que por naõ terem visto aquella grande parte do mundo, a cousas mais fabulosas dariaõ credito. Navegando mais descobrio o rio do Infante, quando Pedro da Covilhãa, e Affonso de Payva por terra chegaraõ a Rodes, Alexandria, e Cayro, embarcaraõ no mar Roxo, viraõ a Cidade de Adem, e aqui divididos, o Payva foy para a Ethyopia, e o Covilhãa para a India; vio Cananor, Calecut, Goa, e dahi buscando a Costa de Africa no Oceano Indico, que atravessou todo, vio Sofala, Moçambique, Quiloá, Mombaça, Melinde: só quem viveo nestas terras, e fez viagem de humas para outras, pasma desta primeira do nosso Portuguez em tempo, que a navegaçaõ tinha mais perigo, e em Navios de barbaros traydores, como depois experimentou o Gama tantas vezes; dahi veyo outra vez á Cidade de Adem, aonde tinhaõ ajustado o juntarem-se ambos, e achou noticia de que o companheiro tinha fallecido no Cayro, aonde outros dizem fôra o ajuste do ajuntamento, e que de lá sabendo era morto, tornara para Adem, e dahi a Ormuz, situada em 27 gráos no tropico de Cancro; vio todo o Preste Joaõ, e foy o primeiro que o vio todo: cheyo de noticias dos Paizes mais deliciosos, e dignos de serem vistos, se recolheo a este Reyno, aonde teve premios conrespondentes a taõ grandes trabalhos, e taõ necessarios para os descobridores futuros. Neste tempo Christovaõ Colon Genovez, com a sua industria, e noticias que hum descobridor Portuguez lhe deo da America, se offereceo ao Rey para lhe descobrir as Indias Occidentaes; facilmente despreza as cousas, quem abunda em riquezas, os nossos descobrimentos eraõ já

tantos;

tantos, e taes; que desprezamos este; os Reys de Espanha convidados de Colon concorrerão para elle: assim continuarão os dous Reynos descobrindo outros dous mayores, e novos; elles pela parte Occidental da America, e nós pela Oriental, até que foy necessario dividir aquelle novo mundo, para o que se juntarão em Tordesilhas Ruy de Sousa, e D. João seu filho, e o Doutor Ayres de Almada, Portuguez, D. Henrique Henriques, D. João de Cardenas, e o Doutor Maldonado, Castelhanos, e partindo o mundo por hum meridiano, que está trezentas e settenta legoas ao Poente das Ilhas de Cabo Verde, lançando huma linha nelle do Norte ao Sul, ficou sendo dos nossos Monarchas a ametade que fica para Levante, e dos Reys Catholicos a que fica para o Occazo. Dous Summos Pontifices reynarão no tempo do nosso memoravèl Rey D. João, Innocencio VIII., e Alexandre VI.; e o successo mais digno de memoria em Espanha, foy ganharem os Reys Catholicos o Reyno de Granada. Sepultado na Sé de Silves o nosso Monarcha, acclamarão Rey seu primo D. Manoel em Lisboa: tinha nascido em Alcouchete no dia solemnissimo do Corpo de Deos, no ultimo de Mayo de mil quatrocentos e sessenta e nove, chamarão-lhe Manoel, porque estando o parto em notavel perigo, tanto que passou por diante da porta o Santissimo Sacramento, nasceo o dito Infante livre de todo, dando a seus pays o gosto dezejado, e mostrando desde o nascimento, era seu de justiça o titulo de Feliz, que depois lhe deo o mundo. Hum Astrologo lhe pronosticou que havia ser Rey de Portugal, porém elle como Sabio, e virtuoso desprezou o vaticinio, que ainda sem ter essas virtudes desprezaria logo, porque erão tantas as

pessoas

peſſoas Reaes neſſe tempo, álem de ter outro irmaõ mais velho que era D. Diogo, que parecia temeridade eſperar o Sceptro, mas ainda que creyo firmemente o naõ advinhou, nem podia advinhar o Aſtrologo, ſe he certo o diſſe, Deos lho inſpiraria, e o tempo o moſtrou dando-lhe Deos a Corôa, como a parente mais chegado do Rey D. Duarte, e primo do Rey defunto. Pronoſticou-lhe tambem a felicidade do ſeu reynado taõ proſpero; que ſe foſſe Rey dos Romanos no tempo de Gentiliſmo, diriaõ que todos os Deoſes lhe entregaraõ o Sceptro: moſtrou que mais era Rey dos elementos, do que dos vaſſallos, e mais dos eſtranhos que dos proprios, e naturaes: Foy jurado Principe ſucceſſor de toda a Eſpanha em Toledo, Senhor de todos os mares, Imperador do Oriente; em fim, depois de ſucceder ſó as fortunas de todos os Monarchas, e Heróes, foy tambem ſucceſſor do Apoſtolo S. Thomé, arvorando as bandeiras da Cruz em toda a Aſia, fazendo enſinar a Fé ás naçoens mais barbaras, alcançando victorias innumeraveis, e famoſas de todas ellas, fundando populoſas, e muitas Cidades, Villas, Caſtellos, e Praças fortiſſimas com immortal credito das noſſas armas entre gentes fortiſſimas, guerreiras, ſem numero, e incomparavelmente induſtrioſas. Algum dos muitos ouvintes, que tenho, poderá reparar no muito que encareço o valor dos barbaros, a quem vencemos na Aſia neſſes felices ſeculos, e como eu já conheci muita gente, que julga ſerem os naturaes da India todos, o meſmo que cágados dos noſſos Reynos, he precizo dizervos em breves palavras o que vi com os olhos, e contaõ as hiſtorias mais verdadeiras: Saõ os naturaes da India fortiſſimos dos membros todos, e para o

ſerem

ferem basta naõ cortarem as barbas, em que já vos disse, e mostrei consistiaõ as forças; naõ têm as doenças, e achaques que nós temos, de que se segue conservarem excellentemente o vigor natural, e a causa de naõ serem achacados, nasce do uso dos mantimentos incorruptiveis de que usaõ toda a vida, que saõ legumes, hervas, manteiga, e leite; e o que mais conduz para os fortalecer, he hum legume que os Portuguezes naõ usaõ, senaõ quando os persegue muito a fome, e entaõ por ser fortissimo lho naõ coze o estomago, chamado Orîda, taõ capaz de communicar forças, e calor, que os cavallos de todo o Oriente, que usaõ deste alimento, soffrem jornadas dilatadissimas por caminhos asperrimos, e serras, e sem comer, nem beber muitos, e muitos dias: saõ colericos, attrevidos, falsos, aleivosos, sem piedade, lealdade, palavra, nem vergonha, de sorte, que se quando nós fomos á India, e os achamos taõ fortes como digo, naõ fossemos taõ alentados como nos conhece o mundo, já por falta de ocio, já pelos alimentos menos delicados, de que usavamos nesses seculos, e mais que tudo, por termos muito uso das armas, naõ cortarmos as barbas, e termos o cuidado, e capricho nas forças, certamente naõ haviamos vencê-los em tantas batalhas, e conquistar taõ dilatadas Provincias; e melhor julgareis esta causa, quando eu vos contar miudamente a historia Portugueza da Asia, e combinar os successos gloriosos daquelle seculo, com os que eu vi, e vos consta do nosso tempo. Foy pois o nosso Rey D. Manoel chamado filho da ventura, e o seu reynado o seculo de ouro do nosso Reyno: descobrio a vastissima Provincia de Santa Cruz, a quem depois a cobiça, ou a ignorancia chamou Brasil; o primeiro nome tomou

do

do dia em que foy descoberta; o segundo de hum páo roxo, que produz em abundancia. Descobrio todo o Imperio do Abexim na Ethyopia, o Reyno de Ormuz, e Malaca; em fim toda a India, de quem no reynado de seu anteccessor só tivemos noticias; agora encheo ao nosso Monarcha os thesouros dos mais preciosos metaes, e perolas, enriqueceo os vassallos com os melhores commercios, invejados, e depois com grande fortuna seguidos dos Estrangeiros, e o que naõ conquistou venceo, e povoou na Asia a espada Portugueza no seu tempo, atemorizou o respeito della por tal modo, que lhe mandaraõ Embaixadores os Reys mais poderosos, e para a sua conservaçaõ lhe fóraõ tributarios. A manhãa vinde sedo.

FIM

DA QUADRAGESIMA PARTE.

LISBOA:

Na Officina de Ignacio Nogueira Xisto.

Anno de 1760.

Com todas as licenças necessarias.

ACADEMIA
DOS
HUMILDES,
E
IGNORANTES.

CONFERENCIA XLI.

NO dia cinco de Outubro juntos com os Romeiros, disse o Ermitaõ ao Soldado: Que o silencio dos ouvintes, e o gosto com que nas Conferencias passadas attendia ao delicioso da historia, o obrigára a naõ lhe perguntar huma cousa da India, em que tinha notavel duvida, e vinha a ser: Que a naçaõ Portugueza, segundo tinha lido, tivera as mayores guerras na Asia com os Mouros, e naõ com os Gentios: e o mesmo em Mombaça, Moçambique, e outras Provincias desta Contra-Costa de Africa, e estas naõ usaõ dos mantimentos que usaõ os Gentios, mas sim de todos os que nós usamos, excepto carne de porco, e vinho; de sorte, que para serem mais gloriosas, e memoraveis as nossas victorias, e Conquistas na Asia, naõ he necessario recorrer ao uso dos alimentos, que podem causar com o seu succo mayores forças, porque elles, e os Portuguezes usavaõ os mesmos, e eraõ summamente alentados; o que se próva sem duvida, porque nas mezas dos Reys Portuguezes nunca se usou vinho, moderaçaõ em todos os secu-

los até o prezente admirada, virtuosa, Real, e se naõ fôr unica, ninguem dirá que deixa de ser rara; e naõ obstante isso lemos com certeza tinhaõ os Reys antigos forças monstruosas, e os vassallos as mesmas, sem usarem desse licor, que só para o sacrificio da Missa, e para remedio de enfermos, e achacados devia servir. Diz muito bem nosso irmaõ (disse o Soldado) com Mouros fôraõ as nossas guerras em Goa, como querem muitos, e que a Sé fosse a Mesquita mayor, por ser do Gran Mogor esta terra, e todos os mais portos de mar; porém outros, e melhor, assentaõ que o Rey de Goa era Gentio, e Pagode o que hoje Sé Primacial do Oriente, e a Cathedral mayor, melhor, e de mais respeito que tem o dominio de Portugal: em Dio foraõ com os Turcos; em Mombaça com Mouros pretos; em Ormuz, e mar Roxo com Mouros pardos; e em fim em muitas Provincias com Mouros, e Gentios; porque na Asia, especialmente no Imperio de Gran Mogor vivem huns, e outros juntos, de sorte, que os Padres Agostinhos em Bengala tem licença para baptizarem todos os Gentios, e o Imperador os estima de sorte em sendo baptizados, que lhes chama Franguis, que quer dizer Portuguezes; e na guerra lhes dá soldo dobrado, como aos Portuguezes que lá tem, em quanto vivem, mas tem pena de morte os mesmos Padres, se cathequizaõ, ou baptizaõ algum Mouro, cuja ley seguem os Imperadores do Mogor, e todos os principaes vassallos: porém que duvida he a vossa em materia de forças, depois de confessares em huma Conferencia passada, que ellas só consistiaõ em naõ cortar as barbas, como vós na mesma Asia experimentaste em jogos, e lutas: talvez que os Mouros hoje tenhaõ menos forças por causa do

muito

uito vinho que bebem , depois que os Portugue-
es o levaraõ á India , e o plantaraõ , e fizeraõ na
ersia , porque como he cousa prohibida na sua ley ,
tudo o prohibido se appetece com mayor excess-
o , naõ só bebem todos , homens , e mulheres , mas
ebem até cahirem com os sentidos todos sopitos ,
alienados , e como a pena he metterem as maõs em
goa fria , de sorte , que lhe corra pelos cotovelos ;
or taõ pouca penitencia nenhum deixa a culpa ; e
omo o remedio unico para os Missionarios , e Ef-
rangeiros seculares de todas as naçoens terem os
Vice-Reys , e Governadores Mouros propicios , he
ar-lhe payos , prezuntos , e vinho ; estes , e todos
s seus parentes , mulheres , criados , e Ministros
aõ os mayores bebados ; e com o exemplo destes
que compraõ o porco , e vinho com a justiça , ef-
apaõ della os mais que gozaõ o mesmo por dinhei-
o , ou pannos , diamantes , perolas , e escravos.
Basta de digressaõ nesta Conferencia , ouvi o que re-
ta do feliz Monarcha D. Manoel , e de seus Suc-
cessores , que já sey dezejais contar as vidas dos ou-
tros Principes deste Reyno até á entrada dos Mou-
ros , e depois delles até o Conde D. Henrique , por-
que sey lhe déraõ aqui principio na minha ausencia
em huma Conferencia passada : sedo vos darei esse
gosto. Naõ fôraõ menores as felicidades do nosso
Rey em Africa , ganhou Cidades populosas , e ri-
cas , muito tempo debaixo das suas Leys , e da sua
espada lhe pagou tributos toda aquella grande Pro-
vincia , que contêm as Comarcas de Xerquia , Ga-
rabia , e Dabida. Expulsou deste Reyno os Mouros ,
que ainda nelle havia divididos por varias terras ,
principalmente nas do Algarve ; fez converter á Fé
Catholica os Judeos , que como escravos tinhaõ fica-

do neste Reyno, e já ouvistes na vida do Rey D. Joaõ II., e expulsou os que se naõ quizeraõ converter: obrou nisto o nosso Monarcha com tanta sinceridade, innocencia, zelo da Fé, e caridade santa, como seu anteccessor, quando os admittio por hospedes, e conservou escravos; porém o tempo mostrou os damnos que agora se consumáraõ todos: obrigavaõ a sahir todo o que se naõ queria baptizar, e tiravaõ-lhe as fazendas para o Fisco, porque D. Joaõ os deixou á condiçaõ de naõ possuirem cousa alguma no Reyno, excepto o commercio; e naõ todo: dizem, que naõ só lhes tiravaõ as fazendas aos contumazes, mas tambem os filhos pequenos para os baptizarem; o certo he, que se baptizavaõ muitos para naõ perderem as fazendas, e os filhos; no exterior só ficavaõ Catholicos, e no interior Judeos refinados, e desde esse tempo até o presente nos mostra a experiencia, que assim vivem, sendo este o menor damno para o Reyno, e mayor de todos, o que tem resultado dos seus casamentos em quasi tres seculos. Mandou que os Ecclesiasticos fossem izentos de pagar direitos Reaes. Alcançou a festa da Visitaçaõ de N. Senhora a Santa Izabel; e a do Anjo Custodio do Reyno, mercês do Papa Alexandre VI., que lhe era obrigado naõ só por dadivas, e offertas ricas feitas a elle, e á santa Sé Apostolica, mas por avisos que lhe fez para emendar algumas desordens da Curia Romana: o mesmo Papa lhe concedeo que pudessem casar os Cavalheiros das tres Ordens Militares, Christo, San-Tiago, e Aviz, e que nos Mestrados delles succedessem os Reys; de sorte, que o Rey D. Manoel foy o primeiro que possuio o Mestrado de Christo. A este Papa, e a seu segundo successor Leaõ X., mandou animaes da

India,

India, e da America conduzidos com inexplicavel trabalho de Paizes taõ distantes a Lisboa, e dahi a Roma, com elles offereceo os mais preciosos Pontificaes, que Roma vio bordados de perolas, e pedras preciosas; cujo valor, e custo nunca se póde saber de certo, e fôraõ depois com lastima, e horror da Christandade toda, roubados, e divididos entre soldados no saque de Roma, de que a seu tempo vos daremos noticia: destas dadivas, e offertas resultou conceder-lhe a Sé Apostolica muitas graças, e indultos de louvores, e exquisitos titulos, e mandar-lhe ultimamente o Estoque, e gorra, com que só costumava premiar os Reys, que dilataõ a propagaçaõ da Fé, e de quem recebe a Igreja Romana algum beneficio espiritual. Foy rara a sua devoçaõ, piedade, e temperança; fundou mais de cincoenta Igrejas; jejuava a paõ, e agoa todas as Sextas feiras do anno; acompanhava o Santissimo Sacramento nos tres dias, e noites da semana Santa; vestido de aspero luto, e prostrado no chaõ da Capella em que estava o Sepulchro; acabou o sumptuoso Templo, e Casa da Misericordia de Lisboa, a quem deo principio, e rendas sua irmãa a Rainha D. Leonor, como já vos disse; vestia todos os annos todos os Religiosos de S. Francisco destes Reynos: era Real a pompa da sua mesa, porém religioso, e mortificado o uso della; nunca provou vinho, nem azeite, naõ usar deste foy mortificaçaõ, que do vinho nunca usaraõ, nem usaõ os Reys, e Principes de Portugal; exemplo de temperança em toda Europa: gostava da caça, festas, e danças, e ainda que naõ entrava nellas, mostrava a inclinaçaõ; de que resultou cercarem-no os vassallos muitas vezes dançando disfarçados para divertî-lo, mas ape-

nas

nas havia ter o gosto , remunerando com dadivas
obsequio, retirava-se para mortificar-se a outra sal
do Paço. Foy taõ affeiçoado á Musica, que semp
a tinha em casa , porém quando mais gostoso de o
vî-la , sahia a despachar para ter essa mortificaç
Cazou a primeira vez com D. Isabel, viuva de s
sobrinho o Principe D. Affonso, que já vos cont
morrera desgraçadamente da quéda de hum cavall
era filha mais velha dos Reys Catholicos , e fall
cendo o Principe D. Joaõ , ficou sendo herdeira d
quella Monarchia; pelo que chamaraõ ao nosso R
D. Manoel a Castella , e em Toledo foy jurado ,
sua mulher por successores dos Reynos de Castell
e Leaõ; mas passados poucos mezes, pario a R
nha o Principe D. Miguel , e pouco depois morr
em Ç,aragoça aonde pario , e o Principe tendo vi
te e dous mezes falleceo , de sorte , que só nisto f
o Rey infeliz. Depois o convidaraõ segunda vez
Castelhanos com a Corôa , e Reyno aborrecid
do Imperador Carlos V. , pelos muitos , e grand
tributos que lhes impunha para sustentar exerc
tos , quando o nosso Rey abundantissimo exim
de tributos antigos os vassallos : porém o nosso M
narcha como virtuoso , e politico raro , desp
zou a proposta , estimando mais a amizade , e p
rentesco do Imperador do que a sua Corôa , e pa
melhor próva da sua fidelidade , o ajudou com mu
ta artilheria , e dinheiros contra os mesmos desco
solados , e desobedientes , que o tinhaõ solicita
para o que temos dito : que vidas , honras , e
zendas teria poupado o nosso Reyno , se fizess
isto mesmo os Reys D. Fernando , e D. Affon
V. , que por acceitarem os mesmos offereciment
de Fidalgos Castelhanos , se destruiraõ a si , e a
bo

dos os Reynos, como já vos contamos; julgou o Imperador que lhe agradecia esta rara fineza, offerecendo-lhe a insignia do Tuzaõ; duvidou muito tempo se havia acceitar a offerta, mas para naõ parecer que a desprezava, a usou: huns a honraõ, e outros se honraõ com ella, diz o Faria; porém o certo he, que hum Monarcha naõ tem com que agradecer a outro generosidades taõ grandes, como deveo ao Rey D. Manoel o Imperador Carlos V. Mandou escrever as vidas dos Reys seus Antecessores, e honrou com premios grandes, e publicos aos que as escreveraõ; fez investigar todos os Archivos, edificios, e sepulchros, e de tudo extrahir memorias antigas do Reyno, e Nobreza delle; e para que melhor se conservasse o fructo deste trabalho, mandou reduzir a hum livro com estampas tudo isto, e ainda naõ satisfeito, como quem sabia, e experimentava o muito, ou tudo que extingue o tempo, mandou pintar no Palacio de Cintra o que se achava estampado no livro pelas regras da melhor Armaria, que tem usado o mundo: no tempo de Manoel de Faria e Sousa existio este livro, porque elle o diz; todos sabem a sua verdade, e segurança na historia; porém eu nunca tive a fortuna de o vêr, nem pessoa que delle me desse noticia: em quanto os vassallos adquiriaõ novos brazoens com as armas, se occupava o Rey em eternizar-lhes os antigos em livros, e pinturas: grande Rey para taõ grande gente, porém só tal gente mereceo Rey taõ grande. D. Vasco Coutinho, Conde de Borda, aquelle fidelissimo vassallo, digno de estatua, e memoria eterna, que desprezando todas as ideadas fortunas, que o Duque de Viseu, irmaõ do Rey D. Manoel, lhe offereceo por D. Gutterez seu irmaõ, se concorresse

para

para a morte do Rey D. João II, depois de servir o Rey, e o Reyno com a revelação deste abominavel, e maldito ajuste; agora em Africa adquiria novas glorias para o Rey, e nação na defeza de Arzila, a quem governava, e defendia do mais horrivel cerco, e assaltos, que o Rey de Fez lhe dava com todo o poder de Africa conjurado a extinguir nella o nome Portuguez, recuperando o que o seu inimitavel braço conquistára: não tinha numero certamente o exercito Mourisco, porque como entre elles ha indulgencia, e remissão de culpa, e pena para todos os que militão contra os Catholicos, a cada instante chegavão ao Rey de Fez novos exercitos voluntarios com mantimentos proprios. Juntemo-nos sedo para vos contar este notavel cazo.

FIM

DA QUADRAGESIMAPRIMEIRA PARTE.

LISBOA:

Anno de 1759.

Com todas as licenças necessarias.

ACADEMIA
DOS
HUMILDES,
E
IGNORANTES.

CONFERENCIA XLII.

CAda inſtante era mayor o exercito (diſſe o noſſo Academico neſſa tarde), e o Rey de Fez, vendo o fervor, e devoçaõ, com que toda Africa concorria para expulſar della os ımigos de Mafoma, depois de exhortar as Cabeças aquelle innumeravel exercito, e eſtas aos ſoldados; ıandou conduzir as eſcadas, ſendo elle o primei-ɔ que intentou ſubî-las, para ganhar a mayor das ɔas malditas indulgencias; acudiraõ os Generaes a npedî-lo, e depois querendo ſer cada hum o pri-ıeiro, de ſorte, que a gloria immortal ſem perigo, ɹe julgava cada hum conſeguir, junta com o ex-nplo do Rey, de ſorte lhes excitou a colera, e for-leceo de eſpiritos o coraçaõ, que D. Vaſco, e os ɔucos Portuguezes que tinha a Praça, ſendo todos e inexplicavel esforço, quaſi o perderaõ cançados e vencer; porque ſendo-lhes facil reſiſtir á valen-a dos Mouros, parecia impoſſivel tirar a vida a ıntos, que ſem deſmayarem á viſta dos mortos, e ɛridos ſubiaõ com mais alento que os primeiros, eixando a cada inſtante os vencedores mais desfal-

lecidos, por causa dos espiritos que dissipavaõ em matar tantos Mouros, faltando-lhes o tempo para se alimentarem, quando os Mouros para descanço, e alimento lhes sobejava tempo, esperando a extinçaõ dos que viaõ no conflicto, para elles, fartos, irem gozar no outro mundo á vista de Mafoma o seu imaginado premio; mas como o valor Portuguez mais foy sempre dadiva do Ceo, do que beneficio da natureza; a noite fez cessar o combate, e esperança de render naquelle assalto Arzila; D. Vasco, seu illustre defensor, com os mais festejaraõ a victoria, mas receando como prudente outro igual combate, porque sabia quanto se augmentavaõ os destacamentos cada instante, como já vos disse; escreveo logo ao nosso Rey, dando-lhe conta da victoria, e do perigo em que se achava: recebeo a carta em Evora a tempo, em que sahia do Paço para assistir na Sé a huma festa com Missa cantada, e Sermaõ; o Faria diz, que era na Capella do mesmo Paço tudo; porém eu achey o primeiro em memorias de Luiz de Couto: o certo he, que no mesmo instante dispôs com breves palavras, e letras todo o necessario para o soccorro, sem a menor alteraçaõ de animo; entrou na Capella, ou Sé, e disse: *Naõ haja Sermaõ; ao Deaõ, que seja a Missa rezada; a Vasco Annes Corte-Real, que quando eu sahir esteja o comer na mesa; e a Gonçalo de Faria que tenha bestas promptas para mim, e para o pagem da bandeira.* Ouvio Missa, comeo, mandou escrever poucas cartas para algumas pessoas, e lugares, e montando a cavallo só com o dito pagem da bandeira, partio para a Cidade de Tavira, Reyno do Algarve, pela posta: ora pasmay, Irmãos, que nascestes nestes seculos, todo este foy o apresto, e estrondo

trondo para ſoccorrer Arzila, que ſe eſtava abrazando com todo o poder de Africa diante dos ſeus muros, eſcalada tantas vezes com ardor incrivel, e neceſſitada do mayor ſoccorro, que pudeſſe a Monarchia Portugueza, para conſervar nella a honra com que a expugnara: chegou o Rey a Tavira, e dentro em cinco dias ſe vio cercado de vinte mil vaſſallos voluntarios, esforçados, deſtemidos, e veteranos, que o buſcaraõ huns por terra, tomando a poſta, outros por mar em huma luzida Armada: preparavaõ-ſe alegres para eſta empreza heroica, quando chegou outro aviſo de D. Vaſco, que já eſtava livre de todo o perigo, porque os Mouros, reconhecendo invencivel o noſſo braço, naõ deraõ outro aſſalto, e levantaraõ o cerco: concorreo para iſſo verem que D. Joaõ de Menezes acudia peſſoalmente aos cercados, Heróe, cujo nome, e façanhas he mais conhecido entre os Infieis, do que entre os naturaes. Desfeitos os preparos militares, gozou o Rey, e vaſſallos alegres as fortunas dos noſſos deſcobridores. No anno de mil quatrocentos e noventa e ſette ſahio de Lisboa Vaſco da Gama com quatro Navios, deſcobrio, e vendo ao largo as Ilhas do Oceano, e algumas terras de Africa, e America, paſſou felizmente o Cabo de Boa-Eſperança, aſſim chamado pala boa que teve o ſeu primeiro deſcobridor da Conquiſta da India; chegou a Moçambique, a quem o Faria chama Metropoli de huma Ilha grande; a quem eſcreve ſem ver mais que iſto ſuccede: nunca foy Ilha grande, nem Metropoli della, ſempre foy Ilha pequena, e das mais pequenas Moçambique, dizem alguns Eſcritores noſſos que teve algum dia meya légoa de comprimento, porém que reſiſtindo á prégaçaõ de S. Franciſco de Xavier,
 a come-

a começára desde entaõ a comer o mar , e que o Santo sacudindo , como os Apostolos , o pó dos pés , quando sahio della pouco , ou nada attendido , dissera , olhando para ella , e para dous Ilhotes inhabitaveis que tem á vista muito pequenos , que huma daquellas Ilhas se havia submergir : ainda se conserva o arco por onde dizem sahira a embarcar o Santo no sitio , que chamaõ a Ramada ; porém desta profecia que eu ouvi em Goa , naõ há tradiçaõ alguma na Ilha , o que naõ obstante poderá ser verdadeira ; porque como a gente em Moçambique vive pouco , crivel he esquecesse huma tradiçaõ como esta em pouco tempo : alguns me disseraõ , que o mar comia a Ilha , porque estava muito perto do Convento de S. Joaõ de Deos , sendo certo , que das janellas do Noviciado , ninguem chegava com huma pedra ao mar em outro tempo ; porém eu fuy hospede no dito Convento os dous mezes que estive nesta Ilha , e sendo a obra da Igreja , e clausura na verdade regia , e digna de huma Cidade populosa , só he desprezivel o Noviciado , e Botica ; esta , porque he huma casinha muito pequena junto á porta , e com o que tem , para Botica de hum curioso , ainda sera a minima ; aquelle , porque he huma sufficiente casa com tres janellas , sem repartiçaõ alguma para as camas , sendo excellente , como disse Igreja , Convento , Hospital , e mais Officinas : das janellas pois do Noviciado fiz a experiencia da pedra , e duvidando se em mim seria falta de forças , convidei para o mesmo outros , que as tinhaõ grandes , por taes conhecidas , e mais que todos hum Chorista , unico habitador do Noviciado , e o Boticario do Convento , e nenhum delles chegou ao mar com a pedrada , final de que o mar naõ come a Ilha ; e sempre foy taõ

peque-

pequena como eu a vi: livremente posso asseverar; que apenas terá hum quarto de legoa pequena, e em partes he taõ estreita, que posto hum homem no meyo, póde lançar com pouca violencia humas pedras, que toquem ambas as prayas: a Fortaleza feita de pedra, e cal deste Reyno, he huma das melhores cousas que possuem hoje os nossos Reys, e depois que foy Governador desta Ilha Antonio Cardim Fróes, natural do Torraõ, Heróe de eterna memoria no Oriente, em cujo valor, e façanhas resuscitaraõ as antigas; ficou sendo inconquistavel de todo com o fosso que lhe abrio da parte da Ilha, cercando de mar toda a Fortaleza; nella vi huma cisterna, que póde dar hum anno para muitos mil homens agoa de sobejo, e commodos largos para todos os moradores sem detrimento dos Cabos, e soldados do presidio, que todos moraõ dentro com as suas familias; e para mayor cautéla, sempre tem provimento necessario para mais de anno, de tudo o que para sustento, e defeza he precizo, e soldados com tal abundancia, que se o Governador quizer lhe fiquem todos os que alli chegaõ em qualquer Náo, que vay de Portugal para a India, naõ lhos póde negar o Capitaõ de mar, e guerra: he justissimo este privilegio, porque todo o poder de Olanda se empenhou ja tres vezes com Armadas na Conquista deste presidio, de que anda hum livro impresso, cujo titulo he: *Cercos de Moçambique*; e foy tal o empenho, que chegaraõ a forrar as Náos de cobre, por baixo do primeiro forro de madeira exterior, para lá invernarem sem o perigo de que as agoas doces do Inverno as corrompessem: aos cercos resistio o valor Portuguez com incrivel trabalho, fome, sede, e morte de soldados, e da ultima, e mayor Armada

mada os livrou N. Senhora do Baluarte; cazo notavel certo, que se refere todos os annos no Pulpito na festa da mesma Senhora, a que assisti, porque se celébra quando a Náo de Portugal chega, para ter a gente esse gosto, e ser mais luzido o concurso no festejo: he o cazo. Vencidas tres Armadas Olandezas, mortos muitos mil homens, e perdidas excellentes Náos em tres cercos, juntou a República todas as suas forças para restaurar o credito das suas armas, e com a mais formidavel Armada que vio o Oceano Indico, buscava a pequena Ilha em huma noite escura com chuva, e nevoa: estava de guarda neste baluarte, dedicado a N. Senhora, hum soldado veterano, e temente a Deos, taõ ignorante do inimigo que vinha pelo mar, como todos os mais; era meya noite, quando ouvio huma voz suave, que lhe dizia: *Dá fogo*, julgou que era illusaõ da fantasia, porque nem havia causa, nem tinha murraõ; porém ouvindo o mesmo terceira vez, disse: Como? Se naõ tenho murraõ: *Bate com a espada núa nessa peça*, lhe responderaõ: tirou o chumbo, e deo huma cutilada na peça junto á escorva, pegou fogo; disparou a bala, amotinou-se a Fortaleza toda, contou o cazo, julgaraõ ser prodigio; pela manhãa viraõ na peça a cutilada taõ funda, como se ella, sendo de bronze, fosse de faya; souberaõ depois, que a bala dando ao lume da agoa na Capitania da Armada a fundira, e que os das outras attonitos caminháraõ para a India, vindo logo continuos avisos dos portos visinhos, de que appareciaõ nas suas prayas Olandezes mortos; ultimamente se veyo a saber, que a Armada toda estava á capa defronte dos dous Ilhotes; que naõ entrara de noite por causa da nevoa, e que depois de submergida a

Capi-

Capitania, e virarem as mais as proas para a India; a mesma nevoa se desfizera em tempestade taõ horrorosa, e varia, que embaraçando-se humas Náos com outras, se fundiraõ todas despedaçadas, prodigio que abrio os olhos aos mesmos Olandezes, e conhecendo era Deos, e sua Máy Santissima, quem defendia a Praça, nunca mais intentaraõ a sua Conquista, nem outro inimigo se attreveo a ella: nesta Ilha naõ há cousa alguma do que necessita a vida humana, mais que agoa na cisterna da Fortaleza, que a dos poços parece leite, seccaõ de todo quando a maré vasa, e lançaõ por fóra quando enche; mas da terra firme de Africa, da qual dista menos de meya legoa, e entre ella, e a Ilha he o surgidouro, e das nossas Conquistas na mesma Costa, que saõ Sofala, Quilimane, Jambane, e Sena, he muito bem provida de mantimentos, e agoas excellentes, de Goa, Norte, e Portugal de vinhos, agoa ardente, e todo o necessario para vestir: os moradores que saõ bem poucos, só vivem na Ilha, em quanto alli está a Náo do Reyno, ou Navios dos outros portos nomeados; no mais tempo habitaõ na terra firme de Africa em quintas dilatadissimas, e boas, de sorte, que só ficaõ na Ilha o Governador ás vezes, os soldados sempre, e os Religiosos de S. Joaõ de Deos se há enfermos; e tem razaõ para este desamparo, porque Deos naõ creou habitaçaõ melhor para degredo, como esta Ilha de areal toda, calva, infructifera, rasa, feya, maltratada; sendo ao mesmo tempo a cousa rica, util, e necessaria, que hoje tem do Cabo de Boa-Esperança para dentro a Coróa Portugueza, e teve sempre; razaõ porque os Olandezes a procuraraõ conquistar com tanto empenho, e dispendio: as Conquistas da Asia servem só para gasto, e descomodo, esta com

as vifinhas de que he chave, cabeça; e defeza, dá todo o ouro que de Sena quizerem extrahir a troco de pannos, e velorios, dá todo o marfim, ambar, efcravos fem numero, de forte, que fe fuftenta, e enriquece ao Rey, e vaffallos, fendo a terra incapaz para fuftentar bichos; tem hum Convento de S. Domingos em que eftá hum Religiofo, ferve para defcanço dos que vaõ, ou vem das Miffoens de Sena, e Tete; outro da Companhia com igual familia, para defcanço dos Miffionarios que vaõ do Reyno; hoje hum Hofpicio dos Padres Agoftinhos para o mefmo effeito; eftes faõ cobertos com terrados de tijolos, o mais tudo com folhas de palmeiras; até as cafas do Governador, Sé, e Mifericordia, aquella fem portas, e efta indecentiffima, quando vi ambas: o clima ardente, doentîo, fujeito a nevoas feccas todas as madrugadas, de forte, que fó quem ufa de agoa ardente, defde que acorda até que fe deita, goza faude, e vida dilatada: de fette em fette annos há huma diabolica tempeftade nefta Ilha, terras, e mares vifinhos, a que chamaõ Monomocaya, que até Navios leva pelos ares, e os lança muitas legoas dentro da terra firme, aonde eu vi os pedaços de hum: os Reys pretos vifinhos ficaõ muito diftantes, e faõ noffos amigos; os Leoens, Elefantes, e Cavallos marinhos naõ caufaõ damno, de forte que parecendo a peyor habitaçaõ, he preciofa Conquifta. Vinde logo continuar a Conferencia.

FIM DA QUADRAGESIMASEGUNDA PARTE.

LISBOA:
Na Officina de Ignacio Nogueira Xifto.
Anno de 1760.
Com todas as licenças neceffarias.

ACADEMIA
DOS
HUMILDES,
E
IGNORANTES.

CONFERENCIA XLIII.

JUntaraõ-se antes da Ladainha os Academicos, e o Soldado continuou a historia dizendo-lhes: Em Moçambique tomou Vasco da Gama pilotos Mouros negros para seguir a sua viagem, vio Mombaça, terra deliciosa, e a melhor naquella Costa de Africa; no meu tempo a deixou perder o seu Governador Alvaro Caetano, quando mais segura a tinha o nosso dominio: os naturaes Mouros pretos, naõ podendo tolerar o jugo dos Arabios, lembrados do suave governo dos nossos Capitaens antigos, nos convidaraõ para a conquista, que o General Sampayo fez com singular industria, formando todos os Soldados, e marinheiros em huma só linha, e mandando dizer ao Arabio, que tinha muitos mil homens em campo, e só perdoaria as vidas se entregassem logo a Praça, e as Armas: elles vendo a monstruosa vanguarda do nosso exercito fantastico; suppondo que detrás daquella grande linha estavaõ outras de igual numero, além da gente que suppunhaõ estar a bordo, entregaraõ a Praça, cujo governo se deo a Alvaro Caetano, homem dou-

tissimo em muitas sciencias, e noticias, mas sem capacidade para estas cousas: naõ reprimio as insolencias que os Soldados faziaõ ás mulheres dos Mouros, cousa a mais sensivel para aquelles barbaros, os quaes vendo lhes succedia com o nosso governo, o que nunca experimentaraõ no Arabico, persuadiraõ ao Capitaõ tirasse da Praça o arroz todo, para elles lhes fazerem o beneficio de o pilarem nas suas casas, sem mais lucro, que fazer-nos esse obsequio; e tanto que viraõ a Praça sem mantimento, puzeraõ-lhe cerco, e tiraraõ a vida a quasi todos os do prezidio, escapou o Capitaõ, e outros poucos, morreo martyr hum Alferes chamado Joaquim, (por descuido em se authenticar o seu martyrio, naõ reza delle o Reyno) era muito gentil, e os Mouros desejando uzar delle no horrivel peccado de sodomía, o persuadiaõ a deixar a Fé, e consentir a culpa; e vendo que elle a huma, e outra cousa resistia com a mayor constancia, depois de muitos tormentos o ataraõ a huma arvore untado de mel, aonde as Vespas lhe acabaraõ a vida: sahio logo de Goa o General Sampayo com a mais luzida Armada, quando de Lisboa sahia o novo Governador de Mombaça Antonio da Fonseca Freire com outra, ignorando todos que ja estava a Praça perdida: o Sampayo chegou a Moçambique, julgaraõ que naõ era tempo opportuno; porque ja começava o Inverno, sahio com intento de invernar em porto seguro, porque em Moçambique esperavaõ a Monomocaya esse anno; desgraçadamente a encontrou no caminho, lutou com a tempestade muito tempo a Armada, até que se perdeo toda, e nella o filho do Vice-Rey Joaõ de Saldanha da Gama, e toda a flor, e esperança, alicerse, e defeza da India; tal era a tempestade, que levou algumas

umas embarcaçoens menores ás terras do Norte, aonde ſe quebraraõ, ſalvando-ſe alguns, aos quaes ouvi dizer, que antes da tempeſtade apparecera o demonio em diverſas figuras em todas as embarcaçoens: fiado na ſua verdade o conto, e nella me fio, porque eraõ Religioſos de Santo Agoſtinho de boa vida, e exemplo, aos quaes pertencem na India as Capellanías das Armadas de alto bordo; e dos muitos que foraõ neſta, ſó eſcaparaõ dous bons nadadores, e Religioſos exemplares. Paſſou o Gama de Mombaça a Melinde, dahi ao Malavar, Provincia notavel, que conſta de cinco Reynos, cada hum de cento e cincoenta legoas, vio Calecut, Cananor, Cranganor, Cochim, Coulaõ; fallou ao Imperador Samorim, com quem eſtabeleceo paz, e commercio, e entrou em Lisboa com aſſombro do mundo: naõ vos contarei agora mais deſtes deſcobrimentos, porque o tempo proprio para eſſas noticias, he quando vos contar todas as hiſtorias de Azia por ſua ordem, eſpecialmente as noſſas conquiſtas, e guerras; baſta dizer-vos, que D. Manoel reinou vinte e ſeis annos, deſtes ſe empregaraõ nas conquiſtas vinte e tres, e feita a conta ás Náos que mandou para a India, cabem treze Náos a cada anno, ſendo certo, que todas entravaõ carregadas de ouro, diamantes, perolas, precioſidades novas, e exquizitas. Ao meſmo tempo quiz o noſſo Rey ir peſſoalmente a Africa continuar as conquiſtas della; encheo-ſe o Téjo de embarcaçoens, nas quaes hiaõ vinte e cinco mil homens, mas pedindo-lhe no meſmo tempo o Papa quatro mil para ſoccorro dos Venezianos ameaçados pelo Turco, ſe desfez a Armada, e em trinta Navios lhos enviou: neſte tempo Diogo de Azambuja conquiſtou em Africa a Cidade de Safim, povoaçaõ

 de

de cinco mil vizinhos, sem perder na empreza mais que hum Portuguez: sahio D. Joaõ de Menezes com poucas embarcaçoens a sondar as barras de Azamor, Mamora, Cale, e Larache, e recolheo-se com muitos cativos, deixando degollados muitos mil barbaros: este mesmo anno antes, tinha chegado até ás portas das Praças mais interiores, queimando-lhes as sementeiras, e quintas, e matando muitos. Francisco Pereira Pestana nos campos de Arzila com valor, e industria venceo, e matou tantos Mouros, que ficou o seu nome servindo de terror para calarem as mäys os filhos, como o do Cardim na India, e o de Anselmo de Moraes em Sena, nos nossos tempos: Numo Fernandes de Attaide, depois de muitas, e insignes victorias, defendeo a Cidade de Safim do cerco que lhe pôs o Rey de Marrocos, rompeo-lhe o exercito, matou, captivou, e pôs em fugida os Mouros, e foraõ despojos seus a tenda, e a mulher do Rey: conquistou a Cidade de Fetnest, e conseguio ser temido de todos os Africanos: D. Duarte de Menezes cercado pelo Rey de Fez, sahio da Praça, fez levantar o cerco, e accommettido pelos Alcaides Tetuaõ, e Xexuaõ com tres mil homens, os recebeo com quinhentos, em cujas mäos ficaraõ mortos, e quasi mil captivos: Lopo Barriga com trinta cavallos investio todo o exercito do Rey de Marrocos, cortou a cabeça ao Mouro Xeque, podoroso, e amotinador da sua Comarca, matou ao Capitaõ Xererife, e a quatrocentos Mouros. Sahio de Lisboa o Duque de Bragança D. Jaime com quatrocentas embarcaçoens, em que hiaõ duas mil e duzentas lanças do Rey, dezaseis mil Infantes, e quatro mil do Duque, chegou a Azamor, que o esperava com todos os reparos para a defeza, dentro, e fóra,

mas

mas affugentada a Soldadefca, que defendia o campo, com morte de muitos Mouros, acabou a vida na defeza da Cidade o feu Capitaõ o Cide Mançor com innumeraveis barbaros, fugiraõ os outros, e foi tal o medo nos vizinhos, que logo defampararaõ as Villas de Tite, e Almedina, que a noffa gente povoou, e pôs em defeza: fiquem as outras noticias para as Conferencias, em que tratarmos de Africa, e fuas conquiftas, porque os triumfos do Rey D. Manoel, victorias, e fortunas faõ tantas, que nenhum as póde contar juntas. Eftas foraõ as propriedades defte feliciffimo Monarcha, avaffallar Imperios, e Reynos, ter promptos fempre para todas as venturas os vaffallos, dominar mares, climas, e elementos, carecer de todos os defgoftos, de forte que mais parece eftudava a fortuna o evitar-lhos, do que elle nunca cuidou em cortar-lhes os caminhos, fendo os da guerra, e conquifta de Reynos eftranhos, taõ diftantes muitos, e barbaros todos, os mais proporcionados meyos para ter a cada inftante muitos infortunios. Era o Rey de mediana eftatura, os braços taõ compridos, que deixando-os cahir direitos, lhe paffavaõ os dedos abaixo dos joelhos, defeito myfteriofo, e neceffario para quem havia abraçar todo o mundo, cabello ruivo efcuro, que fempre trouxe folto, e foi o ultimo Rey de Portugal, que ufou iffo, beiços groffos, e vermelhos com exceffo, o animo verdadeiramente Real, e bellicofo, ao mefmo tempo affavel, e feftivo, inclinado á caça, mufica, e letras, divertimentos, e feftas com pompa, mas, para que os vaffallos fe naõ empenhaffem para luzirem nellas, tinha innumeraveis veftidos, e arreyos preciofos, que lhes mandava dar nas occafioens dos feftejos: todos os dias veftia huma galla nova,

quan-

quando sahia fóra sempre era com magnifico apparato; hiaõ diante tres, quatro, ou cinco elefantes, e outros animaes differentes, seguiaõ-se tres, quatro, ou cinco coros de instrumentos varios: em fim nada experimentou na vida, que naõ fosse ventura, nenhuma acçaõ intentou, que naõ visse conseguida, e felicissima, e nenhuma teve que naõ fosse Real, e heroica: morreo em Lisboa aos treze de Dezembro de mil quinhentos e vinte e hum, com cincoenta e dous annos de idade, e vinte e seis de reinado, foi sepultado no Convento dos Padres Jeronymos de Belem, fundaçaõ sua, que sendo só hum principio do seu intento, he huma das primeiras da Europa: foi o primeiro Rey a quem se deo algumas vezes o tratamento de Alteza, o de Magestade nunca, porque o ordinario a este, e a todos foi Senhoría, naõ obstante o Papa Alexandre III. na Bulla em que confirmou a investidura de Rey ao Veneravel D. Affonso Henriques, lhe dar o tratamento de Excellencia, de sorte que o primeiro Rey Portuguez a quem se fallou por Magestade foi El-Rey D. Sebastiaõ: no retrato está o Rey D. Manoel com Corôa na cabeça, espada núa baixa, manto de brocado guarnecido de perolas: casou tres vezes, a primeira com Dona Isabel, viuva do Principe D. Affonso, de que ja démos noticia. A segunda com sua cunhada Dona Maria, de quem teve muitos filhos. A terceira com Dona Leonor, filha do Rey D. Filippe primeiro de Castella, irmãa do Imperador Carlos quinto, sobrinha das duas primeiras mulheres; da primeira só teve o Principe D. Miguel, que morreo de vinte e dous mezes. Da segunda teve D. Joaõ, que lhe succedeo na Corôa. O segundo Dona Isabel, que casou com o Imperador Carlos quinto, mãy de Filippe segundo, que

de

depois herdou este Reyno. O terceiro D. Beatriz, mulher de Carlos Terceiro, Duque de Saboia. O quarto D. Luiz, Duque de Béja, Condestavel de Portugal, pay de D. Antonio Prior do Crato, que depois pertendeo o Reyno. O quinto D. Fernando, que cazou com Dona Guiomar, filha de D. Francisco Coutinho, Conde Marialva. O sexto D. Affonso, Cardeal, Arcebispo de Lisboa, pay dos pobres, dotado das maiores virtudes, administrava todos os Sacramentos, assistia aos moribundos, viveo pouco, jaz em Belem com seus irmãos. O settimo D. Henrique, Cardeal, Arcebispo de Lisboa, Braga, e Evora, Abbade Commendatario de Alcobaça, que infelizmente succedeo na Corôa. O oitavo D. Duarte, que cázou com Dona Izabel, filha de D. Jayme, Duque de Bragança, Varaõ Santo, que estando enfermo disse aos criados a hora em que havia morrer, e o dia: delles nasceo Dona Catharina Duqueza de Bragança, que pertendeo justissimamente o Reyno, que hoje gozaõ seus netos, Reys; e Senhores nossos. O nono Dona Maria. O decimo D. Antonio, ambos morreraõ meninos. Da terceira teve dous: O primeiro D. Carlos, que morreo de poucos mezes. O segundo Dona Maria, que morreo de cincoenta e sette annos, donzella dotada de todas as virtudes; está sepultada no Convento da Luz, que fundou: deo muitos titulos o nosso Rey D. Manoel, a seu filho D. Luiz Duque de Béja, a seu filho D. Fernando Duque da Guarda, a seu filho D. Duarte Duque de Guimaraens, a D. Joaõ de Lencastre Marquez de Torres Novas, a D. Rodrigo de Mello, Conde de Tentugal, Marquez de Ferreira, hoje Duques do Cadaval, deo muitos mais todos extinctos, aindaque em diversas familias se conservaõ as mer-

cês

cês: a Vaſco da Gama por deſcobrir a India deo o titulo de D., e paſſados tempos o fez Conde da Vidigueira: floreceraõ em ſantidade dous Martyres, que fôraõ Mouros, e depois de baptizados Capitaens insignes, e valeroſos em companhia dos Portuguezes. O primeiro ſe chamou Gonçalo Vaz, depois de muitas façanhas o cativaraõ os Mouros, e lhe fizeraõ exquizitos tormentos, hum delles foy abrir-lhe o coraçaõ, dentro do qual ſe achou eſcrito o dulciſſimo Nome de JESUS, Joaõ Vaz ſeu Irmaõ o acompanhou na morte; padecendo os meſmos tormentos: vivia ja conhecido o Grande Hiſtoriador Joaõ de Barros, e o Principe dos Poetas Portuguezes Luiz de Camoens: teve principio a monſtruoza herezia de Luthero, que tanto ſequito adquirio no bom da Europa, ſobverteo-ſe na Ilha de S. Miguel huma Villa, caſo horroroſo, que ouvireis a ſeu tempo, e no Reino de Granada muitos Lugares padeceraõ o meſmo infortunio. A' manhãa ouvireis a vida do Rey D. Joaõ terceiro.

FIM

DA QUADRAGESIMA TERCEIRA PARTE.

LISBOA:

Na Officina de Ignacio Nogueira Xiſto.

Anno de 1760.

Com todas as licenças neceſſarias.

ACADEMIA
DOS
HUMILDES,
E
IGNORANTES.

CONFERENCIA XLIV.

TAõ gostozos vivem os nossos Academicos, que todas as horas desejaõ ouvir as vidas dos nossos Monarchas, desorte que depois da Ladainha assentaraõ houvesse Conferencia, na qual isse o Academico desta feliz historia o contrario do que edia a esperança de toda a Academia. Com o cadaver do licissimo Rey D. Manoel parece se sepultaraõ as forınas de Portugal, ou que tendo estas chegado ao Zeith, agora começaraõ a declinar: acclamaraõ logo .ey seu filho o Principe D. Joaõ, terceiro do nome, Rey decimoquinto; tinha nascido em Lisboa a seis e Junho de mil quinhentos e dous, a tempo que os lementos formavaõ huma horrivel tempestade de chua, e vento; e quando o levaraõ a baptizar, houve um incendio no Paço, desorte que sahio a receber a ız, e ar commum com agoa, e a agoa Santa com fogo, :azos, de que entaõ se fizeraõ varios juizos, e proosticos; mas todos de felicidades para o Rey, e Reio, cujo Principe nascia, ou dominando elementos, a festejado delles, como lhes era possivel, obse-

quiálo: muito tempo antes de ser gerado, disse hum veneravel velho á ama, que depois o criou, havia ter a fortuna de alimentar a seus peitos hum Principe soberano: elle o foi com tal excesso, sendo gentil, e affavel, que para se lhe fallar, era necessario ter os olhos baixos, porque pondo-lhe o rosto faltavaõ as palavras, esquecia o negocio: tal era o respeito que infundia a todos benigno, que seria quando estivesse irado! No principio do seu governo entregou aos Mouros quatro Praças de Africa, theatro das maiores façanhas dos tres Reys seus antecessores, D. Affonso V., D. Joaõ II. e D. Manoel: foraõ ellas Alcacer, Arzila, e Azamor. Sustentou as conquistas da India com muitas Armadas, e alguns heroes, que restavaõ da escóla de seus antecessores: foy o primeiro que mandou para a India facinorozos, porém a Náo em que sahiraõ de Lisboa até o prezente senaõ soube della: estabeleceo o Tribunal do Santo Officio independente de outro: instituio a Mesa da Consciencia, e Ordens, restituio a Coimbra a Universidade, que D. Diniz trasladou para Lisboa, reformou as Religioens, alcançou do Papa, fizesse Metropolitana a Igreja de Evora, e fundasse os Bispados de Miranda, Leiria, e Portalegre: edificou muitos Templos, e hum hospital com irmandade em Almeirim, para soccorro, e reparo dos que militavaõ em Africa, e das viuvas dos que lá perdiaõ as vidas: revogou a Ley de marcarem os ladroens, dizendo: *Era justo que, se emendassem a vida, naõ lhes ficasse na cara o sinal da culpa antiga*: determinou a precedencia dos Condes pela antiguidade das mercês: mandou lavrar moedas de cobre em abundancia, a mayor de dez reiz; outras de cinco, as menores de tres. O Imperador Carlos quinto lhe mandou a insignia do Tuzaõ, em agradecimento do

muito

muito q̃ o ajudou na jornada de Tunes, consentindo que o fosse ajudar seu irmaõ o Infante D.Luiz, o qual por terra o foy alcançar em Barcelona, em quanto de Lisboa caminhavaõ vinte Náos com dous mil homens de guerra, e a Capitanea com duzentas peças de artilheria. Cazou com Dona Catharina, filha do Rey D. Filippe segundo de Castella, irmaã do Imperador Carlos quinto, Princeza de eterna memoria, e saudade neste Reyno, Matrona singular mãy da patria, de quem fizeraõ tal conceito os Barbaros, que vendo a prudencia, e cuidado com que soccorreo Mazagaõ apertado com cerco no tempo do seu governo, hum Mouro illustre veyo a Portugal só para a ver, dizendo naõ queria acabar a vida sem ver a mais singular Matrona; e depois de a ver, disse naõ pudera ser menos, quem assim obrava; ella só podia fazer venturozo o Reyno, se ella só tivesse em seu neto dominio: teve nove filhos, e só dous cazaraõ, que apenas cazados morreraõ: D. Affonso, Dona Izabel, Dona Beatriz, D. Manoel, D. Filippe, D. Diniz, e D. Antonio, todos morreraõ meninos, Dona Maria que foy terceira na ordem do nascimento, morreo de parto de seu filho primogenito Carlos, naõ havendo hum anno, que tinha cazado com Filippe segundo de Castella. O nono foy D. Joaõ, que cazou com a Princeza Dona Joanna, filha de Carlos quinto, dizem que o desmasiado amor que lhe tinha lhe causara a doença, chamada paixaõ diabetica, de que morreo ficando a Princeza pejada, e no seu ventre toda a esperança, e remedio da naçaõ Portugueza o Rey D. Sebastiaõ, que depois de muitos, e horriveis presagios, nasceo felizmente a vinte de Janeiro de mil quinhentos e cincoenta e quatro, para dahi a vinte e quatro annos com a sua perda em Africa, converter em lagrimas as excessivas alegrias com que todos fes-

tejaraõ o ſeu naſcimento : entrou eſta Princeza no Reino com hum grande dote, notavel jubilo, e grandes eſperanças, ſahio delle triſtiſſima, deixando hum filho unico apenas naſcido: moſtrou as grandes virtudes de que era dotada, e que tinha herdado de ſeu pay Carlos quinto, moſtrando que ignorava a morte do Principe ſeu marido, até lhe quizeraõ dar eſſa noticia depois do parto, e na fabrica do Moſteiro das Deſcalças de Madrid, que fundou para ſeu jazigo, e junto a elle a Caſa da Miſericordia, ſimilhante em tudo á de Lisboa: eſte deſgoſto da morte do filho diminuio ao Rey D. Joaõ a vida, e quando havia ſuavizar eſta pena com a viſta do neto, ſuccedeo em Lisboa aquelle horrendo inſulto de entrar na Capella Real hum herege diabolico, o qual chegando ſe com diſſimulaçaõ ao altar, fez em migalhas a Hoſtia Conſagrada, derramou o Sangue de Chriſto, e deo humas punhadas no Sacerdote: eſtava o Rey prezente, e com o ſeu reſpeito ſuſpendeo o furor do auditorio, que intentava reduzir a cinzas o herege no meſmo ſitio: prezo, diſſe que naõ tinha companheiros, que obrara aquella acçaõ movido de zelo contra a noſſa idolatria, que nenhuma affronta fizera a Chriſto, porque elle eſtava no Ceo, e naõ em vinho, e paõ como nós adoravamos, que ſó tinha offendido ao Rey, por fazer aquillo na ſua prezença; naõ foy poſſivel converter-ſe, e em publico cadafalſo, depois de lhe cortarem as mãos, morreo queimado vivo: depois deſte horrivel cazo, nunca mais o noſſo Rey teve alegria alguma, nem deo ſinal della, a todo o inſtante o viraõ ſuſpirar afflicto, e chorar quaſi ſempre, eſtando ſó; naõ toſquiou mais a barba, nem lhe durou a vida, porque paſſados poucos mezes, adoeceo de melancolia: julgaraõ, que a ſumma galantaria, viveza, e formuſura do neto

neto o poderia divertir,e cõduziraõ no enfeitado ào leito do avô; mas quando o veneravel, e piedozo Monarcha com as galantarias do neto aleviava as penas, que tinha cauzado a injuria feita a Christo Senhor nosso, entaõ achou a melancolia causa para lhe excitar outra nova pena, quando aliás em outro, o mesmo que agora lhe accrescentou a tristeza, certamente lhe causaria grande alegria: pedio o Rey agoa, e o menino tanto que ouvio fallar nella, disse que tambem queria, trouxeraõ em huma salva dous pucaros, hum coberto para o Rey, costume sempre observado com os Monarchas Portuguezes,e outro descuberto para o menino,tanto que este vio o seu pucaro descuberto, chorou, e naõ bebeo, dizendo que queria agoa de pûcaro que tivesse cobertura, como o de seu avô, este interpretando, como agouro, a acçaõ innocente do neto, virou-se para o outro lado afflicto, dizendo: *Cedo quereis reinar*; naõ o vio mais, porque dahi a poucos dias morreo com tanta evidencia que lhe tirara a vida a paixaõ da alma que tomou pelo desacato feito ao Santissimo Sacramento, que tres dias antes de morrer foy a pé ouvir Missa á Igreja da Misericordia, mas repetindo-lhe o accidente de tristeza, falleceo em Lisboa a onze de Junho de mil quinhentos e cincoenta e sette, com cincoenta e cinco annos de idade, e trinta e cinco e meyo de governo, está sepultado junto a seu pay: era de mediana estatura, mas avultada, formoso rosto, cabellos negros, e muitos; e foy o primeiro que usou cortálos sobre o pente, olhos azues, e com tal magestade em tudo, como ja dissemos sem encarecimento: teve taõ feliz memoria, que indo huma vez a Coimbra, e ouvindo ler os nomes de todos os estudantes da Universidade, nem hũ só lhe esqueceo, e conhecia pelo seu nome a cada hum: justissimamente lhe

chamaraõ piedozo, porque naõ fez acçaõ, que naõ fosse acredora do titulo, alguns lhe notaraõ, e notaõ a entrega das Cidades de Africa, que além de merecerem a conservaçaõ, pelo que tinhaõ custado, e para gloria nossa, só se deviaõ entregar com a vida, depois de consagradas as Mesquitas, celebrados sacrificios incruentos, e estabelecida a fé dentro dos seus muros; porém o tempo mostrou, que a culpa naõ fora delle, mas sim dos Conselheiros, os quaes depois o confessaraõ envergonhados, e arrependidos, e o fim que os moveo a todos, foy a avareza, com que ja os Portuguezes só cuidavaõ nas riquezas da India: no seu tempo a foy illustrar o Apostolo do Oriente S. Francisco de Xavier, que o Rey pedio com outros companheiros a Santo Ignacio; e quem souber que naõ tem numero os milhões de almas, que este Santo na India baptizou, converteo a melhor vida, e metteo no Ceo, poderá conjecturar as coroas que lá terá o nosso piedozo Rey que o mandou: pedio-lhe na despedida, que na primeira monçaõ lhe mandasse huma larga informaçaõ das cousas da India, e o Santo só lhe mandou dizer que na India se conjugava o verbo Rapio por todos os modos: achei lá tradiçaõ entre pessoas doutas, e pias, que a dita carta continha mais palavras, a saber: *Que na India de sette annos para cima ninguem se salvava*; como naõ vi a carta, duvido que o dissesse, ou fallaria na India no estado em que a vio, quando o disse, porque hoje, á vista das nossas terras da America, e Africa, he a India exemplar reformadissima; porém como no tempo de S. Francisco de Xavier, e quasi dous seculos depois, foy certamente, como consta de tradiçoens verdadeiras em todo o Oriente o nosso valor igual á nossa avareza, incrivel o luxo, e lascivia, se he certo tudo o que se conta naquelle vasto Imperio, com

ra-

razaõ, e graviſſimo fundamento, o podia mandar dizer o Santo: conſta de eſcrituras dotaes, e teſtamentos, e melhor de verdadeiras tradiçoens, que as ſenhoras Portuguezas em todas as conquiſtas da Azia tinhaõ duzentas, trezentas, quatrocentas, e quinhentas criadas, e eſcravas para o ſeu ſerviço dentro de caza, com todo eſte exercito ſairaõ fóra, adiante hiaõ doze até vinte e quatro, ou quarenta eſcudeiros com thuribulos de ouro cheios de aromas, incenſando o caminho, ás vezes, e em algumas cazas levavaõ as ayas os thuribulos, ſeguiaſe a cadeira, ou palanquim, em que hia a ſenhora, com os chapeos de Sol ás eſtribeiras, tudo ouro, prata, diamantes, perolas, e exquiſitas precioſidades; atraz vinha a familia que ja diſſe, e na retaguarda os Soldados que ſuſtentava em ſua caza o marido: a iſto podeis dar credito inteiro, porque as cinzas de tudo, ainda hoje, o eſtaõ moſtrando, álem dos documentos, e tradiçoens que allego, e conſta do livro do P. M. Fr. Diogo de Santa Anna da Ordem de Santo Agoſtinho, ſubſtituto do Arcebiſpo Governador da India o Veneravel D. Fr. Aleixo de Menezes (depois Arcebiſpo de Liſboa, de Braga, e Prezidente do Supremo Concelho de Heſpanha no tempp de Filippe Prudente) na fundaçaõ do grande, e ſem ſegundo Moſteiro de Santa Monica de Goa, na qual reſpondendo á criſe que muitos faziaõ de terem as Freiras ſette, oito, dez moças, e eſcravas cada huma, reſpondeo (com as palavras daquelle Santo Eremita, de que trata o Prado Eſpiritual, que fazia milagres junto a Roma, comendo, bebendo, veſtindo, e dormindo com ſumma abundancia a reſpeito dos Monges da Paleſtina; porque tinha ſido Meſtre de muitos Imperadores, e criado com delicias, e faſto) que nas Freiras de Goa naõ era relaxaçaõ; antes grande refórma

eſte

efte numero de fervas, porque em cafa de feus pays muitas dellas tinhaõ oitocentas que as ferviffem: nos Cartorios de Goa, affim do Governo, como do Senado, vi efta Apologia com as mefmas palavras, porque ambos fe oppuzeraõ ao dito Veneravel Padre na continuaçaõ da obra daquelle Santuario o mayor da Monarchia Portugueza, porque em hum angulo lhe cabe todo o Convento de Santa Clara de Coimbra, e tem dentro mais de feis mil mulheres, fem oppreffaõ, confuzaõ, nem damno, em paiz ardentiffimo, e ninguem póde duvidar, fem temeridade, que efte Veneravel Religiofo entaõ diffe, efcreveo, e depois fe imprimio a verdade que elles viaõ, para com ella convencer a oppoziçaõ, com que o perturbavaõ. Teve o Rey D. Joaõ III. hum filho illegitimo, chamado D. Duarte, Arcebifpo de Braga, Principe piedozo, pay de pobres, humilde, vigilante, benigno, affavel, inteiro, e douto, que na lingua Latina deo principio á Hiftoria Portugueza, que naõ continuou, como D. Jufto Bifpo Italiano, chamado por D. Joaõ o II. para iffo: deo varios titulos, hoje extinctos, excepto Marquez de Ferreira nos Duques do Cadaval, os mais, que fe confervaõ, eftaõ em diverfas familias por heranças, como faõ. Mas bafta que he tarde, pela manhaã o direy com noticias defte tempo horrorozas.

FIM

DA QUADRAGESIMA QUARTA PARTE.

LISBOA:
Na Offic. de Francifco Borges de Soufa.
Anno de 1759.
Com todas as licenças neceffarias.

ACADEMIA
DOS
HUMILDES,
E
IGNORANTES.

CONFERENCIA XLV.

AInda que o frio ja naõ convida os Romeiros para este sitio deliciosissimo no Veraõ, este anno por causa da nossa Academia os teremos agora, e no Inverno, causa porque no dia seis de Outubro houve Conferencia, e disse o Soldado: Continuou o nosso Rey na caza dos Duques do Cadaval, entaõ só Condes de Tentugal, por nova mercê o titulo de Marquezes de Ferreira; a D. Joaõ de Alencastro, filho mais velho do Duque de Coimbra; a D. Jorge fez Duque de Aveiro, cuja singular Varonia está extincta; a D. Antonio de Attaide seu valido Conde da Castanheira. As imprezas da India ficaõ para quando pertencerem na historia, porque merecem narraçaõ mais dilatada, do que a breve noticia que dellas nos deixaraõ os principaes Chronistas desta vida, e Reys desta Monarchia; só direi que na India no tempo do nosso Rey, morreo hum homem que certamente viveo trezentos e trinta e cinco annos, se bem na India he tradiçaõ que vivera mais tempo, e por ser extraordinario cazo, naõ o rezervarei para a historia da India,

como algumas vezes em outras couſas menores tenho feito. Conſta da vida do Serafico Patriarcha S. Franciſco, que elle foy a Syria buſcar o martyrio, e que o Rey Soldaõ o recebera com ſumma reverencia, e benignidade, naõ conſta foſſe á India, antes nella ouvi ſempre dizer aos ſeus Religioſos mais doutos, e virtuozos, que ſe elle a viſſe, e experimentaſſe peſſoalmente, havia ordenar na ſua Regra, que os ſeus Religioſos na India ſó veſtiſſem hum panno do tamanho de hum guardanapo, que uzaõ os Canarins para modeſtia, nas partes que ella obriga a cobrir, porque aquelle eſpirito, a quem nunca a pobreza pode ſaciar, aſſim vendo-ſe nú, e vendo nús os ſeus em clima aonde vivem nús os naturaes, teria ſumma conſolaçaõ; he certo porém, que o Senhor S. Franciſco foy á India, eſteve em Bengala, e paſſou o rio Ganges: o motivo deſta jornada dirá o ſenhor Theologo, que lhe pertence, e naõ a mim que ſou hum ignorante. Dizeis bem irmaõ, e eſte cazo a mim ſó pertence o referî-lo: até a morte de Chriſto Senhor Noſſo, e prégaçaõ dos Apoſtolos em todo mundo todos ſe podiaõ ſalvar obſervando á riſca a Ley natural, ſó os Iſraelitas neceſſitavaõ para a ſalvaçaõ a obſervancia da Ley eſcrita, deſde que lhes foy dada no monte Sinay, até que ſe lhe prégou a Ley da Graça, porque a elles ſó foy dada a Ley: agora depois de promulgada a Ley de Chriſto em todo o mundo (que em todo ſe achaõ ſinaes diſſo, como vos direy a ſeu tempo) dizem os Theologos, que ſe algum Gentio viver á riſca na Ley da natureza, conhecendo hum Deos, que he conhecimento natural, ſem idolatria alguma, naõ fazendo a outrem, o que naõ quer para ſi, em fim na Ley natural, que tendo eſte preceito, nelle inclue todos, os que hoje temos, excepto

cepto o conhecimento dos Myſterios da Trindade, Incarnaçaõ, Sacramentos, e preceitos da Igreja, baſta (diſſeraõ todos) ſabemos o que he Ley natural; eſtimo, diſſe o Theologo, eſte parece que eſtá Deos obrigado a manda-lo inſtruir nos myſterios da Ley da Graça para ſe ſalvar, ou por homens, ou por Anjos, iſto he ſuppondo que nenhuma noticia tem da Ley de Chriſto; funda-ſe iſto na razaõ, que he clara, e nos factos: o ſecular, que converteo o Veneravel Fr. Joaõ Taulero, tinha inſtruido alguns: o Veneravel Padre Joſeph de Anchieta da Companhia de JESUS, Apoſtolo da America, caminhando em conducta de muitas peſſoas pelo Certaõ, de repente lhe revelou Deos que foſſe baptizar hum deſtes, mandou parar os companheiros, entrou no mato, achou ſentado junto a huma arvore hum velho com hum cabaço de agoa, o qual ſem nunca o ter viſto, o ſaudou dizendo: *Vinde embora Padre Anchieta, que ha muitos annos* (parece-me que diſſe oitenta) *eſpero por vós neſte ſitio para me baptizares*: inſtruido logo pelo Veneravel Padre, e baptizado com a agoa que tinha junto a ſi, morreo logo: o meſmo ſe conta da lingua de hum gentio, Juiz rectiſſimo de hum povo, que ſeculos eſperava incorrupta o baptiſmo, em fim deſtes, e de outros muitos caſos podemos conjecturar, que S. Franciſco foy levado pelos Anjos á India alguma vez, e que eſtes o puzeraõ em terra do Reyno de Bengala, Imperio do Graõ Magor, para baptizar algum deſtes, que nos matos o eſtaria eſperando: que foy, he certo, mas o fim para que foy, ſó Deos o ſabe, e nós ſó podemos ſuppor eſte; porque o Gentio, que viveo certamente trezentos e trinta e ſinco annos, ou quatro centos, como he tradiçaõ na Azia, eſtava na margem do rio Gan-

ges banhando-se, quando chegou a elle hum homem com chagas nas mãos, e pés, vestido de panno grosseiro, o qual pedio o passasse ás costas para a outra margem do rio, para naõ molhar as chagas, nem levantar o habito: o Gentio, a quem Deos queria salvar por este meyo extraordinario, com muito gosto o tomou nos hombros, e passou o rio; quando o desceo na outra margem, lhe disse o homem, que em premio daquelle beneficio que fizera, naõ havia morrer sem o tornar a ver, deo-lhe credito o Gentio, e contou o caso, todos zombaraõ, mas o tempo deo fiel testimunho da verdade, porque quatro vezes lhe cahiraõ os dentes, e cabellos, e quatro lhe nasceraõ outros novos, de sorte que todos os Reys do Oriente quizeraõ vê-lo, e depois lhe consignaraõ rendas para se sustentar, rico, abundante, sem pena, nem dôr: vivia sem domicilio certo, ora neste, ora naquelle Reino, até que veio a Cochim, Cidade moderna dos Portuguezes na India movido da curiosidade de ver aquella gente nova, bem ignorante de que nella havia acabar a vida, e passar para a Bemaventurança. Havia pouco tempo que nesta Cidade tinhaõ fundado hum Convento, e no altar mór da sua Igreja tinhaõ posto huma Imagem do Patriarcha Serafico, de altura cômua de hum homem, entrou o Gentio a ver a Igreja, primeira, e ultima que vio em taõ dilatada vida, e apenas olhou para o Altar mór, e vio S. Francisco, cuidando que era homem vivo, e naõ Imagem sua, mettendo os dedos na bocca, final de pasmo ainda hoje entre os Gentios, gritou dizendo: *Acudaõ-me que morro, porque alli está o homem que eu passey sobre meus hombros no Ganges, e me disse havia eu morrer, quando o visse outra vez.* Acudiraõ os Religiosos aos gritos,

con-

contou elle o caso do Ganges a todos, alli mesmo logo o instruiraõ na Fé, e baptizaraõ, e acabado o Baptismo espirou nos braços do Padre Guardiaõ, que lhe tinha administrado o Sacramento; com repiques, lagrimas de gosto, cantando o *Te Deum Laudamus*, o levaraõ os Religiosos nos seus hombros para a sepultura, em jazigo só para elles reservado, pagando-lhe agora no enterro a caridade, com que elle levou pelas agoas do Ganges a S. Francisco. Até aqui o que me pertence, agora continuay vós a Historia. Reinaraõ (continuou o Soldado) na Igreja de Deos neste tempo Adriano VI., Clemente VII., Paulo III., Julio III., Marcello II., e Paulo IV. Foy coroado pelo Summo Pontifice em Bolonha Carlos V., funçaõ que na sua vida vos contaremos a seu tempo. Francisco primeiro Rey de França perdeo a batalha de Pavia, e ficou prizioneiro do Imperador Carlos V., foy conduzido a Madrid, aonde esteve prezo. Ganhou o Turco a Ilha de Rodes, aonde assistiaõ os Cavalleiros de S. Joaõ do Hospital, a quem o Imperador deo a Ilha de Malta para se recolherem, e dahi se chamaraõ Maltezes, chamando-se antes desta desgraça Cavalleiros Rodios: o Monte Vesuvio lançou tanto fogo, que opprimio muitas Villas, e Lugares vizinhos com a cinza, e morreraõ muitas pessoas, e gados: em Bolonha os Judeos conseguiraõ huma Hostia consagrada, e posta sobre hum bofete, cada hum com seu punhal a foy passando, e a cada punhalada lançou hum rio de Sangue a Sacratissima Hostia, caso dos mais horrendos, de que trataõ as Historias, e que nós devemos sentir no coraçaõ, e fazer toda a vida diligencias para desaggravar a Christo Senhor nosso desta, e de mil injurias, como estas, e maiores, que lhe tem feito no SS. Sacramento

Judeos,

Judeos, Hereges; Gentios, e Catholicos peyor que todos os outros; como o senhor Theologo vos contará logo a seu tempo, que agora he precizo contar-vos a vida do Rey D. Sebastiaõ. Antes delle ser gerado, ou como dizem as memorias manuscriptas, que tenho, quatro mezes antes de nascido, appareceo no ar huma tumba sobre Lisboa, que de todos foy vista, sua Máy a Princeza Dona Joanna, e as suas damas viraõ das janellas do seu quarto, que da ultima parte da galleria do Paço, sahiraõ de noite muitos Mouros com tochas accezas, fallando alto na sua lingua, e se precipitavaõ no rio: quando déraõ as dores de parto á Princeza, avizaraõ todas as Igrejas da Côrte para exporem o Santissimo, e fazer preces pelo bom successo; nisso estavaõ, quando entrou na Igreja de S. Domingos huma velha Veneravel, e chegando á meza dos irmãos do Santo Christo, deo hum vintem, e disse que assentassem por irmaõ o Rey D. Sebastiaõ; de sorte que antes de nascer, e lhe determinarem o nome, ja estava Confrade daquella antiga, e notavel Confraria, com o nome de Sebastiaõ, e nunca se soube quem era a velha que fez esta acçaõ: no mesmo tempo andava pela Cidade huma notavel procissaõ de preces com hum osso de S. Sebastiaõ., por ser esta a noite do seu dia, no meyo da procissaõ viraõ todos ir sempre de joelhos huma mulher gemendo, mas taõ composta, e tapada com o manto, que nunca puderaõ conhecê-la por mais que chegaraõ as tochas accezas para isso, nem se pode saber nunca quem fosse, a que teve forças para similhante penitencia: nasceo em fim com feliz successo a vinte de Janeiro dia de S. Sebastiaõ de 1554, como ja vos dissemos: por ter nascido no dia deste invicto Martyr, e tomar o seu

no-

nome, lhe mandou o Summo Pontifice huma setta das que atravessaraõ o corpo do Santo: tres annos tinha de idade, quando foy acclamado Rey, sendo sua tutora, e Governadora do Reyno sua avó, a Rainha Dona Catharina, de cujas raras virtudes, e prendas vos démos ja a mais breve noticia, disposiçaõ prudentissima do Rey D. Joaõ na hora da morte, porque só elle, como marido, e douto a conhecia, mas ella achando demaziado o pezo da doutrina, e governo de taõ grande Monarchia, ou sentindo nisso perigo; porque saõ cousas estas, que desejaõ todos, generosamente, com lastima de todo o povo, deixou a tutoria, e o governo: chorou a naçaõ Portugueza, quando por morte do Rey D. Fernando vio que os governava huma Rainha sua natural, e agora chorou justissimamente, porque huma Rainha Estrangeira deixou de os governar: naõ seria povo, e monstro, senaõ obrasse assim: esta deixaçaõ que a Rainha fez da tutoria do neto, e governo do Reyno, foy a raiz total de todas as desgraças do Rey D. Sebastiaõ, e de Portugal, porque o talento da Rainha era a melhor cousa que vio a Europa, e a sua comprehensaõ, e prudencia taõ raras, que se ella governasse o neto, certamente lhe naõ entregaria, o Reyno sem elle estar cazado, manso, e sem o orgulho natural da sua viveza, e genio; e ella o livraria de Mestres, e Conselheiros, que foraõ causa da sua, e nossa perdiçaõ: entrou no governo o Cardeal Infante D. Henrique, tio do Rey com muito gosto, e muita infelicidade do Reyno: aos quatorze annos entregou o governo ao sobrinho, sem o ter cazado, antes sim o ter posto, ou deixado pôr em estado de aborrecer o Matrimonio, todo, e o minimo pensamento contra o sexto preceito: hum Mestre seu o insigne Mathe-

thematico Pedro Nunes lhe disse naõ se coroasse naquelle dia, que era o mesmo, em que tinha nascido; porque se o fizesse havia ser mal afortunado: como Catholico, e sabio desprezou o pronostico, e no dia de S. Sebastiaõ de mil e quinhentos e sessenta e oito se coroou: déraõ-lhe por ayo a D. Aleixo de Menezes, varaõ insigne em costumes, e virtudes, e de sangue nobilissimo: Confessor o Padre Luiz Gonsalves da Companhia, que tinha sido seu Mestre, para o que o mandou o Cardeal Infante vir de Roma, a que se seguio ser valido Martim Gonsalves da Camera, irmaõ do Confessor: seguem-se cazos mayores, que pedem Conferencia dilatada. A' tarde os direi.

FIM

DA QUADRAGESIMAQUINTA PARTE.

LISBOA:

Na Offic. de Francisco Borges de Sousa.

Anno de 1759.

Com todas as licenças necessarias.

ACADEMIA
DOS
HUMILDES,
E
IGNORANTES.

CONFERENCIA XLVI.

NA tarde do dia feis de Outubro continuou a vida do Rey D. Sebaſtiaõ o Soldado: Houve desgoſtos grandes no Paço, porque para ser infallivel a noſſa desgraça, o empenho todo era naõ attendeſſe o Rey aos conſelhos de ſua avó, porque todos eraõ ſantos, juſtos, e unicos para o ſeu bem, e do Reyno: houve quem pertendeo tirar ao Cardeal Infante o Arcebiſpado de Evora, e o Officio de Inquiſidor Geral, e certamente o conſeguia, ſe o Cardeal ſe naõ valeſſe de Filippe Segundo Rey de Heſpanha; em fim a Rainha conheceo o precipicio em que eſtava o neto, e retirou-ſe, naõ ſó delle, mas de todos os mais que o precipitavaõ; ſó D. Aleixo de Menezes, digno de eſtatuas, aconſelhava ao Rey o que era juſto com liberdade ſanta, ſem lizonja, mas por iſſo era aborrecido dos outros todos, que ſó uzavaõ della: hum dia lhe diſſe o Rey, que de tarde lhe mandaſſe preparar hum cavallo bravo, que nunca tinha ſido montado, para elle ſahir fóra; reſpondeo-lhe D. Aleixo, que o cavallo era incapaz para iſſo, e antes de ſer domado naõ havia Sua Alteza montar nelle, e expôr a vida: ateimou o Rey que nelle havia ſahir;

 inſtou

instou D. Aleixo que naõ; até que o Rey, vendo que o naõ podia vencer, sahio enfadado para outra caza, proferindo palavras colericas, e queixozas da apertada obediencia, em que o veneravel velho D. Aleixo o tinha: hum Fidalgo inimigo de D. Aleixo, vendo o Rey contra elle enfadado, beijou-lhe a maõ, e disse-lhe: *Que assim havia fazer quem havia ser Principe Soberano*; o Rey, cujo entendimento foy raro, e monstruozo, naõ obstante o estar colerico, conheceo a maldade, e lizonja daquelle Fidalgo, e tornando a entrar de pressa na sala donde sahira, e aonde D. Aleixo estava, disse em voz alta: *D. Aleixo, venho buscar-vos, e dizer-vos que mandeis preparar o cavallo, que muito quizeres, e vos parecer, porque ja aqui fóra o lisonjeiro fulano* (dizendo o nome) *me beijou a maõ, porque vos desobedecia*. Estava o Rey em outra occasiaõ fallando nas cousas de Africa com hum Mouro, o qual lhe persuadia que as temesse, e com prudencia lhe ponderava os perigos, e contingencias da guerra, e ao mesmo tempo huns Fidalgos, que estavaõ prezentes, diziaõ por lisonja o contrario, porque o sentiaõ inclinado á infeliz jornada, e destruiçaõ nossa; conheceo o Rey a lisonja refinada, e olhando para o Mouro, disse: *Os Mouros fallaõ como Christãos, e os Christãos como Mouros*: á vista destes dous casos, em que se vê a toda a luz ser este Rey dotado do mayor juizo, comprehensaõ, e prudencia, quem haverá que naõ diga foy a sua jornada de Africa, e o assenso que deo aos que lha persuadiraõ, hum castigo evidente dos nossos peccados; porque o Rey, que soube assim conhecer lisongeiros, só podia precipitar-se fechando-lhe as culpas dos Vassallos os olhos: em quanto se preparava o enterro do Rey, e do Reino, mostrava aquelle, ja acçoens

ções memoraveis de Principe Catholico, e singular, a outras que sempre se lhe ignorou, e só no dia do Juizo se lhe ha de saber o fim, mas todas encaminhadas a precipicio seu, e da Monarchia: deitava-se cedo, e pelas onze horas se levantava, acompanhado de D. Alvaro de Menezes seu pagem, chegando á praya o deixava só, e dahi a huma, ou duas horas se recolhia com elle, sem nunca se saber aonde hia, nem a que: muitas vezes com Sancho de Toar, ás mesmas horas, passava o Téjo em hum barco, sahia delle na praya da Torre velha, da parte de Belem vinha outro barco, e delle sabia hum homem, com o qual o Rey passeava huma, ou duas horas, sem nunca se poder descobrir quem era o homem, e qual a conversação naquella hora: junto ao Palacio de Cintra está hum bosque, que ainda hoje de dia he medonho, pelas onze da noite se levantava o Rey, e só hia passear nelle duas horas: em Almeirim estava elle sobre huma arvore esperando hum porco montez depois da meya noite, vio hum vulto, saltou abaixo, investio com elle, ao estrondo da lucta acudiraõ os caçadores, e criados, supponda que o Rey lutava com alguma féra, e acharaõ-no lutando com hum preto salvagem, que fugido de seus senhores havia muitos annos vivia naquelles matos com os brutos, e como elles: mandou que ninguem passasse pelas torres de Belem, e S. Giaõ sem dar parte do que levava, ou para onde hia, e elle, ou para ver se a ordem se executava, ou porque buscava entre os seus a morte, antes que os estranhos o matassem, embarcou com alguns Fidalgos em hum escaler, e foy passear pelas torres; a ordem era que mettessem a pique todo o que naõ désse parte em qualquer torre, choveraõ as balas sobre elle, sem querer dar-se a conhecer; e vendo que nenhuma o

matava, se recolheo a dormir: morreo D. Alvaro de Castro seu valido, algumas noites sahio com varios Fidalgos, e deixando-os, viraõ que hia á sepultura de D. Alvaro, e nella estava fallando largo tempo, e depois vinha com sinaes de quem tinha chorado. naõ satisfeito com as temeridades, em que expunha a vida na patria, com poucas embarcaçoens, e pouca gente sahio de Lisboa, dizendo que hia só ver, e visitar as Praças de Africa: desembarcou na Cidade de Tangere, e sahia a caçar pelos matos de Africa com tanto socego, e falta de companhia, como se o fizesse na tapada de Almeirim, fez algumas entradas em Lugares, e Villas, de sorte que os Mouros temendo maior damno se ajuntaraõ em grande numero, e começaraõ a dispôr-se no campo, o Rey intrepido mandou preparar todo o necessario, as nossas Galeras os receberaõ com huma notavel descarga de bálas, sahiraõ em fim á escaramuça, em que foraõ derrotados: sempre na vanguarda foy o Rey o primeiro, e quando investiraõ huma trincheira de madeiros, que tinhamos junto á praya, sitio, em que foy a ultima acçaõ, o Rey só sahio fóra da estacada, como se caminhasse por huma rua de Lisboa, e de sorte os apertou, que fugiraõ; veyo a noite, e retiraraõ-se de todo, esperou-os na manhaã seguinte, porém elles, depois de lhe apparecerem em muito menos numero, desappareceraõ logo: festejou o Rey com jogos de canas a victoria no campo, e recolheo-se a Lisboa satisfeito, aonde começou logo a cuidar na segunda jornada: tinha alcançado do Papa Bulla, para que as Igrejas do Reino lhe déssem subsidio para esta empreza, concedeo perdaõ aos Hereges Judeos de naçaõ baptizados por certa quantia, que lhe offereceraõ: mandou alistar Soldados novos, porém os executores da

ordem só traziaõ prezos, e maniatados os que naõ tinhaõ dinheiro para lhes dar, e ficarem soltos: tudo eraõ pragas; dos que ficavaõ, pelo que deraõ para ficar, e dos que hiaõ, porque naõ tinhaõ que dar: mas sendo tudo agouros, e máos principios, o que destruio o Rey, e estes Reinos, e em que naõ fallaõ os nossos historiadores, porque nem tudo lembra a todos, foy tirar o Rey as rendas, e Villas melhores do patrimonio, que o Veneravel Rey D. Affonso Henriques deo ao Mosteiro de Alcobaça, e com Bullas Apostolicas fez de tudo huma Cõmenda para seu tio o Cardeal Infante D. Henrique, para quem tudo o que tinha o Reyno era pouco, sem haver quem lhe dissesse, que era profecia expressa de S. Bernardo na carta escrita ao Veneravel Rey D. Affonso, que quando se dividissem as rendas de Alcobaça, se dividiria a Coroa Portugueza, razaõ porque o Serenissimo Rey D. Joaõ IV., que a tornou o unir, restituio ao Mosteiro de Alcobaça tudo o que lhe tirou o Rey D. Sebastiaõ, fazendo na segunda doaçaõ memoria de tudo o que digo: continuaraõ os aprestos da Armada sempre com vigor, e discordia, o Rey defunto D. Joaõ III. appareceo tres vezes a Fr. Luiz de Moura, dizendo com certos sinaes, para se conhecer que era certa a appariçaõ, que a Rainha sua mulher naõ approvasse a jornada, naõ se apartasse do Rey, naõ lhe consentisse vallidos, e que o Cardeal se contentasse com ser Pastor das suas ovelhas: a Rainha deo credito á visaõ, porque os sinaes só ella, e seu marido defunto os sabiaõ; mas vendo que nada podia emendar, se valeo de Filippe Segundo Rey de Hespanha, o qual lhe respondeo: *Que se o Rey estivesse em sua liberdade* (isto he sem os Conselheiros, e vallidos, lisongeiros, e aduladores) *naõ lhe faltava juizo, condiçaõ, e vonta-*

tade para obrar bem em tudo , que era pois necessario resgatar deste cativeiro hum Rey moço de boas esperanças. Alguma esperança teve de remedio a Rainha , vendo que o neto hia a Hespanha visitar o tio Filippe Segundo (parece que a entregar-lhe o Reino) pouco tempo antes da jornada de Africa , porém foy taõ pouco o fructo da vizita , que nem o tio pode persuadir o sobrinho a que naõ fosse, nem a que primeiro se cazasse, sim lhe pedio ao Rey huma filha, porém como naõ cedia da teima de ir a Africa , respondeo o tio , que se ajustaria isso quando se recolhesse ao Reino: o que se tirou unicamente da vizita, foy o principio de huma desgraça,que evitou D. Christovaõ de Moura , Portuguez , que vivia no serviço de Filippe Segundo , Fidalgo de juizo raro, com que mereceo nome eterno neste , e naquelle Reino. Resolveo-se o nosso Rey D. Sebastiaõ a partir em huma manhãa , e o tio assentou em se despedir delle á noite : tinha sido hospedado pelo prudente velho com a mayor grandeza , amor , e respeito , que pedia o parentesco , e Coroa ; porém o sobrinho vendo que o tio se despedia delle, sem o menor final de o acompanhar na seguinte manhãa , quando se foy deitar , disse que em chegando ao primeiro lugar do seu Reyno havia despachar logo hum Rey de Armas a dezafiar o tio : soube isto D. Christovaõ de Moura , que como Portuguez tudo sabia dos que assistiaõ nestas funçoens ao Rey , e logo fez acordar Filippe Prudente, que ja dormia, e lhe contou o caso: aqui se vio mais que nunca o grande juizo daquelle Monarcha,com o qual adquirio o titulo,ouvio a D. Christovaõ, e disse-lhe : *Que o serviço feito naquelle avizo tinha sido o mayor, que ninguem lhe podia fazer e lhe havia luzir ; que naõ lhe succederia ver-se com outro*

tro Rey, porque de similhantes vistas mais rezultavaõ odios, do que amizades; e fazendo reflexaõ no caso, disse: *Tem razaõ meu sobrinho, grande descuido foy o nosso, acompanhemo-lo*: levantou-se, vestio-se de caminho, naõ dormio mais, e muito cedo, antes que o nosso Rey acordasse, lhe entrou na camera dizendo para o despertar: *Para quem ha de caminhar, he dormir muito*; ficou sentido o sobrinho de se ter enfadado, supposndo que o tio o vinha acompanhar, sem saber o que elle tinha dito: estas acçoens podem só ponderar os sabios, mas nós humildes, e ignorantes só podemos admirar os bens que adquire, e males que evita hum homem prudente: entrou o Rey D. Sebastiaõ em Lisboa, dahi a pouco tempo morreo a Rainha Dona Catharina, que naõ quiz Deos tivesse o martyrio de ver a nossa desgraça aquella em tudo unica matrona, a qual na hora da morte profetizou tudo, o que depois padeceo este Reino: ja estava tudo prompto para o enterro deste, e do Rey, quando na Provincia de Entre Douro e Minho foraõ vistos esquadroens de gente armada no ar, em Lisboa appareceraõ nas praias innumeraveis peixes espadas, e em hum de extraordinaria grandeza, se vio pintada huma Cruz com dous açoutes, hum em cada braço, vio-se hum horrivel Cometa caudato, a cujas interpertaçoens respondia o Rey: *O Cometa diz que accommetta*; era tal o empenho em que tinhaõ posto o Rey, que escreveo a D. Duarte de Menezes, Capitaõ de Tangere, para que lhe mandasse dizer, que o Maluco naõ tinha poder consideravel; vieraõ-lhe as cartas, e mostrou-as no Conselho, porém instando D. Joaõ Mascarenhas, que na India deixou eterno nome, o Rey o condenou de fraco, e timido em huma junta de Medicos, aos quaes propôs, se hum homem

vai

valente podia ter medo quando fosse velho; e respondendo todos que sim para o lisongear, convenceo a D. Joaõ Mascarenhas de fraco, por velho, e que por isso lhe aconselhava que naõ fosse a Africa: hum dos Coroneis desta expediçaõ era Vasco da Sylveira, homem destemido, e virtuoso, muito tempo antes de embarcar o seguio sempre huma voz sentida, sem que visse cousa alguma; mas huma noite em Almeirim lhe appareceo em figura de extraordinaria grandeza, mayor quanto mais se chegava, e apertada da porfia, e animo de Vasco, que lhe perguntava a causa dos seus gemidos, disse: *Choro-me a mim, e a ti te choro, vendo-te ja, e aos que sempre amey tanto, em tal desventura*; e a mesma fantasma vio no campo de Alcacer junto á barraca do Rey na noite antes da batalha. Sahio o Rey da Sé com a bandeira principal do exercito, em que hia figurado Christo Senhor nosso Crucificado, e querendo o Alferes desenrolá-la, naõ foy possivel, porém ella por si se desenrolou na ribeira: embarcou, e sahindo no escaler em Lagos, se achou na prôa delle hum cadaver de homem; hum musico que levava comsigo foy profeta; porque ordenando-lhe cantasse, só lhe lembrou a poezia feita ao Rey D. Rodrigo, que perdeo toda Hespanha, que começa: *Ayer fuisteis Rey de Hespanha, oy no teneis un castillo*. Vinde logo que a historia, sendo tragica, he divertida.

F I M

DA QUADRAGESIMA SEXTA PARTE.

LISBOA: Na Offic. de Francisco Borges de Sousa.
Anno de 1759.
Com todas as licenças necessarias.

ACADEMIA DOS HUMILDES, E IGNORANTES.

CONFERENCIA XLVII.

APenas se acabou a Ladaînha, e ceárão, ja estavaõ juntos para ouvir o nosso Academico, que proseguio o assumpto, dizendo: Era o intento do Rey D. Sebastiaõ fazer esta guerra, sem outro motivo mais, que a Conquista do Reyno de Marrocos, propagaçaõ da Fé em Africa, extincçaõ da Seita de Mafoma; porém os nossos peccados foraõ causa de que se pervertesse este fim santo com a vinda de Muley Mahomet Xarife a Portugal, a pedir-lhe soccorro contra seu tio Muley Maluco, o qual lhe usurpava o Reyno de Marrocos: de sorte, que, sendo até agora o fim da guerra santo, agora era só Real, e brioso; porque era conquistar o Reyno a hum Mouro, para o dar a outro Mouro. De todos os agouros, que se contaõ nesta infeliz jornada, e vos tenho dito, o mayor, que a minha ignorancia considera, saõ os odios, e discordias, em que embarcaraõ quasi todos. Este mesmo juizo fez o Rey D. Affonso V., quando foi tomar Arzilla; porque naõ consentio se embarcasse pessoa alguma, sem primeiro se reconciliar com as que tinha offendido, ou de quem esta-

va aggravado. Em fim ſahio a infeliz Armada; deſembarcaraõ em Africa com os agouros que ja vos diſſe; propôs Maluco muitas, e grandes conveniencias ao Rey, para evitar a batalha; naõ por fraco, porque ſem dûvida era Soldado valoroſo, e experiente; mas porque lhe tinha prognoſticado que, ſe peleijaſſe, morreria no conflicto. Nada moveo o Rey a ceder da empreza; e vendo o exercito com fome, e ſede, foi neceſſario dar a batalha logo. Conſtava o noſſo campo de dezoito mil homens, tres mil Caſtelhanos, tres mil Tudeſcos, novecentos Italianos, que todos hiaõ na vanguarda: a Infantaria em Eſquadrões, a Cavallaría em Trópas, de trinta homens cada huma; o Mouro tinha oitenta mil homens de cavallo, e outros tantos de pé. Em fórma de meya Lua veyo marchando eſte horrivel eſquadraõ contra o noſſo pequeno exercito, e rodeando-o todo, ſe peleixou de ſorte, que por duas vezes ſe apregoou nos campos de Africa: *Vitoria, vitoria pelos Portuguezes*, naõ ſó dito por elles, mas pelos Mouros, que fugindo do conflicto, hiaõ dizendo o meſmo pelos lugares vizinhos. Todos diſſeraõ a verdade, porque nós certamente venciamos; porém o Rey, e hum Sargento perdêraõ a gloria deſte dia; o Rey, porque quiz fazer tudo, e dar todas as ordens, mandando que ninguem obraſſe ſem determinaçaõ ſua; e elle, que devia eſtar de fóra, e mandar, foi o primeiro que accometteo o inimigo, e ſe baralhou com elle por tal modo, que naõ houve quem déſſe mais ordem para couſa alguma. Eſtavaõ muitas Trópas, e Córpos de Infantaría ſem fazerem opperaçaõ alguma, podendo cauſar ao inimigo a ultima ruína; porque naõ queriaõ ſahir da obediencia, que o Rey lhes puzera; e

o Rey

o Rey ja naõ apparecia. O Sargento; porque ſem motivo até hoje conhecido, no mayor fervor, em que os noſſos hiaõ vencendo, gritou: *Pára*, *pára*: e como a Naçaõ Portugueza he obedientiſſima, baſtou eſta voz para naõ darem mais hum paſſo; e ſobejou a falta delle, para ſe perder tudo. Foi tambem cauſa de noſſa perdiçaõ ignorarem os Mouros, que Maluco ſeu Rey tinha morrido no confliƈto dentro na liteira, em que veyo com ſummo reſguardo; porque hum renegado ſeu valído, vendo-o morto, ſe pôs a pé junto á portinhola da liteira, e fallando com o cadaver, fingindo lhe reſpondia, foi dando em ſeu nome todas as ordens neceſſarias, até que no noſſo exercito ſe publicou, que o noſſo Rey era morto; noticia que a todos diſſipou os animos. Pegou fogo nos noſſos carros ao meſmo tempo, e como eraõ quinhentos com muita polvora, muniçôes, lanças, e todos os inſtrumentos de guerra, e tudo voou com horrivel eſtrondo, cahindo depois ſobre os exercitos, o meſmo que tinha voado, parecia que até o Ceo peleijava: e os noſſos neſte horroroſo ſuſto entregaraõ a vitoria no dia quatro de Agoſto de mil quinhentos e ſetenta e oito; tendo o Rey vinte e quatro annos de idade, e de Reynado vinte e hum. Obrou façanhas neſta batalha, que excedeo o conceito, que delle tinhaõ feito os ſeus Vaſſallos, os Mouros, e o Mundo: tinha levado comſigo o eſcudo, e eſpada do Invencivel, e Veneravel Rey D. Affonſo Enriques, que lhe entregaraõ com eſcriptura pública, teſtimunhas, e muitas condiçôes os Conegos Regrantes de Santa Cruz de Coimbra; porém permittio Deos que lhe eſqueceſſem na Náo, para naõ ſer vencido com aquellas armas ſempre vencedoras; e na meſma Armada vie-

 raõ,

raõ, e se entregaraõ pelos Officiaes da Casa Real aos mesmos Religiosos, como consta do acto da entrega. O conflicto foi tal, que poucos vîraõ morrer os outros; ao Rey nenhum; mas souberaõ que tinha morrido, quando hum Fidalgo o encontrou em tal estado de feridas, e debilidade, que o naõ conheceo, e lhe perguntou se havia noticia do Rey; mas dizendo-lhe que elle era o Rey, começou a chorar, vendo-o taõ miseravel, que o naõ podia conhecer. Os poucos, que escaparaõ, dos que o Rey levou, trouxeraõ na Armada o cadaver, que se sepultou em Belem: outros disseraõ que elle vendo tudo perdido, se mettêra na batalha, estando ja sem espiritos, nem sangue, e armas rotas, e que lá ficaraõ em tantas migalhas, que se naõ podia julgar qual eraõ as suas. Os que levaraõ o Rey, foraõ os que mais escaparaõ com vida; e vendo que o pôvo o queria apedrejar por serem causa da sua desgraça, levantaraõ a fabula, e novela da sua vinda, dizendo ao pôvo, que o cadaver, que vinha na Armada, naõ era do Rey, porque elle ficava vivo, e fôra a Reynos extranhos buscar soccorros, para se vingar dos barbaros, e que sedo havia apparecer em Portugal vivo com muitos mil Soldados. Para melhor canonizarem mentiras desta grandeza, fingîraõ cartas falsas, das quaes constava, que elle apparecêra em varias Provincias: e passando a dilatar as esperanças, fingîraõ profecias, e o peyor he torsseraõ (calai-vos disse o Theologo) violentaraõ o sagrado das profecias canonicas de Isaías, Salamaõ, Esdras, e com especialidade as do terceiro livro, que naõ he canonico: e o que mais admira he darem-lhe credito homens de juizo; mas a isto se responde com Santo Agostinho, que todas as heresias

foraõ

foraõ feitas por grandes talentos. Continuai a hiſto-ria. Seguio-ſe deſta novella (diſſe o Soldado) atre-verem-ſe homens baixos, e vís a dizerem, que eraõ o Rey D. Sebaſtiaõ: quatro, ou ſinco houve deſtes, que foraõ juſtiçados; e hum com muita galantaría, quando lhe deraõ a ſentença, diſſe: *He o que póde ſer, juſtiçarem hum homem por querer ſer honra-de na ſua terra.* No dia da infeliz batalha fôraõ viſtos no ar exercitos peleijando ſobre algumas povoações deſte Reyno; o Sol em Africa appareceo côr de ſangue; entre os dous exercitos houve huma batalha de Aguias no ar, e ficaraõ vencidas as que eſtavaõ da noſſa parte. Neſte Reyno revelou Deos a varios ſervos ſeus a perda, e a bemaventurança, que hiaõ gozar os que morrêraõ na batalha. Em Caſtella teve a meſma revelaçaõ Santa Thereſa de Jeſus; tambem dizem que D. Manoel de Menezes, Biſpo de Coimbra, apparecêra ao Cardial Infante em Alcobaça cheyo de pó, e ſangue, como ficou nos campos de Africa morto, e lhe diſſera: *Quanto ao do mundo tudo eſtá perdido; quanto ao do Ceo, os mais ſomos ganhados.* Foy o Rey muito zeloſo da Religiaõ, e taõ inimigo dos ſequazes de Mafoma, que por intervençaõ do Santo Pontifice Pio V. tinha ſollicitado para Eſpoſa Margarita, filha de Enrique, Rey de França, querendo que ſó foſſe o dote entrarem os Reys de França podoroſamente na liga contra o Turco. Naõ teve eſta diligencia o effeito deſejado: por iſſo em Guadalupe pedio a Prima ao Tio. Foi taõ venerador, e devoto de N. Senhora, que, levando-lhe para deſpachar hum papel, em que ſe fallava nella; e logo a diante nelle, dizendo: *O Rey noſſo Senhor*; ordenou que riſcaſſem logo totalmente as palavras *Noſſo Senhor*; porque

naõ

naõ era jufto lho chamaſſem quando ſe nomeava Noſſa Senhora. Eſtabeleceo o Tribunal do Santo Officio na India; foi inimigo de vicios, inclinado á miſericordia: promulgou Leys ſantas para refórma dos coſtumes: foi liberal com as Religiões, honrador dos Vaſſallos benemeritos com diſcriçaõ, agudeza, e liberalidade. Conſtou-lhe huma façanha, que tinha obrado Miguel Telles de Moura, e diſſe: *Naõ ſeria, ſenaõ Miguel Telles, a naõ ſer D. Sebaſtiaõ.* Taõ devoto do Santiſſimo Sacramento, que apenas ouvia tocar em qualquer Fregrezia de dia, ou de noite, para elle ſahir, deixava tudo para o acompanhar. Viſitou os ſepulchros dos Reys ſeus anteceſſores, vendo attentamente os ſeus cadaveres, e dilatando-ſe ſem contemplar, e dizer o muito, que tinhaõ dilatado o Reyno; mas naõ via os que o naõ dilataraõ. Era de mediana eſtatura com excellente correſpondencia de partes, branco, e ruivo, olhos azuis, aſpecto ſoberano, e mageſtoſo, dotado dos mayores eſpiritos: de nada ſe admirava, e nada julgava impoſſivel, nem difficil. Teve hum coraçaõ unico, ao que parece, na intrepidez, e monſtruoſas forças: uſou de Corôa Imperial fechada, e foi o primeiro: com ella ſe vê no ſeu retrato armado, com hum baſtaõ. Viveo vinte e quatro annos, e oito mezes, reinou dez e meyo: foi Rey vinte e hum; porque de tres foi acclamado, e aos quatorze tomou poſſe do governo. Levantou o valor ás moédas de prata, de que ſe ſeguio paſſarem para o Reyno quaſi todas as de Caſtella com grande utilidade daquella Monarquia, e mayor noſſa; abaixou a de cobre, com que evitou hum graviſſimo damno qual era o entrar muita moéda de cobre ruim no Reyno; mandou lavrar muitas de ouro grandes em tudo, com o intento de as trazer

com-

comsigo,e dallas da sua maõ. Aos Primogenitos dos Duques de Bragança fez Duques de Barcellos, e foi o primeiro D. Joaõ, filho do Duque D. Theodosio I.; ao memoravel heroe D. Luiz de Attaîde fez Conde de Attouguia, quando o mandou segunda vez á India para se livrar do prudente voto, com que lhe impugnava a jornada de Africa; a Simaõ Gonsalves da Camera, Capitaõ da Ilha da Madeira, fez Conde da Calheta, a D. Diogo da Sylveira, Conde de Sortelha. Instituîo, e formou o Conselho de Estado; e o primeiro sugeito, que nelle occupou, foi Lourenço Pires de Tavora, Fidalgo insigne pelas qualidades da sua pessoa, e pelo talento, e valor, com que adquirio eterna fama na paz, e na guerra em quasi todas as partes, e com quasi todos os Principes do mundo. Governaraõ a Igreja de Deos Pio IV., S. Pio V., e Gregorio XIII.: acabou-se o Sagrado Concilio Tridentino. Venceo o Senhor D. Joaõ de Austria, filho natural do Imperador Carlos V., a memoravel batalha de Lepanto, vitoria, que dissipou a ousadia, com que o Turco ameaçava toda Europa. Viviaõ obrando prodigios em Espanha Santa Theresa de Jesus, S. Pedro de Alcantara, S. Luiz Beltraõ, S. Cardona, S. Thomás de Villa-nova, S. Joaõ da Cruz, e o Santo Duque S. Francisco de Borja. Explicai-nos irmaõ (disse o Filosofo), que profecia he aquella de S. Bernardo, que vós dissestes fòra o motivo da ruîna total deste Reyno, quando o Rey D. Affonso estava para tomar Santarem. Ja eu vos disse fizera voto de edificar o Mosteiro de Alcobaça, e dar-lhe em dote tudo o que estava vendo da Serra de Albardos; tambem ja vos contei, que no mesmo instante, que fez o voto, o revelou Deos a S. Bernardo, parente do Rey, e vivo no Mosteiro de Claraval em França, o

qual

qual logo efcreveo ao Rey huma carta em Latim, e mandou dous Monges com ella a fundar Alcobaça. Nefta carta lhe prognofticava as milagrofas vitorias, que fempre alcançou, e conquiftas notaveis do feu Reinado; e no fim da carta diz eftas palavras: *Mandamos eftes filhos... que dem inteiro cumprimento á piedofa tençaõ do voffo voto, fundando hum Mofteiro, na perpetuidade do qual, e inteirefa, tereis hum infallivel fignal do fucceffo do voffo Reyno; e dividindo-fe as rendas, que lhe deixares, fe dividirá a voffa Corôa.* Em quanto os Reys naõ tocaraõ nas rendas defte veneravel Mofteiro, Seminario fertiliffimo de Santos, e prodigios, que vos contaremos, tudo foraõ venturas no Reyno, e Succeffaõ na Corôa. Porém o Rey D. Sebaftiaõ, como ja diffe, tirou as mayores, e melhores rendas de Alcobaça com Bullas Apoftolicas, e fez huma Commenda, que deo ao Tio Cardial Infante; por morte defte, andou fempre em Ecclefiafticos de fangue Real, até que no fegundo anno do Reinado do Senhor D. Joaõ o IV., vagou a dita Commenda por morte do Infante D. Fernando de Caftella, e o piiffimo Monarca a desfez, e reftituío as terras, e rendas ao Mofteiro de Alcobaça, como feu fundador lhas déra, attribuindo (como certamente foi) á feparaçaõ dellas a da Corôa: tudo confta do Padraõ, que fe conferva. Vinde pela manhãa fedo.

FIM

DA QUADRAGESIMASETIMA PARTE.

LISBOA:

Na Officina de Ignacio Nogueira Xifto. Ann. 1759.

Com todas as licenças neceffarias.

ACADEMIA
DOS
HUMILDES,
E
IGNORANTES.

CONFERENCIA XLVIII.

AChava-se (disse o Soldado) em Alcobaça o Cardial Infante quando teve a noticia da morte do sobrinho, perda da batalha, destruiçaõ do Reyno; veyo logo a Lisboa, que o recebeo com lagrimas, vendo os dous extremos, em que se estribára a nossa disgraça, D. Sebastiaõ acclamado na idade de tres annos, este na de sessenta e seis annos, e sete mezes; aquelle por menino, este por velho incapazes, perigosos, e infelices. Na Igreja do Hospital Real de Lisboa o acclamáraõ Rey; e o Camereiro mór, chorando muitas lagrimas, lhe entregou o Sceptro, que elle recebeo derramando muitas. Acçaõ foi esta a mais bem considerada naquelle tempo; porque hum Rey taõ velho, e achacado, que tomava o Sceptro de hum Reyno taõ enfermo, só no Hospital devia ser acclamado. Apenas o víraõ no Solio os Principes da Europa, quando quasi todos com os pezames, e parabens, lhe mandáraõ dizer que eraõ seus herdeiros. Ainda se naõ vio Clerigo rico,

 que

que deixasse de ser preseguido de sobrinhos, e parentes quando velho, esperando cada hum lhe deixe tudo: este foi o Clerigo mais rico, que teve este Reyno; todos os sobrinhos, e parentes o cercavaõ agora no Solio para herdállo: eraõ elles D. Filippe II., Rey de Espanha, o segundo D. Catharina de Bragança, terceiro o Duque de Saboya, quarto o Principe de Parma, quinto D. Antonio, Prior do Crato, sexto o Summo Pontifice, septimo a Rainha Isabel de Inglaterra, oitavo a Rainha de França, nono (este era, e foi o critico) o pôvo do Reyno, dizendo lhe pertencia dar a Corôa livremente a quem quizesse; porque elle a dera ao Rey D. Affonço Henriques, e a D. Joaõ I. Deixo á vossa consideraçaõ os tumultos, conciliabulos, discordias, idéas, parcialidades, em que ardeo esta miseravel República com oito Embaixadores, oito Pertendentes, allegando cada hum o seu direito, e sollicitando o consentimento da Nobreza, e Pôvo, e este, monstro quasi desenfreado, querendo ser Arbitro, e Juiz sem cabeça, nem juizo. Afflicto se via o veneravel Rey velho, perseguido de tantos; e como a raiz desta perseguiçaõ era o ser Clerigo, resolveo-se a deixar de o ser, para que elles deixassem de o perseguir; pedio ao Papa dispensa para casar; e em quanto ella naõ vinha, começou nova discordia na escolha da noiva, huns votáraõ na sobrinha, filha do Duque de Bragança, outros, que o julgavaõ incapaz para donzellas, lhe aconselhavaõ as viuvas; e com effeito mandou vir o retrato da Rainha mãy, de França; em fim tudo era buscar Medicos, sem tomar os remedios; o Rey tinha em casa a mulher pintada, e he como a podia

ter

ter (diz o Faria). O Papa fim queria expedir a licença; porém huma maõ poderofa, e pertendente da Coróa occultamente a retardava; e nisto se passou anno e meyo, no fim do qual morreo o santo Velho, e acabou-se a tragedia divertida, para começar outra perniciosa, e sanguinolenta. Em quanto se cuidava em casamentos, e allegar direitos, o Rey Filippe Prudente, e nesta occasiaõ prudentissimo, tinha mandado a Portugal D. Christovaõ de Moura, aquelle incomparavel Politico, de que ja fallamos na vida do Rey D. Sebastiaõ; e sendo o recado público da Embaixada dar só o peza-me da morte, e disgraça, os parabens ao Velho pela Coróa, e offerecer dinheiros para resgatar os captivos, que ficáraõ em Africa; as instancias occultas eraõ conquistar os corações do Rey, Grandes, e Pôvo, para que reconhecessem no Rey D. Filippe o melhor direito. D. Christovaõ obrou isto com tal grandeza de juizo, politica, modo, segredo, destreza, generosidade, e desinteresse, que, sabendo-se o que fez, e que elle só conquistou para o Rey D. Filippe o Reyno, o coraçaõ do Rey velho, dos Grandes, e todo o bom, e melhor do Pôvo, ninguem póde dizer, nem elogiar cabalmente, e menos comprehender esta acçaõ notavel daquelle Heroe insigne, depois Conde, e Marquez de Castello Rodrigo, Grande de Espanha, Conselheiro de Estado, e primeiro Vice-Rey deste Reyno, a quem illustrou, nascendo para o seu remedio, e vivendo para lhe evitar precipicios, adquirir honras, e privilegios, como logo diremos. Em quanto D. Christovaõ applicava remedios cordiaes á Monarquia, mostrando que naõ

podiamos resistir ás armas de Espanha; e dispendendo innumeravel dinheiro nos resgates de Africa, sendo o primeiro, que veyo resgatado com dinheiro de Castella o filho do Duque de Bragança, ao qual se seguiraõ muitos Grandes do Reyno, que lá estavaõ penando. O Cardial Rey ora se inclinava á sobrinha, Duqueza de Bragança, ora ao sobrinho D. Antonio, filho illegitimo do Infante D. Luiz, ao qual tinha obrigado a tomar ordens de Evangelho; e depois favorecido do Rey de Espanha, conseguio usar espada, e com ella o recebeo o tio Rey, agora em Lisboa, alegre, festivo, e muito inclinado; intentou elle provar que era filho legitimo do Infante D. Luiz, e da Pelicana Violante Gomes, dando testimunhas compradas, que juravaõ a tinha recebido o Infante por sua mulher occultamente: no tempo do seu captiveiro em Africa estudou bem o ponto, e agora entre os tumultos da Côrte, achou todo o necessario para o intento; e o mais he, o Rey Filippe de Castella seu patrono, de sorte que, provado o ser filho legitimo do Infante D. Luiz, ninguem lhe podia disputar a Corôa, e o ser o legitimo, e verdadeiro Rey desta Monarquia; porque se seu pay fosse vivo, havia ser o Rey, e naõ o Cardial, que foi oitavo filho do Rey D. Manoel, e D. Luiz, pay de D. Antonio, quinto filho do mesmo Rey. Mas este grande negocio mostrava de instante para instante hum rosto differente, o tio, que o recebeo nos braços quando chegou do captiveiro de Africa, agora vendo que elle intentava mostrar que seu irmaõ D. Luiz fôra casado com mulher de taõ baixa esfera, avocou a si os autos, deu sentença contra

tra elle, mandou que sahisse trinta legoas fóra da Côrte, procedeo contra as testimunhas; e Filippe Prudente dando armas contra si, e contra seu Procurador, e Embaixador D. Christovaõ alcançou hum Breve do Papa a favor de D. Antonio, mandando ir a Causa a Roma, e dando por nulla toda, e qualquer sentença; o que logo se executou á risca: porém isto mesmo fez crescer a colera ao Rey contra os sobrinhos, e mandou que os Duques de Bragança tambem sahissem trinta legoas fóra de Lisboa. D. Antonio vendo a Causa em Roma, e suppondo o que alguns lhe diziaõ, isto he, que o Rey de Espanha naõ pediria o Breve para o favorecer, mas sim para o incapacitar para a successaõ, porque fôra a supplica feita, antes do Cardial Rey sentenciar a causa, tempo, em que julgavaõ todos, e primeiro D. Filippe, que o Velho havia julgar a favor do sobrinho; o que só se evitava julgando Roma o contrario; commetteo a D. Christovaõ partidos, que lhe deixasse Filippe o Algarve com o titulo de Rey delle, e trezentos mil ducados de renda, ametade perpetuos, e cederia de todo o direito á Corôa, e pertençaõ della. Valia hum Ducado nesse tempo quatrocentos e quarenta e hum reis, hoje vale quinhentos e sincoenta e hum e meyo, o que naõ obstante, parece muito, naõ só o que pedia, mas ainda ametade. Naõ se lhe deo resposta; e elle confuso maquinou dahi por diante a sua disgraça, e da Monarquia: o Rey Cardial cheyo de bons desejos, e com natural frouxidaõ para executallos, chamou o Pôvo a Côrtes na Villa de Almeirim; e em quanto se juntavaõ, Filippe Prudente temendo as diligencias dos Duques de Bragança, e de D. Antonio,

offe-

offereceo a este por D. Christovaõ o Priorado de S. Joaõ em Espanha; e o governo deste Reyno, em quanto fosse vivo, ao Duque; o casamento do Principe, seu filho herdeiro, com huma filha sua, e os mayores augmentos para a Casa de Bragança: ambos rejeitáraõ os offerecimentos; e chegados os Procuradores, se resolveo nas Côrtes, que o Rey nomeasse Governadores, que depois da sua morte julgassem a quem pertencia o Reyno. Naõ se dá parecer mais falto de juizo em caso taõ pensado; as disgraças naõ tinhaõ numero, as futuras diante dos olhos voando, o remedio declarar herdeiro; os pertendentes ja só tres; porque a distancia fez, que perdessem as esperanças os mais: e resolvem tres Estados de hum Reyno juntos, que, depois de mais alterações, e parcialidades, que viaõ crescer todos os instantes, sem as poder cohibir o poder, e veneravel respeito de hum Rey velho, Cardial, Pontifice, e Inquisidor, curassem poucos Vassallos o que naõ queriaõ sarar todos os Estados do Reyno juntos: os Embaixadores de Espanha eraõ ja dous; porque tinha chegado o Duque de Ossuna a fazer só a D. Christovaõ companhia, e ambos instáraõ ao Rey pela resoluçaõ: seguio se ao requerimento hum particular Concelho, no qual se assentou se compuzessem com o Rey D. Filippe; convieraõ logo nisso os dous Estados, Ecclesiastico, e Nobreza; porém o monstro Pôvo resistio firmissimo, pensaõ de quem naõ tem juizo para considerar as cousas, o tempo, a ordem da providencia, e o castigo Divino. Neste tempo se aproveitáraõ muitos das mercês do Rey de Espanha, para o que trazia muitos papeis assignados em branco D. Christovaõ de

Mou-

Moura; porém elle, e seu pay; cujo exemplo foi causa de se inclinar a D.Filippe o melhor da Nobreza, procedêraõ com exemplar, e eternamente memoravel desinteresse, e fidalguia, porque D. Christovaõ se naõ aproveitou de cousa alguma, e seu pay nunca quiz vêr o Rey de Espanha: isto he pisar a cubiça, e avareza: e a mayor façanha, que obraõ os homens nesta vida: poucos deixáraõ nome na funçaõ presente; mas bastou hum, para que a Naçaõ ficasse com nome, este foi D. Joaõ Tello de Menezes, hum dos sinco Governadores por morte do Cardial Rey, heroe taõ desinteressado, e constante, que o Duque de Ossuna escreveo a D. Filippe, que a D. Joaõ, ou lhe haviaõ cortar a cabeça; ou trazêllo sobre a cabeça; de sorte, que (diz o grande Faria) os que nesta occasiaõ aceitáraõ mercês do Rey de Espanha, ou vendêraõ o Reyno, que lhe naõ pertencia, ou vendêraõ o que era de Espanha por justiça, e de toda a sorte lhe devem restituir o que aceitaraõ. O Rey vendo crescer as ondas, sem ter animo para aplacállas, chamou outra vez Côrtes para extinguillas, e só conseguio que fossem mais bravas; porque como a opiniaõ do Pôvo entre tanto cobrou forças, apenas conhecêraõ que elle estava inclinado ás razoens de Espanha, e direitos de Filippe Prudente, naõ deixáraõ acabar a pratica, gritáraõ de sorte, e com tal loucura, que nem a presença do Rey, nem a soberania, e veneraçaõ, que infundiaõ os seus annos, caracter Pontifical, e Purpura, que tudo nesse seculo tinha veneraçaõ dobrada, porque menos vezes se via; nem o exemplo dos Bispos, e mais Grandes seculares do Reyno, diligencias dos Embaixadores, e forças da razaõ, foraõ

raõ baſtantes para temperar aquella perigoſa diſſonancia do pôvo, animado pela ſua ideada eſperança cada individuo, como ſe baſtaſſem idéas ſem uniaõ, armas, nem dinheiro para deſiſtir a hum Monarca taõ poderoſo com exercito prompto; proteſtando direito á ſucceſſaõ de hum Reyno deſolado, porque naõ eſtava unido: verdade expreſſa de Chriſto no Evangelho, onde diz que todo o Reyno dividido em ſi, ſerá deſolado, e cahirá todo. Mas quem havia perſuadir a hum Pôvo; que he monſtro, verdades do Evangelho, nem profecias de S. Bernardo, nem o caſtigo Divino pelos peccados proprios, e de ſeus antepaſſados? Em fim nada ſe reſolveo nas Côrtes, nem mais fruto, que ſerem mayores as parcialidades, e a morte, que parece queria ja vêr o fim deſta tragedia. Muito antes levou o Rey em Almeirim no ultimo de Janeiro, dia em que tinha naſcido, com ſeſſenta e oito annos de idade, hum, e quaſi meyo de Reinado, no de 1580. Vinde logo.

FIM

DA QUADRAGESIMA OITAVA PARTE.

LISBOA:

Na Officina de Ignacio Nogueira Xiſto.

Anno de M.DCC.LIX.

Com todas as licenças neceſſarias.

ACADEMIA DOS HUMILDES, E IGNORANTES.

CONFERENCIA XLIX.

MOrreo o Cardial Rey (continuou o nosso Academico) na Villa de Almeirim, acabou em hum Enrique o Reyno, que em outro Enrique tinha começado; e podendo evitar-nos o presente infortunio, nomeando successor no testamento, só nomeou Governadores, e Juizes para fazerem depois da sua morte o que elle devia, e podia ter feito em vida com summa facilidade, dando-lhe Deos quasi anno e meyo para nomear quem lhe devia succeder; tempo superabundante para isso, e para o deixar jurado, obedecido, fortificado, e sem perigo; sendo certo que os mesmos Juizes, em quem por morte depôs a consciencia, melhor podiaõ segurar-lha em vida, sentenceando sem tumultos do Pôvo, e medo dos exercitos esta grande Causa na sua presença: estava porém assim determidad[illegible] [illegible]stigo. Foi o Rey Cardial chamado por anton[illegible]ia o Casto, appellido, que mereceo toda a vida com raro exemplo. Era de estatura pequena, branco, e ruivo,

olhos azuis; muito similhante ao Rey D. Manoel seu Pay, foi depositado em Almeirim; e o Rey D. Filippe I. o trasladou para Belem. No seu tempo martyrizaraõ em odio de nossa Santa Fé os Mouros em Africa sete Soldados Portuguezes, que lá estavaõ captivos desde a infeliz batalha, chamados Simaõ de Freitas, Amaro Gonsalves, Antonio da Sylva, Joaõ de Pariz, Fernando Ginez, Francisco da Esperança, e Domingos. Fundou o Cardial Rey o Collegio, e Universidade de Evora: reduzio à hum corpo a Ordem de S. Bernardo neste Reyno, reduzindo todos os Mosteiros á obediencia do Abbade de Alcobaça, o qual fez chamar-se Geral, e immediato á Sé Apostolica. Foi douto em muitas Faculdades, versado em varias linguas; deo só dous titulos, que se extinguiraõ. Apenas constou a sua morte, caminhou D. Antonio para Lisboa, e os Duques de Bragança para Santarem, cada hum a pertender a Corôa, a tempo que Filippe Prudente mandava marchar para a Fronteira hum exercito de vinte mil homens, de que fez General, por conselho de D. Christovaõ de Moura, o Duque de Alva, que estava prezo em Uzeda. D. Antonio vendo estes apretos, primeiro se offereceo ao Senado de Lisboa para defensor do Reyno; querendo imitar a acçaõ do Rey D. Joaõ o I., sendo Mestre de Aviz, esquecido de que era morto D. Nuno Alvares Pereira, que entaõ foi a defeza toda, e que os nossos peccados naquelle tempo eraõ [illegible] es, e agora mayores que os de Castella. Agradeceraõ-lhe o offerecimento, e pediraõ-lhe quizesse sahir logo da Cidade, para evitar algum tumulto: foi a Santarem, onde achou os

Duques

Duques de Bragança com boas esperanças; mas sem gente, nem armas, nem diligencia por ellas. Resolveo-se outra vez a cometter partidos: offereceo-lhe o Duque de Ossuna cem mil ducados de renda, sem mais nada; e elle vendo que isto era nada á vista do que lhe tinhaõ promettido no principio deste negocio, desesperou de todo, e cuidou no seu ultimo precipicio, e ruina do Reyno. Naõ assim os Duques de Bragança; porque como Deos os tinha para Pays, e remedio da Patria, vendo a dilaçaõ da sentença, se recolhêraõ a Villa-Viçosa, conservando em paz, e socego os seus Estados; em quanto ardiaõ em bandos, e lescuras os do Reyno quasi todos. Retirou-se o Duque de Ossuna fatigado de vêr tanta desordem: ficou só D. Christovaõ de Moura mettido neste intricadissimo labyrinto, donde só elle podia sahir vivo, sustentado pelas inimitaveis forças do seu incomparavel talento, politica, astucia, e prudencia. Em Santarem acclamou o Pôvo baixo, e rude por seu Rey D. Antonio; em Setubal investio a Casa dos Governadores do Reyno D. Joaõ Mascarenhas, Arcebispo de Lisboa, Diogo Lopes de Sousa, e Francisco de Sá, os quaes sahindo por huma janella pararaõ em Ayamonte, Cidade de Castella, fronteira de Castromarim. Neste tempo estava ja Filippe Prudente em Badajoz aonde as Praças de Elvas, Campo-mayor, e Olivença lhe mandaraõ entregar as chaves. Isto fez desesperar o chamado exercito de D. Antonio, que só constava de escravos fugidos, para adquirir liberdade, e gente vil com esperança de enriquecer. Vieraõ a Santarem sem ordem, nem armas; porém os da Villa vendo o tumulto, para evitarem o dam-

no ; acclamaraõ Rey D. Antonio ; o qual cercado deste Pôvo, ou monstro, chegou a Lisboa. Quiz defender-lhe a entrada aquelle memoravel heroe D. Joaõ Tello de Menezes, de quem ja vos contamos dizia o Duque de Ossuna, admirando o seu desinteresse, e lealdade Portugueza, que ou se lhe havia cortar a cabeça, ou trazello sobre ella. Convocou os moradores para a defeza ; muitos o seguiraõ, conhecendo que elle era o unico Governador do Reyno, que desejava sustentallo inteiro ; porém como eraõ poucos, e tambem desarmados, deixaraõ a Cidade, e fugiraõ todos. Entrou D. Antonio, pôs Justiças, nomeou Ministros, despachou Correyos para França, e Inglaterra a pedir soccorros; fez maravilhas, em quanto o Duque de Alva sem impedimento, nem perigo chegou a Cascaes, e S. Giaõ, que se renderaõ logo, e marchou para Lisboa com o exercito ; achou resistencia na ponte de Alcantara, combateo huma noite inteira, e pela manhãa conseguio o entralla. Estava da outra parte D. Antonio com quasi quatro mil homens dos, que ja dissemos ; porém taõ animosos com a presença do seu Rey, com as suas palavras, e mais com as promessas, que déraõ cuidado ao Duque de Alva, Generalissimo taõ grande, e experimentado, como sabe todo o mundo ; de forte, que julgou elle por vitoria digna do seu nome o ter vencido aquella desordenada Trópa : em fim mortos, e divididos, fugio D. Antonio por serras, e mattos, até apparecer no Porto com huns poucos, que lá se lhe aggregaraõ. Porém começando Sancho de Avila (hum dos Capitães da Armada de Espanha, que ja estava em Lisboa) a bater a Cidade da outra parte,

fugio

fugio D. Antonio; e vendo que em nenhuma Cidade, ou Villa o queriaõ receber, acclamar, e menos defender, padeceo miserias grandes muitos dias, só, desamparado, mettido entre brenhas, sem mais companhia, que a das féras, até que passou a França. Entre tanto entrou Filippe II. de Castella, e I. de Portugal em Elvas, onde foi a primeira acclamaçaõ; determinava entrar armado, e com hum Terço de Milicias: porém D. Christovaõ de Moura, que foi sempre o Anjo da paz ao lado deste grande Monarca, disse-lhe: *Supplico a V. Magestade humildemente, naõ julguem os Portuguezes, que V. Magestade se naõ fia delles, porque nunca lhe conquistaremos os corações, e o que só pertendemos he isso.* Tomou o conselho o Prudente Filippe, deixou em Badajoz as armas brancas, e a Soldadesca toda; e vestido á Cortezãa, acompanhado só dos Grandes, entrou em Elvas, acçaõ, que o introduzio nos corações dos Portuguezes, como D. Christovaõ tinha profetizado. Começou logo ahi o despacho do nosso Reyno, assistindo a elle sempre D. Christovaõ; convocou Côrtes para a Villa de Thomar, onde com summa alegria, e applauso foi jurado por legitimo Rey, jurando os Privilegios, e confirmando as Leys do Reyno. Apenas derrotado D. Antonio, entrou o Duque de Alva em Lisboa, que achou sem a menor resistencia, nem teve outro desar a sua entrada mais, que o permittir saqueassem os Soldados os arrabaldes della. Mandou logo ao Rey as chaves da Cidade, e elle as entregou publicamente a D. Christovaõ de Moura, dizendo: *Guardai-as vós; porque a vós se devem ellas.* Dia de S. Pedro entrou o Rey em Lisboa; e vendo o soce-

focego della, os vivas, os jubilos, e acclamações, conheceo que inteiramente tinha conquistado os corações dos Portuguezes; e vencido em finco mezes fó com a fua vizinhança, e prefença aquelle Reyno, a quem nunca pôde conquiftar todo o poder de Efpanha em quatrocentos e quarenta e hum annos, que tantos paffaraõ defde o em que foi acclamado no Campo de Ourique o primeiro Rey o Veneravel D. Affonfo, até o de mil quinhentos e oitenta, em que Filippe I. foi jurado em Thomar; mas conheceo que affim o conquiftara com tal nunca vifta brevidade, apparecendo; porque D. Christovaõ de Moura em anno e meyo lho tinha conquiftado fallando. Ja que me ouvís taõ goftofos, e defejais tanto feres inftruidos, hey de contar-vos os privilegios, que o Rey D. Filippe jurou a efte Reyno, quando em Thomar foi jurado, e acclamado. O Duque de Offuna os trouxe a efte Reyno, quando veyo com D. Chriftovaõ requerer o direito de Filippe, e conquiftar os animos dos Portuguezes. Saõ os mefmos que o noffo Rey D. Manoel jurou em Toledo nas Côrtes, em que toda Efpanha o jurou Principe fucceffor de toda aquella Monarquia; e Filippe Prudente para defabafar o amor, que tomou aos Portuguezes, vendo que o recebiaõ com a mayor lealdade nos corações, fem ninguem lho pedir, nem lembrar, accrefcentou no fim delles humas claufulas da fua letra, que depois fe vio foraõ profecia, e Real entrega da Corôa á Sereniffima Cafa de Bragança. O primeiro he jurar guardaría a efte Reino todos os privilegios concedidos pelos feus Reys paffados. Segundo, que quando houver Côrtes pertencentes a efte Reyno,

feraõ

feraõ celebradas nelle, e em nenhumas outras se poderá determinar cousa, que lhe pertença. Terceiro, que o Vice-Rey, ou Governadores deste Reyno feraõ sempre Portuguezes, como tambem os Visitadores, que for fervido mandar-lhe; mas que poderá ser Vice-Rey, ou Governador qualquer Filho, Irmaõ, Tio, ou Sobrinho do Rey. Quarto, que todos os cargos superiores, e inferiores de Justiça, e Fazenda se naõ poderáõ dar a Extranhos, mas só a Portuguezes. Quinto, que nestes Reynos haverá sempre todos os Officios, que em tempo de seus Reys houve assim da Casa Real, como do Reyno; e feraõ sempre providos em Portuguezes, os quaes os exercitaráõ, quando Sua Magestade, e seus Successores vierem a estes Reynos. Sexto, que o mesmo se entenda de todos os outros Cargos, e Officios grandes, e pequenos de mar, e terra, que agora ha, e depois houver de novo; e as guarnições de Soldados das Praças feraõ de Portuguezes. Oitavo, que o ouro, e prata, que se fizer em moéda neste Reyno, que será todo o que vier das suas Conquistas, e do mesmo Reyno, naõ terá outro cunho mais, que as Armas de Portugal, sem mistura alguma. Nono, que todos os Bispados, e quaesquer Dignidades Ecclesiasticas, Beneficios, Pensões, Commendas, Officios das Ordens Militares, e cargo de Inquisidor geral se daraõ só a Portuguezes. Decimo, que naõ haverá terças nas Igrejas, nem subsidios, nem escusados, e que naõ se poderaõ alcançar Bullas para isso. Undecimo, que naõ se dará Cidade, Villa, Lugar, nem Direito Real, senaõ a Portuguezes; e vagando bens da Corôa, Sua Magestade os naõ poderá tomar para si;

mas

mas ſim os dará aos parentes mais chegados dos defuntos, ou a outros Portuguezes benemeritos. Duodecimo, que nas Ordens Militares ſe naõ innovará couſa alguma. Decimo terceiro, que os Fidalgos vençaõ as ſuas moradías com doze annos de idade; e que Sua Mageſtade, e ſeus Succeſſores tomaráõ cada anno duzentos criados Portuguezes, que vençaõ a meſma moradîa; e os que naõ tiverem fôro de Fidalgos ſirvaõ nas Armadas do Reyno. Decimo quarto, que quando Sua Mageſtade, e ſeus Succeſſores vierem a eſtes Reynos, naõ ſe tomaráõ caſas de apoſentadoría, conforme o uſo de Caſtella, mas ſim como em Portugal ſe uſa. Decimo quinto, que, eſtando Sua Mageſtade, ou ſeus Succeſſores fóra deſtes Reynos, teraõ ſempre comſigo hum Concelho chamado de Portugal. Juntem-ſe logo; porque reſta muito, e o principal, que na Conferencia paſſada vos prometti.

FIM

DA QUADRAGESIMANONA PARTE.

LISBOA:

Na Officina de Ignacio Nogueira Xiſto.

Anno de 1759.

Com todas as licenças neceſſarias.

ACADEMIA
DOS
HUMILDES,
E
IGNORANTES.

CONFERENCIA L.

O Decimo quinto artigo, que jurou o Rey (diſſe o noſſo Academico) ja vos diſſe, era, que ſempre andaria junto á peſſoa do Rey em toda a parte hum Concelho chamado de Portugal, compoſto de hum Eccleſiaſtico, hum Védor da Fazenda, hum Secretario, hum Chancellér mór, e dous Ouvidores todos Portuguezes, com os quaes deſpacharia Sua Mageſtade os negocios deſtes Reynos: e álem diſto em Madrid haveria ſempre dous Eſcriváes da Fazenda, e dous da Camera, para o que ſuccedeſſe, e ſeguiriaõ a Côrte: e quando Sua Mageſtade, e ſeus Succeſſores vieſſem a eſtes Reynos, trariaõ comſigo o dito Concelhò. Decimo ſexto, que todos os Corregedores, e cargos de Juſtiça, Provedores, e Contadores proverá Sua Mageſtade como ſe coſtuma ao preſente. Decimo ſeptimo, que todas as cauſas, de qualquer qualidade que ſejaõ, ſe determinaráõ, e executaráõ neſtes Reynos. Decimo oitavo, que Sua Mageſtade, e ſeus Succeſſores teraõ no Paço de Lisboa Capella Real, onde ſe celebrem os Officios Divinos. Decimo nono, que admittirá Sua Mageſtade os Portuguezes aos Officios.

da ſua Caſa ao uſo de Borgonha, indifferentemente, como aos Caſtelhanos, e outras Nações. Vigeſimo, que a Raînha ſe ſervirá ordinariamente com Damas Portuguezas, e as caſará em Portugal, ou em Caſtella. Vigeſimo primeiro, que para ſe augmentar o Commercio ſe abriráõ os Pórtos ſeccos de ambos os Reynos, e paſſaráõ livremente. Vigeſimo ſegundo, que ſe dará todo o favor para entrar pão de Caſtella. Vigeſimo terceiro, que dará Sua Mageſtade trezentos mil ducados, cento e vinte para reſgatar captivos Portuguezes, cento e ſincoenta para depoſitos, e trinta para acodir ao trabalho da péſte, que neſſe tempo havia no Reyno. Vigeſimo quarto, que para as Frótas da India, defeſa do Reyno, e caſtigo de Corſarios, Sua Mageſtade mandará tomar aſſento conveniente, aindaque ſeja com ajuda dos outros Eſtados ſeus, e mayor cuſto da ſua Real Fazenda. Vigeſimo quinto, que procurará Sua Mageſtade eſtar neſte Reyno o mais tempo, que lhe for poſſivel; e, ſe naõ houver impedimento, eſtará nelle o Principe herdeiro; e depois proſegue dizendo: *Todas eſtas mercês, graças, e privilegios tenho por bem, quero, e mando, que nem em todo, nem em parte deixem de ter ſeu effeito em tempo algum; ſuppro qualquer defeito, que de facto, ou direito neſtas couſas ſe poſſa oppôr, e encommendo, rogo, e mando* (iſto he o que o Rey accreſcentou, como vos diſſe já) *ao Principe meu filho: e a todos ſeus Succeſſores, que aſſim o cumpraõ; ſe o fizerem (como eſpero) ſejaõ bemditos da bençaõ de Deos, Pay, Filho, e Eſpirito Santo, da Virgem Glorioſa, da Côrte Celeſtial, e da minha; e ſe o naõ cumprirem aſſim (o que naõ creyo) ſeraõ malditos da maldiçaõ de noſſo Senhor, de noſſa Senhora, dos Apoſtolos, da Côrte Celeſtial, e*

da

da minha: naõ cresçaõ, nem prosperem, nem passem a diante. Lisboa &c. O artigo vigesimo terceiro foi novo para resgatar os Portuguezes: estas ultimas palavras foraõ em remuneraçaõ do affecto, com que o recebêraõ; o Faria no Epítome as trás da sorte, que digo; porém eu em Espenha, e neste Reyno as vî ja assim escriptas, como impressas, mais accrescentadas, deste modo: *Naõ cresçaõ, naõ prosperem, naõ gozem o Reyno, nem passem a diante;* por isso vos dizia, que o prudente Rey entregára o Reyno á Serenissima Casa de Bragança, porque no tempo de seu neto Filippe IV. de Espenha, e III. de Portugal, diz o Faria, se violáraõ estes privilegios, sendo os mesmos Portuguezes os que concorriaõ para elles serem violados; e tanto que isto se vio, logo a maldiçaõ se experimentou em Espanha, e a bençaõ de Deos em Portugal, nos evidentes prodigios, com que taõ poucos, e opprimidos Vassallos acclamáraõ o seu Rey natural, o Senhor D. Joaõ IV., a quem conserváraõ a Corôa com lealdade, e constancia Portugueza, vencendo os mayores exercitos de Espenha. E qual ha de ser o cego, que vendo isto, e lembrando-se do modo, com que os mesmos Portuguezes se portáraõ com D. Antonio, e com a mesma Serenissima Casa de Bragança, quando entrou Filippe Prudente, naõ conheça que aquella froxidaõ foi castigo, e que este animo, e valor foi dadiva do Ceo, e empenho, com que a maõ Divina deo ao Rey, e Senhor nosso, que Deos guarde, e a seus Pays, e Avós a Corôa? Com satisfaçaõ pûblica compôs o Rey D. Filippe em Lisboa as cousas passadas, e presentes, castigou só sinco, perdoou aos mais; deixou por Governador do Reyno o Principe Cardial Alberto, Arquiduque de Austria, seu sobrinho.

nho. Em Lisboa o veyo visitar sua irmãa a Imperatriz Maria,que vinha de Alemanha, e com ella se recolheo a Castella ; entretanto, e naõ pouco tempo, porque ja se tinhaõ gasto seis annos quasi neste grande negocio, tinha sido desbaratado na Ilha terceira D. Antonio; porque chegando com huma Armada, que lhe deo França, o Marquez de Santa Cruz, General de outra de Espanha, o derrotou junto á dita Ilha. Afflicto passou a Inglaterra,onde a Raînha Isabel lhe deo outra Armada, com a qual no primeiro anno do governo do Cardial Arquiduque entrou em Lisboa, ganhou primeiro Peniche, entrou nos arrabaldes da Cidade, e senhoreou grande parte della ; porêm o Castello, e as Galeras, que estavaõ no rio, de sorte perseguîraõ os Inglezes com fogo, que, deixando tudo, fugîraõ para Cascaes, onde embarcados desapparecêraõ, tendo feito, e recebido damno. Foi recebido com desagrado em Inglaterra, motivo, porque passou a França pedindo nova Armada. Em Pariz gastou miseravelmente no martyrio de esperanças, e pobreza o resto da vida, e primeiro se lhe acabou esta do que aquellas ; está sepultado na Igreja da Ave Maria com humildade ; porém no Epitafio com a teima de Rey de Portugal, diz o Faria, que eu por falta de noticia, e advertencia naõ vî tal sepultura, entrando muitas vezes nessa Igreja: o certo he, que para quem naõ adivinha, o conselho mais acertado he naõ desprezar offerecimento da fortuna. Este Principe foi dotado de muitas virtudes, que o faziaõ digno de cousas grandes; todas perdeo, porque a viveza do seu genio lhe naõ dava tempo para as considerar. Nada mais faltava que vencer ao Rey D. Filippe: e como esta Monarquia lhe tinha conquistado o coraçaõ no mesmo

tem-

tempo; em que elle lhos conquiſtára, foi ſingular o cuidado,que teve della em quanto lhe durou a vida. Inſtituío a Relaçaõ do Porto, para que os moradores deſtas Provincias naõ tiveſſem o graviſſimo incommodo de vir a Lisboa tratar das cauſas: alguns querem que elle foſſe o fundador do Palacio do Terreiro do Paço, e inſtituidor do Correyo, para ſe communicar melhor por taõ diminuto preço hum Reyno com outro; porêm, como outros dizem, foi iſto beneficio, que o Reyno recebeo de ſeu filho, e alguns de ſeu neto. Na meſma duvida, em que o tenho achado, o conto, e ſó julgo verdadeira a tradiçaõ de que hum dos Reys Caſtelhanos fundou o dito Palacio, e inſtituîo o Correyo: em Eſpanha menos, em Portugal nada, em França muito, e em Italia mais que tudo ſe eſtimaõ as hiſtorias manuſcriptas; e eu que em todas eſtas Monarquias vî muitas, combinando depois o que vî com as de Luiz de Couto, que me furtáraõ, e com o que acho impreſſo, e tenho lido, a hiſtoria do noſſo Reyno padece hoje tanta dûvida, como a de todo o mundo; por iſſo vos contarei, e conto o que me parece he mais verdadeiro, e bem fundado no muito que tenho lido. Dezoito annos gozou a Corôa de Portugal o Rey Filippe: aos ſetenta e hum de ſua idade; no anno de mil quinhentos e noventa e oito o aſſaltou huma enfermidade, que nunca ſe conheceo, nem pôde curar, a mais penoſa, e ſó capaz de ſoffrer hum Filippe Prudente, para dar moſtras das grandes virtudes, que ſempre adquirio, e exercitou, e moſtrar que até na morte mereceo o titulo de Prudente. Com a mayor conſtancia, e paciencia, que ſe vio em homem ſem milagre, tolerou a doença, vendo corromper as entranhas, e nellas hum como formigueiro

migueiro de bichos, que nunca se extinguírão, antes se multiplicavaõ. Chamou o Principe seu filho herdeiro de tantos, e taes Reynos, e abrindo a cama lhe mostrou aquelle horrivel, e hediondo espectaculo, dizendo-lhe: *Filho, isto he a Magestade, e nisto vem a parar: toma exemplo para conheceres o que es, e o que fui eu, que te gerei, para regeres tantos Vassallos, conhecendo que tu, e elles somos do mesmo pó.* Pedio ao seu Confessor lhe explicasse como se ministrava o Sacramento da Extrema-Unçaõ, e se recebia; porque nunca o tinha visto ministrar: e depois de se despedir do Principe, Conselheiros, e Grandes, dando naquella hora a todos as mayores luzes em documentos, que sempre executou na vida em todas as acções ainda particulares, falleceo na idade, e anno, que ja disse a dezasete de Setembro, tendo reinado em Espanha quarenta e tres annos. Foi hum dos mayores Principes, que teve o mundo, a quem naõ consta igualasse outro até o presente seculo, e o primeiro que dominou toda Espanha depois que a perdeo o ultimo Rey Godo D. Rodrigo. Nelle se viaõ juntas tantas virtudes, que divididas podiaõ fazer memoraveis todos os Principes. Cuidava com tal vigilancia no seu officio, que nunca no seu tempo ficou em todos os Reynos benemerito sem premio, nem culpado sem castigo. Este elogîo, que se lê no Cartorio dos Marquezes de Castello-Rodrigo, bastava politicamente para canonizállo: tinha horas repartidas para os despachos dos Reynos, para os naõ confundir; ouvia a todos, e a todos respondia naõ com generalidades, mas com noticia certa das suas pertenções, e dos termos, em que se achavaõ; e para melhor despachar a todos, elle só da sua maõ escrevia mais,

que

que todos os Secretarios; cousa he esta que ninguem póde duvidar; porque em Espanha a cada hora se vê, e só o que se conserva na Casa de Castello Rodrigo faz pasmar, como teve hum Rey taõ occupado, vigilante, e Senhor de tantos Reynos tempo para escrever tanto, despachando ao mesmo tempo, e ouvindo a todos. Acções, e ditos seus, que sempre foraõ sentenciosos, vos contarei quando vos referir o seu nascimento, e principio do reinado na Historia dos Reys de Espanha. Foi de mediana estatura, testa levantada, olhos azuis formosos, nariz proporcionado, beiços grossos, e o debaixo cahido hum pouco, signal da Casa de Austria, cabellos ruivos, e todo junto aspecto Real, cheyo de Magestade, e respeito: careceo do sentido do olfacto; ha varios retratos seus; o melhor he o da idade, e ornato, com que se achou nas Côrtes de Thomar. Casou, como Julio Cesar, quatro vezes, a primeira com a Infante D. Maria, filha do nosso Rey D. Joaõ III.; segunda com Maria, Raînha de Inglaterra, filha de Enrique VIII., de quem naõ teve filhos; terceira com Isabel, que chamáraõ da Paz, pela que trouxe em dote, filha de Enrique II. de França; quarta com Anna, filha do Imperador Maximiliano. Da primeira teve hum só filho D. Carlos, a quem prendeo em hum quarto do Paço, e nelle morreo de pena, vendo-se preso; as justas causas, que houve para isso, diremos a seu tempo; da terceira mulher teve duas filhas, D. Isabel, Condessa de Flandres, mulher do Arquiduque Alberto; D. Catharina, mulher de Carlos Manoel, Duque de Saboya: da quarta teve sinco, D. Fernando, e D. Carlos, que morrêraõ meninos, D. Diogo, que morreo menino, jurado Principe de Portugal, D. Filippe, que lhe succedeo nos

Rey:

Reynos, D. Maria, que morreo menina. Deo muitos titulos aos Fidalgos deste Reyno; ao Marquez de Villa-Real D. Manoel de Menezes fez Duque da mesma Villa; aos Primogenitos dos Duques de Aveiro, Duques de Torres-novas; a D. Antonio de Castro, Conde de Monsanto; a D. Francisco Mascarenhas, Conde de Santa Cruz; a Ruy Gonsalves da Camera, Conde de Villa-Franca; a D. Francisco Manoel, Conde de Attalaya; a D. Fernando de Noronha, Conde de Linhares; a D. Fernando de Castro, Conde de Basto; a D. Pedro de Alcaçova Cameiro, Conde de Idanha; a D. Duarte de Menezes, Conde de Tarouca; a D. Christovaõ de Moura, Conde de Castello Rodrigo. No seu tempo reformou o Missal, e Ritos S. Pio V., e concluío a refórma do anno Gregorio XIII.; teve principio o uso desta refórma no anno de mil quinhentos e oitenta e dous; no qual celebrada a festa de S. Francisco a quatro de Outubro, no dia seguinte se contáraõ quinze do mesmo mez de Outubro: correcçaõ notavel, com que se evitou o erro antigo dos oito minutos; de que a seu tempo fallaremos. Naõ tardeis em juntar-vos.

FIM
DA QUINQUAGESIMA PARTE.

LISBOA:

Na Officina de Ignacio Nogueira Xisto.

Anno de M.DCC.LIX.

Com todas as licenças necessarias.

ACADEMIA
DOS
HUMILDES,
E
IGNORANTES.

CONFERENCIA LI.

COm notavel concurſo no Domingo, 8. de Outubro, continuou a hiſtoria o noſſo Academico. Morto o Rey D Filippe I. de Portugal, acclamáraõ nelle ſeu Filho Filippe II.; e como de todos os Reys de Eſpanha até D. Filippe V. vos havemos dar noticia, agora ſó diremos o que neſte Reyno obráraõ. No anno de mil e ſeiſcentos e dezanove veyo viſitar eſte Reyno, trazendo em ſua companhia o Principe D. Filippe, D. Iſabel, e D. Maria: dia de S. Pedro, como ſeu Pay, entrou em Lisboa, a qual o recebeo com taes feſtas, apparatos, e diſpendios, que, faltando a todos cabedal para o admirar, diſſe o Rey: *Que ſó naquelle dia o fôra.* Celebrou no Palacio Côrtes, em que foi jurado o Principe D. Filippe herdeiro do Reyno; e paſſados ſete mezes nos deſpachos, e dependencias deſtes Reynos, ſe recolheo a Madrid ſummamente affeiçoado á Naçaõ Portugueza, como o moſtrou nas muitas mercês, que fez aos Grandes della; e faria muitas mais, ſe lhe duraſſe a vida, que acabou no ultimo de Março de mil ſeiſcentos e vinte e hum com quarenta e tres annos de idade;

vinte e dous e meyo de Reyno. A D. Miguel de Menezes, Marquez de Villa Real, fez Duque de Caminha; a D. Christovaõ de Moura, Conde de Castello Rodrigo, fez Marquez da mesma Villa, Grande de Espanha, do Conselho de Estado de Castella, e primeiro Vice-Rey de Portugal; a D. Diogo da Sylva, Conde de Salinas, fez Marquez de Alenquer, Villa, que sempre foi da Raînha, e hoje he dellas; aos Primogenitos da Casa de Castello Rodrigo, Condes de Lumiares; a D. Luiz Enriques, Conde de Villa Flor; a D. Luiz da Sylveira, Conde de Sortelha; a Ruy Mendes de Vasconcellos, Conde de Castello Melhor; a Enrique de Sousa, Conde de Miranda; a Luiz Alvares de Tavora, Conde de S. Joaõ da Pesqueira; a D. Manoel de Castello-branco, Conde de Villa-nova de Portimaõ; a D. Francisco de Faro, Conde de Vimioso; a D. Pedro de Menezes, Conde de Cantanhede; a D. Estevaõ de Faro, Conde de S. Luiz de Faro; a Joaõ Gonsalves de Attaîde, Conde de Attouguia; a D. Luiz de Lima, Conde de Arcos; a Simaõ Gonsalves da Camera, Conde da Calheta; a D. Francisco de Sá e Menezes, Conde de Penaguiaõ. Huma Imagem de S. Sebastiaõ no seu tempo suou copiosamente, e cessou a pêste, em que se abrazava Lisboa. Hum anno antes da sua jornada a Portugal foraõ observados dous Cometas prodigiosos nos Signos de Virgo, e Libra, hum delles de tal grandeza, que renovou a memoria daquelle que no nascimento de Mitridátes occupou a quarta parte do Ceo. Seguiraõ-se mortes de Pontifices, Reys, perdas de Imperios; na India houve huma taõ horrivel tormenta na Cidade de Baçaím, que levou Templos, casas, gente, arvores, e montes; viraõ-se no ar varios signaes em fórma de homens, fógos,

fógos, e peleijas. Acabou a vida com opiniaõ de ſantidade o illuſtriſſimo Varaõ D. Fr. Bartholomeu dos Martyres, Arcebiſpo Primás de Braga, da Ordem dos Prégadores, cujo veneravel Depoſito poſſue Vianna do Minho: floreceo em prodigios Margarida de Chaves. Morto D. Filippe II. de Portugal, III. de Eſpanha, e Rey vigeſimo deſta Monarquia na opiniaõ dos que neſte numero contaõ o Senhor D. Antonio, porém decimo nono para com os que lhe negaõ eſſe brazaõ no ſepulchro, foi acclamado ſeu Filho Filippe III. Entrou no governo reformando Conſelhos, promulgando Leys, caſtigando Miniſtros culpados, e mandando a todos, que preſentaſſem Inventarios de ſuas fazendas, para que ſempre conſtaſſe o que tinhaõ antes de ſervillo, e melhor depois viſſem os mais quanto avultava o premio. Começou a rebeliaõ dos Olandezes no tempo de Filippe Prudente, como vos diremos na ſua vida, e agora ſe vingavaõ nas Conquiſtas da Monarquia Luſitana, aſſim na Aſia, como na America: naquella foi notavel a perda, como ouvireis a ſeu tempo com mágoa; neſta entráraõ pela Bahia de todos os Santos com huma groſſa Armada, em que hiaõ tres mil homens de guerra, muita artilheria, munições, e o mais para a Conquiſta, ſendo o peyor inſtrumento para ella o ſeu ſegredo, e o noſſo deſcuido: eſte ja antigo; porque ſó os lucros mereciaõ aos Governadores o cuidado; aquelle, porque ſahîraõ com voz, e fama de que hiaõ ſobre as Indias Occidentaes: e paſſada a Linha em ſeis gráos ao Sul, aberto o prégo, acháraõ lhes ordenava a República foſſem conquiſtar a Bahia: Moſtráraõ, que nunca a tinhaõ viſto os que aſſim o determináraõ: he huma enſeada a mayor que no mundo ſe tem deſ-

 cober-

cuberto, porto da cidade de S. Salvador; rica, e abundantissima; porém assim ella, como todas as nossas Conquistas da America, na verdade saõ inexpugnaveis; porque, aindaque lhe tomem as cidades, e Villas, se naõ houver péste (mal, que até o presente nunca lá houve, e de que Deos as livre) para consumir os habitadores no mato, sem armas hade o inimigo sahir das terras; porque do mato lhe vem todo o sustento, e nelle he impossivel expugnar os que lá se tem refugiado: o tempo mostrou o que digo, e o digo; porque o mostrou a experiencia, è tempo, como vos contarei gostoso. Entrou a Armada, batêraõ com artilheria grossa a rua da praya, e o Forte do mar, entaõ apenas começado, e hoje total defesa daquelle Emperio; no Forte estava Antonio de Mendonça, filho do Governador Diogo de Mendonça; com pouca gente, e reparos, de sorte, que perseguido da artilheria inimiga deixou o posto: desembarcáraõ mil mosqueteiros, á desfilada buscavaõ a cidade sem encontrarem a menor resistencia, fizeraõ alto no arrabalde de S. Bento; tanto que foi noite sahîraõ todos os moradores, ficou só o Governador esperando em casa os Olandezes, que o leváraõ preso para a Capitania da Armada; o Bispo D. Marcos Teixeira com os Conegos, e Clerigos armados se tinha offerecido ao Governador para a defesa da cidade; porém como o naõ admittio, retirou-se a huma Aldêa com ordem, e concerto Militar. Mathias de Albuquerque, Governador de Pernambuco, cidade distante cem legoas, era a quem pertencia succeder ao Governador preso, mas era ao mesmo tempo summamente necessario em Pernambuco, a quem ameaçava igual perigo. Avizou o Rey com a préssa possivel; e chegou a noticia em Julho de 1624: escreveo

logo

logo da ſua maõ o Monarca D. Filippe aos Governadores deſte Reyno, que eraõ D. Diogo de Caſtro, Conde de Baſto; D. Diogo da Sylveira, Conde de Portalegre; e aos Fidalgos principaes, encarecendo a todos: *O que eſtimava o valor, e fidelidade Portugueza, e o que em correſpondencia do ſeu amor eſperava obraſſem em occaſiaõ taõ grande.* Naõ foi vãa a eſperança do Rey, porque em tres mezes ſe vio no rio de Lisboa huma Armada de vinte e ſeis embarcaçőes, cheyas de quaſi toda a Nobreza deſte Reyno: e o mais he, ſem a Fazenda Real gaſtar couſa alguma; porque a Nobreza á ſua cuſta a preparou. O primeiro que offereceo gente numeroſa, levantada nas ſuas terras, e paga á ſua cuſta, foi D. Manoel de Moura Corte-Real, Marquez de Caſtello Rodrigo, e D. Affonſo de Noronha, que tinha ſido Governador, e Capitaõ General das noſſas melhores Praças, e Conquiſtas; e agora, ja adiantado em annos, eſtava nomeado Vice-Rey da India. Foi o primeiro que aſſentou praça de Soldado para ir na Armada; á imitaçaõ deſtes os mais todos, de ſorte, que ſó ficáraõ os decrepitos, e occupados. Ao meſmo tempo ſe preparava em Caſtella outra Armada; porém como era de gente mandada, e a noſſa de Nobreza voluntaria, offerecida, e brioſa, a noſſa ſahio ſem a Caſtelhana em Novembro; e na Ilha de San-Tiago, principal de Cabo Verde, eſperou a outra, que ſe unio em Fevereiro do anno ſeguinte de 1625. Os noſſos vinte e ſeis navios leváraõ quatro mil homens de mar, e guerra em dous Terços, de que eraõ Meſtres de Campo Antonio Moniz Barreto, e D. Franciſco de Almeida; General de todos D. Manoel de Menezes; e D. Franciſco de Almeida, Almirante: todos homens taõ grandes como vos conſtará

quan-

quando lhes contarmos as proezas, que obráraõ na Patria, e nas Conquiſtas. A Armada de Caſtella era mayor aſſim no numero dos navios, como no da gente; levava oito mil homens em tres Terços, dous de Eſpanhoes, e hum de Italianos; ſeus Meſtres de Campo eraõ D. Pedro Oſorio, D. Joaõ de Orelhana, e o Marquez de Torrecuſſo; Almirante D. Joaõ Fajardo de Guevara; General D. Fradique de Toledo Oſorio, Marquez de Valdueſa. Em quanto ſe dilatáraõ as Armadas obravaõ os Olandezes na Bahia tyrannias; muitos Navios, ignorando a diſgraça daquelle notavel porto, entravaõ nelle a buſcar deſcanſo, e commercio, todos priſionavaõ ſem o menor trabalho; e do muito, que nelles acháraõ, junto com o que ſe reſervou do ſaque, mandáraõ para Olanda ſinco Náos carregadas com o preſente. Profanáraõ os templos, deſtruíraõ, e queimáraõ edificios, e ſó lhes faltava para a ſubſiſtencia dominar os matos. Vinha ja neſte tempo o Governador do Rio de Janeiro ſoccorrer a Bahia, quando os Inglezes com outra Armada, que governava Pedro Peres, infeſtava os mares do Braſil; ſaltáraõ em terra, e accommettêraõ a Villa da Vitoria, a tempo que nella eſtava o ſoccorro, que vinha para a Bahia: Martim de Sá, e ſeu filho com os mais Soldados com total vigor os recebêraõ ſó com as eſpadas, que deixando no campo mortos o Almirante, cem moſqueteiros, e huma bandeira, fugîraõ para as Náos com ſumma vergonha, ſem que hum ſó tiraſſe a eſpada da cinta. Na Bahia governava as noſſas Armas o Biſpo D. Marcos Teixeira, o qual com mil e quinhentos homens, a terça parte negros, veyo á Cidade, e nos arrabaldes o eſperáraõ os Olandezes: houve muitos aſſaltos, e combates; em que perdemos

unica-

unicamente fete, ou oito Soldados; o inimigo mais de trezentos; e entre elles o Coronel Joaõ Dort, pessoa entre elles de notavel estimaçaõ, aquem tirou a vida o Capitaõ Francisco de Padilha. Sahîraõ da Cidade dous Christaõs novos, Apostatas, que seguiaõ os Olandezes, ficando entre elles os outros, que eraõ muitos, e ja davaõ os parabens de verem no Brasil por senhores os inimigos do Santo Officio. Estes dous receando se mudasse a fortuna, que outros imaginavaõ constante, passáraõ ao nosso campo, fingindo arrependimento da Apostasia, e deslealdade; porém os nossos os recebêraõ nas pontas dos dardos, e espadas, e os fizeraõ em miudos pedaços. Recuperáraõ o porto de Tapagipe, nesse tempo muito importante como se vio depois; porque, morrendo o Bispo D. Marcos, Varaõ exemplar, e em tudo veneravel, lhe succedeo Francisco Nunes Marinho, a quem depois de muitas acções de valor, e prudencia veyo de Lisboa succeder no governo da Bahia, nomeado pelo Rey, D. Francisco de Moura, que desembarcou em Tapagipe com o soccorro, que levava, em quanto a Armada naõ vinha. Nestas Náos, que lá serviaõ só de impedimento, veyo para Lisboa preso o Governador Olandez, que Francisco Nunes captivou em Tapagipe; e foi tal o medo dos inimigos tanto que chegou D. Francisco, e vîraõ desembarcar soccorro, que deixáraõ os arrabaldes de S. Bento, e Carmo, nunca mais sahîraõ a campo, e só cuidáraõ em forticar a Cidade, aonde se recolhêraõ ja com muita fome; porque sem provimentos contínuos dos matos, ninguem nella vive. Depois de inexplicaveis trabalhos, tempestades, e descaminhos, que sempre se attribuîraõ a feiticeiros, que no Brasil antes queriaõ Hereges,

do

do que Catholicos Romanos. Chegáraõ as Armadas em Sexta feira Santa; sahîraõ logo a terra quatro mil homens com facilidade; o General D. Manoel de Menezes, e o Almirante D. Joaõ ficáraõ a bórdo, formando com os Navios huma meya Lua para evitarem ao inimigo a fugida. O Marquez de Cropani Pedro Rodrigues de Santo Estevaõ foi marchando para a cidade com os quatro mil, a quem seguio D. Fradique; fizeraõ alto, e começáraõ os ataques: sahîraõ trezentos Olandezes a impedillos, morrêraõ muitos, retiraraõ-se medrosos; mas nós ficámos com perda de sincoenta pessoas de ambas as Nações, todos Cavalheiros importantes. De pressa nos vingou a artilheria das nossas Armadas, e dos ataques, matando infinitos, e arrazando os edificios todos ao mesmo tempo, em que o General Portuguez com fortuna lhe mettia no fundo os Navios. Pede mais vagar o caso; vinde logo.

F I M

DA QUADRAGESIMAPRIMEIRA PARTE.

L I S B O A:

Na Offic. de Ignacio Nogueira Xisto. Ann. de 1759.

Com todas as licenças necessarias.

ACADEMIA
DOS
HUMILDES,
E
IGNORANTES.

CONFERENCIA LII.

POuco tardáraõ os Academicos, e Romeiros; e o Soldado continuou em instruîllos. O Coronel dos Olandezes animoso fez conduzir para dentro das estacadas todos os víveres, que tinha ainda nos outros arrabaldes, e patenteou os dos Armazens, que naõ tinha aberto, guardando tudo para sustentar hum dilatado asse-dio: e agora julgando que só a vista de taõ rara abundancia, a tempo que a fome os opprimia, era superabundante estimulo para socegar o levantamento, que já tinha principio, e animar todos á defesa até chegar o soccorro, que por instantes estavaõ esperando. Rara foi esta politica, mas desgraçada, deixar padecer o exercito, para conhecer os animos dos Cabos, e Soldados, e depois de conhecidos os constantes para a defesa dos póstos, e fiança das acçóes de valor, constancia, e brio, animar os desleaes, e baixos com abundancia de mantimentos; por ser gente, que só aspira ao premio dos brutos. Taõ rara foi esta idéa, que ainda neste seculo he na Bahia a mais sabida, quando outras mayores naõ merecêraõ lembrança: eu pasmei no tempo, que já

eſtive, e homens velhos (ſó lá vi muitos, e quaſi todos podiaõ lá parecer eternos, ſe quando velhos, por beneficio do clima naõ foſſem taõ moços) me moſtráraõ os ſitios dos ataques, curraes, e Armazens, que lhe tinhaõ enſinado ſeus pays, e avós, e todos comigo admiravaõ a ſubtil aſtucia do Olandez em occultar a hum exercito numeroſo tudo o que elle tinha ganhado naquelle Paiz com grave perigo, e o que do ſeu conduzîra para ſuſtento com tal fortuna, e deſtreza, que, ſendo muito, e incapaz de ſe guardar ſem ſe ſaber, o teve ſeguro no primeiro ſitio da outra parte do Dique, onde ſem reſiſtencia lho podiaõ furtar, e o naõ fizeraõ, porque ninguem julgou o havia allî expôr. Foi diſgraçada a idéa; porque como a Soldadeſca conſtava de Olandezes, Inglezes, e Alemães, tudo gente, cujo Deos naõ ſó he a barriga, mas a bolſa, vida, e conveniencia, e viaõ todas eſtas em perigo, clamáraõ, que os tinhaõ enganado, dizendo-lhes hiaõ para as Indias Occidentaes, e que naõ queriaõ já mais trabalhos, e perigos. Uſou de ſegunda aſtucia o Coronel, publicou hum Edicto, em que dava licença, para que paſſaſſe ao noſſo exercito todo o Soldado, que no ſeu eſtiveſſe diſgoſtoſo, ou opprimido: logo ſe quizeraõ aproveitar delle muitos; porêm, vendo enforcar tambem logo os primeiros, que ſe reſolveraõ a iſſo, ſocegaraõ-ſe pouco tempo: rompeu eſte ſilencio hum Capitaõ fulano Dichon, requerendo ſe entregaſſe a Praça, e o Coronel conhecendo nelle igual aſtucia, e que era amado, e reſpeitado pelo mais prudente, e ſabio por toda a Milicia, deu ordem que puzeſſem fogo a toda a Armada Olandeza, temendo, que fugiſſem todos nella, dandolhe obediencia, ou com elle o ſeguiſſem para a noſ-

ſa;

sa ; e pelo contrario vendo perdida a esperança de meyos para taó sedo verem a patria, perseverassem, até vir o soccorro, na defesa, que, depois delle vir, certa estava a constancia. Em quanto dava as ordens pára se queimarem as Náos, se levantáraó todos, feriraó o Coronel, e o injuriáraó; e salvas as vidas se rendêraó: entráraó em Junho de hum anno, sahîraó em Abril de outro; entráraó (diz o Faria, e esta he a tradiçaó certa) ricos de bens, e esperanças de outros mayores, sahîraó desarmados, pobres, miseraveis. Que diria este grande, ou unico Chronista da nossa Monarquia, se lesse as antigualhas da Bahia, e ouvisse as tradições della? Naó só deixáraó o que tinhaó conduzido de Olanda, e o que tinhaó furtado na Bahia; mas nas mãos dos Soldados Espanhóes todos deixáraó ainda o vestido mais necessario para a modéstia, e muitos a vida. Naó vos admireis, porque a Cidade foi sequeada por Espanhóes, e Italianos com igual barbaridade á dos Olandezes. Achou-se dentro hum incrivel despojo, em mercadorîas tres milhoes, e seiscentos mil cruzados, em dinheiro novecentos, tres mil quintaes de polvora, balas sem numero, duzentas e setenta e duas peças de artilherîa: seis mil arcabuzes, innumeraveis aprestos differentes, arreyos, e sellas de cavallos; seiscentos negros, oito mil fangas de farinhas, sincoenta mil vacas, e duas mil pipas de vinho: estas foraó as que destruîraó a idéa do Coronel Olandez, porque quando recolheo as vacas, e patenteou as farinhas, fez o mesmo aos vinhos, devendo occultállos, porque o uso delles causou os levantamentos. Reparai, irmãos, que todos os vicios ou saó nascidos de brios, ou para sustentállos, e só a bebedice he para extinguir todos: nin-

guem com bebados efpere, fenaõ infortunios Defpedidos com fumma ignominia os inimigos, reftituidos os moradores ás ruînas, e veftigios das fuas Cafas, fe recolhêraõ as Armadas; porém o que lhes naõ fizeraõ os inimigos, recebêraõ das ondas. Grande foi a tempeftade quafi continua quando foraõ; mayor quando vieraõ. Quem fabe o quanto o Brafil foi fempre abundante de feiticeiros, e quanto eftes defejaõ o domînio de Hereges para viverem livres de fuftos, naõ fe admira de que neftas occafioẽs fejaõ extraordinarios os ventos, fendo commum nos Capellaẽs das Náos o defcuido em fazer Exorcifmos, remedio taõ infallivel nas tempeftades, que na jornada da India para Lisboa, huma das peyores, de que há noticia, nunca vî exorcizar os ares, que naõ ceffaffem ventos, ondas, chuva no mefmo inftante, com aquella moderaçaõ (ifto he o mais) neceffaria para naõ fer mais perigofa, do que a tempeftade, a bonança. Cada Armada fe recolheo a feus Reynos; mas lamentando a falta de Navios, que no mar com gente benemerita, e nobiliffima ficáraõ fepultados. Em quanto os Portuguezes paffavaõ eftes trabalhos, o Confelho de Portugal em Madrid confultou o Rey, dizendo, que a noffa Armada fora toda compofta á cufta da Nobreza dos Reynos; e devia Sua Mageftade fazer mercê dos bens da Corôa, e Ordens aos filhos dos que morreffem nefta acçaõ gloriofa, em premio do valor, lealdade, difpendio, e vida de feus pays: o Rey o concedeo affim, defpachando a Confulta, que eu vî defte modo pela fua maõ, e de letra excellente: *Como parece ao Confelho em tudo; e por quanto defejo que taes Vaffallos me vivaõ, faço a mefma mercê, que o Confelho me confulta, a todos os que foraõ na dita Armada, ain-*

daque

daque lá fiquem, ou se recolhaõ vivos, como desejo. Naõ vos encareço a grandeza desta liberalidade, porque ella mesma se encarece; e depois da gloriosa acclamaçaõ do nosso Serenissimo Restaurador D. Joaõ IV. creyo que em Castella todos foraõ vêr esta Consulta, e a ensinaõ aos filhos com o Padre nosso, e Ave Maria, como se a Naçaõ Portugueza necessitasse nunca lembrança de beneficios, para confessar obrigaçoẽs, ainda quando as naõ deve, ou como se fosse em Portugal cousa nova dar os bens da Corôa, e Ordens aos filhos dos que pela defeza da mesma Corôa deraõ a vida, sem darem cousa alguma da fazenda; sendo assim que nesta funçaõ todos deraõ a fazenda, e expuzeraõ a vida. Quando haviamos cantar esta victoria com gosto, álem da perda de varios navios da Armada, tivemos outras duas este anno de mayor consequencia: a primeira foi a Cidade de Ormuz na India, que os Inglezes nos conquistáraõ por hum descuido, que direi a seu tempo; a segunda a Fróta, que sahio acompanhando a Náo da India cheya de Nobreza, e toda se perdeo na costa de França, de sorte que, depois da que tivemos em Africa, foi esta a mayor perda, e mais horrorosa; porque os que escapáraõ vivos padecêraõ mais nos poucos dias de vida, do que os outros, a quem o mar, e trabalho dispensáraõ estes martyrios. Ao mesmo tempo veyo sobre Cadiz huma Armada Ingleza, em agradecimento da extraordinaria pompa, festas, gostos, alegrias, e dispendios, com que o Rey tratou o Principe de Inglaterra em Madrid pouco tempo antes: accudiraõ os Portuguezes com tal ligeireza a este damno, que sempre ficou em dúvida quem teve mayor parte no merecimento, ainda comparado com os mo-

cadores

radores da Cidade opprimida o nosso trabalho, valor, e brio. Nesta occasiaõ soou por si, sem ninguem lhe tocar, o célebre sino de Velilha em Espanha, costumado ha seculos a obrar esta maravilha, houve taes, e tantos invejosos da nossa gloria, e fama em Castella, que para nos escurecer a que tinhamos adquirido na expulsaõ da Armada Ingleza, e em todas as mais, de que tinha recebido os mayores serviços o Monarca, entre varios discursos, com que interpretáraõ o milagroso tóque deste sino, hum foi tirado das memorias Chronologicas do Abbade Martim Carrilho, o qual referindo todas as vezes, que assim mysteriosamente tem soado, huma, disseraõ elles, fôra quando os Portuguezes se ajustáraõ a matar o Rey Filippe Prudente, primeiro de Portugal; testimunho falsissimo, que só nos podia levantar o mais refinado odio: e para mostrar melhor a falsidade, diziaõ fôra o ajuste, quando elle pertendia succeder no Reyno, para que o naõ gozasse, sendo certo que a Naçaõ Portugueza sempre foi a mais honrada, como confessou pela boca de Diogo Fernandes Mariscal de Castella toda a Espanha, antes da batalha de Aljubarrota: e quando defendeo a liberdade da patria, sempre foi com as espadas, e nunca com vilezas. O Rey conhecendo melhor isto, que digo, mandou recolher os papeis logo; e para mais dar a conhecer o grande conceito, em que estimava a Naçaõ Portugueza, remunerou com grandes mercês os que servîraõ em Cadiz, e a muitos dos Grandes, a D. Manoel de Moura Côrte-Real, Marquez de Castello-Rodrigo, e Gentil-homem da sua Camera, deu o titulo de grandeza para a sua Casa, e sendo Commendador mayor em Castella da Ordem de

Alcan-

Alcantara, por essa dignidade lhe deu a de Commendador mayor da Ordem de Christo em Portugal; a D. Affonso de Lencastro fez Marquez de Porto-Rico; a D. Diogo de Menezes fez Conde da Ericeira; a D. Antonio Mascarenhas, Conde de Palma; a D. Manoel de Lima quiz fazer Conde, e Marquez; porém elle insistio em conservar o titulo de Visconde, que na sua antiquissima, e nobilissima Familia conservava as memorias eternas, que sempre repetirá a fama na Conquista destes Reynos, á custa do sangue dos seus inclytos heroes progenitores; e o Rey vendo a heroicidade de hum Vassallo a todas as luzes taõ grande, e nesta acçaõ o mayor, lhe pedio que ao menos aceitasse as honras de Conde, o que elle fez, e seus descendentes conservaõ até hoje, sem nunca ser possivel admittirem outro mayor titulo, se he que o póde haver mayor no mundo do que este, e do modo que o tem conservado, e desde a sua origem merecido, no tempo, em que eraõ taõ raros estes premios, e custava rios de sangue o adquirillos. A D. Henrique da Sylva, Conde de Portalegre, fez Marquez de Gouvêa; a D. Antonio de Attaíde, Conde de Castrodairo; a D. Pedro Manoel, Conde de Attalaya; a D. Jorge Mascarenhas, Conde de Castello-Novo. A' sua instancia foi canonizada Santa Isabel, mulher do Rey D. Diniz; dias antes a seus rogos foi beatificado S. Joaõ de Deos, natural de Estremoz, e canonizados Santa Theresa de Jesus, Santo Isidoro de Madrid, Santo Ignacio, e S. Francisco de Xavier. No seu tempo, segundo a tradiçaõ, que achei na India, se descobrio hum remedio unico para naõ ter bexigas, ou téllas de pé, sem regimento, nem cura alguma, por serem huma duas, ou tres sem malignidade alguma: o remedio

he

he difficultoso neste Reyno, onde desde o tempo do Rey D. Manoel acabou com elle quasi toda a curiosidade em sustentar animaes ferozes, e desta sorte a revelaçaõ do segredo he só em beneficio dos Principes: porém eu (sendo necessario) tomo a Deos por testimunha da verdade experimental, que digo, sem temer o escarnio dos Medicos, que julgaõ saber pelos livros o que só no do mundo adquirem, e sabem muitos com incriveis trabalhos. He pois o remedio infallivel dar a comer ao menino, que ainda naõ teve bexigas, carne de Tigre guizada, como elle melhor gostar, duas, ou tres vezes; quantas mais forem melhor; porque se passar de tres, naõ terá huma só; a D. Simaõ de Castro, Oraculo da Medicina deste seculo, Fisico mór daquelle Estado, que pasmou das experiencias deste remedio, ouvî dizer, se persuadia (pela analogia, e similhança), que toda a carne dos gatos bravos, e ainda domesticos, teria a mesma virtude. Restaõ cousas de mayor gosto para as Conferencias seguintes; e como saõ trabalhosas, he justo dividîllas. Juntemonos logo para isso.

FIM

DA QUINQUAGESIMASEGUNDA PARTE.

LISBOA:

NA Officina de Ignacio Nogueira Xisto.

Anno de 1759.

Com todas as licenças necessarias.

INDEX

DE TUDO O MAIS NOTAVEL, que se contêm neste primeiro Tomo das Academías.

O primeiro numero denota a Conferencia, e o segundo a pagina.

A

Agudas

Aubargo.

B

D. Bea-

Cabo

C

Correi-

D

Dito.

E

Escra-

F

Fernan-

G

H

D. Hen-

I

K

L

Limbo.

M

Matri-

Moſai-

N

Nave-

P

Q

R

S

Senti-

T

U